

ELINE VERE

Louis Couperus



Eline Vere

Louis Couperus

Romance holandês em tradução Literunico

Nota Literunico

Edição Literunico em português brasileiro preparada a partir da tradução inglesa de J. T. Grein, publicada em 1892 e em domínio público. O original neerlandês de Louis Couperus foi publicado em 1889. Mantiveram-se alguns termos de ambiente social e íntimo do fin-de-siècle, como boudoir, salon, peignoir, soirée, toilette, landau e ennui, quando sua presença ajuda a preservar o registro cultural da narrativa.

Capítulo I

Eles estavam bem próximos uns dos outros na sala de jantar, que fora transformada em camarim.

Diante de um espelho estava Frédérique van Erlevoort, com os cabelos soltos, muito pálida sob uma fina camada de pó, as sobrancelhas escurecidas por um único traço de lápis.

— Ande, Paul, depressa! Assim nunca ficaremos prontos — disse ela, um pouco impaciente, lançando um olhar ao relógio.

Paul van Raat estava ajoelhado a seus pés, e seus dedos dispunham, desde a cintura dela, em pregas, um longo e fino véu de carmesim e ouro. A gaze pendia como uma nuvem sobre o rosa da saia; o pescoço e os braços, brancos como neve por causa do pó, ficavam livres e cintilavam ao brilho das correntes e colares cruzados uns sobre os outros.

— Ufa, que corrente de ar! Feche essa porta, Dien! — gritou Paul a uma velha criada que saía do quarto com os braços carregados de vestidos.

Pela porta aberta viam-se os convidados — homens de casaca, senhoras em trajes claros: passavam junto às azaleias e palmeiras do corredor, rumo ao grande salão; sorriam ao ver a velha criada e lançavam olhares furtivos para dentro da sala de jantar. Todos riam daquele vislumbre dos bastidores. Só Frédérique permanecia séria, consciente de que precisava sustentar a dignidade de uma princesa da Antiguidade.

— Depressa, Paul! — suplicou. — Já passa das oito e meia!

— Sim, sim, Freddie, não fique nervosa; você está pronta — respondeu ele, prendendo habilmente algumas joias entre as pregas de gaze de seu drapeado.

— Prontos? — perguntaram Marie e Lili Verstraeten, saindo da sala onde o palco fora armado: uma elevação misteriosa, quase apagada na penumbra.

— Prontos — respondeu Paul. — E agora, calma, por favor — continuou, elevando a voz e olhando ao redor com ar de comando.

O aviso era bastante necessário. Os três meninos e as cinco meninas que faziam as vezes de camareiras corriam pela sala, rindo, gritando, criando a maior desordem. Em vão Lili tentava salvar uma lira de papelão dourado das mãos do filho da casa,

um menino de doze anos, enquanto os dois primos endiabrados estavam a ponto de subir por uma grande cruz branca que se erguia a um canto e que já cedia sob seus ataques.

— Saíam dessa cruz, Jan e Karel! Largue essa lira, você aí! — berrou Paul. — Tome conta deles, Marie. E agora, Bet e Dien, venham cá; Bet com o lampião, Dien à porta; todos os outros, fora do caminho! Não há mais espaço; assistam do jardim, pela janela do grande salão; de longe vocês verão tudo perfeitamente. Venha, Freddie, com cuidado; aqui está a sua cauda.

— Você esqueceu minha coroa.

— Eu a ponho quando você estiver na pose. Vamos.

As três moças se apressaram em sair; os meninos se agacharam num canto da sala, onde não podiam ser vistos, e Paul ajudou Freddie a subir ao palco. Marie, que, como Lili, ainda não estava drapeada, conversava através da janela fechada com o bombeiro, que esperava, todo embrulhado, no jardim coberto de neve, para acender a luz de Bengala. Um grande refletor espreitava pela janela como um sol pálido, sem brilho.

— Primeiro branco, depois verde, depois vermelho — gritou Marie, e o bombeiro assentiu.

O camarim, agora deserto, estava escuro, mal iluminado pelo lampião que Bet segurava na mão, enquanto Dien permanecia à porta.

— Com cuidado, Freddie, com cuidado — disse Paul.

Frédérique deixou-se afundar suavemente nas almofadas do divã; Paul ajeitou-lhe os drapeados, as correntes, o cabelo, o diadema, e colocou uma flor aqui, outra ali.

— Assim está bom? — perguntou ela com voz trêmula, assumindo a pose que estudara de antemão.

— Está deliciosa; belíssima! Agora, Marie, Lili, venham cá.

Lili atirou-se ao chão; Marie encostou-se ao divã, com a cabeça aos pés de Frédérique. Paul envolveu rapidamente as duas moças em xales e véus coloridos, e torceu fios de pedrarias em volta de seus braços e nos cabelos.

— Marie e Lili, façam cara de desespero. Torça mais as mãos, Lili! Mais desespero, muito mais desespero! Freddie, mais lânguida; vire os olhos para cima, ponha na boca uma expressão mais triste.

— Assim? — gritou Marie.

— Sim, serve! Melhor; agora quieta, Marie. Está tudo pronto?

— Pronto! — disse Marie.

Paul ainda ajeitou uma ou duas coisas, uma prega, uma flor, hesitando se tudo estaria certo.

— Vamos, comecemos — disse Lili, que estava numa posição muito incômoda.

— Bet, tire os lampiões; Dien, feche aquela porta e depois venham para cá, as duas, uma de cada lado das portas de dobrar do salão grande.

Ficaram todos no escuro, de corações batendo, enquanto Paul dava pancadinhas na janela e se juntava aos meninos no canto. Devagar, incerta, a luz de Bengala inflamou-se diante do refletor; as portas de dobrar abriram-se solenemente, e um claro fulgor branco iluminou o quadro.

Sorrindo e inclinando-se, enquanto a conversa, de súbito, se transformava num murmúrio abafado, os convidados comprimiram-se para a frente, no grande salão e no jardim de inverno, ofuscados por uma explosão de luz e cor. Os homens abriram passagem para duas moças risonhas. Ao fundo, os meninos subiam nas cadeiras.

— A morte de Cleópatra! — leu Betsy van Raat para a sra. van Erlevoort, que lhe passara o programa. — Esplêndido! Magnífico! — ouvia-se de todos os lados.

O antigo Egito parecia ter revivido no fulgor branco da luz. Entre tapeçarias luxuosas, percebia-se algo como um oásis: um céu azul, duas pirâmides, algumas palmeiras. Em seu leito, sustentado por esfinges, jazia Cleópatra, à beira da morte, com uma víbora enroscada no braço. Duas escravas prostravam-se em desespero a seus pés. A visão multicolorida de magnificência oriental durou alguns segundos; a poesia da Antiguidade ressuscitou sob os olhos de um público moderno.

— Aquela é Freddie — disse Betsy. — Que linda! — E apontou a rainha agonizante à sra. van Erlevoort, que estava deslumbrada com todo aquele luxo. Agora, porém, a mãe reconhecia a filha na bela estátua imóvel diante dela. — E aquela é

Marie; e a outra... oh, é Lili... irreconhecível! Que trajes lindos! Que trabalho! Está vendo o vestido de Lili, violeta e prata? Fui eu que emprestei.

— Como representam bem — murmurou a velha senhora.

O fulgor branco da luz começou a vacilar; as portas se fecharam.

— Esplêndido, tia, esplêndido! — gritou Betsy, quando a sra. Verstraeten, a dona da casa, passou por ela.

A pedido do público, o quadro foi repetido duas vezes: primeiro num banho de verde-mar, depois em vermelho ardente. Freddie, com sua víbora, permanecia imóvel, e só Lili estremecia na posição forçada. Paul espiava de seu canto, com o rosto radiante; tudo corria bem.

— Como Freddie fica quieta! E tudo é tão rico, sem ser excessivo. Algo como um quadro de Makart — disse Betsy, abrindo o leque de penas.

— Sua filha se cansou da vida muito cedo, madame — ciciou o jovem de Woude van Bergh, inclinando-se em direção à sra. van Erlevoort, mãe de Freddie.

Depois da terceira repetição do quadro, a sra. Verstraeten foi ao camarim.

Encontrou Frédérique e Lili rindo enquanto se desembaraçavam dos trajes egípcios, procurando alfinetes sem fim em cada dobra.

Paul e Marie estavam nos degraus e, iluminados por duas criadas, desfaziam o vestido de Cleópatra. Dien se agitava de um lado para outro, recolhendo os drapeados caídos e as correntes espalhadas pelo chão. Os três meninos rolavam uns por cima dos outros sobre um colchão.

— Ficou bonito, mamãe? — gritou Lili.

— Ficou bonito, madame? — gritou Frédérique ao mesmo tempo.

— Lindíssimo! Eles gostariam de vê-lo outra vez.

— Outra vez! Ora, eu já estou quase morta — exclamou Lili; e deixou-se cair numa poltrona, atirando ao chão um grande embrulho que estava sobre ela.

Dien entregou-se ao desespero: naquele passo, nunca acabaria. — Lili, descanse um pouco — gritou Paul, do alto dos degraus, no outro cômodo. — Você vai se cansar naquela posição. Tia Verstraeten, diga a Lili que descanse — e atirou alguns tapetes coloridos para fora dos cordões em que estavam pendurados.

Dien continuou a dobrar. — Dien, lençóis brancos e tule branco para cá, depressa — gritou Marie.

Dien não a compreendeu e voltou com a peça errada. Então todos começaram a falar ao mesmo tempo, cada qual pedindo uma coisa diferente, e ergueu-se uma verdadeira Babel de confusão. No alto da escada, Paul fez um gesto de desespero, mas ninguém lhe deu atenção.

— Estou completamente acabado! — disse ele, encolhendo-se numa raiva impotente. — Ninguém faz nada. Tudo sobra para mim!

Madame Verstraeten, depois de pedir também a Lili que descansasse, fora avisar os criados que não se esquecessem dos jovens artistas. Em consequência, logo entraram os homens, trazendo grandes bandejas carregadas de copos de vinho e limonada, doces e sanduíches.

A confusão apenas aumentou. Os três meninos foram servidos de várias guloseimas sobre o colchão, em cima do qual um dos criados derramou um jorro de limonada. Marie saltou, tomada por uma torrente de fúria, e, com a ajuda de Dien, puxou rapidamente o colchão debaixo dos meninos para o quarto ao lado.

— Frédérique, venha ajudar aqui — gritou Paul, com a voz aguda de irritação.

Quanto a manter qualquer outro tipo de controle sobre os três rapazes, isso ele já abandonara como caso perdido. Pouco depois, no entanto, os barulhentos jovens fregueses foram expulsos do quarto por Dien, aos gritos, tropeçando uns nos outros.

Então houve um pouco mais de calma, mas todos faziam alguma coisa, exceto Lili.

— Que embrulhada! — murmurou ela para si mesma.

Sentou-se então e escovou os cabelos, ondulados e louro-cendré; feito isso, pegou a borla de pó de arroz e espalhou sobre os braços uma camada nevada. Dien voltou, quase sem fôlego, sacudindo a cabeça, mas com um sorriso bondoso no rosto.

— Dien, lençóis brancos e tule, depressa — gritaram juntos Freddie, Marie e Paul.

Paul desceu de seu posto na escada, colocou no estrado a grande cruz, cujo peso quase o esmagou, e, aos pés dela, dispôs o colchão e um aconchegante arranjo de almofadas.

— Dien, lençóis brancos e tule; todo o tule e toda a musselina que encontrar.

E Dien e as outras criadas trouxeram tudo: uma massa branca e macia.

Madame Verstraeten sentou-se ao lado de sua sobrinha, Betsy van Raat. Ela era casada com o irmão mais velho de Paul.

— Que pena Eline não estar aqui! Eu contava tanto com ela para preencher os longos intervalos com um pouco de música. Ela canta tão bem.

— Ela realmente não estava se sentindo bem, tia. Pode ter certeza de que está muito triste por não poder vir, em homenagem ao aniversário do tio.

— O que ela tem?

— Não sei bem. Nervos, acho.

— Ela realmente não deveria se entregar a essas crises. Com um pouco de energia, poderia vencer facilmente esse nervosismo.

— Bem, sabe como é, tia, esse nervosismo é a praga moderna das moças; é a epidemia fin de siècle — disse Betsy, com um leve sorriso.

Madame Verstraeten suspirou e assentiu com a cabeça.

— A propósito — disse ela —, suponho que as meninas estarão cansadas demais amanhã à noite para ir à ópera. Você gostaria de ficar com o nosso camarote?

Betsy refletiu por um instante.

— Tenho um pequeno jantar amanhã, tia; mas ainda assim gostaria do camarote. São apenas os Ferelyn e Emilie e Georges que vêm, mas os Ferelyn irão embora cedo porque a pequena Dora não está bem; assim, eu poderia ir facilmente com Emilie e Georges e chegar a tempo de ver um ato.

— Então está combinado. Mandarei os ingressos — disse Madame Verstraeten, levantando-se.

Betsy também se levantou.

George de Woude van Bergh estava a ponto de dirigir-lhe a palavra, mas ela não lhe deu atenção. Naquela noite, achava-o um tédio terrível; ele já lhe falara duas vezes e, em ambas, dissera a mesma coisa, alguma observação sobre os quadros-vivos. Não; nele não havia conversa alguma. E na noite seguinte também teria de encontrá-lo; que perspectiva deliciosa! O camarote da tia viera mesmo

como uma bênção.

Lá estava seu marido, no jardim de inverno, junto de alguns cavalheiros — o sr. Verstraeten, o sr. Hovel, Otto e Etienne van Erlevoort —, eles conversando e ele ouvindo, o corpo pesado esmagando as folhas de uma palmeira, enquanto um sorriso meio estúpido brincava em seu rosto inexpressivo e bonachão. Oh, como ele a entediava! Achava-o insuportável. E que figura fazia de casaca! De sobretudo, ao menos, tinha uma aparência máscula.

Caminhando em sua direção, disse:

— Diga alguma coisa a alguém, Henk. Você parece um móvel nesse canto. Não consegue se mexer? Dá até a impressão de estar se divertindo. Sua gravata está toda torta.

Ele murmurou alguma coisa e tateou o próprio pescoço. Ela se afastou e logo estava à vontade no meio de um grupinho barulhento. Até a melancólica Madame van Ryssel, irmã de Freddie, fazia parte dele. Emilie de Woude era solteira e carregava seus trinta e oito anos com uma graça invejável: suas feições agradáveis e vivas encantavam todos os que a encontravam.

Parecia-se muito com o irmão mais novo, George, mas havia nela algo de cordial — um grande contraste com a cerimônia estudada dele. Atraindo os outros com suas anedotas divertidas, Emilie estava sentada, figura central de um pequeno grupo alegre. Contava justamente sua recente queda sobre uma placa de neve congelada, aos pés de um cavalheiro que permanecera imóvel, olhando-a fixamente, em vez de ajudá-la a se levantar.

— Imaginem só: meu manguito à esquerda, meu chapéu à direita, eu no meio, e bem diante de mim um homem me encarando, de boca aberta, tomado de espanto.

Ouviu-se o tilintar de uma sineta; Emilie interrompeu a história e fugiu de seu auditório. As portas de dobrar se abriram, e houve uma corrida geral para a frente.

— Não consigo ver absolutamente nada — disse Emilie, pondo-se na ponta dos pés.

— Venha aqui na minha cadeira, senhorita — gritou uma moça atrás dela.

— Você é um amor, Toos, de verdade. Permite-me passar, Madame van der Stoor? Sua filha veio em meu socorro.

Madame van der Stoor, que, sob pseudônimo, se entregava bastante à poesia, recuou um passo, com um sorriso acre nos lábios. Sentia-se um pouco chocada com o sans-gêne de Emilie; ela própria jamais tentava conseguir uma visão melhor: não era de bom-tom demonstrar um interesse pouco elegante pelo entretenimento. Emilie e Cateau van der Stoor logo estavam de pé sobre uma cadeira, segurando-se pela cintura.

— Ah, que bonito! — exclamou Emilie; e em seguida ficou em silêncio, tomada de atenção encantada.

Do meio das ondas de um mar espumante erguia-se uma cruz toscamente lavrada, de brancura marmórea, em torno de cuja base uma mulher frágil e clara se agarrava em agonia mortal, enquanto uma vaga palpitante de tule lhe cobria os pés; e, com a violência do desespero, seus dedos delgados se prendiam à Rocha dos Séculos.

— É Lili — ouvia-se aqui e ali.

— Que graciosa ela é, essa Lili! — sussurrou Emilie a Cateau. — Mas como consegue ficar pendurada assim? Como suporta isso por tanto tempo?

— Ela está cercada de almofadas; mas, ainda assim, deve ser muito cansativo — disse Toos. — Claro que não dá para ver nada das almofadas, senhorita.

— Claro que não. Mas está muito bonito; nunca vi nada tão poético antes... Diga, Toos, pensei que você também fosse participar.

— Vou participar, sim, mas só no último quadro, com Etienne van Erlevoort. Terei de sair logo para me vestir.

Rapidamente, ela desceu da cadeira.

A luz se enfraqueceu; as portas de dobrar se fecharam.

Aplausos ressoaram por toda a sala. Mas, pouco depois, repetiu-se a visão branca de espuma revolta, e um anjo pairou sobre a cruz, estendendo a mão à mulher desfalecida. Os aplausos cresceram cada vez mais.

— É claro que Marie outra vez não consegue manter o rosto sério — disse Emilie, sacudindo a cabeça. — Daqui a pouco ela vai cair na risada.

E, de fato, algo semelhante a um sorriso parecia tremer em torno da boquinha do anjo; o movimento nervoso das sobrancelhas contrastava de modo muito estranho com a expressão patética de suas feições. Embora fosse bastante evidente que os jovens artistas estavam cansados, nenhum deles conseguindo permanecer perfeitamente imóvel, o último quadro foi recebido com exclamações entusiásticas. Pediram bis uma e outra vez.

O quadro consistia numa representação alegórica dos Cinco Sentidos, cujos papéis eram desempenhados pelas quatro moças, vestidas com trajes ricos — tecido de ouro, brocado, arminho —, e por Etienne, irmão mais novo de Frédérique, que, vestido como menestrel, representava o sentido da Audição.

Os quadros-vivos estavam terminados. Eram agora duas horas, e o sr. e Madame Verstraeten recebiam os agradecimentos dos convidados à medida que estes se despediam.

— A senhora fica para a ceia com Cateau? — disse Madame Verstraeten a Madame van der Stoor. — Bem sem cerimônia, sabe.

Madame van der Stoor, porém, temia que fosse tarde demais; esperaria apenas por sua filha. Os jovens artistas, que haviam despido os trajes, entraram na sala e foram cobertos de agradecimentos pelos convidados que ainda restavam, enquanto Emilie tocava uma marcha ao piano. Como amiga íntima, ela ficou para a ceia com van Raat e Betsy.

— Você vem amanhã, não vem, Toos? O fotógrafo chega às duas — disse Marie.

— Sim — disse Cateau. — Estarei aqui.

Completamente exaustos, os jovens artistas se atiraram nas poltronas confortáveis do jardim de inverno, onde foi servida uma ceia delicada.

— O que foi mais bonito? O que foi mais bonito? — gritaram todos ao mesmo tempo.

Então houve uma manifestação geral de opiniões, ao acompanhamento dos pratos e garfos tilintando e do tinir dos copos.

Capítulo II

Eram duas e meia quando os van Raat voltaram da ceia para o Nassauplein. Em sua casa, tudo estava às escuras. Enquanto Henk passava o ferrolho na porta, Betsy pensou em ir ver o menino adormecido, bem aconchegado em seu pequeno berço branco no andar de cima. Pegou a vela e subiu; ele, carregado de jornais, entrou na sala de almoço, onde o gás ainda ardia.

Ao chegar ao quarto de vestir, ela retirou a capa dos ombros. Na pequena lareira, a chama se enroscava para cima como a língua ardente de um dragão. Havia algo indefinivelmente repousante na atmosfera do aposento, algo como um vapor morno, misturado ao odor doce e tênue de violetas. Depois de lançar um olhar ao filho, ela se sentou, com um suspiro de cansaço, numa poltrona. Então a porta se abriu, e entrou Eline, num roupão de flanela branca, os cabelos caindo em ondas espessas pelas costas.

— Ora, Elly, ainda não foi para a cama?

— Não, eu... estive lendo. Divertiram-se?

— Ah, sim, foi muito agradável. Eu só queria que Henk não tivesse sido um tédio tão medonho. Não disse uma palavra e, com aquela cara estúpida, ficou ali mexendo na corrente do relógio até poder ir jogar uma mão de whist.

Então, com um movimento um tanto irritado, Betsy chutou dos pés os sapatinhos delicados. Eline suspirou languidamente.

— Você disse a Madame Verstraeten que eu não estava bem?

— Disse; mas você sabe que, quando volto para casa à noite, gosto de ir para a cama. Podemos conversar amanhã, hein?

Eline sabia que a irmã, quando voltava para casa à noite, ficava sempre mais ou menos irritadiça. Ainda assim, sentiu vontade de lhe dar uma resposta áspera, mas estava sem nervos para isso. Tocou de leve, com os lábios, a face de Betsy e, quase sem perceber, pousou a cabeça no ombro da irmã, num desejo súbito e irresistível de ternura.

— Você está mesmo doente, hein, ou...?

— Não. Só um pouco... preguiçosa. Boa noite.

— Bons sonhos!

Eline retirou-se com passos lânguidos.

Betsy continuou a despir-se. Ao chegar ao vestibulo, Eline sentiu o desconforto de ter sido uma visita indesejada para a irmã. Passara a noite inteira na solidão, entregando-se por completo a uma crise de indolência, e agora ansiava por companhia. Por um instante ficou indecisa no corredor escuro; depois, tateando com cuidado, desceu a escada e entrou na sala de almoço.

Henk, já sem o paletó, estava de mangas de camisa junto à lareira, preparando seu grogue como último consolo antes de dormir; os vapores quentes da bebida enchiam o aposento.

— Olá, menina, é você? — disse ele, em tom jovial, enquanto, em seus olhos sonolentos, de um azul-acinzentado, e em torno da boca pesada, coberta por uma barba clara, brincava um sorriso bonachão. — Não ficou terrivelmente entediada, abandonada a si mesma a noite inteira?

— Sim; um pouquinho. Talvez você tenha ficado ainda mais? — perguntou ela, com um sorriso agradável.

— Eu? De modo algum. Os quadros-vivos estavam muito bonitos.

Então, recostado de costas à lareira, começou a sorver o grogue.

— O pequeno se comportou bem?

— Sim; dormiu. Você não vai se deitar?

— Quero só dar uma olhada nos jornais. Mas por que você ainda está acordada?

— Ah... por nada...

Com um movimento lânguido e gracioso, ela esticou os braços e depois torceu os cabelos pesados num coque castanho e lustroso. Sentia necessidade de falar com ele sem constrangimento, mas as palavras não vinham, e nem o mais tênue pensamento ela conseguia invocar para tomar forma em sua mente sonhadora. Teria gostado de cair em pranto, não por causa de alguma dor aguda, mas pelo simples desejo de ouvir seus tons graves e consoladores a confortá-la. Mas não encontrava palavras para exprimir o que sentia, e tornou a estender os braços com graça lânguida.

— Há alguma coisa errada, hein, minha pequena? Vamos, diga o que é.

Com um olhar vazio, ela sacudiu a cabeça. Não, não havia nada a dizer.

— Vamos, você pode me contar tudo, sabe disso.

— Ah... estou me sentindo um pouco miserável.

— Por quê?

Então, com um biquinho encantador:

— Ah... não sei. Passei o dia um pouco nervosa.

Ele riu — sua risada habitual, suave e sonora.

— Você e seus nervos! Vamos, maninha, anime-se. Você é uma companhia tão boa quando não está tão melancólica; não deve se entregar a essas crises.

Sentiu que sua eloquência não iria muito além para discutir o assunto; por isso, rindo, concluiu:

— Quer um gole de grogue, maninha?

— Obrigada... sim, só um gole no seu copo.

Ela se voltou para ele e, rindo por entre a barba clara, ele ergueu o copo fumegante até seus lábios. Pelas pálpebras semicerradas, viu brilhar uma lágrima, mas ela a conteve.

De repente, tomado por uma súbita decisão, ele pousou o copo e agarrou-lhe as mãos.

— Vamos, menina, conte; há alguma coisa... alguma coisa aconteceu com Betsy, ou... vamos, você geralmente confia em mim.

E lançou-lhe um olhar de censura com seus olhos sonolentos, bondosos e tolos, como os de um fiel cão pastor. Então, com a voz quebrada pelos soluços, ela irrompeu numa torrente de lamentações, embora sem causa aparente. Era o clamor mais íntimo de seu coração por um pouco de ternura e simpatia.

Que era sua vida para ela? A quem poderia ser da menor utilidade? Torcendo as mãos, caminhava de um lado para outro da sala, soluçando e se lamentando. Que lhe importaria morrer dentro de uma hora? Para ela, dava tudo na mesma — só aquela existência sem alvo, inútil, sem coisa alguma a que pudesse consagrar toda a alma; isso, isso apenas, já não era suportável.

Henk a contradisse, decerto um tanto embaraçado com a cena, que, aliás, não passava da repetição de tantas outras anteriores. Para dar novo rumo aos pensamentos dela, começou a falar de Betsy, de Ben, o menino deles, de si mesmo — chegou até a querer aludir a um futuro lar dela própria, mas não conseguiu ir tão longe.

Ela, por sua vez, sacudia a cabeça como uma criança amuada que, não obtendo o que deseja, se recusa a aceitar qualquer outra coisa; e, num movimento apaixonado, atirou de repente a cabeça sobre o ombro dele e, passando um braço em volta de seu pescoço de buldogue, desatou numa nova torrente de soluços.

Assim continuou a lamentar-se em palavras desvairadas e incoerentes, com os nervos retesados pela solidão da noite e pelas horas de ruminação em seu quarto superaquecido. Repetidas vezes voltava à sua vida sem alvo, que arrastava como um fardo miserável, e havia em sua voz algo como uma censura dirigida a ele, seu cunhado.

Ele, confuso e profundamente tocado pelo calor daquele abraço, que certamente mal podia retribuir com igual ternura, nada encontrou para conter aquela torrente selvagem de frases incoerentes senão alguns lugares-comuns. Devagar, suavemente, como pétalas de rosa caindo mansas sobre o seio límpido de um riacho de verão, ela deixou suas cismas melancólicas deslizarem, levadas pelos tons baixos, cheios, de sua voz profunda.

Por fim, calou-se e soltou um suspiro; mas sua cabeça ainda repousava no ombro dele.

Agora que ela estava um pouco mais calma, ele julgou adequado mostrar certa irritação diante de seu comportamento. Que tolice era aquilo, afinal! Que estupidez! Que alvoroço por nada!

— Não, Henk, de verdade... — começou ela, erguendo para ele o rosto manchado de lágrimas.

— Minha querida, que bobagem você fala sobre sua vida sem alvo e todas essas coisas. De onde tira essas ideias? Todos nós gostamos de você...

E, lembrando-se do pensamento que antes não ousara dizer, prosseguiu:

— Uma moça como você... falando de uma vida sem... Maninha, você está louca!

Então, como se a ideia lhe fizesse cócegas e, além disso, achando que o estado filosófico já durara bastante, torceu-lhe de repente o braço com brusquidão e beliscou-lhe os lábios amuados. Rindo, ela resistiu; aquele gesto havia restaurado um pouco seu equilíbrio rompido.

Quando, alguns instantes depois, os dois subiram juntos, ela mal conseguia conter uma gargalhada, pois ele de repente a erguera nos braços para carregá-la; e ela, temendo que ele tropeçasse, disse, em voz meio suplicante, meio imperiosa:

— Vamos, Henk, solte-me; está ouvindo? Não seja tão bobo! Henk, solte!

Capítulo III

Eline Vere era a mais nova das duas irmãs, mais escura de cabelos e olhos, mais esguia, com uma figura menos plenamente amadurecida.

Seus olhos castanho-escuros, de sombra profunda, e a palidez marfim da tez, junto com a languidez de alguns de seus movimentos, davam-lhe algo da natureza sonhadora de uma odalisca de harém. A beleza que lhe coubera, ela a prezava como uma joia preciosa; e, na verdade, às vezes ficava como que meio embriagada pelo fascínio de seus próprios encantos.

Por vários instantes seguidos, podia ficar contemplando a própria imagem no espelho, enquanto seus dedos de pontas rosadas acariciavam de leve o arco delicado da sobrancelha ou os longos cílios sedosos, ou arranjavam em torno da cabeça a riqueza dos cabelos castanhos, na exuberância selvagem de uma gitana alegre.

Sua toailete lhe proporcionava ocupação infinita, meditação contínua e séria, enquanto experimentava os efeitos, harmoniosos ou não, dos tons amortecidos dos cetins, das colorações mais quentes da pelúcia e da auréola de tule e gaze, musselina e renda, que envolvia tudo. Em suma, tudo nela, desde o odor tênue e aderente das violetas até o brilho dos drapeados macios, estava cheio de uma sugestão refinada e encantadora.

De natureza um tanto sonhadora e romântica, havia momentos em que, numa crise de languidez, pensava com certo pesar demorado em sua infância, trazendo à memória toda sorte de lembranças daqueles dias e guardando-as como preciosas relíquias. Era então que, consciente ou inconscientemente, comunicava uma nova cor sentimental àquelas recordações esmaecidas de tempos idos. Desse modo, o episódio mais trivial de sua infância se idealizava e se inundava de um encanto poético.

Betsy, com sua inclinação prática, jamais perdia oportunidade, com razão ou sem ela, de depreciar tudo que tivesse a mais tênue semelhança com idealismo; e Eline, em seu estado transitório de meia felicidade, meia melancolia, costumava conseguir, depois das demonstrações práticas da irmã, distinguir o estado real das coisas das fantasias luxuriantes evocadas pela própria imaginação.

Às vezes, sua memória voltava ao pai — um pintor, de temperamento refinado e artístico, elegante, mas sem a força de uma faculdade criadora; casara-se ainda

jovem com uma mulher muitos anos mais velha que ele, e muito superior em força de vontade e individualidade.

À mão dominadora dela, sua natureza maleável cedera prontamente, pois o dele era um temperamento de cordas finíssimas que, como as de um instrumento precioso, teria estremecido sob aquele toque rude, tal como o de Eline às vezes estremezia sob o toque da irmã.

Ela evocava esse pai, com sua tez de marfim amarelado e seus dedos transparentes, sem sangue, deitado em lânguida apatia, enquanto o cérebro ativo concebia alguma grande criação, destinada a ser posta de lado depois dos primeiros toques do pincel.

Muitas vezes ele a fizera sua confidente, e a confiança que depositava nela levava sua natureza infantil a contemplá-lo com uma mistura de devotamento afetuoso e reverência adoradora, de modo que, a seus olhos, ele assumia a aparência de um Rafael poético, de olhos sonhadores e longos cabelos.

A mãe, por outro lado, sempre lhe inspirara certa dose de medo; e a lembrança das trivialidades desiludidoras da vida cotidiana, às quais a figura materna se tornara inseparavelmente ligada, tornava impossível a Eline idealizá-la em seus pensamentos.

Lembrava-se de que, depois da morte do pai — ainda cedo, mas já após muitos anos de esforços desanimados e fracassos sombrios —, e depois do falecimento da mãe, abatida por uma súbita crise cardíaca, passara os dias de sua primeira juventude sob a tutela de uma tia viúva. Antiga, reservada e cerimoniosa, com feições regulares entristecidas, ruína de uma mulher outrora bela, ela se lembrava muito bem daquelas duas mãos ossudas em movimento perpétuo sobre quatro agulhas de tricô claras e reluzentes.

Ali viveu, naquele quarto grande, num repouso sem energia e num luxo plácido, num paraíso de conforto aconchegante, em meio a uma profusão de drapeados e tapetes macios e de tudo quanto agradava e acalmava os sentidos. As duas irmãs, crescendo lado a lado sob a mesma educação e no mesmo ambiente, desenvolveram em si uma condição mental e moral um tanto semelhante, que, contudo, com o passar dos anos, seguiu a inclinação de seus diferentes temperamentos.

Em Eline, que, de natureza lânguida e linfática, sentia necessidade de apoio terno e de um calor suave de afeto, e cujos nervos, delicados como pétalas de flor,

mesmo naquele ambiente macio, revestido de veludo, eram muitas vezes feridos com rudeza pela menor oposição, desenvolveu-se uma espécie de reserva tímida, que lhe enchia o espírito de milhares de pequenos sinais de uma dor secreta.

Então, quando a medida de suas mágoas meio imaginárias se completava, ela se aliviava numa onda única, avassaladora e espumante, de paixão lacrimosa. Na natureza mais sanguínea de Betsy cresceu, alimentado pela necessidade de apoio de Eline, um desejo de dominação, por meio do qual ela podia forçar todo o seu ser psicológico para dentro da irmã maleável, a quem, depois do primeiro choque, isso sempre trazia uma sensação de repouso e contentamento.

Mas nem o medo de Eline de ferir seu temperamento de cordas finíssimas, nem o egoísmo dominador de Betsy, jamais poderiam ter levado a uma crise trágica, pois os contrastes agudos de cada caráter, na atmosfera macia e enervante que as cercava, misturavam-se e se dissolviam num tom opaco de cinza neutro.

Depois de um ou dois bailes, nos quais os pezinhos de cetim branco de Eline haviam deslizado em acompanhamento rítmico a uma harmonia deslumbrante de luz e cor brilhantes, suaves frases de melodia e tons dulcíssimos de admiração, ela recebeu duas propostas de casamento, ambas recusadas. Aquelas duas propostas permaneceram ainda em sua memória como dois triunfos facilmente conquistados, mas às vezes a lembrança da primeira fazia brotar-lhe do peito um leve suspiro.

Foi então que conheceu Henri van Raat, e desde então perguntava a si mesma como era possível que aquela massa de fleuma, como ela o chamava, com tão pouca semelhança com o herói de seus sonhos, tocasse tão fortemente sua simpatia — sim, a tal ponto que, com frequência, era tomada por um impulso súbito e irresistível de estar perto dele. Os heróis de seus sonhos tinham alguma semelhança com a imagem idealizada do pai, com as concepções da imaginação fantasiosa de Ouida.

Mas nada tinham em comum com van Raat, com seu temperamento sanguíneo, equilibrado e complacente, seus olhos macios, sonolentos, azul-acinzentados, sua fala laboriosa e sua risada pesada. E, contudo, havia em sua voz, em seu olhar, algo que a atraía, assim como em sua bonomia espontânea. Em tudo isso ela encontrava apoio, de modo que às vezes se surpreendia com o desejo vago de repousar a cabeça cansada em seu ombro. E ele também percebia, com certo orgulho, que era alguma coisa para ela.

Esse orgulho desaparecia, porém, no instante em que Betsy se interpunha entre eles. Diante da irmã de Eline, ele tinha consciência de tamanha inferioridade moral que muitas vezes ficava sem resposta às suas pilhérias leves e aéreas. Nessas ocasiões, ela achava um prazer requintado, cruel como era, fazê-lo falar, tentá-lo a dizer coisas pelas quais depois o esmagava com uma falsa admiração, apenas para ridicularizá-las em seguida diante de seu próprio rosto; isso costumava reduzir sua mente lenta a uma confusão abjeta.

Então ela desatava a rir, e o som daquela risada plena e franca, cheia de escárnio e autoconfiança, inflamava-lhe a imaginação ainda mais do que o encanto terno e feminino da presença de Eline.

O encanto de Eline era o de uma sereia chorosa, de olhos suaves, erguendo os braços em languidez tentadora do azul do oceano, apenas para ser novamente arrastada às profundezas por uma força irresistível; o de Betsy, porém, era a feitiçaria impetuosa de uma bacante alegre, acorrentando-lhe os sentidos com vinhas emaranhadas, ou arremessando-lhe ao rosto a taça transbordante e espumante, e embriagando-o com a impetuosidade selvagem de sua natureza jubilosa.

E assim aconteceu — como, ele próprio não poderia dizer ao certo — que, certa noite, à luz indecisa do fim do outono, como levado por um impulso súbito, pediu-lhe que fosse sua esposa. Fora, de fato, uma noite estranha para ele. A única coisa de que tinha consciência era que se sentira como que impelido a isso, como que hipnotizado por algo indefinível nos olhos de Betsy; não podia deixar de lhe fazer, enfim, a pergunta que fez.

Ela, calma e controlada, aceitou sua proposta, cuidando de ocultar a alegria íntima diante da perspectiva de ter uma casa — e, mais especialmente, um domínio próprio — sob uma aparência exterior de calma indiferença. Ansiava por uma atmosfera diferente daquela estagnação respeitável do quarto grande, com os móveis antigos e solenes e o ambiente digno que a cercava.

Mas, quando Eline veio oferecer-lhe seus parabéns inocentes, ele de súbito se deu conta de uma surpresa interior e de uma insatisfação consigo mesmo tão fortes que não encontrou palavras para responder aos votos fraternos dela.

E Eline, rudemente abalada por aquela rápida sucessão de acontecimentos, recuou, tomada de súbito terror diante de Betsy, para dentro de sua reserva melancólica, ao mesmo tempo em que fazia todos os esforços — resultando apenas na perda da própria paz de espírito — para resistir à influência

dominadora que por tanto tempo permitira à irmã exercer sobre sua mente. Betsy e Henk estavam casados havia um ano quando a tia morreu.

Foi então que, instigado por ela, ele procurara alguma ocupação, pois, com sua indolência eternamente calma e bonachona, muitas vezes a entediava quase do mesmo modo que um cão fiel que, sempre aos pés do dono, recebe muitos pontapés dos quais uma criatura menos devotada teria escapado. Ele também sentia, de maneira vaga, que um rapaz, por mais confortável que fosse sua renda, devia fazer alguma coisa.

Contudo, embora procurasse, não encontrou nada; e, nesse meio-tempo, seu ardor esfriara consideravelmente, agora que a própria Betsy já não o importunava a esse respeito. E, sem dúvida, ele também não a incomodava muito.

De manhã, em geral, estava fora, fazendo quanto exercício podia a cavalo, seguido por seus dois cães de caça cinzentos; à tarde, cedendo aos pedidos da esposa, acompanhava-a em diversas visitas ou, quando livre desse dever, ia ao clube; as noites, em geral, passava-as acompanhando sua esposa-borboleta a concertos e teatros, onde cumpria seu papel mais ou menos à maneira do fiel cão pastor de Becky Sharp: um acessório incômodo, mas indispensável.

Adaptava-se como podia àquela vida demasiado agitada; sabia que sua vontade não era forte o bastante para resistir à de Betsy, e julgava muito mais conforme ao seu temperamento vestir-se quietamente e acompanhar a esposa do que perturbar a paz doméstica com a intromissão de suas próprias ideias.

Além disso, as poucas noites que ela passava em casa lhe proporcionavam, com seu amor instintivo pela sociabilidade, certa felicidade sensual e sonhadora que, afinal, fazia mais por conquistar seu amor do que quando ele contemplava a esposa fora de seu alcance, a figura mais brilhante no salão de baile mais esplêndido. Isso apenas o tornava irritadiço e taciturno. Para ela, porém, as poucas noites passadas em casa eram um tédio terrível.

O sibilo da chama de gás a deixava sonolenta, e, de seu canto no sofá, lançava muitos olhares furiosos ao marido, enquanto ele folheava o jornal ilustrado ou sorvia preguiçosamente o chá. Num momento desses, sentia um impulso irresistível de exortá-lo, pelo amor de Deus, a procurar alguma ocupação; ao que ele, espantado por ser assim despertado de seu doce far niente, respondia em frases pesadas e incoerentes. No fundo, porém, ela era muito feliz.

Pois não era glorioso poder gastar quanto quisesse com seus vestidos? E, ao fim da semana, muitas vezes se lembrava, com um sorriso de felicidade, de que não passara uma única noite em casa. Eline, nesse meio-tempo, passara o ano em melancólica solidão na casa da tia Vere.

Ela lia muito, sentindo-se especialmente encantada pela luxuriante fantasmagoria de Ouida de uma vida idealizada, cintilante de riqueza cromática e banhada no sol dourado dos céus italianos, vívida e ardente como um caleidoscópio faiscante. Lia e literalmente devorava aquelas páginas até que, com as orelhas dobradas e amarrotadas, elas lhe esvoaçassem das mãos. Mesmo à cabeceira da tia enferma, onde, com certo sentimento de satisfação romântica, ficava em vigília noite após noite, tornava a lê-las, uma e outra vez.

Na atmosfera daquele quarto de doente, impregnada de um odor eterizado de remédios, as virtudes e proezas dos nobres heróis, as belezas imaculadas das heroínas arquiperversas ou divinamente justas, revestiam-se de um encanto irresistível de tentadora irrealidade; e Eline muitas vezes sentia um anseio apaixonado de estar numa daquelas velhas mansões inglesas, onde condes e duquesas se entregavam a tão requintados galanteios amorosos e tinham encontros tão românticos sob as árvores enluaradas de um grande parque antigo.

A tia morreu, e Henk e Betsy convidaram Eline a fazer da casa deles o seu lar. A princípio, ela recusou, vencida por uma estranha tristeza diante da relação de seu cunhado com sua irmã. Mas, por um imenso esforço de vontade, acabou por dominar esses sentimentos.

Não se havia ela sempre espantado com a atração misteriosa que sentia por Henk? E agora que ele era marido de sua irmã, surgia de repente em sua mente um obstáculo tão intransponível entre ambos, um obstáculo erguido pelas leis da decência e do costume, que ela podia, sem qualquer risco, entregar-se à simpatia fraterna; por isso, julgou muito infantil permitir que a lembrança do passado e sentimentos que nunca havia realmente compreendido se interpusessem entre ela e a perspectiva de um lar confortável.

A isso se acrescentava o fato de que seu tio tutor, Daniel Vere, que vivia em Bruxelas e era solteiro, era jovem demais para oferecer morada a uma moça ainda na adolescência. Por fim, Eline renunciou às objeções e, estipulando que lhe fosse permitido contribuir com uma pequena quantia para sua pensão, instalou-se na casa do cunhado.

Henk, a princípio, recusara-se a concordar com tal condição, mas Betsy observou que a compreendia perfeitamente; se estivesse no lugar de Eline, também teria feito o mesmo em nome da própria independência. Da soma deixada a ela pelos pais, Eline tirava uma renda anual de cerca de 160 libras; e, pondo em prática as lições de economia que aprendera com a tia, conseguia vestir-se com tanta elegância quanto Betsy, que sempre tinha à disposição uma bolsa bem abastecida.

E assim transcorreram três anos de existência monótona.

Capítulo IV

Quando, na manhã seguinte à sua explosão apaixonada, Eline desceu para o café, Henk já havia saído, rumo às estrebarias, para cuidar de seus cavalos e cães. Na sala de almoço não havia ninguém além do pequeno Ben, comendo — ou antes brincando — com uma fatia de pão com manteiga. Ouvia Betsy correr de um lado para outro com muita animação, dando à cozinheira instruções apressadas.

Frans e Jeanne Ferelyn, a senhorita de Woude van Bergh e seu irmão vinham jantar naquele dia. Eline estava muito asseada e elegante num vestido de lã cinza-escura, uma fita cinza em torno da cintura e uma pequena seta dourada cintilando-lhe à garganta. Não usava anéis nem braceletes. Sobre a testa encaracolavam-se algumas mechas finas, em guirlandas frisadas, macias e lustrosas como seda desfiada.

Com um aceno amistoso, deu a volta até onde a criança estava sentada e, levantando-lhe o rosto com ambas as mãos, imprimiu-lhe na testa um beijo carinhoso. Depois sentou-se, sentindo-se muito bem consigo mesma, os sentidos agradavelmente acalmados pelo calor macio que irradiava da lareira acesa, enquanto lá fora os flocos de neve envolviam silenciosamente tudo num manto leve como penugem.

Com um sorriso involuntário de satisfação, esfregou as mãos brancas e finas e fitou as unhas rosadas, de pontas brancas; então, lançando um olhar para fora, onde uma velha, quase dobrada em dois, empurrava à frente um carrinho de laranjas cobertas de neve, abriu um pequeno pãozinho de café, enquanto escutava, com divertida indiferença, a discussão irritada entre Betsy e a cozinheira.

Betsy entrou, com uma expressão mal-humorada nos olhos fortemente sombreados e cintilantes, os lábios curtos e grossos comprimidos de irritação. Carregava um conjunto de bandejas de sobremesa de cristal lapidado, que estava prestes a lavar, pois a cozinheira quebrara uma delas. Cuidadosamente, apesar da raiva, pôs as bandejas sobre a mesa e encheu uma bacia com água morna.

— Aquela idiota! Imagine lavar uma das minhas travessas finas de cristal em água fervente! Mas bem feito para mim, por confiar que aquelas imbecis façam qualquer coisa.

Sua voz soava áspera e ríspida, enquanto empurrava Ben para fora do caminho com brusquidão. Eline, de um humor extraordinariamente bom, ofereceu ajuda, que Betsy aceitou de pronto.

Ainda tinha muitas coisas a fazer, disse; mesmo assim, sentou-se, observando Eline lavar e enxugar cuidadosamente as travessas uma a uma, com movimentos leves e graciosos, sem molhar os dedos nem derramar uma gota; e tinha consciência do contraste entre seu próprio modo rude e expedito de fazer as coisas — resultado de sua saúde robusta — e a graça lânguida de Eline, misturada a certo receio de se cansar ou de se respingar.

— A propósito, quando estive ontem nos Verstraeten, soube que eles não iriam à ópera esta noite, pois estavam cansados por causa da noite passada; tia me perguntou se eu queria o camarote. Você gostaria de ir à ópera?

— E os seus convidados?

— Jeanne Ferelyn vai embora cedo, porque a filha não está bem, e eu queria pedir também a Emilie e ao irmão que viessem. Henk pode ficar em casa. É um camarote para quatro, sabe.

— Muito bem; não me importo.

Muito satisfeita consigo mesma, Eline acabava de pôr no lugar a última bandeja quando, de repente, irrompeu na cozinha uma alteração violenta, acompanhada pelo tilintar prateado de garfos e colheres. Eram Grete e Mina empenhadas numa discussão bastante enérgica. Betsy saiu apressada da sala e, muito em breve, ordens secas e respostas insolentes se sucederam em rápida sequência.

Enquanto isso, Ben permanecera de pé, de boca aberta e um tanto sonolento, no lugar para onde a mãe o empurrara, cheio de silencioso alarme diante de todo aquele alvoroço.

— Venha, Ben, para o quarto da titia — disse Eline; e, sorrindo, estendeu-lhe a mão.

Ele veio, e os dois subiram. Eline ocupava dois aposentos no térreo: um quarto de dormir e um boudoir.

Com a economia e o bom gosto que lhe eram próprios, conseguira imprimir àqueles aposentos uma aparência de luxo, com certo polimento artístico. O piano ocupava um recanto da parede; a folhagem espessa de uma azaleia gigante

lançava uma sombra suavizante sobre o divã baixo, coberto de damasco. Num canto havia uma mesinha carregada de inúmeras miudezas preciosas. Estatuetas, quadros, plumas, ramos de palmeira enchiam todos os recantos.

O console da lareira de mármore rosa era coroado por um pequeno espelho veneziano, suspenso por cordões e borlas vermelhas. Diante dele erguia-se um Amor e Psiquê, segundo Canova, o grupo representando uma jovem no ato de retirar o véu e um deus apaixonado, de asas leves. Quando Eline entrou com Ben, o rubro clarão da lareira lhe iluminou as faces. Jogou para a criança alguns volumes puídos de gravuras, e ele se acomodou no sofá, logo absorvido pelas imagens.

Eline entrou no quarto de dormir, cujas janelas ainda estavam cobertas de folhas e flores delicadamente desenhadas, efeito da geada da noite. Mais adiante ficava uma penteadeira duchesse — uma visão de tule e renda —, realçada aqui e ali pelos laços de cetim de velhos buquês de baile, e carregada de frascos de perfume de Sèvres e de fino cristal lapidado. Em meio a toda aquela riqueza de rosa e branco, o espelho cintilava como uma lâmina de prata brunida.

A cama estava oculta entre drapeados vermelhos, e, no canto junto à porta, um alto espelho de pé refletia uma torrente de sol líquido. Por um instante, Eline olhou ao redor, para ver se a criada havia arrumado tudo a seu contento; depois, arrepiando-se naquela atmosfera fria, voltou à saleta e fechou a porta. Com seu luxo semiorienta, o aposento era agradabilíssimo, e seu conforto parecia aumentado pelo brilho branco e frio refletido pela neve lá fora.

Eline sentia-se como se transbordasse de melodia — sensação que só podia encontrar expressão adequada no canto. Escolheu a valsa de Mireille. E cantou-a com variações próprias, com modulações que ora se avolumavam num caudal pleno e rico de melodia, ora se desfaziam no mais tênue diminuendo, com trilos brilhantes e roulades límpidas como as de uma cotovia. Já não pensava no frio nem na neve lá fora.

Então, lembrando-se subitamente de que não praticava havia três dias, começou a cantar escalas, a polir as notas agudas e a tentar um portamento difícil. Sua voz ressoava com uma sonoridade metálica, um tanto fria, mas clara e brilhante como cristal.

Ben, embora bastante habituado àqueles tons jubilosos, que reverberavam por toda a casa, ficou sentado a escutar, de boca aberta e maravilhado, sem lançar mais um olhar sequer às gravuras, sobressaltando-se sempre que algum si ou dó

agudíssimo lhe penetrava os ouvidos. A própria Eline não conseguia explicar a tristeza da véspera.

Como e de onde viera aquela crise de melancolia, sem causa definida? E que alegria avassaladora era aquela que conseguira dissipar tão de repente essas nuvens? Hoje sentia-se animada, feliz, jubilosa; lamentava não ter visto os quadros-vivos no dia anterior, e temia que o sr. e Madame Verstraeten não tivessem levado sua indisposição au sérieux. Que homem agradável e simpático era o sr. Verstraeten, sempre cheio de graça! E Madame Verstraeten, que alma querida e boa! Não conhecia ninguém igual a ela, tão encantadora e gentil.

E então, sentada ao piano, ora exercitando um trilo, ora uma escala cromática, deixava os pensamentos vagarem por outras pessoas agradáveis entre seus conhecidos. Sim; todos tinham suas boas qualidades: os Ferelyn, Emilie de Woude, a velha Madame van Raat, Madame van Erlevoort, até Madame van der Stoor. Quanto a Cateau, era uma boneca.

E ocorreu-lhe a ideia de que gostaria bastante de juntar-se àquela companhia de intérpretes. Sim; eles tinham uma concepção admirável das amenidades da vida. Frédérique, Marie, Lili, Paul e Etienne, sempre alegres, sempre juntos, cheios de planos divertidos para seu entretenimento. De fato, devia ser delicioso, belamente envergando trajes românticos, tornar-se objeto de admiração geral. Paul tinha uma voz muito bonita; seria esplêndido cantar duetos com ele.

Escapou-lhe por completo à memória que, apenas alguns dias antes, assegurara ao mestre de canto que a voz dele era absolutamente desprovida de timbre. Mas naquele dia estava de humor agradável, e cantou uma segunda valsa, a de “Juliette”, na ópera de Gounod. Ela adorava Gounod.

Acabavam de soar dez e meia quando bateram à porta.

— Entre — gritou ela; e, olhando ao redor, deixou os dedos esguios repousarem sobre o teclado. Paul van Raat entrou.

— Bon jour, Eline. Olá, jovem patife!

— Ora, Paul, você? — Ela se levantou, um tanto surpresa ao vê-lo.

Ben correu para o tio e subiu-lhe aos joelhos.

— Como chegou cedo! Pensei que viesse cantar só à tarde. Mas é bem-vindo do mesmo modo; está ouvindo? Sente-se e conte-me sobre os quadros-vivos —

exclamou Eline com muita animação; depois, lembrando-se da doença do dia anterior, continuou em voz lânguida: — Fiquei terrivelmente triste por ter estado tão doente ontem. Tive uma dor de cabeça horrível.

— Você não parece muito abatida por isso.

— É verdade, Paul, é mesmo. Se eu estivesse bem, você acha que eu não teria ido admirar seu talento? Vamos, conte-me, conte-me tudo — e ela o puxou consigo para o sofá e atirou as gravuras ao chão. Paul teve certa dificuldade em se libertar de Ben, que lhe agarrava as pernas.

— Vamos, solte, Ben. E a dor de cabeça está melhor agora?

— Ah, sim; passou completamente. Esta tarde irei à casa do sr. Verstraeten para dar meus parabéns.

— Mas, Paul, conte-me...

— Eu estava justamente para lhe dizer que não venho cantar esta tarde; está ouvindo, Elly? Não conseguiria emitir uma nota; estou completamente rouco com os berros e gritos de ontem. Mas nos saímos esplendidamente — e começou a descrever os quadros-vivos.

Fora tudo ideia dele, e boa parte obra de suas próprias mãos; mas as moças também haviam trabalhado duro durante o último mês, preparando os vestidos, cuidando de mil ninharias. Naquela tarde, Losch viria fotografar o último grupo; de modo que, mesmo que estivesse em boa voz, Paul não poderia ter vindo cantar. E como sentia as articulações rígidas! Pois trabalhara como um cavador, e as moças também deviam estar inteiramente exaustas. Não; ele não figurara no agrupamento; estivera ocupado demais com todos os arranjos. Deixou-se cair um pouco sobre as ricas almofadas de damasco do sofá, sob os ramos sombreadores da azaleia, e alisou os cabelos.

Eline pensou no quanto ele se parecia com Henk, embora fosse dez anos mais moço, mais esguio de corpo, mais vivo, com traços mais delicados e uma expressão de inteligência muito maior. Mas um simples gesto ou movimento, um erguer das sobrancelhas, de vez em quando ilustrava essa semelhança com nitidez; e, embora seus lábios fossem mais finos sob o bigode claro que o lábio superior de Henk, pesadamente barbado, sua risada era profunda e plena como a do irmão.

— Por que você não toma aulas de pintura com um bom mestre, Paul? — perguntou Eline. — Se você tem talento...

— Mas não tenho — riu ele. — Não valeria o esforço. Eu apenas brinco um pouco com isso, como faço com o canto. Não dá em absolutamente nada, nenhuma dessas coisas.

E suspirou diante da própria falta de energia para tirar proveito do pequeno talento que talvez possuísse.

— Você me lembra papai — disse ela; e suas palavras assumiram um tom de tristeza, enquanto a imagem idealizada do pai lhe subia à memória. — Sim; ele tinha grandes talentos, mas nos últimos tempos a saúde lhe faltou, e não pôde produzir a grande criação de que sua alma era capaz. Lembro-me muito bem de que estava trabalhando numa tela imensa, uma cena do Paraíso de Dante, creio, quando... quando morreu. Pobre papai! Mas você é jovem e forte, e não consigo compreender por que não faz alguma coisa grande, alguma coisa fora do comum.

— Você sabe, suponho, que vou trabalhar no escritório de Hovel. Tio Verstraeten arranjou isso para mim.

Hovel era advogado, e, como Paul, ainda bastante jovem e depois de um período alternado de estudo e ociosidade, fora aprovado no exame de direito, tio Verstraeten julgou que prestaria um bom serviço ao jovem advogado se o recomendasse ao amigo. Ficara combinado, portanto, que Paul continuaria trabalhando no escritório de Hovel até poder estabelecer-se por conta própria.

— No escritório de Hovel? Um homem muito agradável; gosto muito da mulher dele. Ah, isso será esplêndido, Paul.

— Espero que sim.

— Mas, ainda assim, se eu fosse homem, tentaria tornar-me famosa. Vamos, Ben, não seja importuno agora; vá olhar as belas gravuras no chão. Você não acharia esplêndido ser famoso? De verdade, se eu não fosse Eline Vere, seria atriz.

E soltou uma série de trilos brilhantes, que lhe caíram dos lábios como uma cadeia cintilante de diamantes.

— Famoso! — e ele deu de ombros com desprezo. — Que ideia tola, francamente. Famoso! Não; não quero ser famoso, nem um pouco. Apesar disso, gostaria de pintar bem, ou cantar bem, ou alguma coisa assim.

— Então por que não toma aulas, seja de pintura, seja de música? Quer que eu fale com meu mestre?

— Não, obrigado; não com aquele velho resmungão do Roberts, se eu puder evitar. Além disso, Eline, na verdade não vale a pena; eu nunca conseguiria manter coisa alguma. Sou sujeito a acessos repentinos, entende? Então penso que posso fazer qualquer coisa, fico ansioso por encontrar algum grande tema para um quadro...

— Como papai — interrompeu ela, com um sorriso triste.

— Em outras ocasiões, o acesso me leva a querer aproveitar o pouco de voz que tenho; mas, pouco depois, todas essas grandes ideias morrem por si mesmas de pura inanição, e então continuo na mesma velha rotina arrastada de antes.

— Você devia ter vergonha de si mesmo.

— Doravante irei esconder as aspirações do meu gênio em processos judiciais — respondeu ele, rindo, enquanto se levantava. — Mas agora preciso ir à Princesse-gracht, aos Verstraeten. Portanto, não conte comigo esta tarde; ainda temos vários detalhes a combinar antes que Losch chegue. Adieue, Eline; bye-bye, Ben.

— Bon jour; espero que logo se livre dessa rouquidão.

Paul saiu, e Eline tornou a sentar-se ao piano. Por algum tempo ficou pensando que pena era Paul ter tão pouca energia, e dele seus pensamentos voltaram outra vez a Henk.

Mas naquela manhã ela se sentia alegre demais para filosofar muito; e, cheia de uma exuberância de espírito que exigia vazão, continuou a cantar até que o gongo do meio-dia a chamou, junto com Ben, para descer. Paul dissera à mãe que não estaria em casa naquela tarde para o café, pois ficaria nos Verstraeten. Morava na casa de Madame van Raat, na Laan van Meerdervoort.

Madame van Raat, irmã mais velha de Madame Verstraeten, era uma senhora majestosa, de olhos azul-claros pensativos e cabelos grisalhos prateados, vestida à moda antiga, enquanto por todo o seu ser se difundia, por assim dizer, uma calma, uma resignação plácida, que falava inequivocamente de antigos dias livres de aflições e desapontamentos.

Como o exercício de caminhar começava a lhe ser penoso, era encontrada quase sempre sentada em sua poltrona de espaldar alto, a cabeça cinza-opaca pendente sobre o peito, as mãos de veias azuladas cruzadas no colo.

Assim continuava a levar uma existência quieta e monótona, o rescaldo de uma vida plácida, quase sem nuvens, ao lado do marido, em cujo retrato muitas vezes deixava os olhos repousarem, enquanto ele pendia diante dela, ali adiante, em seu vistoso uniforme de general: um rosto belo, franco, viril, com um par de olhos sinceros e inteligentes e uma expressão cativante em torno da boca firme e fechada.

A ela, a vida trouxera poucos grandes sofrimentos, e por isso, na simplicidade de sua fé, sentia-se piedosamente grata. Mas agora, agora estava cansada — oh, tão cansada! —, o espírito inteiramente quebrantado pela morte daquele marido a quem, até o fim, se apegara com um afeto constante e calmo como o leito de uma corrente límpida, para cujas águas plácidas haviam escoado as ondas impetuosas de seu amor juvenil.

Depois da morte dele, começou a inquietar-se com qualquer circunstância trivial, pequenas contrariedades com criados e fornecedores. Encadeava todas essas coisas até que, em sua mente, formavam uma sequência ininterrupta de fardos penosos. Sim, sentia que estava envelhecendo; o tempo tinha pouco mais a lhe oferecer e, assim, num egoísmo silencioso, deixava a vida consumir-se na poesia há muito desaparecida do passado. Tivera três filhos: a mais nova, uma menina, estava morta.

Dos dois filhos homens, seu favorito era Henk, que, forte e grande, mais lhe lembrava o pai; e, a seus olhos, sua bondade sonolenta tinha mais da masculinidade aberta e franca do que a inconstância de nervos mais finos e a jovialidade aérea de Paul.

Paul sempre lhe parecera instável e nervoso demais: antes, nos estudos constantemente interrompidos em Leyden — por fim, graças a uma pequena pressão moral da parte do tio Verstraeten, coroados pela formatura —, e agora, com suas saídas noturnas, sua mania por pintura, tableaux-vivants e duetos, ou seus acessos de indolência, quando passava uma tarde inteira estendido no sofá, diante de um livro que não lia.

Antes de seu casamento, Henk, de caráter mais sóbrio e caseiro que Paul, sentia-se mais à vontade na casa da mãe; embora fosse calado, seu silêncio nunca a irritava: era como o silêncio de um cão fiel, velando de olhos semicerrados por

sua dona. Ela se sentia tão à vontade com Henk.

Não gostava de ficar sozinha, pois era na solidão que as lembranças do passado contrastavam, em seu brilho rosado, de maneira demasiado aguda com o cinza de chumbo que era a tonalidade dominante de sua vida presente; e Paul ela via apenas raramente, salvo quando ele engolia às pressas o jantar para não perder algum compromisso. Raras vezes saía, desacostumada como se tornara ao tráfego ruidoso das ruas e ao rumor de muitas vozes.

Henk era seu predileto e, com a visão interior intacta — ao menos quando se tratava de seu filho —, ela lamentava seu casamento com Betsy Vere. Não; aquela não era esposa adequada para seu menino, e, sabendo disso, não conseguira dar-lhe sua aprovação sincera nem sua bênção materna quando ele lhe anunciara o noivado.

Ainda assim, abstivera-se de se opor à escolha do filho amado, receosa de ser causa de infelicidade; por isso, sob uma falsa aparência de franqueza, que a surpreendera a ela própria, ocultara sua má vontade contra a intrusa e a recebera como filha. Mesmo assim, sentia-se profundamente preocupada com Henk.

Madame Vere ela conhecera ligeiramente; apaixonada e dominadora, nunca encontrara nada de atraente em semelhante personalidade, e aquela filha lhe recordava em demasia a mãe.

Embora, a seus olhos, Henk possuísse muito mais firmeza de caráter que Vere — de quem não podia pensar senão como num sofredor pálido e enfermiço, satisfeito demais em permitir que a esposa pensasse e agisse por ele —; embora Henk, como ela julgava, tivesse todo o caráter franco e viril do pai, e não se deixasse dominar, ainda assim, feliz como ela fora com van Raat, jamais caberia a ele sê-lo.

E, diante desse pensamento, suspirava, e seus olhos se umedeciam; o amor materno, apesar da cegueira para os defeitos dele, era o instinto que lhe dava uma intuição da verdade; e, se pudesse tomar seu lugar, de bom grado teria cedido ao filho sua antiga felicidade e sofrido por ele. Seus pensamentos se dispersavam enquanto via Leentje, a criada, pôr a mesa do almoço apenas para ela; e, com resignação fatigada diante da odiosa solidão de seus dias, sentou-se.

O amanhã seria para ela igual ao hoje; o que restava de sua vida não passava de um rescaldo de verão, e embora o outono e o inverno pudessem estar livres de tempestades, a única promessa que traziam era a de uma letargia estéril e sem

alma.

Para que fim vivia? E tão cansada se sentia sob a pressão plúmbea daquela solidão que mata a alma, que nem mesmo conseguiu reunir energia para repreender Leentje por sua falta de jeito, embora não pudesse deixar de notar o dano feito a uma de suas velhas travessas de porcelana.

Muito mais cedo do que costumava sair, Eline foi à casa dos Verstraeten naquela tarde. Era perto do fim de novembro, e o inverno já se instalara com extrema severidade.

Havia uma geada cortante; a neve, ainda branca e imaculada, estalava sob o passo leve e regular de Eline, mas seus pés preferiam sentir a lisura da calçada bem varrida; as mãos delicadamente enluvadas estavam escondidas no pequeno manguito. De vez em quando, sob o véu, fazia um cumprimento amistoso a algum conhecido que passava, e seguia pela Java-straat rumo à Princesse-gracht.

Ainda estava de bom humor, sem que o pequeno arrufo que tivera com Betsy por causa de alguma questão insignificante com os criados a perturbasse. Essas pequenas alterações já não eram tão raras ultimamente, embora sempre irritassem Henk além da medida.

Mas Eline não dera muita atenção às palavras de Betsy e lhe respondera com menos aspereza que de costume; não queria permitir que tais ninharias estragassem seu bom humor: a vida lhe era preciosa demais... E, satisfeita por haver refreado o temperamento, dobrou a esquina da Java-straat. Na casa dos Verstraeten ainda reinava uma desordem incomum.

Dien relutou em deixá-la entrar, mas Eline não fez caso e passou para dentro, rumo à grande sala de recepção, onde encontrou Madame Verstraeten, que se desculpou por estar de robe. Losch, o fotógrafo, meio oculto sob o pano verde de seu aparelho, tomava uma vista do grupo que representava os Cinco Sentidos. As moças, Etienne e Paul sorriram para saudar Eline, que disse ser esplêndido ainda poder ver alguma coisa dos quadros-vivos.

Agora, porém, à luz fria do dia refletida pela neve, a cena já não produzia a impressão vívida e incandescente da véspera, nem possuía a mesma riqueza de colorido que uma aplicação generosa de luz de Bengala lhe havia conferido. Os drapeados pendiam em pregas frouxas e amarfanhadas; o tecido de ouro de Frédérique tinha um tom manchado e desbotado; seu arminho parecia mais lã branca e preta. A peruca loura de Etienne estava decididamente sem cachos.

Lili, representando o sentido do Olfato, jazia meio adormecida sobre as almofadas.

— Receio que não dê grande coisa — disse Marie, enquanto Losch ajeitava seus drapeados; mas Toosje van der Stoor pensava de outro modo e permanecia deitada, imóvel, com uma sensação terrivelmente contraída por causa da postura difícil.

Eline, não querendo perturbar os artistas em seu agrupamento, sentou-se ao lado do sr. Verstraeten. Ele pôs de lado o livro, tirou os óculos e, com seus olhos castanhos e cintilantes, lançou à moça graciosa um olhar de prazer não fingido.

— Sabe — disse ela, enquanto desabotoava a pequena capa forrada de pele —, sabe, estou realmente com inveja daquele grupinho ali. Estão sempre juntos, sempre felizes e alegres, cheios de graça e ideias divertidas... de verdade, sinto-me bastante velha ao lado deles.

— Imagine só! — respondeu Madame Verstraeten, rindo. — Você tem a mesma idade de Marie, vinte e três anos, não tem?

— Sim; mas nunca fui mimada como Marie e Lili estão sendo agora, e, ainda assim, acho que não me teria importado nem um pouco. A senhora sabe, claro, quando eu era criança... papai passava a maior parte do tempo doente, e naturalmente isso lançava uma sombra sobre nós; e depois, na casa da tia Vere... tia era uma mulher querida e boa, mas muito mais velha que papai, e certamente nada alegre...

— Você não deve dizer nada contra a tia Vere, Eline! — disse o sr. Verstraeten. — Ela foi uma antiga paixão minha...

— E o senhor também não deve rir dela; eu gostava muito dela; na verdade, foi uma segunda mãe para nós, e quando aquela longa enfermidade terminou em sua morte, senti profundamente a perda; fiquei como que sozinha no mundo. Vê? Todas essas coisas não eram exatamente feitas para tornar minha juventude muito alegre.

E sorriu um sorriso entristecido, enquanto, ao pensar em tudo de que fora privada, seus olhos brilhavam úmidos.

— Mas, quando olho para Paul e Etienne, e para as meninas, é só riso e prazer... de verdade, é o bastante para me deixar com inveja. E aquela Toos também, é uma criança encantadora.

Os artistas desceram do estrado. Losch terminara. Paul e Etienne, com Freddie, Marie e Cateau, aproximaram-se, enquanto Lili foi para a cama, inteiramente exausta pela agitação dos últimos dois dias.

— Bom dia, senhorita Vere — disse Cateau, estendendo a pequena mão a Eline.

Eline sentiu uma súbita, indescritível e irracional simpatia por aquela criança, tão simples e tão inconscientemente cativante; e, ao levantar-se para ir embora, viu-se obrigada a esconder a emoção abraçando-a de brincadeira.

— Adeus, querida — disse ela com ternura. — Estou indo, Madame Verstraeten; ainda há muito para a senhora fazer, agora que toda essa agitação acabou. Ah, sim... prometi a Betsy pedir-lhe os ingressos. Posso levá-los?

Ainda era cedo, apenas duas e meia, e Eline pensou fazia quanto tempo não visitava a velha Madame van Raat; sabia que a senhora gostava dela e ficava sempre contente em conversar um pouco à tarde. Henk jamais deixava de visitar a mãe todas as manhãs depois de seu passeio a cavalo, e os dois cães de caça, que a esposa banira de sua casa, seguiam-no tranquilamente escada acima na casa materna.

Quanto a Betsy, a velha senhora via-a muito pouco; Betsy sabia perfeitamente que Madame van Raat não se importava com ela. Eline, porém, conseguira conquistar-lhe o afeto por meio de certa maneira extremamente cativante que possuía quando estava na companhia de senhoras idosas; no tom de sua voz, em suas pequenas atenções, havia algo, um delicado sabor de respeito, que encantava a velha dama.

Eline voltou pela Java-straat até a Laan van Meerdervoort e encontrou Madame van Raat sozinha, sentada em sua cadeira de espaldar alto, as mãos cruzadas no colo.

Aos olhos da jovem, ela parecia uma imagem de tristeza muda; sobre os móveis ricos e desbotados pairava uma sombra melancólica de antigo conforto; todo o aposento estava cheio de uma atmosfera de pesar, e em torno das pregas das cortinas verde-escuras pendia uma névoa de melancolia tão densa que, ao entrar, Eline sentiu o coração esfriar-lhe dentro do peito, como se uma voz lhe dissesse que a vida não valia a pena. Mas lutou contra essa sensação.

Recordou os pensamentos que, de manhã, lhe haviam trazido tamanha leveza de coração. Sorriu, e sua voz assumiu aquele respeito vago, misturado a certo amor e

piedade; e, com muita animação, falou de Paul, dos tableaux, do jantar daquela noite, da ópera — e prometeu a Madame van Raat enviar-lhe alguns livros, literatura leve e agradável, daquelas em que se olha o mundo por óculos cor-de-rosa.

Doía-lhe tagarelar daquele modo; teria preferido sentar-se e chorar com a velha senhora, numa melancolia solidária; mas dominou-se, e até reuniu coragem para tocar num assunto mais sério.

Com sua maneira cativante e respeitosa, repreendeu carinhosamente Madame por tê-la deixado surpreendê-la de olhos úmidos, coisa que agora ela não queria admitir; não era curiosa, mas gostaria tanto de consolá-la e animá-la, se pudesse; e por que não tornava a fazê-la sua confidente, como antes, e assim por diante. E a velha senhora, já posta à vontade pelo encanto daquele modo de ser, sacudiu a cabeça sorrindo: realmente, não havia nada; sentia-se apenas um pouco só.

Ah, a culpa era dela mesma, temia, pois havia muito poucas coisas pelas quais ainda se interessasse. Outros velhos liam jornais e continuavam a se interessar pelas coisas em geral; ela, porém, não. Sim, era tudo culpa sua; mas Eline era uma menina querida; por que Betsy não podia ser um pouco parecida com ela? E, com animação crescente, começou a falar do querido marido; ali adiante estava o retrato dele...

Passava das quatro quando Eline saiu às pressas; escurecia, a neve derretia, e as nuvens baixas ameaçavam cair sobre ela e sufocá-la. Aquela velha senhora fora feliz, muito feliz... e ela, Eline, não era feliz, mesmo em sua idade — oh! como se sentiria quando também fosse velha, feia e enrugada! Para ela, nem as lembranças do passado trariam consolo, nem o pensamento reconfortante de que a felicidade existira, de que ela lhe provara as doçuras; para ela, tudo seria baço e plúmbeo como as nuvens acima.

— Oh, Deus, por que viver, se a vida fosse vazia de felicidade?... Por quê, por quê? — sussurrou, e apressou-se para vestir-se para o jantar. Seria um jantarzinho simples e doméstico.

Às seis e meia chegaram os Ferelyn e, pouco depois, Emilie e Georges. Betsy os recebeu no salão e perguntou a Jeanne como estava a criança.

— Ela está bem melhor agora, a pequenina; a febre passou, mas ainda não está completamente boa. O doutor Reyer disse que ela está progredindo. Foi muito gentil da sua parte nos convidar; uma pequena mudança realmente me é

necessária. Mas, veja, tomei sua palavra de que seria uma reunião bem familiar, por isso não me vesti especialmente.

E, com certa apreensão, seus olhos passaram de seu próprio vestido preto simples para o vestido de cetim cinza de Betsy.

— De verdade, não vem mais ninguém além de Emilie aqui e do irmão dela. Mas você me disse que voltaria cedo para casa; por isso combinamos, mais tarde, dar uma passada na ópera, no camarote do tio Verstraeten. Assim, não precisa ficar inquieta; você fez muito bem em vir como está.

Henk, alegre e satisfeito, entrou com seu paletó de fumar; ao vê-lo, Jeanne sentiu-se mais tranquilizada do que com todos os protestos de Betsy. Com Emilie, vivaz como sempre, mantinha relações da maior intimidade, e apenas Georges, com o peitilho imaculado e a grande gardênia, fazia-a sentir certo desconforto diante de seu vestido simples.

Frans Ferelyn, funcionário nas Índias Orientais, estava na Holanda em licença, e sua esposa era antiga colega de escola de Eline e Betsy. Jeanne parecia uma mulherzinha doméstica, muito quieta e abatida sob suas preocupações familiares. Delicada, emagrecida e pálida, com um par de olhos castanhos suaves, sentia-se esmagada sob o duplo fardo das dificuldades financeiras e da ansiedade por seus três filhos adoentados; sentia também uma saudade irresistível da Índia, terra de seu nascimento, e da vida tranquila que lá levava.

Sofria muito com o frio e contava os meses que ainda teria de passar na Holanda. Contou a Emilie sobre sua vida em Temangoeng, no Kadoe — Frans era controlador de primeira classe —, no meio de uma verdadeira coleção de animais: galinhas da Cochinchina, patos, pombos, uma vaca, duas cabras e uma cacatua.

— Exatamente como Adão e Eva no Paraíso — observou Emilie.

Então Jeanne contou como, todas as manhãs, costumava cuidar de suas rosas persas e de suas lindas azaleias, colher legumes em sua própria horta, e como as crianças, imediatamente ao chegarem à Holanda, adoeceram e começaram a tossir.

— É verdade que, na Índia, elas pareciam um pouco pálidas, mas ao menos lá não precisavam viver em constante medo de correntes de ar e portas abertas.

E lamentava que, por causa das despesas da viagem, tivesse sido obrigada a vir sem sua babu, Saripa. Agora ela estava servindo em Samarang, mas prometera

voltar para sua companhia “assim que estivermos em casa outra vez”, e Jeanne levaria para ela alguns vestidos bonitos da Holanda.

Emilie escutava com atenção e fazia o possível para fazê-la falar; sabia como aquelas reminiscências indianas conseguiam tirar Jeanne de sua reserva quieta habitual. Betsy a considerava deslocada em sociedade; por isso, quando a convidava, era sempre junto com o marido e, se possível, com uma ou duas outras pessoas.

Na verdade, achava-a maçante, em geral malvestida, de conversa sem graça e pouco interessante, mas ainda assim não podia deixar de convidá-la de vez em quando, mais por uma espécie de compaixão do que por qualquer outra coisa.

Enquanto Frans Ferelyn falava a Henk sobre sua próxima promoção a residente assistente, e Georges ouvia Jeanne contar-lhe que um dia o cavalo de Frans entrou direto no quarto deles para buscar seu pisang, Betsy recostava-se na cadeira, pensando em como Eline estava demorando.

Teria gostado de jantar cedo, para não chegar tão tarde à ópera, e esperava intimamente que os Ferelyn não fossem indiscretos e não ficassem tempo demais. Divertidos certamente não eram, pensou; e se levantou, ocultando a impaciência, para arrumar um feixe de penas de pavão num dos vasos, entre algumas bugigangas sobre a mesinha central; depois, com o pé, ajeitou a pele de tigre diante da lareira flamejante, sentindo-se o tempo todo irritada com a demora de Eline.

Por fim, a porta se abriu e Eline entrou; Jeanne não pôde deixar de notar como ela parecia bonita e elegante em seu vestido de seda reps cor-de-rosa, simples, mas rico, com um lacinho discreto aqui e ali no corpete em V, nas mangas curtas e na cintura. Nos cabelos castanho-claros, penteados para trás, trazia uma touffe de plumas cor-de-rosa onduladas com uma pequena aigrette; seus pés ágeis calçavam sapatinhos cor-de-rosa; um único fio de pérolas lhe cingia a garganta.

Nas mãos segurava as luvas compridas, o leque de plumas de avestruz cor-de-rosa e o binóculo guarnecido de madrepérola. Ferelyn e de Woude se levantaram, e ela lhes apertou as mãos, beijou Emilie e Jeanne, perguntando ao mesmo tempo pela pequena Dora.

Percebeu como todos, até Henk e Betsy, a examinavam da cabeça aos pés, impressionados com a rica simplicidade de seu traje; e, quando Jeanne lhe falou da filha, ela sorriu para a pequena mulher em luta, inteiramente consciente do

efeito de seus encantos brilhantes.

À mesa, Eline conversou agradavelmente com de Woude, ao lado de quem se sentara. Betsy ficou entre seus dois convidados homens, Emilie entre Henk e Frans, Jeanne entre Eline e Henk.

Na sala de jantar um tanto sombria, com seus móveis antigos, a mesa cintilava com damasco branco como neve, prata e cristal fino, enquanto os raios da luz de gás faiscavam nos decantadores e copos, fazendo o vinho vermelho-escuro ou cor de âmbar parecer tremer sob o brilho de sua própria irradiação. Do meio de um ninho de flores numa cesta de prata erguia-se a coroa espinhosa de um magnífico abacaxi.

De Woude começou a contar a Eline sobre a soirée na casa dos Verstraeten e descreveu, em termos entusiasmados, como a senhorita van Erlevoort ficara bem em seus papéis, sucessivamente como Cleópatra e como o sentido da Visão. Com Emilie, Frans e Betsy, a conversa voltou-se para a Índia. Jeanne de vez em quando participava, mas estava sentada longe demais, e sua atenção era desviada pelo tagarelar de de Woude e pela risadinha aguda de Eline, envolvida num leve flerte.

Henk tomava a sopa e comia o peixe em silêncio, dirigindo ocasionalmente uma curta palavra monossilábica a Jeanne ou a Emilie. E Jeanne se tornava cada vez mais calada, tanto por se sentir pouco à vontade quanto pelo cansaço da longa conversa com Emilie, depois de um dia cheio de preocupações. Sentia-se completamente deslocada, ao lado daquele casal coquete: Eline em plena toalete, de Woude em traje de gala, com os quais seu vestidinho preto fazia contraste pobre.

Ainda assim, alegrava-se por estar sentada ao lado de Henk e, em seu próprio mal-estar, percebia uma espécie vaga de simpatia por ele, tão deslocado ali quanto ela mesma. Não podia deixar de se comparar a Eline e Betsy: ela, lutando com três filhos e com a magra ajuda de custo de licença do marido; Eline e Betsy, por outro lado, livres de entraves e sempre girando num turbilhão de prazeres e excitação.

Onde estava a antiga e feliz amizade que as unia num só laço, quando as três iam de mãos dadas para a escola, Eline com a capa de seu impermeável cheia de cerejas, e ela mesma, sob a liderança de Betsy, dando livre curso aos seus arroubos infantis em respostas malcriadas à governanta? Sentia-se repelida por aquela jovem esposa, com sua maneira consciente e indiferente, e seu tom

dominador para com o marido; repelida também por aquela moça, que lhe parecia frívola e vaidosa em sua conversa, cheia de nadas brilhantes; e por aquele dândi.

Eline, em especial, ela não conseguia compreender; encontrava nela algo incomum, algo indefinível e desconcertante, e certos atributos que pareciam estar sempre em guerra uns com os outros. Seu riso por coisa nenhuma a fatigava, e perguntava a si mesma como era possível que uma moça que, segundo diziam, cantava tão divinamente, tivesse uma risada tão desagradável e afetada. Oh! se ao menos se calassem por um momento!... E, no coração, ansiava por estar de volta a seus humildes aposentos, junto da pequena Dora.

Por que aceitara aquele convite? É verdade que Frans insistira para que ela tivesse alguma mudança e distração, agora que a criança estava fora de perigo; mas aquele jantar não lhe trazia distração alguma; ao contrário, deixava-a nervosa e confusa, e ela recusou a oferta de Henk de mollejas com aspargos, que ele lhe recomendava.

— Ouvi bem, senhorita Emilie; o sr. de Woude é seu irmão? — perguntou Frans em voz baixa.

Era a primeira vez que encontrava Emilie ou Georges, e ficara tão impressionado pela semelhança quanto pelo contraste entre os dois.

— Certamente — sussurrou Emilie —; e tenho orgulho dele também. É um dândi terrível, mas um bom rapaz; trabalha no Ministério das Relações Exteriores. Cuidado, não pense mal dele!

Ela riu e ergueu o dedo em ameaça, como se lesse os pensamentos de Ferelyn.

— Ainda não troquei mais de meia dúzia de palavras com o sr. de Woude, portanto lamentaria emitir uma opinião sobre ele tão cedo — disse ele, um pouco alarmado com a brusquidão de Emilie.

— Muito bem; a maioria das pessoas acaba formando uma opinião muito diferente sobre Georges depois de algum tempo, em comparação com a que tem ao conhecê-lo. Veja, como irmã afetuosa, tomo o partido de meu irmão. Encha meu copo, por favor.

— Sim; a senhora o defende antes mesmo de ele ser atacado! — retomou Ferelyn, sorrindo, enquanto lhe enchia o copo. — Mas isto já posso ver: ele é um mimado das senhoras, não apenas das irmãs, mas também de Madame van Raat e da

senhorita Vere.

Betsy juntou-se à conversa com Eline e Georges, atraída pela vivacidade deste último, enquanto ele tagarelava, saltando por toda sorte de assuntos: uma conversa sem substância, sem verdadeiro espírito, mas leve como espuma, aérea como bolhas de sabão, cintilante como bombinhas de fogos.

Numa conversa assim, ela estava em seu elemento; conversas sérias, por mais espirituosas que fossem, eram pesadas demais para ela; mas aquela tintinnabulação de faíscas e flocos de espuma, como vinho cintilando através de taças de cristal, encantava-a extraordinariamente. Achava Georges muito mais divertido do que na véspera, nos Verstraeten, onde ele observara duas vezes que o efeito da luz vermelha era mais lisonjeiro que o da verde.

Hoje ele não se repetia, mas disparava uma sucessão de frases, interrompendo-a com insolência risonha e arredondando os períodos com vivacidade verdadeiramente francesa. Várias vezes Eline tentou atrair Jeanne para aquele círculo de nadas faiscantes, mas Jeanne apenas sorriera um sorriso fraco, ou respondera com um único monossílabo, e por fim Eline desistiu da tentativa de fazê-la falar.

A conversa tornou-se mais geral; Emilie juntou-se a ela com sua nonchalance fácil e suas pilhérias aéreas; e Frans, no meio daquele círculo encantado, não pôde deixar de lançar uma faísca ocasional de graça, embora seus olhos repousassem frequentemente, com olhar ansioso, na esposa quieta. Para Jeanne, parecia que o jantar jamais chegaria ao fim.

Embora não tivesse o menor apetite, não queria continuar recusando; então aceitou um pouco do frango trufado, do gâteau Henri IV, dos abacaxis e da sobremesa seleta; o vinho, porém, apenas tocou com os lábios. Henk, ao seu lado, comia muito e com evidente gosto, perguntando-se por que ela se servia de porções tão pequenas. De Woude comia pouco, impedido por sua conversa incessante; Emilie, contudo, fazia sua parte e não poupava o vinho.

Passava das oito quando se levantaram, e as senhoras se retiraram para o salão. Frans juntou-se a Henk e de Woude para um charuto, pois Jeanne manifestara o desejo de ficar mais meia hora. Betsy lhe pedira isso; não podia deixar que os convidados fossem embora tão cedo, e ainda haveria tempo de sobra para a ópera.

— Dora adoce com frequência, Jeanne? — perguntou Eline, enquanto, com um frufu de sua seda vermelha, sentava-se no sofá ao lado dela e tomava-lhe a mão.

— Da última vez que a vi, ela não tinha nada; e mesmo então achei-a muito pálida e delicada.

Jeanne retirou a mão suavemente e sentiu algo como irritação diante daquela pergunta, depois da conversa à mesa. Respondeu apenas de modo seco. Mas Eline insistiu, como se pretendesse, com sua amabilidade presente, reparar a negligência anterior; e conseguiu dar à voz um tom tão simpático que Jeanne se sentiu bastante tocada.

Jeanne começou a expressar seus receios de que o doutor Reyer não tivesse examinado sua menina com tanto cuidado quanto poderia; e Eline, sorvendo o café, ouvia com evidente interesse suas queixas maternas. Emilie e Betsy tinham, nesse meio-tempo, passado ao boudoir contíguo, para olhar algumas gravuras de moda.

— Pobre querida! Quantos cuidados e preocupações você tem, e ainda não faz nem três meses que está na Holanda! Você chegou apenas em setembro, não foi?
— perguntou Eline, pousando a pequena xícara de porcelana sobre a mesa redonda diante de si.

Jeanne ficou calada; mas, de repente, levantou-se e, por sua vez, segurando os dedos delgados de Eline, observou, em seu desejo de afeto:

— Eline, você sabe que sempre fui bastante direta e franca; posso lhe perguntar uma coisa?

— Claro que pode — respondeu Eline, um tanto surpresa.

— Pois então... por que já não somos uma para a outra o que éramos antigamente, quando seus pais ainda estavam vivos? Faz agora quatro anos que me casei e fui para a Índia, e agora que voltamos, agora que torno a vê-la, tudo parece tão diferente entre você e mim. Não tenho conhecidos, e pouquíssimos parentes na Haia, e gostaria tanto de conservar minhas antigas amigas para mim.

— Mas, Jeanne...

— Sim; sei que você acha tolice minha falar assim; mas às vezes me sinto tão terrivelmente deprimida com toda essa futilidade e essa falsa excitação, tenho tanta vontade de desabafar com alguma amiga querida e verdadeira — pois naturalmente não posso dizer tudo que desejo a meu marido.

— Por que não?

— Oh, ele já tem preocupações demais; está doente e... irritadiço.

— Mas, Jeanne, realmente não vejo que mudança houve entre nós.

— Talvez seja apenas fantasia minha, afinal. Veja, antigamente estávamos juntas com mais frequência; agora você circula num meio tão diferente. Você sai muito, e eu... bem, veja, ficamos muito afastadas uma da outra.

— Mas, considerando que não nos vemos há quatro anos...

— Mas mantivemos correspondência.

— Que valor têm três ou quatro cartas ao longo de um ano? Não lhe parece natural que as ideias mudem, à medida que envelhecemos e somos colocadas em circunstâncias diferentes? Sim; eu também tive meus cuidados e preocupações. Primeiro foi o querido papai, depois tia Vere, de quem cuidei durante a doença...

— Você é feliz aqui? Consegue se dar bem com Betsy?

— Oh, sim, admiravelmente, ou, naturalmente, eu não ficaria com ela.

Eline, com sua reserva habitual, julgou desnecessário dizer mais a esse respeito.

— Veja, você não precisa se inquietar com coisa alguma — continuou Jeanne —; as coisas acontecem exatamente como deseja; você é livre e sem amarras, e vive apenas para seus prazeres; comigo é tudo tão diferente.

— Mas certamente tudo isso não justifica você dizer que ficamos afastadas uma da outra. Em primeiro lugar, acho “afastadas” uma palavra desagradabilíssima, e, em segundo lugar, não é verdade, qualquer que seja a palavra que você use.

— É, sim.

— Não, não é. Eu lhe asseguro, minha querida Jeanne: se eu puder ser útil a você de alguma maneira, vai me encontrar inteiramente à sua disposição. Acredita em mim?

— Sim, acredito, e lhe agradeço muito. Mas, Eline...

— Bem?

Várias perguntas subiram aos lábios de Jeanne. Sentia um desejo ardente de pedir-lhe que falasse mais de si mesma, que fosse mais livre e aberta com ela; mas a cordialidade estudada do sorriso que pairava em torno dos lábios delicados e se refletia naqueles olhos sonhadores, amendoados, silenciou-a por completo.

E sentiu um súbito arrependimento por sua franqueza diante de uma moça tão coquete, que manejava habilmente o leque; era pura perda de tempo falar com ela. Por que se deixara levar pelo primeiro impulso? Eram inteiramente inadequadas uma à outra...

— Bem? — repetiu Eline, temendo ao mesmo tempo qual pudesse ser a próxima pergunta.

— Outra vez, quando estivermos novamente sozinhas! — balbuciou Jeanne.

E levantou-se, insatisfeita, aborrecida consigo mesma, pronta a desatar em lágrimas depois daquele jantar pouco sociável e daquela conversa infrutífera. Betsy e Emilie acabavam de sair do boudoir. Jeanne achou que era hora de ir embora. Os três cavalheiros entraram, e Henk a ajudou com a capa. Com cordialidade forçada, despediu-se, agradecendo a Betsy pelo convite, e voltou a estremecer de irritação quando Eline lhe beijou as faces.

— Que tédio terrível, essa Jeanne! — disse Betsy, depois que os Ferelyn se foram. — Mal abriu a boca. Sobre o que vocês duas estavam conversando, Eline?

— Oh... sobre Dora e o marido dela, nada mais.

— Pobre criatura! — disse Emilie, compadecida. — Vamos, Georges, vá buscar minha capa.

Mina, porém, acabava de entrar com as capas das senhoras, e de Woude vestiu seu ulster, enquanto Henk esfregava as grandes mãos, satisfeito com a perspectiva de passar a noite em casa depois de um bom jantar.

A carruagem já esperava do lado de fora, na neve em degelo, havia meia hora, com Dirk, o cocheiro, e Herman, o lacaio, sentados na boleia, meio soterrados em suas grandes capas de pele.

— Oh, Frans, nunca mais me peça que aceite outro convite dos van Raat! — disse Jeanne, em voz suplicante, enquanto, apoiada no braço do marido, seguia aos arrepios, chapinhando pelas ruas enlameadas, e, com as mãozinhas entorpecidas pelo frio, esforçava-se sem cessar para manter a capa fechada, cada vez que uma rajada de vento lhe abria as pontas. — De verdade, já não me sinto em casa com eles, com Betsy e Eline.

Ele encolheu os ombros e nada disse.

Caminharam pesadamente, com os sapatos respingados de lama, à luz tremulante dos lâmpões de rua, cujos raios baços se refletiam com regularidade monótona nas inúmeras poças que tinham de atravessar.

O terceiro ato de *Le Tribut de Zamora* mal começara quando Betsy, Emilie, Eline e Georges entraram em seu camarote.

A casa estava cheia, e a chegada deles rompeu o silêncio que reinava no auditório atento; houve um frufu de seda e cetim; cem olhos e binóculos de teatro se voltaram para o camarote, e aqui e ali se sussurrava a pergunta: “Quem são eles?” Emilie e Eline sentaram-se à frente, Betsy e Georges atrás delas, enquanto Eline pousava o leque e o binóculo orlado de pérolas.

Então começou lentamente a desatar a capa de pelúcia branca, forrada de cetim vermelho, e, como uma nuvem de rosa e branco, ela lhe deslizou dos ombros; de Woude a dobrou sobre o encosto de sua poltrona. E, no triunfo de sua beleza, fazia-lhe bem ver como a fitavam e admiravam.

— Que quantidade de gente há aqui esta noite! Temos sorte — sussurrou Emilie.
— Não há nada, acho eu, tão triste quanto ver uma casa vazia.

— Você tem razão! — disse Betsy. — Veja, ali estão os Eekhof, Ange e Léonie, com a mãe. Também estiveram ontem nos *Verstraeten*; na semana que vem darão uma *soirée dansante*.

E acenou com a cabeça para as moças.

— O novo barítono de Bruxelas, Théo Fabrice, canta esta noite — disse de Woude a Eline. — Sabe que, desde que começaram os *débuts*, dois foram dispensados; ele é o terceiro.

— Como são terrivelmente longos esses *débuts* neste inverno! — observou Eline, em tom indiferente.

— O tenor robusto foi aprovado desde o início, mas dizem que Fabrice também é muito bom. Veja, lá vem ele.

O coro das odaliscas de Ben-Saïd terminara, e o soberano mouro entrou em seu palácio, conduzindo Xaïma pela mão.

Mas Eline prestava pouca atenção; olhava em volta pelo teatro e fazia um cumprimento amistoso de reconhecimento quando seus olhos encontravam os de algum conhecido; e não lançou outro olhar para o palco até que Ben-Saïd e sua

escrava estivessem sentados sob o dossel e o balé começasse.

Aquilo a atraiu, e seus olhos seguiram as danseuses quando, deslizando nas pontas dos pés, elas se ordenaram em grupos sob os arcos mouriscos e, sob os véus erguidos e os leques de franjas prateadas, mostraram os corpos presos em corpetes de cetim lustroso, cintilando todos com as lantejoulas dos vestidos leves como gaze.

— Um belo balé! — disse Emilie, bocejando atrás do leque; e recostou-se comodamente na poltrona, um tanto sob a influência generosa do jantar escolhido.

Eline assentiu com a cabeça e, enquanto ouvia atrás de si Betsy e Georges sussurrando juntos, continuou a seguir as hábeis evoluções da première danseuse, que, com movimentos graciosos, pairava sob os leques ondulantes das dançarinas, nas pontas dos pés calçados de cetim, uma aigrette deslumbrante de diamantes nos cabelos.

Com sua natureza sonhadora e idealista, Eline amava apaixonadamente a ópera, não apenas porque esta lhe dava a oportunidade de ser objeto de admiração geral, nem apenas por causa da música, ou porque estivesse ansiosa por ouvir alguma ária cantada por uma célebre prima-dona, mas também pelo enredo intricado, colorido de romantismo, pelos efeitos melodramáticos, um tanto grosseiramente pintados, cheios de ódio, amor e vingança, cuja convencionalidade não a incomodava e nos quais nem sequer procurava verdade alguma.

Não havia necessidade de esquecer, por um só instante, que eram apenas atores e atrizes os que via diante de si, e não cavaleiros e nobres damas; que estava sentada num teatro cheio e brilhantemente iluminado, olhando cenários pintados e ouvindo a harmonia de uma orquestra visível, e não vivendo com herói e heroína alguma época mais ou menos poética da Idade Média; ainda assim, não deixava de se divertir, desde que os atores não cantassem demasiado mal nem representassem com convencionalidade prosaica demais.

Betsy, por outro lado, ia à ópera apenas com o objetivo de ver e ser vista; teria julgado extremamente infantil o intenso prazer de Eline, mas Eline gozava esse prazer em segredo, pois suspeitava da opinião de Betsy, e por isso deixava a irmã acreditar que ela, como a própria Betsy, não encontrava no teatro outro deleite senão ver amigos e conhecidos e ser vista por eles.

O balé terminara.

Ben-Saïd e Xaïma desceram do trono, e ele cantou o recitativo — “Je m’efforce en vain de te plaire!” — e depois a ária: “O Xaïma, daigne m’entendre! Mon âme est à toi sans retour!” A voz do novo barítono era cheia e sonora, mais semelhante à de um baixo cantante, e no canto ele a envolvia como que num véu de melancolia.

Mas, em seu rico traje mourisco, tinha aparência pesada; e nem em sua atitude nem em sua representação conseguia dar sequer uma aparência mínima de homenagem amorosa, olhando para a prima-dona, em seu vestido de tecido de prata e longos cabelos louros cobertos de pérolas, mais com ameaça de cólera no olhar do que com a humildade de uma devoção terna.

Eline não era insensível às falhas de sua atuação; ainda assim, agradava-lhe justamente o contraste entre a expressão de superioridade altiva no porte dele e o tom de humildade em sua voz.

Seguiu cada nota da ária e, quando, ao súbito fortíssimo do órgão metálico de Ben-Saïd, a atriz pareceu tremer de terror, Eline perguntou a si mesma:

— Por que será que ela está tão assustada? O que há? Ele não parece tão mau.

E, durante os aplausos que se seguiram à ária, lançou um olhar ao teatro; por acaso, seus olhos caíram sobre um grupo de cavalheiros que estava de pé bem à entrada da plateia.

Notou como olhavam fixamente para seu camarote e, com sua languidez graciosa, estava a ponto de recuar um pouco, quando viu um deles olhá-la com um sorriso de reconhecimento.

Por um instante fitou-o de olhos muito abertos e, em sua surpresa, não retribuiu o cumprimento; mas, com um movimento rápido, voltou-se, pousou a mão no ombro de Betsy e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Veja só, Betsy; está vendo quem está ali?

— Onde? quem?

— Ali, na plateia... Vincent... não está vendo?

— Vincent! — repetiu Betsy, por sua vez espantada. — É mesmo, Vincent!

Ambas acenaram com a cabeça para Vincent, que, rindo, as focalizou com o binóculo; então Eline escondeu o rosto, coquete, atrás do leque.

— Quem é? Quem é Vincent? — perguntaram Emilie e Georges.

— Vincent Vere, primo em primeiro grau — respondeu Betsy. — Oh, um rapaz tão tolo; ninguém nunca sabe onde ele está; às vezes não o vemos por meses a fio, depois, de repente, ele aparece diante da gente outra vez. Eu não fazia a menor ideia de que estivesse na Haia. Eline, pelo amor de Deus, não mexa tanto nesse leque.

— Não quero que ele fique olhando para mim — disse Eline; e, com um giro gracioso do braço bem modelado, manteve o leque diante do rosto.

— Quando foi a última vez que viu seu primo, Madame van Raat? — perguntou Georges.

— Oh, há mais de dezoito meses. Acho que ia para Londres, onde seria repórter de um jornal, ou coisa desse tipo. Imagine, dizem que esteve por algum tempo na Legião Estrangeira, na Argélia, mas eu não acredito. Esteve em toda parte e nunca tem um sou.

— Sim, agora me lembro, já o vi antes — disse Emilie, bocejando. — Um sujeito curioso.

— Sim, isso ele é. Mas veja, aqui na Haia, onde tem parentes, sabe que precisa comportar-se da melhor maneira possível; por isso toleramos sua presença.

— Sim — observou Emilie, muito filosoficamente —, em geral se encontra uma ovelha negra dessas em toda família.

Eline sorriu e fechou lentamente o leque.

O terceiro ato chegou ao fim sem que ela compreendesse muita coisa da scena com Manoël; mas o grande duo entre Hermosa e Xaïma deu-lhe uma pista: era o reconhecimento mútuo de mãe e filha depois da ária — “Debout, enfants d’Ibérie!” —, e a cortina caiu em meio a trovões de aplausos; as duas atrizes foram chamadas à boca de cena, e cada uma recebeu sua parte de buquês.

— Sr. de Woude, conte-me, afinal, do que trata realmente o enredo? — perguntou Eline, voltando-se para Georges.

— Je n’y vois pas encore clair.

Mas Betsy propôs que fossem ao foyer, e assim se levantaram e deixaram o camarote.

No foyer, sentados num divã, Georges contou-lhe o enredo da ópera, ao qual Eline prestou mais atenção do que quis demonstrar. Agora sabia por que Xaïma estremeceu na presença de Ben-Saïd, e teria gostado de ver o leilão das donzelas no primeiro ato e a venda de Xaïma como escrava no segundo.

De repente, avistaram Vincent, que subia os degraus do foyer e se aproximava deles livre e despreocupado, como se tivesse visto as primas apenas na véspera.

— Olá, Vincent, caiu das nuvens outra vez? — exclamou Eline.

— Olá, Eline; olá, Betsy! Encantado em vê-las de novo. Senhorita van Bergh e Woude, creio?

E apertou-lhes as mãos.

— Admiro sua memória; eu já havia esquecido o senhor — respondeu Emilie.

Betsy fez as apresentações:

— Sr. de Woude van Bergh, sr. Vere.

— Muito prazer. E como vai?

— Um pouco espantada — riu Eline. — Imagino que amanhã já parte outra vez, não? Para Constantinopla, ou São Petersburgo, ou algum lugar assim, suponho.

Ele olhou para ela com um sorriso em seus olhos azul-claros, como porcelana desbotada, por trás do pince-nez.

Suas feições eram belas e regulares, até belas demais para um homem, com o nariz grego finamente talhado, a boca pequena, em torno da qual geralmente pairava algo entre um escárnio e um sorriso audacioso, sombreada de leve pelo bigode louro e fino; mas o encanto daquele belo rosto era completamente estragado pela tonalidade amarelada e doentia, e pela expressão de lassidão que o envolvia.

De corpo esguio e proporções delicadas, parecia de bom gosto em suas roupas escuras e simples; ninguém deixaria de notar a pequenez dos pés e a mão bem formada, de dedos brancos, finos e alongados, mão de artista, que lembrava muito a Eline a de seu pai morto.

Sentou-se ao lado deles e, em voz lânguida, contou a Eline que chegara à Haia no dia anterior, a negócios.

Seu último emprego fora em Málaga, numa casa de vinhos; antes disso trabalhara num escritório de seguros em Bruxelas; antes ainda fora, durante algum tempo, sócio de uma manufatura de tapetes em Smyrna, mas a firma falira. Nada dava certo. Agora estava cansado de toda aquela correria; já dera provas suficientes de energia e perseverança, mas o destino estava contra ele; tudo que suas mãos tocavam parecia trazer-lhe má sorte.

Esperava, contudo, obter uma colocação numa fábrica química em Java, mas primeiro precisava de mais algumas informações. Na manhã seguinte esperava visitar van Raat, a quem queria ver. Diante disso, Betsy perguntou se viria para o café, pois van Raat nunca estava em casa pela manhã, apenas à tarde. Ele aceitou de bom grado o convite e então começou a falar da ópera.

— Fabrice? Ah, é o barítono, não é? Sim; uma bela voz, mas um sujeito feio e gordo.

— O senhor acha? Não; acho que ele se apresenta muito bem no palco — observou Emilie.

— Não, senhorita de Woude, a senhora não pensa isso.

Emilie manteve sua opinião, e Eline riu da discordância entre os dois. O tilintar da campainha avisou que o quarto ato estava prestes a começar, e Vincent se despediu, embora Georges lhe oferecesse, com polidez, seu lugar no camarote.

— Não; muito obrigado. Não quero roubá-lo de seu lugar; estou bastante confortável na plateia. Au revoir. Amanhã, então, não é? Adieu, Betsy, Eline; au plaisir, senhorita de Woude; boa noite, sr. de Woude.

Inclinou-se, apertou a mão de Georges e afastou-se devagar, balançando levemente nas mãos a bengala de bambu.

— Que rapaz estranho! — disse Eline, sacudindo a cabeça.

— Vivo com medo de que ele faça alguma coisa que nos escandalize — sussurrou Betsy ao ouvido de Emilie —, mas até agora se comportou bastante bem. Além disso, veja, quero ser simpática e cordial com ele, para não transformá-lo em inimigo. Tenho um pouco de medo dele; nunca se sabe o que um sujeito desses pode fazer.

— Não posso dizer que seja um dos meus grandes favoritos — disse Emilie, e levantaram-se para voltar aos lugares.

— Vamos, Emmie, você só diz isso porque ele não falou coisas agradáveis sobre Fabrice — interveio Georges, em tom provocador.

Emilie encolheu os ombros, e passaram ao vestibulo.

— Oh, não há quinto ato! Pensei que fossem cinco atos — disse Eline, com certo desapontamento, a de Woude, que lhe contou o fim do enredo.

O quarto ato começou, e Eline sentiu muito interesse pela cena do jardim ao luar, pela cavatina de Manoël, por seu dueto com Xaïma e pelo trio com Hermosa; mas seu interesse aumentou quando o monarca mouro apareceu aos portões do palácio e ordenou à guarda que prendesse Manoël, enquanto, surdo às súplicas dele, arrastava Xaïma consigo, num súbito ímpeto de paixão.

A última cena da ópera, em que Ben-Saïd é assassinado pela mãe que vem em socorro da filha, impressionou-a muito mais do que ela gostaria de confessar. Em suas cenas com as duas personagens femininas, o novo barítono representava com um fogo e uma força que davam ao melodrama um brilho de verdade poética; e, quando, ferido de morte, caiu nos degraus do pavilhão, Eline ergueu o binóculo e fitou seu rosto moreno, com a barba negra e os olhos caídos.

A cortina caiu, mas os quatro atores foram chamados de volta, e Eline tornou a vê-lo, curvando-se ao público com uma expressão calma e indiferente, em forte contraste com os sorrisos radiantes do tenor, da contralto e da soprano. O público levantou-se, as portas dos camarotes se abriram. Georges ajudou as senhoras com as capas, e seguiram pelo corredor e desceram os degraus, até chegar às portas de vidro, onde esperaram que anunciassem sua carruagem.

— Não creio que *Le Tribut* seja uma das melhores óperas de Gounod; e você, Eline? — perguntou Emilie, quando já estavam na carruagem. — Não se compara a *Fausto* ou a *Romeu e Julieta*.

— Também não acho — respondeu Eline, cautelosa, receosa de mostrar o quanto se impressionara. — Mas é tão difícil julgar música quando se ouve pela primeira vez. Achei algumas melodias muito bonitas. Além disso, é preciso lembrar que vimos apenas metade.

— Sim; é muito agradável ir ver só uns dois atos; mas ter de suportar uma ópera inteira, confesso, acho um tédio terrível — disse Betsy, bocejando.

E Georges cantarolou o refrão: “*Debout, enfants d’Ibérie.*”

Os de Woude foram deixados primeiro no Noordeinde, e Betsy e Eline seguiram, aconchegadas nas almofadas de cetim do landau, para o Nassauplein.

Falaram um pouco sobre Vincent, depois ambas ficaram em silêncio, e Eline deixou a mente vaguear, meditativa, para a valsa de Mireille, para sua discussão com Betsy naquela manhã, para o grupo dos Cinco Sentidos, para Madame van Raat e de Woude, para seu vestido cor-de-rosa e Ben-Saïd.

Capítulo V

Cerca de uma semana depois dos tableaux-vivants, Lili Verstraeten estava sentada no pequeno salão onde a representação se realizara. O aposento havia muito retomado sua aparência habitual, e na lareira ardia um fogo alegre.

Lá fora fazia frio; soprava um vento cortante, e havia ameaça de chuva. Marie saíra às compras com Frédérique van Erlevoort, mas Lili preferira ficar em casa; por isso se acomodara confortavelmente numa grande poltrona antiga, forrada de tapeçaria. Levou consigo Notre Dame de Paris, de Víctor Hugo, mas não queria se obrigar a ler se não tivesse vontade, e o livro, encadernado em couro vermelho, com cortes dourados, jazia fechado em seu colo.

Como era bom não fazer nada além de sonhar o tempo passar! Que tolice de Marie e Freddie saírem com um tempo tão miserável! Que lhe importava o tempo! Que lá fora chovesse e ventasse quanto quisesse; dentro de casa estava delicioso: as nuvens amorteciam a luz, e as cortinas baixas só lhe permitiam uma entrada discreta.

Papai estava lendo no jardim de inverno, onde havia mais claridade; ela mal conseguia entrever sua querida cabeça grisalha, e notava a rapidez com que ele virava as páginas; sim, ele realmente lia, ao contrário dela, que levava o livro apenas por faz de conta.

Ela jamais sentia ennui, embora não fizesse absolutamente nada; ao contrário, desfrutava aqueles pensamentos vagos, pétalas de rosa levadas por brisas suaves; bolhas de sabão, claras e aéreas, que gostava de observar flutuando no alto; e as pétalas voavam para longe, as bolhas se rompiam, mas ela não desejava que sua pétala se tornasse uma hera agarrada a ela, nem que suas bolhas virassem um balão cativo.

Mamãe ainda estava no andar de cima, sempre ativa — ah! ela não conseguia aliviar o trabalho de mamãe; esta queria fazer tudo sozinha, embora Marie ajudasse um pouco de vez em quando. No íntimo, Lili esperava que nenhuma visita viesse perturbar seu doce far niente.

Como era agradável! Que bom observar a chama se enroscar e se torcer em volta do carvão vivo! A lareira era um pequeno inferno; os blocos de turfa eram rochedos, e entre eles se abriam precipícios, todos de fogo e brasas rubras — era como Dante! As almas dos condenados pairavam à beira dos precipícios,

estremecendo diante da massa ardente... E, sorrindo da selvageria da própria fantasia, desviou os olhos, um tanto atordoada de tanto fitar o fogo.

Mas, uma semana antes, naquele mesmo lugar ali adiante, elas haviam posado diante de seus conhecidos aplaudindo. Como tudo parecera diferente então! Os cenários, as liras, a cruz e todos os demais apetrechos estavam guardados no quarto de despejo. Os vestidos haviam sido bem dobrados por Dien e postos em caixas. Mas fora uma época divertida, com as consultas prévias com Paul e Etienne, os ensaios e assim por diante.

Como haviam rido! Quanto trabalho tinham tido por causa de alguns instantes de entretenimento! Papai continuava lendo, virando página após página. Como a chuva batia nas vidraças! Como descia ruidosa pelo cano! Sim; Freddie e Marie estavam lá fora se divertindo... que esplêndido era estar abrigada e a salvo de toda aquela água. E seus pés procuraram o calor macio do tapete da lareira; sua cabeça loura se aninhou mais fundo nas almofadas da velha poltrona. Freddie iria a um baile naquela noite.

Como conseguia suportar sair noite após noite! Sim; ela mesma gostava muito disso — um baile agradável, uma soirée sociável; mas gostava também de ficar em casa, para ler, trabalhar ou... não fazer nada. Quanto ao ennuï, não sabia o que era, e sua vida corria como um riacho límpido. Era tão completamente apaixonada pelos queridos pais; só esperava que as coisas permanecessem sempre como estavam; não se importaria em ficar solteirona...

Quasímodo, Esmeralda, Phœbus de Châteaupers — oh, por que não levara Longfellow consigo? Não se importava com a Cour des Miracles, mas ansiava por Evangeline ou A Lenda Dourada:

“Minha vida é pequena, Apenas uma taça de água, Mas pura e límpida...”

Como estava ficando poética! Riu de si mesma e olhou para o jardim, onde os galhos nus e gotejantes se balançavam de um lado para outro ao vento. Ouviu-se a campainha, e passos leves e risos ecoaram pelo vestibulo.

Freddie e Marie estavam voltando para casa; ela supôs que subiriam; não — vinham para aquele lado e entraram na sala, já sem as capas molhadas, mas trazendo consigo uma lufada de vento e uma umidade fria.

— Ora essa! — gritou Marie. — Minha senhora sentada à lareira, aquecendo-se. Muito bem!

— Minha senhora gostaria de uma almofada para as costas? — perguntou Freddie, provocando-a.

— Sim; riam quanto quizerem — murmurou Lili com um sorriso, aninhando-se mais confortavelmente na poltrona. — Estou quente e feliz aqui, e meus pés não estão frios nem úmidos. Vão vocês se chapinhar na lama!

Freddie foi falar com o sr. Verstraeten, e Marie pensou que gostaria de algo para se reanimar, pondo-se a preparar uma xícara de chá. Assim as moças se sentaram; sim, Lili também aceitaria uma xícara de chá, embora não tivesse saído a chapinhar na lama.

— Como está escuro aqui, Lili! Como você conseguia enxergar para ler? Ora, é de cegar a gente ficar forçando os olhos assim no escuro! — exclamou Marie.

— Mas eu não estava lendo — respondeu Lili, desfrutando seu dulce far niente.

— Minha senhora esteve a cismar — zombou Freddie.

— Ah — disse Lili, com um sorriso —, é magnífico não fazer absolutamente nada... só sonhar o tempo passar.

E as três desataram a rir daquela confissão de preguiça sem vergonha, quando Madame Verstraeten desceu, à procura de seu molho de chaves.

Frédérique disse que precisava ir logo; fora convidada para um baile na casa dos Eekhof naquela noite, e ainda tinha uma ou duas coisas a providenciar. Madame Verstraeten achava Lili muito mais sensata que Freddie e Marie, tolas o bastante para ir às compras com um tempo daqueles.

A campainha tornou a tocar. Era Paul, trazendo consigo um odor tão acentuado de vento e umidade que foi mandado sair novamente da sala para limpar melhor os pés.

— Que tempo! — suspirou ele, sentando-se.

Madame Verstraeten deixou os jovens entregues a si mesmos e sentou-se ao lado do marido; este, porém, ao saber que Paul chegara, levantou-se e caminhou até o salão dos fundos.

— Boa tarde, tio.

— Ah! boa tarde, Paul; como vai? Como está sua mãe?

— Mamãe está muito bem. Deixei-a lendo um livro que Eline lhe enviou.

— E então? Já fez uma visita a Hovel?

— Não, tio, ainda não.

— Pois faça isso, então. Não adie por muito tempo; Hovel quer conhecê-lo.

— Paul, faz quatro dias que você disse que iria a Hovel — gritou Marie. — Como pode pensar tanto nisso? Não é uma viagem tão grande assim.

— Eu pretendia ir amanhã.

— Então vá amanhã, por volta das seis e meia. A essa hora certamente o encontrará em casa. Eu o aconselharia a não faltar — disse tio Verstraeten; e em seus olhos castanho-escuros, habitualmente tão amistosos, brilhou algo como irritação quando ele se voltou para o jardim de inverno.

— Paul, Paul — disse Frédérique, sacudindo a cabeça —, como pode ser tão preguiçoso? Você é ainda mais preguiçoso que Lili.

— Ah, amanhã ainda será tempo de sobra — resmungou Paul, enquanto terminava de beber sua xícara de chá.

— Sim; mas você é muito preguiçoso, apesar disso. E lhe digo francamente que nenhum de nós acha isso bonito.

— Continue, vovó, faça-me um bom sermão; isso mesmo.

— Vovó ou não, é essa a minha opinião. E veja, acho uma grande pena que você seja assim; poderia fazer muito mais se tivesse um pouco de energia. Guarde minhas palavras: se você não melhorar, acabará exatamente como Henk — um sujeito querido e bom, mas que não serve para nada. Você sabe muito bem que não morro de amores por Betsy, mas compreendo perfeitamente que às vezes ela se sinta terrivelmente entediada com esse seu irmão, sem fazer nada o dia inteiro.

— Agora não diga nada contra Henk; Henk é um sujeito inteiramente bom — gritou Marie.

— Além disso — continuou Marie —, você tem muito mais capacidade que Henk; e é justamente por isso que acho a preguiça e a falta de energia duplamente indesculpáveis em você.

— Vamos, Marie — disse Lili, levantando-se —, não fique disparando assim contra Paul, pobre rapaz! Você vai a Hovel amanhã, está ouvindo? — sussurrou-lhe ao ouvido. — Então tudo ficará bem.

Ele riu e prometeu emendar-se sob a competente direção das três.

— E já que, evidentemente, fui colocado sob a tutela de minhas primas e da senhorita Erlevoort — disse ele, bem-humorado —, posso perguntar se elas permitirão ao seu pequeno protégé mais uma xícara de chá?

A chuva pesada cessara, mas o vento ainda sacudia os galhos gotejantes. Eram cinco e meia quando a campainha da porta tocou mais uma vez.

— Cinco e meia! — exclamou Frédérique. — Preciso ir; já devia ter ido há muito; tenho alguns laços para prender no vestido. Oh! hoje à noite vou ficar encantadora, toda em flot de tulle! Onde estão meus pacotes, Marie?

— Lá vai a campainha; pergunto-me se há visitas — disse Lili.

Frédérique estava a ponto de sair quando Dien entrou para dizer que o sr. de Woude van Bergh estava ali.

— O quê! Aquele maçante indizível!

— Ah, ele não é tão mau assim — disse Paul.

— Pois não me importo; vou fechar as portas de dobrar. Não quero vê-lo! — continuou ela, já prestes a fazer exatamente o que dizia.

— Vamos, Lili, não seja tão tola; venha para cá — disse Marie.

— Não, obrigada; vá você sozinha — respondeu ela, e fechou as portas justamente quando de Woude entrava no salão da frente, onde Marie o recebeu.

Paul e Frédérique riram, despediram-se de Lili, e os três passaram pela sala de jantar rumo ao vestíbulo.

— Adeus; dê lembranças minhas a tio e tia, e diga ao tio que amanhã irei a Hovel sem falta — disse Paul.

— Dê lembranças minhas também e diga que eu realmente precisava ir — disse Freddie.

— Está bem; divirta-se muito esta noite em seu flot de tulle. Brrr! como está frio aqui neste vestíbulo!

Paul e Freddie partiram, e Lili voltou pela sala de jantar. E Georges de Woude, o que viera fazer? Não; ela não podia suportá-lo de modo algum. Tão afetado e formal. Como Paul conseguia ver alguma coisa nele? Paul, para ela, era muito mais agradável e mais másculo.

E como Marie lhe passava sermão! Ele era um bom rapaz, afinal; e daí se fosse um pouco preguiçoso? Tinha dinheiro e podia muito bem aproveitar um pouco a vida agora; mais tarde poderia procurar uma colocação, e logo encontraria uma, isso era certo. Sim; ela diria a papai que Paul prometera ir a Hovel no dia seguinte, e ele sempre cumpria a palavra. Sentou-se outra vez na velha poltrona e atçou o fogo. Aqueceu os dedos e esfregou as mãozinhas, macias como cetim.

Através das portas fechadas, podia ouvir o som de vozes, entre as quais predominava a de Georges — ele parecia contar uma longa história. Precisava dar uma espiada por um instante, e levantou-se, empurrando cautelosamente uma das portas um pouco para o lado. Sim; assim bastava; papai e mamãe ela não podia ver, mas conseguia ver o rosto de Marie, e de Georges via apenas as costas. Que divertido seria se Marie a percebesse; mas não, ela parecia toda atenção para aquele janotinha.

Lili só podia admirar-lhe o colarinho branco e reluzente, e as abas da casaca — finíssimo, tudo aquilo! Lá — Marie levantou os olhos — lá — acabava de vê-la pela fresta da porta:

— Hallo! bon jour!

Lili sacudiu o dedo para Marie, depois fez uma reverência e caretas, até que Marie teve de comprimir os lábios para não cair na gargalhada.

Como já escurecia, Frédérique apressou-se para casa, no Voorhout. Ao chegar, subiu correndo a larga escadaria. Quase tropeçou em Lientje e Nico, dois filhos de Madame van Ryssel, sua irmã mais velha, que, desde o divórcio do marido, vivia com seus quatro filhos na casa de Madame van Erlevoort.

— Senhorita Frantzen, olhe pelas crianças, elas vão cair! — disse Frédérique, sem fôlego, à bonne que encontrou no primeiro patamar, procurando os pequenos por todos os lados.

— Sabe onde estão Ernestine e Johan? — perguntou a senhorita Frantzen.

— Não; acabei de chegar — respondeu Frédérique, bastante indignada; e apressou-se ainda mais, voou para o quarto, tirou a capa e, com dedos nervosos,

começou a abrir um dos pequenos pacotes que trouxera no manguito e nos bolsos.

— Nunca ficarei pronta! — murmurou, e afastou as cortinas verdes de damasco da cama, revelando o vestido de baile estendido sobre ela — uma nuvem diáfana de tule azul-claro.

Naquela manhã, o vestido de Frédérique fora entregue pela modista, mas ela queria acrescentar um laço aqui e outro ali por conta própria, embora quase temesse tocá-lo, receosa de embaraçar o tecido vaporoso, fino como teia.

— Oh, que vou fazer! — exclamou; então uma ideia súbita pareceu ocorrer-lhe, e ela saiu correndo do quarto e gritou no patamar: — Tilly, Tilly, Mathilde!

Uma das portas se abriu, e sua irmã, Madame van Ryssel, entrou um tanto assustada.

— Freddie, o que foi? Por que grita assim? A casa está pegando fogo?

— Não; se estivesse, eu não chamaria você para ajudar. Mas ajude-me um pouco, senão nunca ficarei pronta.

— Ajudá-la? Com quê?

— Com meu vestido de baile. Quero colocar um laço ou dois. Está tão nu do lado, e comprei uma fita.

Madame van Ryssel ia responder quando a porta do quarto de Madame van Erlevoort se abriu, e a velha senhora saiu para perguntar o que acontecia.

No mesmo instante, uma explosão aguda de riso e um rumor de vozes infantis ecoaram no patamar; ouviu-se um tropel ruidoso de pezinhos, e uma menina de sete anos veio quase rolando escada abaixo, seguida por um menino de seis.

— Mamãe, mamãe! — gritou a criança, saltando os últimos degraus.

— Ora, Tine, Johan, que barulho vocês estão fazendo! Que estão fazendo, vocês dois? — perguntou Madame van Ryssel com severidade.

— Jo vive me provocando; Jo quer fazer cócegas em mim, e sabe que eu não suporto — arfou a menina, escondendo-se atrás das saias da avó, enquanto Frédérique agarrava Johan.

— Já disse que não quero essa correria e esse barulho dentro de casa! — retomou Madame van Ryssel. — Gostaria que se lembrassem de que vovó não suporta isso.

— Não faz mal — disse Madame van Erlevoort, bondosamente —, estavam apenas brincando, não é, Tine?

— Cuidado, está ouvindo, ou vou fazer cócegas em você! — gritou Frédérique, e fez cócegas em Johan debaixo dos bracinhos, de modo que ele caiu no chão, debatendo-se e gritando de alegria.

— Mais comme vous les gêtez, toutes les deux! ne les choyez donc pas, quand je suis fâchée. Je perdrai tout mon pouvoir, si vous continuez ainsi! — exclamou Madame van Ryssel, desesperada, enquanto olhava por cima do corrimão, pois lá embaixo Madeline e Nikolaas davam um trabalho terrível à senhorita Frantzen e se recusavam a subir.

— Lientje, Nico! — gritou Madame van Ryssel em seus tons mais severos.

— Vamos, Mathilde, deixe as crianças em paz por um instante e venha ver meu vestido! — implorou Freddie.

— Já não consigo mantê-las em ordem, de verdade — disse Mathilde, com um suspiro de desespero.

— Depressa, Freddie; hoje jantamos um pouco mais cedo — disse Madame van Erlevoort.

A porta da rua estava sendo aberta; eram Otto e Etienne van Erlevoort, que voltavam para casa, e suas vozes alegres misturaram-se aos risos e gritos das crianças, aos tons repreensivos da senhorita Frantzen e aos latidos de Hector, o cão de Otto.

— Vamos, Mathilde, venha só dar uma olhada no meu vestido — suplicou Freddie, em tom insinuante.

Mathilde julgou melhor desistir de qualquer tentativa de exercer sua influência materna naquela Babel de confusão, e cedeu às súplicas de Frédérique.

— De verdade, estou falando sério, já não tenho controle algum sobre eles...

— Vamos, crianças, não briguem mais agora; sejam boazinhas! — disse Madame van Erlevoort a Ernestine e Johan. — Venham conosco para baixo; aqui está frio de congelar.

Madame van Erlevoort sempre estivera acostumada à agitação e ao alvoroço, e isso nunca parecia perturbá-la. Mãe de sete filhos, vivera sempre cercada por risadas ruidosas, tumulto e excitação, e não teria compreendido como uma família numerosa pudesse existir em atmosfera mais calma que a sua.

Desde o início, sua casa fora cheia das vozes agudas, das gargalhadas turbulentas e do contínuo vaivém dos filhos, até que estes cresceram em todo o viço alegre de seus espíritos juvenis.

Depois, com a morte do marido, Théodore Otto, barão van Erlevoort ter Horze, membro da Segunda Câmara dos Estados Gerais, começou um período de calma e paz desacostumadas, que se acentuou ainda mais quando quatro de seus filhos, um depois do outro, deixaram a casa e se casaram.

O primeiro a partir fora Théodore, o mais velho, que agora administrava as propriedades da família em Gelderland e, no meio de sua numerosa prole, vivia no Huis ter Horze a vida combinada de gentleman-farmer e jovem patriarca. Seguiu-se a ele a terceira filha, Mathilde, cuja breve vida conjugal fora muito infeliz; depois dela, as duas filhas mais velhas, Cathérine e Suzanne, deixaram a casa materna, a primeira casada com um banqueiro inglês, o sr. Percy Howard, residente em Londres, a outra com o jonkheer Arnold van Stralenburg, escrivão no Tribunal de Justiça de Zwolle.

Assim, Madame van Erlevoort ficou com seus dois filhos, Otto, assistente de escrivão no Ministério do Interior; Etienne, estudante de direito em Leiden; e a filha mais nova, Frédérique. Sem o encanto novo e as emoções revigorantes da condição de avó, a relativa calma que a cercava certamente a teria feito adoecer de ennuí, acostumada como estava ao trote dos pezinhos leves e ao canto e riso de vozes jovens e claras.

Alguns anos depois de seu casamento, Mathilde voltou para a casa de Madame van Erlevoort com quatro filhos, que lhe haviam sido confiados após o divórcio do marido. Desde então, van Ryssel vivia no exterior, e pouco mais se ouvira falar dele.

Madame van Erlevoort se compadecia profundamente da filha, que por tanto tempo e com tanta dignidade sustentara o papel de esposa negligenciada e mal compreendida, e a recebeu com o maior amor, intimamente feliz com a vida nova, fresca e em botão, que os quatro netos haviam trazido para sua casa. Mimava-os a todos como jamais havia mimado os próprios filhos.

Por mais que tentasse zangar-se com eles, nem as travessuras mais desatinadas conseguiam provocar-lhe a ira; Mathilde, porém, eles frequentemente levavam ao desespero, pois ela temia o que seria deles com tanta indulgência.

Pedia a Madame van Erlevoort que não se opusesse quando ela aplicasse algum castigo merecido; Madame van Erlevoort prometia com bastante prontidão, mas com igual rapidez esquecia a promessa na primeira oportunidade. Frédérique, por sua vez, ela própria uma criança mimada, sempre achava Mathilde coberta de razão em suas queixas, mas, quanto ao resto, pouco fazia para encorajar uma disciplina firme.

Só de Otto Mathilde podia esperar, de vez em quando, algum apoio; e, por isso, era apenas pelo tio Ot que os quatro pequenos malandros nutriam algum respeito.

À bondade de temperamento da mãe, Otto unia o bom senso e a natureza prática do pai; e, na calma imperturbável de sua conduta, parecia mais velho do que era. Mas em suas feições viris havia uma genialidade tão encantadora, havia tanto de simpático e confiável em seus olhos escuros e brilhantes, que sua seriedade e seu juízo firme atraíam mais do que pareciam severos demais num rapaz de vinte e oito anos.

Etienne, por outro lado, era todo alegria e irreflexão, e o ídolo da mãe; de fato, a natureza dela parecia aquecer-se ao brilho e ao sol do caráter dele. Frédérique amava os dois irmãos apaixonadamente, mas gostava de apelidar Otto de papai, enquanto com Etienne fazia algazarra quase como Lientje com Nico, e Tina com Johan.

Madame van Erlevoort desejava jantar um pouco mais cedo naquele dia, pretendendo fazer sua sesta antes de se vestir. À noite iria, com Freddie e os dois filhos, ao baile dos Eekhof; Madame van Ryssel ficaria em casa, jovem mulher quieta e entristecida, cujo sorriso apenas iluminava de leve o rosto de cera, e que vivia somente para os filhos.

Por desejo expresso de Mathilde, os quatro fregueses barulhentos sempre jantavam num cômodo separado, com a senhorita Frantzen. Quanto a Madame van Erlevoort, nada lhe teria agradado mais do que sentar-se à mesa com o bando inteiro, a senhorita Frantzen incluída, sem se importar nem um pouco se suas toalhas de damasco ficassem nadando em molho, se sua cristalaria fosse quebrada em pedaços ou se as compotas fossem maltratadas por um conjunto de dedinhos gordurosos.

Assim, Mathilde não conseguira impedir que as crianças, que jantavam mais cedo e terminavam a refeição antes, entrassem uma depois da outra na sala de jantar, para desespero da senhorita Frantzen, cujo rosto redondo e olhos aterrorizados apareciam então à porta entreaberta. Tendo Madame van Erlevoort, em sua bondade, tolerado essa espécie de coisa uma ou duas vezes, ela logo se tornara regra, e Mathilde, com um suspiro, foi obrigada a resignar-se ao inevitável.

Quanto a Etienne e Frédérique, eles apenas ajudavam a deixar os pequenos ainda mais barulhentos. Otto também brincava com eles, e Mathilde, com um sorriso, encolhia os ombros; não podia evitar: que as coisas corressem como quisessem.

— Não, obrigada, Otto, nada mais — disse Frédérique à mesa do jantar. — Nunca consigo comer quando vou a um baile; você sabe disso.

— Ainda é assim? — perguntou Otto. — Sempre pensei que só as meninas muito jovens não conseguissem comer em sua primeira entrée na sociedade. Você ainda fica tão nervosa? Pobre menina!

— Freddie, o que você andou fazendo com seu vestido? Espero que não tenha estragado nada — perguntou Madame van Erlevoort, com certa ansiedade.

— Não, mamãe; segui o conselho de Mathilde e não toquei nele. Ah! você vai me ver esta noite — continuou ela, voltando-se para Otto —; estarei inteiramente etérea no meu tule azul, pronta para ser levada pelo vento, sabe. Olhem! Lá vêm eles, os jovens vândalos!

Referia-se aos quatro pequenos van Ryssel, que naquele momento irromperam sala adentro, Nico com uma trombeta ensurdecedora na boca. Vinham comer a laranja com vinho e açúcar. Madame van Erlevoort puxou Nico para junto de si e lhe deu o prato cheio de fruta; não tardou para que o jovem malandro sugasse os pedaços suculentos, variando a refeição com ocasionais estrondos da trombeta.

Ernestine, Johan e Etienne escolhiam com empenho o que havia de melhor no mesmo prato, e, entre gargalhadas sonoras, os garfos se embaralhavam uns nos outros, enquanto Freddie contava a Otto quem iria aos Eekhof naquela noite.

— Vão os Hydrecht, Eline Vere, os van Laren, Françoise Oudendyk. Você não acha Françoise mais bonita que Marguerite van Laren? Hein, Otto, qual das duas você vai conquistar? Oh, Nico! meus nervos! Nico!

Tó-tó-ró-tó-tó fazia a trombeta.

— Nico, você vai me enlouquecer com essa barulheira. Largue isso agora e coma direito. Veja, está escorrendo pelo seu paletó! — gritou Mathilde.

— Oh, ele está apenas fazendo um pouquinho de música; não está, pequenino? — disse Madame van Erlevoort, passando o braço em torno da criança, que, sem muito respeito pela avó, soprou a trombeta bem dentro do ouvido dela.

Depois do jantar, Freddie e Etienne brincaram de correr e lutar com as crianças, enquanto Madame van Erlevoort se retirou para o boudoir, e Otto se sentou para fumar um charuto ao lado de Mathilde, que pegou um bordado. Rika, a criada, retirou a mesa, bastante atrapalhada no processo por Nico, e em temor e tremor pela segurança da bandeja em que havia colocado os pratos e copos sujos.

Por fim, o relógio bateu oito horas, e a senhorita Frantzen veio buscar as crianças.

— Ciel de mon âme! — gritou Frédérique, meio sufocada no sofá entre Ernestine, Johan e Lientje; e, com esforço, desembaraçou-se do labirinto de braços e pernas que se enroscava nela como um polvo. — Preciso subir; Mathilde, você vai me ajudar?

— Sim; já vou — respondeu Mathilde, levantando-se. — E vocês, crianças, cama, depressa!

— Não vou; quero ver a tia Freddie bonita primeiro — gritou Ernestine, numa vozinha chorosa. — E quero ajudar a titia também.

— A titia pode passar sem a sua ajuda, e bonita ela é sempre. Vamos, agora subam todos com a senhorita Frantzen; allons, como boas crianças.

Freddie saiu correndo e, como Madame van Erlevoort dormia, Mathilde pôde, por uma vez, exercer sua influência; os quatro foram despachados escada acima, com uma advertência a cada degrau, pois Nico queria descer outra vez e Lientje permanecia sentada no chão, brincando com Hector.

— Vou já, Freddie! — gritou Mathilde. — Assim que as crianças estiverem lá em cima.

Freddie já estava em seu quarto, escovando as massas onduladas dos cabelos. Mathilde deveria penteá-la: fazia isso com tanta destreza. E ela se pôs a arrumar tudo — o leque, as luvas, o lenço, os sapatos de cetim azul-claro.

Um rubor nervoso espalhou-se por seu rosto límpido e pálido, enquanto se olhava no espelho e sorria, até que em cada face se formou uma pequena covinha.

— Sim; vai dar certo — disse ela.

Meia hora depois, Mathilde voltou com Martha, a criada de quarto, e Frédérique sentou-se diante do espelho, com o corpete branco de baixo e os sapatos azuis.

— Bem simples e gracioso, como da outra vez que você fez, Tilly — suplicou Frédérique, enquanto Martha lhe entregava o pente, o ferro de frisar ou um grampo, conforme eram necessários. — Oh! está muito frio aqui! Ponha alguma coisa em volta dos meus ombros, Martha!

Martha envolveu-a com uma capa de pele. Com dedos hábeis, Mathilde logo terminou a tarefa.

— Pronto! — disse ela, ajeitando a franja frisada à frente. — Simples, de bom gosto e gracioso. Está satisfeita?

Frédérique olhou para si mesma e apenas tocou os cabelos com a ponta dos dedos.

— Bastante! — disse. — E agora... meu flot de tulle.

A capa de pele foi atirada ao chão, e Martha pôs em ordem a massa confusa de roupas espalhadas pelo quarto. Mathilde ergueu a nuvem de azul delicado e, leve como um suspiro, deixou-a deslizar em torno dos ombros de Freddie.

— Há em mim algo de fada, algo de náíade! — disse Freddie, erguendo os braços; e Tilly e Martha se ajoelharam e abriram as pregas da gaze sedosa.

— Lá, lá, lá... — e os pezinhos de Freddie marcavam o compasso da melodia que ela cantarolava.

— Freddie, Freddie, fique quieta agora! Martha, um alfinete; aqui, este laço se soltou.

— Como estou, Martha?

— Docemente bonita, senhorita.

— Não parece vazio do lado, Tilly?

— Oh, claro que não; é tudo laços e fitas. Vamos, Freddie, fique quieta um instante, agora.

De repente, a porta se abriu devagar, com um rangido.

— E agora? — gritou Mathilde, impaciente; e sua cólera aumentou ao avistar Ernestine, tremendo em sua camisola branca, surgindo atrás da porta, um pouco assustada, mas com uma insolência de elfo.

— Oh, mamãe, eu queria tanto...

— Mas, Tine, é coisa para apanhar uma friagem mortal, correndo por aí desse jeito! Não sei como você consegue ser tão desobediente.

— Entre na minha cama, Tine, depressa; mas cuidado com meu corpete! — gritou Freddie. — Não se importe, Tilly, deixe-a ficar — sussurrou.

Tine se enfiou na cama e se aninhou como uma pomba nos cobertores; seus dedinhos passavam pelo cetim azul do corpete de Frédérique, que jazia sobre o travesseiro.

Mathilde encolheu os ombros com um suspiro, resignada como sempre, mas levou o corpete consigo. Madame van Erlevoort apareceu à porta aberta, farfalhando em seda moiré.

— Oh, como mamãe está bonita! — gritou Frédérique, excitada. — Você vai ver, Tilly, serei outra vez a última a ficar pronta. Apressse-se um pouco, sim?

Mathilde apertou o corpete de cetim, e Madame van Erlevoort sorriu, admirando sua ondina aérea.

Mas que rumor arrastado era aquele atrás dela? Ao se voltar, avistou Johan e Lientje, ambos entorpecidos de frio e em camisolas.

— Não; isto já é demais. É coisa para enlouquecer uma pessoa — gritou Mathilde; e deixou Frédérique em pé, com o corpete meio apertado, e correu para os pequenos malandros. — Como podem ser tão levados, todos vocês, e atormentar tanto a mamãe! Amanhã estarão todos doentes. Vamos, para cima agora mesmo!

Falou com grande irritação, e as crianças quase começaram a chorar; mas Madame van Erlevoort veio em socorro delas.

— Não faz mal, Mathilde, deixe-as ficar mais um pouquinho.

— Na minha cama... entrem, depressa! — gritou Frédérique, rindo com toda a força. — Mas não toquem no meu tule; tirem as mãos daí!

E recuou, assustada, diante das mãos estendidas dos pequenos vândalos, que ardiam de vontade de amassar a gaze vaporosa e puxar os longos laços.

Mathilde via perfeitamente que a cama de Freddie era o melhor lugar para as crianças; e assim, pela milésima vez, cedeu, enquanto, com um suspiro, se punha a apertar o corpete de Freddie. Johan e Lientje rastejaram depressa para junto de Tine, debaixo da colcha, e os três ficaram sentados, olhando, com olhos cintilantes de vida e alegria, para a fada azul.

— A senhora vai pôr alguma coisa por cima de tudo isso, titia? — perguntou Johan. — Ou vai ficar como está, nua assim?

— Ora, seu menino bobo! — gritou Tine, indignada; e deu-lhe um empurrão, de modo que ele tombou sobre Lientje, e em poucos instantes a cama de Frédérique era um caos de cobertores de lã, cachos louros, travesseiros, bracinhos e perninhas rosados à mostra, tudo rolando e se contorcendo ao acompanhamento de gritos e berros altos.

Madame van Erlevoort e Frédérique quase choravam de tanto rir da cena, para grande confusão de Mathilde, que, por mais que tentasse, não conseguia amarrar os cordões; e Madame van Erlevoort chamou Otto e Etienne, que desciam em traje de noite e sobretudos, para entrarem e olharem a cena.

— Entre aqui conosco, tio Eetje; venha, venha! — gritou Johan.

Mas Etienne recusou a honra; estava bonito demais agora para se entregar a tais algazarras.

— Você parece uma rainha das fadas, Freddie! — disse Otto, sorrindo. — Pronta para...

— Para ser levada pelo vento, hein? Mas, Tilly, você ainda não terminou esses cordões?

— Ora, Freddie, você não fica quieta nem um minuto.

Por fim Tilly estava pronta, todos estavam prontos, e Madame van Erlevoort desceu, pois a carruagem acabava de chegar.

— Agora, crianças, fiquem na cama e não saiam correndo no frio — gritou Mathilde, em tom de comando, enquanto Frédérique, com a ajuda de Martha, envolvia-se na sortie; Otto tomava conta de um leque, e Etienne, de uma luva.

— Vamos, Freddie, mamãe já desceu há muito tempo — disse Otto, batendo impaciente o leque na mão.

— Freddie, você não esqueceu nada? — perguntou Mathilde.

— Diga, onde está sua outra luva, Freddie, ou você pretende usar só uma? — gritou Etienne o mais alto que podia, para se fazer ouvir acima do ruído e da algazarra que as crianças faziam na cama.

— Oh! como vocês todos me atormentam! Já estou quase com a segunda luva posta! Martha, meu lenço! Obrigada; tudo certo? Sim? Pois bem, adeus, meus amores!

— Freddie, você esqueceu alguma coisa! — gritou Etienne.

— O que é, então?

— Seu guarda-chuva, aqui.

— Menino bobo! Mamãe está esperando na carruagem, e você me atrasa com tolices! Bem, adeus, Tilly! Adeus, queridinhos! Sim, Otto, estou indo... Adeus, Tilly, obrigada pela ajuda. Adeus, Martha!

— Divirta-se muito, senhorita.

— Divirta-se muito, Freddie.

Freddie saiu, seguida por Otto e Etienne. Ernestine saltou da cama, seguida por Johan e Lientje.

— Aqui, crianças, venham cá! — gritou Mathilde.

Atirou-lhes sobre os ombros algumas peças de roupa, xales, cobertores, tudo quanto pôde encontrar.

— E onde está a senhorita Frantzen, para vocês terem vindo todos aqui desse jeito? — perguntou, descontente.

— No quarto dela, com Nico, mamãe; Nico está dormindo — disse Tine. — Vamos, mamãe, não fique zangada.

E ergueu para a mãe os bracinhos afetuosos. Mathilde sorriu e permitiu-se ser abraçada.

— Venham agora, todos vocês, para a cama — disse, um pouco apaziguada.

— Olhe só o estado em que ficou a cama da senhorita Frédérique — disse Martha, sacudindo a cabeça. — Posso perfeitamente fazê-la toda outra vez, malandros

levados!

— Malandros bonzinhos! — gritou Lientje.

Mathilde tomou-a nos braços, e Tine e Johan seguiram atrás, tropeçando nas roupas estranhas que vestiam, e gritando de riso pelo sucesso de sua artimanha.

— Silêncio! silêncio! Ou vocês vão acordar Nico!

A senhorita Frantzen nada sabia daquilo; estava sentada perto da cama de Nico, com Hector a seus pés, ocupada em tricotar, e ficou nada pouco perturbada quando viu a caravana se aproximar. Aquelas crianças travessas, escapulirem assim às escondidas! Ela estava firmemente convencida de que todas dormiam tranquilamente no quarto ao lado.

As três foram postas na cama, trêmulas e entorpecidas, mas loucas de alegria; e a senhorita Frantzen pediu-lhes que não conversassem mais, e que dormissem.

E Mathilde inclinou-se sobre a caminha de seu Nico, que ali jazia de olhos fechados entre os cobertores, os lábios úmidos meio abertos, os cachinhos louros espalhados pelo travesseiro. Que mimo de menino!... E os outros também, verdadeiros tesouros — terríveis preocupações, é certo, completamente incontroláveis, sobretudo com ajudantes como mamãe e Freddie. Mas, ainda assim, como era feliz por tê-los, os quatro.

E inclinou-se e apenas tocou os pequenos lábios de Nico, sentindo-lhe a respiração morna e suave na face como uma carícia; e suas lágrimas caíram na testa dele, tão transparente e branca, tão macia... o menino querido...

Capítulo VI

De vez em quando, a velha Madame van Raat vinha tomar uma xícara de chá na casa do filho, no Nassauplein; era trazida em sua carruagem fechada por volta das seis e meia, e levada de volta para casa por volta das nove e meia.

Desta vez, Betsy ainda estava no andar de cima, provavelmente com Ben, como Eline assegurou à velha senhora, embora soubesse que Anna, a ama, em geral punha a criança na cama. Levou Madame van Raat para o boudoir, onde a luz suave das velas de cera descia de um pequeno lustre de cristal sobre a pelúcia violeta das cadeiras e dos divãs, e se refletia, através das gotas de vidro colorido, no espelho em frente.

— E Henk? — perguntou a velha senhora.

— Oh, ele ainda está cochilando — riu Eline. — Espere, vou chamá-lo agora mesmo.

— Não, não; deixe-o, pobre rapaz! — disse Madame van Raat. — Deixe-o dormir e converse um pouco comigo, minha filha.

Tomou lugar no sofá e olhou sorridente para Eline, que se sentou num canapé baixo a seu lado. Eline tomou entre as suas a mão fina e seca da velha senhora.

— E como vai a senhora? Tudo bem? Hoje parece uma mocinha; tão lisa, que não vejo uma única ruga em sua testa.

Madame van Raat deixou-se, como sempre, fascinar por aquela voz acariciante, por aquele sorriso ensolarado e pela expressão simpática.

— Menina travessa! Zombando da minha velhice! Elly, você devia se envergonhar!

E passou os braços em volta do pescoço de Eline e beijou-lhe a testa.

— E como vão as coisas com Betsy? Ela não é muito difícil? — sussurrou.

— Oh... na verdade, Betsy não é tão má; é apenas um pouco... um pouco precipitada, só no modo de falar, sabe. Todos os Vere têm gênio vivo, eu também; só papai eu não me lembro jamais de ter visto zangado; mas papai era um homem sem igual. Betsy e eu nos damos esplendidamente. É claro que não se pode evitar uma ou outra pequena implicância, quando se vive sempre juntas assim; acho

que, se eu morasse até com a senhora, isso também não poderia ser evitado.

— Pois eu gostaria que você viesse experimentar.

— Ora, eu lhe daria trabalho demais. Agora a senhora me acha muito agradável porque não me vê com muita frequência; mas, se me visse todos os dias...

E ela riu de leve.

— Já se viu uma menina dessas? Como se eu tivesse mau gênio!

— Oh, não, eu não quis dizer isso; mas, realmente, au fond, Betsy é uma moça afetuosa, e lhe asseguro que Henk tem nela uma esposa encantadora.

— Talvez; mas... mas, se eu tivesse tido a escolha, creio que saberia quem teria escolhido para esposa de meu filho: Betsy, ou... outra pessoa.

Pousou a mão na cabeça de Eline e lançou à moça um olhar cheio de sentido, com um sorriso débil e triste em torno da boca contraída. Eline sentiu-se um pouco assustada.

As palavras de Madame van Raat lhe trouxeram à memória seus próprios pensamentos antigos; pensamentos há muito passados e quase esquecidos, nos quais sentira aquele súbito anseio por Henk, o desejo vago de apoiar-se nele. Ah, aqueles pensamentos! Pareciam tão distantes e nebulosos, como se fossem apenas fantasmas e sombras de pensamentos. Haviam perdido todo encanto; assumiam até algo de grotesco, que quase a fazia sorrir.

— Oh, minha querida senhora — murmurou, com sua risada ondulante —, quem sabe como ele teria sido infeliz então, ao passo que agora... está um pouco debaixo do chinelo, é verdade, mas Betsy tem pés bastante pequenos.

— Silêncio... silêncio! — sussurrou Madame van Raat. — Vem alguém.

Era Henk, que abriu a porta do boudoir e se surpreendeu ao descobrir que já era tão tarde. Eline riu dele e perguntou se tivera bons sonhos.

— Você come demais, é isso que o deixa tão preguiçoso à noite. A senhora devia ver o quanto ele come!

— Aí está, mamãe, ouviu como seu filho é tratado dentro da própria casa, até por sua cunhadinha? Oh, a senhora não sabe que criança impossível ela é!

— É melhor não falar mais nisso; sua mãe não aceita ouvir nada contra mim, nem mesmo de seu querido Henk... não é? Atreva-se a dizer que estou errada!

Ela olhou para a velha senhora com tanta frescura infantil nos olhos vivos e no porte, e de todo o seu ser pareceu irradiar de súbito um brilho tão caloroso de simpatia, que Madame van Raat já não conseguiu conter-se e a abraçou.

— Você é uma querida — disse, feliz no calor cordial da afeição da velhice pelo sol radiante da juventude.

Betsy, quando desceu, desculpou-se por ter demorado tanto e perguntou se mamãe não preferiria tomar chá no salão — havia mais espaço ali.

— Paul também virá, mais tarde — disse Madame van Raat, enquanto Eline punha um escabelo de mármore sob seus pés.

— Então vocês devem fazer um pouco de música juntos, Elly, não é?

— Sim, com prazer.

Madame van Raat tirou os óculos e o trabalho de crochê, enquanto Betsy se sentava diante da bandeja de chá, reluzente de prata e porcelana. Falou sobre todos os acontecimentos do dia; sobre o baile na casa dos Eekhof, na outra noite, do qual gostara muito.

— E você também, Elly? — perguntou a velha senhora.

— Sim, imensamente. Dancei esplendidamente, e o cotillon foi muito, muito divertido.

— E você, Henk?

— Oh, Henk!

Betsy e Eline riram ao mesmo tempo. Eline exclamou que ele era robusto demais para dançar; um minueto talvez executasse muito bem, e, naturalmente, ela sabia que aquilo voltava a entrar na moda. Madame van Raat juntou-se à risada, e Henk, inteiramente despreocupado, ficou sentado bebendo seu chá, quando a campainha tocou e Paul entrou.

Contou que acabava de vir da Prince-gracht, da casa de Hovel; pretendia visitá-lo na noite anterior, mas encontrara Vincent Vere na Hoogstraat e, por isso, adiara a visita para ir tomar uma taça de vinho no alojamento de Vincent, com alguns conhecidos. Hovel lhe parecera um homem realmente muito agradável, e

combinara começar a trabalhar em seu escritório na segunda-feira seguinte.

Madame van Raat soltou involuntariamente um suspiro de gratidão por aquela visita, de que tanto se falara, finalmente ter sido feita. Da última vez que vira o cunhado, Verstraeten, julgara perceber algo como irritação quando ele falara de Paul; e, nos assuntos relativos ao filho mais novo, dependia bastante da ajuda de Verstraeten, que fora tutor de Paul durante sua menoridade.

Ao ouvir Paul falar, Betsy sentiu como se houvesse algo de muito incongruente no modo como Henk “desperdiçava” o tempo com o cavalo e os cães. Mas que podia fazer? Já lhe falara tantas vezes, e decerto aquele momento, com Madame van Raat ali, dificilmente era ocasião para tocar no assunto.

— Vamos, Paul — gritou Eline de repente —, cantamos alguma coisa?

Paul declarou-se pronto; levantou-se; Eline sentou-se ao piano. Todas as quintas-feiras eles praticavam duetos juntos, e ela já se orgulhava de seu répertoire.

Paul jamais tivera uma aula e mal sabia tocar; mas Eline lhe dava uma ou outra indicação, que ele seguia fielmente, e ela afirmava que tudo quanto ele pudesse fazer com a voz devia a ela. Ele abria a boca corretamente e mantinha a língua baixa; mas, na verdade, deveria tomar algumas aulas com Roberts. Não se podia esperar que um sujeito cantasse sem algum estudo.

— O que vamos cantar? Une Nuit à Venise?

— Está bem, Une Nuit à Venise.

Ela abriu uma pasta de música encadernada em couro vermelho, com “Eline Vere” em letras douradas na capa.

— Mas não lance tão alto seu sol agudo aqui — disse ela. — Tome-o no registro médio, não do peito. Vai soar muito mais doce. E comece bem suave, crescendo aqui e ali; e mantenha o tempo comigo no fim — o refrão, sabe. Agora, bem bonito, Paul.

Ela tocou o prelúdio do dueto de Lucantoni, enquanto Paul pigarreava de leve para limpar a voz, e ambos começaram juntos, muito suavemente:

“Ah viens la nuit est belle! Viens, le ciel est d’azur!”

O tenor leve dele soava um pouco trêmulo, mas ainda assim combinava muito bem com o anel ressonante de seu soprano puro. Era um prazer para ela cantar assim acompanhada, quando Paul estava em boa voz e aceitava conselhos.

Parecia-lhe cantar com mais sentimento quando outra voz acompanhava a sua, e sentir mais, sobretudo na repetição de uma frase como:

“Laisse moi dans tes yeux, Voir le reflet des cieux!”

Palavras em que infundia algo do ardor e da languidez de um amor italiano. Em sua mente, o dueto assumia forma mais dramática. Em sua imaginação, via-se, com Paul como tenor, deslizando nos raios radiantes da lua, numa gôndola, por um canal veneziano.

Aos olhos da mente, via-se com o traje rico de uma jovem patricia, Paul com a roupa de um pobre pescador, e os dois se amavam; e, meio sonhando, meio cantando, deslizavam pela água:

“Devant Dieu même Dire; Je t’aime Dans un dernier soupir.”

Ali vinha o refrão! Ela temia — ah, temia que Paul se perdesse. Não; Paul manteve o tempo com ela. Aquilo foi esplêndido! E as vozes de ambos morreram em uníssono:

“Dans un dernier soupir.”

— Lindo, lindo, Eline! — gritou Madame van Raat, que escutara com atenção.

— Você está em boa voz — disse Betsy.

— Agora você precisa cantar sozinha, Eline — gritou Paul, contente com o próprio sucesso.

Enquanto o dueto era cantado, Mina entrara com os jornais, o Vaderland e o Dagblad, e Henk logo se absorvera neles, virando as folhas com o máximo silêncio possível.

— Mas, Paul, você não quer cantar mais? — perguntou Eline. — Alguma outra coisa; ou está cansado?

— Prefiro que você cante sozinha, Eline.

— Oh, não; se você não está cansado, eu gostaria de outro dueto. De verdade, acho esplêndido cantar assim juntos. Você se arriscaria ao grande duo de Romeu?

— Francamente, Eline, ainda não o conheço muito bem, e é tão difícil.

— Oh, você o sabia bem o bastante outro dia; basta cantar suave e baixo, sem forçar as notas. Aqui... veja, toda esta passagem com o registro médio; não grite de modo algum.

Com um olhar ansioso, ele lhe pediu mais alguns conselhos sobre a peça, e ela lhe disse o que fazer.

— Vamos, você se arrisca? Mas não grite; isso é horrível, e... se nos perdermos, que tem?

— Bem, se você quer tentar, não me importo.

O rosto de Eline reluziu de prazer, e ela tocou o prelúdio suave do grande duo do quarto ato.

“Va! je t’ai pardonné, Tybalt voulait ta mort!”

Cantou com magnífica articulação, e Paul respondeu com seu recitativo; depois, juntos, modularam:

“Nuit d’hyménée, o, douce nuit d’amour!”

Mais uma vez a forma dramática do duo se ergueu diante dela: a partida de Juliette; Romeo, em seu traje brilhante, deitado sobre as almofadas a seus pés.

E já não era Paul, mas Fabrice, o novo barítono, quem era Romeo, e ela deixava a cabeça repousar em seu ombro:

“Sous tes baisers de flamme Le ciel rayonne en moi!”

A voz de Paul tornava-se muito trêmula e incerta, mas Eline mal a ouvia. Para sua imaginação, era Fabrice, com sua voz profunda, quem cantava; e seu próprio canto soava pleno e vibrante, tão esquecida estava de que eclipsava inteiramente o tenor.

Ali... ali vinha o gorjeio da cotovia ao romper do dia, quando, alarmada, ela perguntou:

“Qu’as tu donc—Roméo?”

— “Ecoute, o Juliette!” — respondeu Paul em tons mais firmes, depois de sua pausa.

Mas, para ela, não era a voz da cotovia, e sim os tons suaves do rouxinol; não eram os primeiros raios do sol matinal, e sim o brilho prateado da lua; e ainda era Fabrice, e a orquestra ainda ressoava nos acordes que ela arrancava do piano, enquanto, sem falar, afundavam nos braços um do outro.

Às vezes, nos breves intervalos, a realidade severa dissipava a visão de Eline, e já não era o palco nem Fabrice que ela contemplava, mas Paul, virando as páginas.

Mas de novo ela se regalava no luxo de suas fantasias; Juliette via o perigo da permanência prolongada de Romeo, incitava-o a partir, e ele respondia:

“Ah! reste encore, reste dans mes bras enlacés!”

Era uma passagem em que a fraqueza lírica de Paul aparecia mais; e Eline, despertando de seu devaneio, ouviu com um sorriso o tom melancólico com que ele a repetia.

Sentiu vergonha de tê-lo eclipsado em seu êxtase; seria mais cuidadosa. E cantou o finale menos com desespero avassalador que com suave languidez, de modo que as notas agudas de peito de Paul produziram melhor efeito que no começo; mas a visão desaparecera, o palco, o público, Fabrice, tudo se dissipara.

“Adieu, ma Juliette!”

Cantou Paul; e ela respondeu, com um leve grito ao qual ele se juntou:

“Toujours à toi!”

— Oh, como é grandioso cantar assim! — gritou Eline em êxtase; e correu até Madame van Raat, abraçando-a com súbita impetuosidade.

— Paul não canta bem, hein? Não é uma pena que não queira tomar aulas? A senhora devia obrigá-lo.

Mas Paul declarou que Eline já lhe dava aulas suficientes, e que ela acabaria matando-o com seus difíceis duos; Eline, porém, voltou a assegurar-lhe que ele se saía esplendidamente.

Betsy soltou um suspiro de alívio depois da despedida tempestuosa dos amantes de Verona, que, sob o teto baixo e os drapeados de pelúcia de seu salão, lhe soara pesado e alto demais aos ouvidos.

Em sua opinião, aquilo era uma balbúrdia terrível! Por que Eline não cantava antes alguma coisa leve e alegre de uma ou outra ópera bouffe? Depois que Eline e

Paul se sentaram, a conversa tornou-se mais geral, passando pelos on dits do dia, pelo movimento intenso das ruas antes de São Nicolau, até baterem nove e meia, quando Mina veio dizer que a carruagem estava ali.

— Está na minha hora — disse Madame van Raat, levantando-se devagar de seu assento; e Eline saiu correndo, cantarolando pelo caminho, para buscar as coisas da senhora no boudoir: uma capa circular de pele, um xale de lã, uma mantilha.

Deixou-se embrulhar bem confortavelmente por sua jovem favorita e guardou com cuidado os óculos e o trabalho de crochê na bolsinha de mão. Depois beijou todos, inclinando-se sobre eles com os movimentos lentos da velhice cansada, e Henk e Paul a ajudaram a acomodar-se nas macias almofadas de cetim da carruagem fechada.

A carruagem partiu; e nos ouvidos de Madame van Raat ainda ressoava o eco das vozes cantantes. Ela sorriu tristemente, enquanto limpava o vapor da vidraça para olhar lá fora, onde a neve jazia suja e respingada sob a luz dos lampiões de rua, e pensou no tempo em que costumava ir à ópera com o marido.

Paul ficou um pouco mais; depois, após uma boa taça de vinho depois de seus duos, saiu às pressas.

Depois que ele se foi, Eline subiu para pôr um pouco o quarto em ordem, como disse a Betsy. Estava frio na saleta de Eline, mas o ar fresco era agradável em suas faces e mãos, aquecidas pela atmosfera morna e abafada do salão.

Atirou-se sobre as almofadas persas, ergueu a mão e acariciou as folhas da azaleia. E sorriu, enquanto seus olhos se dilatavam num olhar sonhador, quando seus pensamentos voaram outra vez para Fabrice, com sua barba e sua voz esplêndida.

Que pena Betsy não se importar mais com a ópera! Iam muito raramente, e, contudo, ela a amava com tanta paixão. Sim; daria a entender a Madame Verstraeten, de modo elegante, é claro, que não se importaria de ser convidada de vez em quando para acompanhá-la; o sr. Verstraeten nunca ia, e Madame geralmente convidava alguém para um lugar em seu camarote — às vezes Freddie, às vezes Paul —, por que não ela?

De repente saltou de pé, como se uma ideia a tivesse atingido: na noite anterior, Fabrice aparecera em Guilherme Tell. Saiu correndo do quarto e inclinou-se sobre o corrimão da escada.

— Mina, Mina! — gritou.

— Sim, senhorita — respondeu Mina, que passava pelo vestibulo com uma bandeja cheia de taças de vinho.

— Traga-me os jornais, se o senhor e a senhora já os leram, sim?

— Sim, senhorita.

Voltou para dentro e atirou-se novamente no sofá. E riu de si mesma ao sentir o coração bater de expectativa. Que ideia! Afinal, que podia aquilo importar-lhe? Lá vinha Mina, subindo a escada. Trouxe o Vaderland e o Dagblad.

— Aqui está, senhorita.

— Obrigada, Mina — disse Eline com indiferença, e tomou os jornais languidamente.

Mas mal a criada fechou a porta atrás de si, Eline abriu o Vaderland e, com olhos cintilantes, começou a procurar a coluna de artes e letras. Então leu:

“A ÓPERA FRANCESA.

Depois de suas atuações em Hamlet e em Le Tribut de Zamora, ninguém poderia duvidar de que o sr. Théo Fabrice encontraria favor aos olhos dos assinantes da Ópera Francesa; e não podemos deixar de nos admirar de que tenham sido registrados ainda três votos contra o brilhante barítono.

Mais uma vez, em Guilherme Tell, o sr. Fabrice deu ampla prova de sua aptidão para ocupar o posto de barítono na Grande Ópera daqui, e sinceramente nos alegamos com sua contratação. A um órgão poderoso e bem cultivado, o artista alia grande capacidade dramática. No duo com Arnold (Ato I) e no grande trio, na scena com Jemmy, Fabrice deu provas notáveis de uma perfeição raramente encontrada em nosso palco.”

E Eline sorriu e assentiu, aprovando. Era verdade, exatamente verdade — e leu o artigo até o fim, alegrando-se com o sucesso dele; depois voltou-se para ver o que o Dagblad dizia a seu respeito.

Capítulo VII

Os Ferelyn ocupavam o andar superior de uma pequena casa sobre uma mercearia na Hugo de Grootstraat. Ali viviam numa atmosfera apertada e deprimente de economia; Frans herdara muito pouco dos pais e, por isso, era obrigado, com a esposa, a viver de um pequeno salário enquanto estava de licença.

Instalaram-se na Haia, cidade em que ambos haviam vivido desde a infância, onde se haviam conhecido, onde esperavam ainda encontrar seus antigos amigos e suas velhas relações, embora Frans tivesse expressado a opinião de que fariam melhor em passar a temporada numa cidade menor.

Mas o pai de Jeanne, o sr. van Tholen, também vivia na Haia, de sua pensão, levando uma vida solitária, pouco visitado pelos amigos e gradualmente abandonado pelos filhos, à medida que estes se casavam ou conseguiam colocações. Por isso Jeanne persuadira o marido, apesar da bolsa magra, a permanecer na Haia. Seria econômica, prometeu; e manteve a palavra, embora por natureza não fosse muito inclinada a isso. Assim ficaram na Haia, apesar de muitas decepções.

Nos quatro anos em que não se haviam visto, Jeanne encontrou o pai muito envelhecido, mais descontente e irritadiço do que o conhecera antes. Os tempos de outrora tinham passado e ido embora, pensava ela: sua juventude feliz na antiga casa ensolarada, com a mãe e os irmãos e irmãs; suas travessuras inocentes com as colegas de escola; seus sonhos de moça sob o lilás e o jasmim do jardim; os dias de noivado, cheios de fantasias ideais, com Frans.

As lembranças que esperara encontrar na Holanda estavam espalhadas ao longe como folhas ressequidas; e, por mais que, nas Índias ardentes, tivesse ansiado pela umidade e pela neblina da pátria, agora, curvada sob suas decepções e sua economia forçada, aguardava com expectativa o retorno àquela vida prática e tranquila que levava no Kadoe, com sua vaca, suas aves e sua cabra.

E, contudo, corajosa apesar das mil e uma pequenas contrariedades que assediavam sua vida diária, ela continuava lutando. O doutor Reyer visitava sua Dora dia sim, dia não; mas ela imaginava perceber no jovem e popular médico uma pressa nervosa que o fazia contar cada minuto da visita.

Ele ficou apenas um instante, encostou o ouvido ao peitinho de Dora, assegurou a Jeanne que a tosse estava passando, insistiu para que não permitisse à criança sair de casa, e partiu em sua carruagem fechada, enquanto fazia uma anotação em sua carteira de bolso com um lápis de estojo dourado e corria os olhos pela lista de pacientes.

Quanto a Frans, com suas fortes dores de cabeça e a febre baixa, Reyer o encaminhara a um médico em Utrecht, a quem descrevera minuciosamente o caso do paciente; e Frans fora a Utrecht e voltara muito insatisfeito com o modo vago como o médico lhe falara.

Sempre que o doutor Reyer vinha visitar Dora, Frans saía, irritado com ele e com o médico de Utrecht, que, entre os dois, haviam sido incapazes de curá-lo; e enterrava suas dores de cabeça e seus contínuos calafrios numa solidão áspera, entre as quatro paredes de seu pequeno gabinete particular no primeiro andar.

Algo como uma pontada de consciência o tomava quando ouvia Jeanne, no andar de cima, conversando com o médico; e Dora, de seu modozinho rabugento, chorava nos esforços para escapar ao suplício do exame; mas ele não se movia. Todos os médicos eram charlatães, sabiam falar com muita sabedoria, mas não conseguiam curá-lo quando alguém estava doente. Jeanne conduziu o médico escada abaixo, ainda conversando, e Frans, em seu gabinete, ouviu Reyer perguntar por ele, ouviu-a dizer alguma coisa e chamar a criada para acompanhá-lo à porta.

Então, quando a carruagem se afastou, ela entrou.

— Estou atrapalhando? — perguntou, com sua voz suave e contida.

— Não, certamente que não; por quê?

— Por que você não subiu por um instante, Frans? Reyer perguntou por você.

Ele encolheu os ombros.

— Para quê? — disse, irritado.

— Eles mandam você a essas celebridades de Leiden ou Utrecht, que o fazem pagar um tientje por uma conversa de dois minutos.

— Mas o que você quer, então? Não pode esperar ser curado por magia de uma moléstia de que sofre há dois anos. Acho que você deveria fazer mais por sua saúde do que fez nestes três meses em que estamos aqui. Você veio à Europa com

esse propósito, não veio?

— Certamente; mas primeiro preciso encontrar alguém em quem possa depositar mais confiança do que em Reyer. Reyer é um médico à la mode, uma recomendação dos van Raat, muito polido e distinto, mas superficial e apressado demais para mim. Ora, ele vai embora antes que se tenha tempo de vê-lo.

— Mas você não fala francamente com ele. Eu lhe pergunto sobre Dora e o obrigo a ficar mais tempo; e, de verdade, agora que nos conhece melhor, parece demonstrar mais interesse por nós. E todos dizem que ele é inteligente; não são apenas os van Raat que acreditam nele.

— Bem, veremos; ainda há muito tempo. Às vezes você é exatamente como uma gota d'água numa pedra, sempre pinga, pinga, pinga. Vive martelando, martelando essa história de médico — gritou ele, impaciente e insatisfeito consigo mesmo; e abriu a pasta de escrever, como se quisesse dar-lhe a entender que não tinha mais tempo.

Ela saiu e fechou a porta suavemente atrás de si.

No andar de cima, no quarto das crianças, encontrou a única criada da casa, uma moça de dezesseis anos, de avental sujo e cabelos desgrehados, fazendo as camas, enquanto Dora, com os dois meninos, Wim e Fritsje, brincava no quarto ao lado.

— Vou fechar a porta, assim você pode arejar o quarto, Mietje — disse Jeanne.

Fechou as portas de dobrar e, com um sorriso, sentou-se junto das crianças, a uma mesa perto da janela, inteiramente coberta de meias pequenas, aventalinhos e vestidinhos, todos por remendar.

Ah! que crianças cansativas e gastadeiras eram aquelas, sem dúvida! Ela suspirou; sua mãozinha fina e magra remexeu entre as peças, e seus olhos se encheram de lágrimas.

Por que não era mais forte? Como teria gostado de dar conta de todos os seus deveres domésticos! Agora lhe parecia tão difícil arrancar-se à apatia em que sentia afundar, como num abismo escancarado; à languidez sem vida que parecia envolvê-la como braços de veludo. E, contudo, havia tanto a fazer que ela não se atrevia a entregar-se a devaneios ociosos, nem a revolver suas velhas lembranças, espalhadas ao longe, como tantas cinzas apagadas, e esquecer-se de si mesma na saudade das ilusões de outros tempos.

A realidade severa encarava-a de frente, sob a forma de um grande rasgão no vestido de lã de Dora e da roupa lavada que esperava ser contada antes de seguir para a lavanderia. Ainda assim, mesmo agora, enquanto sua mão remexia nas mezinhas e nos coletes pequenos, deixava-se atrair cada vez mais para o macio acolchoado de sua apatia; não reunia energia alguma para pôr-se ao trabalho e não ouvia as vozes agudas e briguentas das crianças.

Gostaria tanto de ter infundido uma torrente de sol, uma riqueza de harmonia, em seu humilde lar; mas não era fada, e sentia-se tão fraca mesmo agora, já incapaz de resistir às pequenas contrariedades da vida, que não ousava esperar um futuro muito mais róseo. De fato, quando pensava no futuro, era sempre com medo e tremor, enquanto um terror vago tomava diante de sua imaginação uma forma indefinível, tão terrível e medonha que ela não encontrava palavras para descrevê-lo.

A cabeça lhe caiu sobre a mão, e de vez em quando uma lágrima pingava sobre a roupa branca diante dela. Oh! como seria doce seu sono, se lhe coubesse apenas a carícia de alguém que a amasse, alguém em cujo afeto ela se sentisse a salvo de todo perigo! E pensou em seu Frans, e em como ele lhe pedira que fosse sua no jardim deles, sob o lilás em flor; e agora ela o irritava, e se tornara como uma gota d'água sobre a pedra — pinga, pinga, pinga.

Ah! ela sabia; não o fizera feliz; era uma grande decepção para ele, mas não era culpa sua se ele julgara encontrar nela mais do que ela possuía: uma mulherzinha tola, simples e fraca, com grande necessidade de muito, muitíssimo amor e ternura, e com alguma poesia sentimental em sua pequena alma. E, suspirando, ergueu-se e disse às crianças que não fizessem tanto barulho; papai estava lá embaixo com dor de cabeça.

Então procurou em volta, sobre a mesa, sua cesta de costura, mas a deixara na saleta; por isso encarregou Dora, como uma menina grande, de cuidar por algum tempo dos irmãozinhos. Costumava falar com a criança como se fosse uma filha adulta, e Dora muitas vezes a ajudava, muito satisfeita por mamãe achá-la tão útil. Jeanne desceu então para a saleta e começou a procurar a cesta, quando Frans entrou.

Ele a ouvira descendo a escada e quis vê-la por um instante, tomado por um sentimento de remorso. Aproximou-se sem que ela percebesse, suavemente, nas pontas dos pés calçados de chinelos. Tomou-a de leve pelos braços.

Ela se assustou por um momento e, quando ergueu os olhos, viu nos dele aquela própria ternura por que ansiava; e, com um sorrisinho em que quase se escondia algo como medo, ele lhe perguntou:

— Você está zangada?

Os olhos dela de repente se umedeceram; ela aninhou a cabeça no ombro dele, passou o braço em torno de seu pescoço e sacudiu a cabeça.

— De verdade, não?

Ela tornou a sacudir a cabeça, rindo em meio às lágrimas que caíam, e fechou os olhos chorosos, sentindo o bigode dele nos lábios quando a beijou.

Como ele se arrependia depressa quando fora indelicado, e que luxo era poder perdoá-lo!

— Vamos, então não chore; não foi tão grave assim.

Ela deu um suspiro de alívio e se agarrou mais a ele.

— Se você for apenas um pouquinho doce e bom para mim... oh, então eu me sinto tão... tão forte, então me sinto capaz de tudo.

— Querida mulherzinha!

Ele tornou a beijá-la, e, sob o amor quente de seus lábios, ela esqueceu o frio glacial do quarto sem fogo, que a fazia estremecer enquanto se agarrava aos braços dele.

Capítulo VIII

Era cinco de dezembro, e desde a manhã cedo reinara durante todo o dia entre os van Erlevoort uma agitação misteriosa, uma excitação alegre, sussurros jubilosos, inquietos esconderijos longe de olhos curiosos.

Pouco depois das sete da noite chegaram os Verstraeten; os dois primos, Jan e Karel, que haviam participado dos tableaux, vinham com eles. Depois chegaram os van Raat e Eline, seguidos da velha Madame van Raat e de Paul; Henk, porém, e Jan Verstraeten não entraram no salão, mas desapareceram misteriosamente num pequeno armário onde Marie e Lili já haviam deixado um pacote de trajes.

No grande salão, Madame van Erlevoort recebia seus convidados, acolhidos com júbilo pelos pequenos van Ryssel e por Hector; e nem Mathilde nem a senhorita Frantzen conseguiam deter o barulho ensurdecedor.

— Ora, por que vocês não trouxeram Ben? — perguntou Madame van Erlevoort a Betsy, indignada.

— De fato, madame, Ben é pequeno demais; tem apenas três anos, lembre-se, e hoje ficará muito tarde.

— Ele poderia ter voltado com nossa Martha. É uma pena; eu tinha uma coisa para ele que lhe cairia perfeitamente — disse Madame van Erlevoort, em tom de desapontamento.

No salão em frente, onde as moças, com Otto, Paul e Etienne, conversavam e riam, houve um movimento, e os pequenos van Ryssel ergueram os olhos com curiosidade nervosa. Martha acabava de entrar e, sorrindo, dissera alguma coisa a Frédérique.

— Agora, crianças e todas as boas pessoas — gritou Frédérique, com expressão digna —, silêncio! São Nicolau chegou e quer saber se pode entrar. Vocês concordam, mamãe?

Todos se mantiveram o mais sérios possível, entre muitos olhares furtivos aos pequenos van Ryssel. Enquanto isso, São Nicolau fez sua aparição em sua túnica branca e longa capa vermelha ornada de galão dourado. Tinha cabelos e barbas longos e brancos, e na cabeça trazia uma mitra dourada.

Com grande dignidade fez sua entrada na sala, apoiado no báculo, e atrás dele vinha o pajem negro, vestido com um traje que aqueles que haviam presenciado os recentes tableaux na casa dos Verstraeten provavelmente reconheceriam. As três criadas e Willem os seguiram como retaguarda e permaneceram na sala, observando. Os adultos todos se inclinaram, com um sorriso consciente, diante de monsenhor bispo.

São Nicolau murmurou uma saudação e, quase tropeçando na túnica imensamente comprida, caminhou até o sofá onde a velha Madame van Raat e Madame Verstraeten estavam sentadas, cercadas por Madame van Erlevoort, sr. Verstraeten, Mathilde, Betsy e Otto. Ninguém se incomodou em levantar-se, e Madame van Erlevoort recebeu o ilustre visitante com um sorriso da maior familiaridade.

— Por que vovó não se levanta? — sussurrou Ernestine, admirada, erguendo para Marie o rostinho delicado e inteligente. — Pensei que ela fosse se levantar quando entrasse um senhor tão velho e estranho.

— Mais, écoute donc, comme elle est fine! — sussurrou Marie a Eline, que estava ao seu lado.

Mas Eline não ouviu; ria com Paul e Etienne de São Nicolau, cuja túnica certamente estava caindo, e já lhe cobria inteiramente os pés, enquanto uma mecha de cabelo louro se tornava visível entre as madeixas grisalhas e a mitra. Então São Nicolau ergueu sua voz profunda e cheia e, com um puxão enérgico, prendeu a túnica no cinto, fazendo sinal aos pequenos van Ryssel para que se aproximassem.

Eles não estavam inteiramente seguros daquela história, mas, quando São Nicolau tomou uma das sacolas das mãos de seu pequeno criado e, abrindo-a, começou a espalhar o conteúdo pelo chão, os rostos das crianças se iluminaram de alegria; esqueceram o medo e, todos juntos, atiraram-se ao chão, tropeçando em Hector, para apanhar o que pudessem encontrar — biscoitos de gengibre, figos, nozes, laranjas, chocolate.

— Apanhem, apanhem — gritou São Nicolau, encorajando-os —, ainda temos muito mais; olhem aqui! Vamos, meninos grandes, vocês também não querem alguma coisa?

Os primos Verstraeten não esperaram por segundo convite e se juntaram à disputa.

— A senhora guarda para mim, vovó? — gritou Nico, despejando uma torrente de guloseimas no colo da avó. — Então vou buscar mais!

— Nico, Nico! — protestou Mathilde.

— Não faz mal — disse Madame van Erlevoort, bondosamente.

São Nicolau e o pequeno pajem sacudiram seus grandes sacos, que aos poucos haviam ficado cada vez mais murchos, e viraram-nos do avesso, como prova de que estavam completamente vazios.

— Oh, agora vamos para a sala de jantar! — gritou Ernestine, saltando e batendo as mãozinhas de prazer.

— Oh, sim; para as nossas mesinhas! — acrescentou Johan.

Todos se levantaram e seguiram o Santo e as crianças até o pequeno salão; as moças riam disfarçadamente da peruca de São Nicolau, que escorregava, mas o Santo gritou aos criados e a Willem:

— Depressa, abram as portas; rápido!

As portas de dobrar foram abertas, e as crianças irromperam na sala bem iluminada onde, em lugar da mesa de jantar, estavam agora quatro mesinhas; em cada uma delas jazia um nome em letras de chocolate, e sobre cada uma se erguia uma torre de brinquedos.

Os Verstraeten e os van Raat sussurraram aos criados, e seus presentes para os pequenos também foram trazidos, um a um — aros, chicotes, bolas, soldadinhos de chumbo e uma vaca que dava leite. Enquanto isso, São Nicolau e seu pequeno pajem se retiraram; e, como já era quase oito e meia, Mathilde considerou que estava na hora de encerrar a brincadeira. Mas nem com a ajuda da senhorita Frantzen ela conseguiria atingir seu objetivo com muita rapidez.

As crianças se atrapalharam ao tentar juntar brinquedos e guloseimas; do bolso de Ernestine caiu uma chuva de nozes no chão; os soldadinhos de chumbo de Johan não conseguiam voltar para a caixa, e Lientje com seu aro e Nico com uma trombeta correram pela sala, seguidos por Hector, sem se preocuparem muito com o restante de sua propriedade, espalhada por todos os lados.

— Vamos, crianças — gritou Mathilde —, depressa agora; está chegando a hora de dormir.

Mas eles não ouviam nada; os pequenos van Ryssel, loucos de alegria, corriam de um lado para outro, espalhando na mais selvagem desordem os brinquedos que os outros haviam reunido, e Frédérique juntou-se à brincadeira, tomando Nico às costas, enquanto ele fazia dela um cavalo e lhe batia nas costas com o chicote. Os pequenos Verstraeten também correram atrás de Tina e Johan, pelo vestibulo de mármore, fazendo uma debandada furiosa com suas botinhas.

Mathilde apertou as mãos em desespero. Ninguém lhe dava atenção. A senhorita Frantzen ajudava a criada com os brinquedos, e as moças riam com Paul e Etienne. Felizmente, avistou Otto, que conversava com Betsy e Madame Verstraeten, e caminhou até ele, tomando-lhe a mão.

— Oh, pelo amor de Deus, Otto, ajude-me; as crianças realmente precisam ir para a cama, e nem sequer me escutam. Mamãe também não ajuda nem um pouco.

Madame van Erlevoort, de fato, naquele momento estava no outro cômodo, muito ocupada em encher de leite, água e açúcar o serviço de chá de brinquedo de Lientje, enquanto a velha Madame van Raat e o sr. Verstraeten observavam a cena com grande divertimento.

— Ah, entendo; Otto terá de fazer outra vez o papel de bicho-papão — disse ele, bem-humorado.

— Não, não de bicho-papão; mas, de verdade, vou enlouquecer se você não vier me socorrer. Já viu criaturas tão incontroláveis como esses meus filhos, Betsy? Você vem, Otto?

Betsy riu.

— É melhor o senhor ir afirmar sua autoridade de tio, sr. van Erlevoort — disse Madame Verstraeten.

Otto acompanhou Mathilde, primeiro até Freddie.

— Vamos, Freddie, Nico precisa ir para a cama. Vamos, Nico, depressa; amanhã você poderá cavalgar outra vez nas costas da titia. Para baixo, Hector!

— Você não tem nada a ver com minhas costas, está ouvindo? — disse Freddie. — Está ouvindo, vovozinho? Vamos, Niek, o vovozinho diz que precisamos parar.

Nico obedeceu, fazendo beijo, enquanto pedia sua trombeta. Otto foi ao vestibulo, onde conteve os dois mais velhos em sua corrida desenfreada.

— Vamos, Tine e Jo; mamãe quer que vocês vão para a cama agora. Não sejam desobedientes, senão vão deixar mamãe zangada.

— Quanta coisa ganhamos este ano, tio! — gritou Ernestine, sem fôlego.

Mathilde entrou no vestibulo, conduzindo Nico e Lientje pela mão.

— Imagine só, lá estava mamãe, tranquilamente brincando de tomar chá com Tine — disse ela, e seu rosto desesperado fez Otto sorrir. — De verdade, se fosse meia-noite, mamãe...

— Mamãe, querida, não devemos dar boa-noite primeiro a todo mundo? — gritou Johan.

— Não, não! — exclamou Mathilde, tomada de terror, segurando firme as mãozinhas. — Eu darei boa-noite a todos por vocês. Obrigada, Otto.

Ela lhe fez um aceno amistoso, e ele respondeu com outro, com seu sorriso cordial e seus olhos francos. Então Mathilde levou as crianças para cima.

— Então a senhora suporta todo esse barulho e tumulto? — perguntou a velha Madame van Raat a Madame van Erlevoort; e olhou para ela sorrindo, mas admirada, com seus olhos tristes e sem brilho.

Houve uma calma súbita depois do êxodo das crianças.

Deixaram a sala de jantar, onde os brinquedos ainda estavam espalhados; o aposento foi fechado, e os convidados passaram ao salão duplo, onde Madame van Erlevoort serviu o chá.

— Se consigo suportar, madame? Eu me sinto reviver com isso; isso me rejuvenesce. Preciso da vida da juventude em torno de mim. Nunca passei tempo mais triste do que quando minhas filhas e meu filho Théodore se casaram, embora ainda me restassem três filhos. Mas preciso ver esses pequenos seres esvoaçando ao meu redor; nada mantém a gente em condição mais luminosa do que sua alegria selvagem. Posso servir-lhe outra xícara?

Madame van Raat entregou a xícara e invejou Madame van Erlevoort por sua vivacidade juvenil em meio aos cabelos grisalhos.

Comparou-a consigo mesma e com sua própria solidão melancólica, cujo efeito sentia com força dobrada depois de sua antiga vida de felicidade sem nuvens; sua existência presente se destacava em contraste cruel com a velhice cercada de

alegria daquela avó feliz.

— E a senhora não sabe como lamento ver tão pouco os seis de Théodore. O rapaz é apaixonado pela vida no campo e não quer nem ouvir falar quando tento persuadi-lo a vir morar na Haia.

— Sua filha na Inglaterra tem apenas um filho, não tem? — perguntaram Madame Verstraeten e Madame van Stralenburg.

Madame van Erlevoort inclinou-se para Madame Verstraeten e sussurrou algo misterioso em seu ouvido, enquanto, em resposta ao sr. Verstraeten, que lhe acenava sorrindo, piscou os olhos com malícia.

Em seguida, Madame van Erlevoort contou como os pequenos van Ryssel haviam colocado seus sapatos na véspera, quando Henk e Jan Verstraeten entraram, ambos sorrindo, e Henk com o rosto muito vermelho. Mathilde também voltou, e muitas coisas agradáveis foram contadas sobre as crianças.

De repente, houve uma campainhada furiosa na porta da casa. Todos os olhos se voltaram para a porta quando ela se abriu. Willem, Truitje e Rika, entre os três, arrastaram para dentro da sala uma grande caixa, levando-a até Madame van Erlevoort.

— Oh! — exclamou Frédérique. — É a caixa de Londres!

Madame van Erlevoort informou a Madame van Raat que todos os anos, em São Nicolau, seu genro Howard lhe enviava uma grande caixa contendo alguma coisa para todos. Willem, armado de pé de cabra e torquês, e auxiliado por Etienne, retirou os parafusos e pregos. Todos ficaram atentos, e começou a chuva de presentes. Eline fez uma pequena pilha com os seus.

Oh, como a estavam mimando, declarou ela, radiante de sorrisos.

Da mão de Martha, Eline tomou outro pacote; desfez devagar o barbante, procurando cautelosamente ao redor algum selo, alguma letra solta ou cifra que lhe desse uma pista do remetente. Mas nada encontrou dessa espécie; o endereço dizia apenas: “Mdlle. E. Vere”.

Era um estojo de couro cinza; abriu-o, perguntando-se quem poderia tê-lo enviado. Dentro, repousando sobre veludo cinza, jazia um leque de madrepérola lindamente entalhada. Ela o tomou e o abriu devagar; fitou-o com admiração.

— Bucchi! — disse baixinho, ao ler o nome do pintor na parte inferior. — Bucchi!

O leque era, de fato, pintado pelo artista italiano: uma fantasia de rosas e fadas sobre fundo de cetim marfim.

— De quem pode vir isto? — disse ela. — Que esplêndido!

Todos se levantaram, todos se comprimiram em torno de Eline, que mantinha o leque cuidadosamente aberto, e o presente precioso atraiu admiração geral. Eline estava espantada. De Madame van Raat recebera um conjunto de perfumes, isso ela sabia; de Henk e Betsy...

— Betsy querida, devo agradecer a você por isto? — perguntou, levantando-se.

Betsy sacudiu a cabeça.

— Parole d'honneur, não fui eu, Eline.

É claro que recebera uma pulseira de Betsy e Henk; mas quem, então, enviara aquele leque?

— Seria de... Vincent, talvez? — perguntou.

— De Vincent? Não, não; de onde você tirou essa ideia agora? Que rapaz faria um presente desses? Deixe-me vê-lo.

Eline lhe entregou o leque.

— É realmente magnífico — disse Betsy.

Eline sacudiu a cabeça, completamente sem pista. Enquanto isso, o leque passava de mão em mão, e Eline examinava atentamente o rosto de cada um, mas não conseguia colher o menor sinal em ninguém.

De repente, porém, Frédérique ergueu a cabeça, com uma expressão de surpresa no rosto. Recompôs-se depressa e, com aparente indiferença, aproximou-se de Eline.

— Posso ver o estojo por um instante? — perguntou.

Eline lhe entregou o estojo, e Frédérique examinou e apalpou avidamente o couro cinza e o veludo cinza.

— Você tem a menor ideia de quem poderia ter me enviado isso? — perguntou Eline, erguendo os braços num desespero fingido.

Frédérique deu de ombros e pousou o estojo.

— Não... de verdade, não sei — disse, com certa frieza; e olhou com alguma curiosidade para os olhos cor de avelã de Eline.

Uma antipatia indefinível pareceu-lhe irradiar daqueles olhos de gazela e esconder-se naquele desespero fingido diante do doador desconhecido. Ela não lançou outro olhar ao leque admirado por todos e, durante o resto da noite, ficou mais quieta do que jamais estivera.

A torrente de presentes cessara.

Madame van Erlevoort pediu aos convidados que deixassem seus dois salões terrivelmente desarrumados, cheios de papel, palha, farelo e lixo, quando Willem mais uma vez abriu as portas da sala de jantar, e a mesa, já posta para a ceia, pareceu bastante alegre e convidativa.

Foi uma ceia alegre e animada. O sr. Verstraeten divertia Madame van Erlevoort e Betsy, entre as quais estava sentado, com suas piadas, e Mathilde, ao lado de Betsy, muitas vezes se juntava às risadas.

Henk, sentado entre a mãe e a tia, não queria nada; enquanto Otto e Eline estavam profundamente empenhados numa conversa, e Etienne tagarelava ruidosamente com Lili e Marie.

— Freddie, como você está quieta, chère amie — disse Paul, ao se apoderar de uma salada de lagosta, procurando em vão fazer falar sua pequena vizinha, em geral bastante animada. — Talvez não tenha recebido presentes suficientes a seu gosto?

— Quieta? Eu estou quieta? Como pode dizer uma coisa dessas? — respondeu Freddie, e começou a tagarelar com uma animação avassaladora, que soava como eco da de Etienne.

Mas ainda havia algo de artificial nisso; sua risada nem sempre era franca; e de vez em quando ela lançava um olhar furtivo para Eline, sentada ali, brilhante em sua beleza, em conversa viva com Otto.

Sim, havia algo muito fascinante nela, algo do encanto de uma sereia; seus belos olhos sonhadores semicerravam-se quando ria, enquanto a linha suave dos lábios delicados se perdia em duas pequenas covinhas. E aquelas belas mãos, aparecendo tão brancas por entre a renda negra e os laços vermelho-escuros do corpete, e aquele diamante de aspecto coquete, uma única pedra brilhante, tremendo como uma gota de cristal no tule negro em torno de sua garganta.

Sim, Frédérique a achava enfeitiçante; mas, ainda assim, não podia evitar: achava-a antipática; e, quase com ansiedade, seus olhos seguiam os de Otto, cujo olhar parecia cravado na sereia.

Enquanto isso, porém, continuava rindo e conversando com Paul, com Etienne, Lili e Marie; e a velha Madame van Raat declarou, do outro lado da mesa, que o arquiduque da alegria da família sustentava perfeitamente sua reputação.

O champanhe corria para as taças, e o sr. Verstraeten bebeu um brinde à anfitriã eternamente jovem, com seus belos cabelos brancos, e agradeceu-lhe com um beijo pela noite divertida.

Eline e Otto beberam juntos a algum brinde cujas palavras Frédérique não conseguiu ouvir, e que de bom grado teria dado seu melhor presente para compreender; mas, ainda assim, não perguntou.

— Etienne, que barulho você está fazendo! — gritou, com certa impaciência, para o irmão, que, com toda a força dos pulmões, cantava alguma coisa sobre — “Buvons jusqu’à la lie!” — enquanto seu copo quase derramava o conteúdo sobre o prato de Lili.

Mas, tão logo o disse, arrependeu-se; por que os outros não haveriam de se divertir, se ela não podia?

A ceia terminou; as carruagens esperavam pelos convidados, que partiram um a um, carregados dos presentes que cada qual recebera.

Mathilde sentia-se cansada e logo subiu, enquanto Madame van Erlevoort e Otto arrumavam juntos os presentes.

— Em que estado ficaram os quartos! — disse Frédérique, chutando para o lado uma caixa de papelão.

Então se aproximou da mesa; ah, onde estava o leque? Eline o levava consigo. Depois beijou a mãe e Otto, despenteou de brincadeira os cabelos de Etienne e levou seus presentes para cima.

Devagar se despiu, tão devagar que o ar frio a fez estremecer. E, ao se enfiar trêmula sob os cobertores, tornou a ver Eline diante de si, em toda a sua graça enfeitiçante, de renda negra, sorrindo para Otto.

Tudo começou a girar diante de seus olhos, como um caleidoscópio confuso — Henk, vestido de São Nicolau, com a túnica caindo, Jan Verstraeten como o

pequeno pajem, a caixa de Londres, o leque de Bucchi.

Capítulo IX

Alguns dias depois da noite de São Nicolau, Eline saiu certa tarde, levando o pequeno Ben pela mão.

Na noite anterior, estivera, junto com Madame Verstraeten, Marie e Lili, na ópera, para ver *Il Trovatore*; e naquela manhã pedira a seu velho resmungão de mestre de canto que a acompanhasse em “*La nuit calme et sereine*”. Ele sacudira a cabeça; não gostava daquelas árias de bravura da escola italiana, a respeito das quais Eline muitas vezes discordava dele; ela achava Bellini, Donizetti, Verdi música graciosíssima e melodiosa, como se escrita para seu soprano ressonante.

Ele, por outro lado, considerava-as infantis, com suas melodias leves, ondulantes e aéreas, e não se cansava de discorrer sobre a profundidade mais rica de Wagner. Mas ela o tinha completamente na mão, e ele tocava tudo que ela desejasse.

— Vamos, Ben, ande direito, seja bonzinho! — disse Eline ao menininho robusto.
— Vamos, acompanhe a titia. Não é gostoso entrar em todas essas lojas bonitas?

Na noite anterior, na ópera, durante a cavatina do Conde de Luna, uma ideia lhe surgira na mente. Na vitrine de um fotógrafo, notara alguns retratos de Fabrice em diferentes papéis e trajes, e um desejo súbito a tomou de possuir um. Por isso agora estava a caminho de comprar um dos retratos.

E sorriu consigo mesma, como se saboreasse o prazer secreto daquilo, enquanto o imaginava com sua grande e pesada figura, seus belos cabelos e sua barba negra. Como era glorioso ser ator!

De Fabrice, seus pensamentos voltaram para o novo leque, que ela usara na noite anterior. Betsy achara que fora muito tola em levá-lo consigo antes de saber quem era o doador, mas ela não dera atenção às objeções da irmã; ao contrário, achava haver algo de fascinante naquela incerteza, que exercia uma atração peculiar sobre sua natureza romântica; de fato, já formara para si uma pequena narrativa romanesca a partir daquele pequeno incidente.

Fabrice a notara no camarote dos Verstraeten; ficara completamente cativado por ela; dali em diante era somente para ela que cantava, e seu coração se enchia de desapontamento sempre que não a via na ópera. Fora ele quem lhe enviara o leque, com sua inscrição modesta: “*Mlle. E. Vere*”; vira-a usar o leque na noite anterior, e, em alguma ocasião, certamente se trairia por um olhar ou por certa

nota no canto.

Ela sorriu de seus próprios romances, da extravagância de sua fantasia.

Lembrou-se de que, no verão passado, na academia de pintura, vira vários leques de Bucchi, e agora também recordava com que admiração os contemplara e como expressara o desejo de possuir um.

Quem teria tido a delicada atenção de atender a esse desejo? Com quem fora àquela exposição? Com Emilie de Woude, talvez com Georges — certamente Georges não poderia ter... — ou com seu mestre de dança, que a pedira em casamento, mas que ela recusara? Oh! era estúpido demais; não, não pensaria mais nisso — um dia saberia.

Pela Parkstraat e pela Oranjestraat, chegara ao Noordeinde e estava perto da loja de gravuras quando, de repente, ocorreu-lhe a ideia: o lojista não acharia absurdo uma moça comprar semelhante retrato? Não; jamais teria coragem.

Mas já estava diante da vitrine, atrás da qual massas de gravuras, fotografias, grupos de estatuetas em mármore e terracota e numerosos objetos de arte variados se exibiam em elegante confusão; atores e atrizes, cantores e pintores, com os nomes afixados: Estelle Desveaux, Moulinat, Théo Fabrice.

— Vamos, Ben — disse, e empurrou suavemente a criança para dentro.

Havia algumas senhoras na loja, escolhendo fotografias, e elas olharam para Eline. Ela não podia evitá-lo, mas de fato achou que corava sob o véu de tule branco.

— Posso ver alguns cartões de Ano-Novo, como aqueles da vitrine? — perguntou ao lojista. — Não toque nessas estatuetas, Ben.

Mostraram-lhe uma porção de cartões. Ela os examinou com atenção, tomou-os com as pontas dos dedos bem enluvados e pôs alguns de lado. Depois olhou ao redor, notou um monte de retratos e, com sua indiferença lânguida, apanhou-os. Os de Fabrice estavam entre eles.

Qual escolheria? Aquele de aparência melancólica, no traje de veludo negro e gola de renda, representando Hamlet? Aquele outro como Tell? Não, este, como Ben-Saïd, o papel em que o vira pela primeira vez. Mas levaria também aquele de Moulinat, o tenor, e de Estelle Desveaux, a contralto; assim não se notaria que viera expressamente por Fabrice. Mas então podia perfeitamente levar também

outro de Fabrice, como Hamlet.

— Pode me dar estes cartões e estes quatro retratos?

— Devo enviá-los à senhorita?

— Oh, não, eu os levo. Quanto é tudo?

Pagou o dinheiro, tomou o envelope em que o vendedor os encerrara e deixou a loja com Ben, sob a firme impressão de que as senhoras, ainda ocupadas com as fotografias, a olhavam como se pudessem ler seus pensamentos mais íntimos.

Um brilho de prazer tomou o rosto de Eline assim que se viu do lado de fora.

Por fim, reunira coragem para fazer o que havia muito decidira, e falou com Ben de uma maneira doce e maternal. E quando, ao chegar à Hoogstraat, viu Jeanne Ferelyn, em sua capa de inverno larga como um saco e seu modesto chapeuzinho preto, caminhando do outro lado da rua sem notá-la, tomou Ben pela mão e, atravessando rapidamente entre duas carruagens, cumprimentou Jeanne com cordialidade sorridente.

Caminharam alguns passos juntas, e Jeanne lhe contou que Dora ia melhorando bem, mas que se vira obrigada a contratar uma ama-seca, pois nem sempre podia deixar as crianças aos cuidados de Mietje, tão desleixada e descuidada, e que isso lhe havia apertado um pouco as finanças. Eline obrigou-se a prestar atenção ao relato de suas últimas preocupações; mas logo Jeanne começou a falar com mais animação de Frans, do pai e do doutor Reyer, com quem agora estava se entendendo melhor.

Então, ao ver com que simpatia Eline a olhava e com que doçura falava com Ben, Jeanne revolveu algumas lembranças dos tempos de escola, e as duas riram de suas travessuras infantis e das cerejas que ela costumava tirar da capa de Eline. Jeanne irritou-se consigo mesma por ter formado impressão tão desfavorável de Eline quando a encontrara no jantar dos van Raat; agora a achava inteiramente natural e amável.

— Mas não quero detê-la mais, Eline — disse ela, parando de repente. — Tenho de fazer umas comprinhas sem importância, encomendar algumas panelas e um jarro de leite. Mietje anda quebrando umas coisas.

— Oh! eu não tenho nada a fazer, caminho com você até lá, se não me achar de trop, e se Ben não estiver cansado. Está cansado, homenzinho? Não, hein? Oh! ele

é tão bom para caminhar!

Continuaram andando, e Jeanne encomendou as panelas, enquanto Eline entrou na loja de porcelanas e escolheu para ela um jarro de leite.

Ao mesmo tempo, sua mente continuava a girar em torno de Fabrice, e às vezes sentia um desejo irresistível de abrir o envelope e olhar seus retratos. Era tão apaixonadamente afeita à música, e Fabrice cantava com tanto pathos, com tanto mais sentimento que os outros atores. Ele ainda era jovem, pensava; um dia seria famoso e faria seu *début* em Paris. Jeanne nunca ia à ópera e provavelmente ainda jamais o vira.

Será que ela, Eline, o encontraria um dia na rua? E como ele pareceria em roupas comuns? Sim; certa manhã fingiria ter uma visita cedo a fazer em algum lugar e passaria diante da ópera. Talvez houvesse ensaio e, nesse caso, provavelmente encontraria alguns dos artistas perto do prédio.

Absorvida nos próprios pensamentos, nem sempre ouvia o que Jeanne dizia; mas continuava a olhar para ela, enquanto caminhava ao seu lado, com aqueles olhos simpáticos e aquele sorriso cativante, que estavam entre os maiores encantos de Eline. Enquanto isso, haviam dobrado a esquina, e, ao chegar à Hoogewal, ela se despediu de Jeanne.

— Bem, adeus; logo irei visitá-la, Jany. Dê lembranças minhas a Ferelyn, está ouvindo? Vamos, Ben, aperte a mão da senhora.

Em seu anseio por afeto, Jeanne sentiu algo como um brilho grato de calor ao som daquele nome, Jany; parecia um eco de dias antigos, quando, menina, todos a chamavam de Jany. E voltou depressa para a Hugo de Grootstraat, cheia de ânimo, ansiosa por estar outra vez em seu pequeno lar, com o marido e seus queridos filhinhos.

Eline sorriu consigo mesma ao passar pelo Willemspark a caminho de casa. Os galhos nus acima de sua cabeça cintilavam de geadas brancas, e o ar gelado estava claro e parecia cheio de ecos vagos. Sentiu um impulso forte de dar expressão à felicidade naquela atmosfera livre, numa explosão de canto jubiloso. Estaria então um pouco apaixonada — por aquele...? Não, não, era absurdo demais; era apenas que ele cantava bem!

Capítulo X

O fogo flamejante projetava sombras grandes e trêmulas, como espectros negros dançantes, nas paredes e no teto do quarto escuro. De vez em quando, um clarão momentâneo pairava em torno de um jarro antigo de prata, ou corria ao longo de um aparador entalhado que, como uma vaga massa escura, preenchia um canto do aposento, ou brincava em torno de um conjunto de velhas porcelanas, ou de um par de vasos antigos sobre a lareira.

Vincent Vere jazia estendido no sofá e olhava em volta, de olhos semicerrados, cada vez que havia um tremular de luz pelo quarto. Aquela estranha penumbra dominante, penetrada por lampejos irregulares de luz rubra, fazia-o esquecer agradavelmente seus aposentos prosaicos, onde algum objeto de vertu que lhe pertencia gritava em contraste com a respeitabilidade puída dos móveis. E ficou por algum tempo a cismar naquele crepúsculo dantesco. Nos últimos dias sentira-se muito gasto e exausto.

Uma languidez parecia entorpecer-lhe os membros; era como se água morna, e não sangue, lhe corresse pelas veias; às vezes uma névoa parecia pender-lhe diante dos olhos, de modo que não podia nem agir nem pensar. As pálpebras caíam lívidas e moles sobre os olhos azul-claros sem brilho; o lábio inferior pendia pesadamente, e em torno da boca pequena havia uma expressão muito dolorosa.

Sentira-se assim muitas vezes, mas dessa vez atribuía aquilo à atmosfera da Haia, que quase o sufocava; ansiava por mais espaço e mais ar, e não compreendia por que fora a uma cidade que sempre tivera tão pouca atração para ele.

Sim, lembrava-se — através da névoa de sua exaustão — de que desejara um intervalo de repouso depois de todas as suas inquietas peregrinações; mas já agora, apesar do cansaço, sentia um estímulo nervoso para a ação, uma espora interior a impeli-lo novamente a lançar-se num turbilhão de mudança. O repouso e a monotonia exerciam sobre ele um efeito entorpecente, e, apesar da fraqueza, sentia-se continuamente excitado ao movimento e à ação, por um anseio insaciável de um horizonte sempre mutável.

E, contudo, faltava-lhe energia para dedicar-se com decisão a qualquer espécie de trabalho, enquanto sua natureza mutável o arrastava sem cessar numa busca inquieta por algum ambiente, alguma esfera ou ocupação em que pudesse

sentir-se em casa, e que ele sempre deixava de encontrar. As duas semanas que passara na Haia pareciam-lhe uma era de ennuí.

No dia seguinte ao encontro com Betsy e Eline na ópera, fora tomar café na casa dos van Raat e pedira a Henk que lhe emprestasse 500 florins; todos os dias esperava algum dinheiro de Bruxelas, dissera, e o devolveria na primeira oportunidade.

Henk, embora soubesse que ele era extremamente esquecido nesses assuntos, não gostou de recusar e entregou-lhe a quantia; assim Vincent continuou a viver, num dia deixando o dinheiro escorrer-lhe pelos dedos como água, no outro hesitando, com economia parcimoniosa, em gastar um dubbeltje, enquanto as remessas de Bruxelas continuavam a não chegar.

Com o futuro, pouco se inquietava; sempre levava uma existência da mão para a boca; conhecera dias de luxo em Smyrna e sofrera privações em Londres e Paris; mas, quaisquer que fossem as circunstâncias em que se encontrasse, aquele desejo febril de mudança o espicaçara, numa insatisfação contínua com o presente; e naquele momento, enquanto vivia de seus 500 florins, sentia-se tão sem nervos que o próprio peso de sua apatia às vezes quase o fazia esquecer a fraqueza.

Então continuou cismando, fitando a escuridão, iluminada aqui e ali pelas chamas rubras quando saltavam da lareira e caíam em relevo espectral sobre os móveis ocultos na sombra. Cismava, no mais frio pessimismo.

Por que deveria ser diferente do que era? Tornaria a precisar de dinheiro e o conseguiria de algum modo; por que não? Não havia bem nem mal no mundo; tudo era como devia ser, o resultado inevitável de uma cadeia ininterrupta de causas e razões; tudo que existia tinha direito de existir; ninguém podia alterar o que era ou viria a ser; ninguém possuía livre-arbítrio; cada um era apenas um temperamento diferente, e ninguém podia agir senão de acordo com as exigências e a natureza desse temperamento, influenciado pelas circunstâncias e pelo ambiente; isso, e somente isso, era a verdade, embora a humanidade, com seu idealismo infantil, eternamente a tagarelar sobre virtude e provida de um punhado de poesia religiosa, procurasse sempre escondê-la.

— Grandes céus! que vida é esta! — pensou, e seus dedos vaguearam pelos cachos castanho-claros. — A vida, ao menos a que levo agora; um ano dela me mataria ou me deixaria louco. Amanhã igual a hoje, nada senão uma monotonia vazia.

E atirou-se num oceano de lembranças, enquanto pensava em tudo que vivera; e cenas de muitos climas e imagens de várias cidades lhe subiram à mente.

— E, contudo, que luta, que labuta para absolutamente nada — murmurou; seus olhos se fecharam, enquanto rapidamente um véu parecia descer sobre sua memória, e gotículas leves de suor se formavam em sua testa. Havia um zumbido em seus ouvidos e, de repente, um espaço vago, terrível em sua extensão, desenrolou-se diante de seus olhos fechados. Mas aquele estado de fraqueza, quase à beira de um desmaio, durou apenas alguns segundos; e um suspiro profundo lhe escapou do peito.

Ouviu-se um ruído de passos rápidos na escada e uma voz alegre trocando uma saudação com a senhora da loja de fantasias no andar de baixo. Ele esperava alguns conhecidos naquela noite. A porta se abriu.

— Diabo, como está escuro aqui! Isto parece o inferno, com esse fogo terrível. Onde você está escondido, Vere? — gritou Paul van Raat, parado junto à porta aberta.

Vincent levantou-se, caminhou até ele e segurou Paul pelos ombros.

— Aqui, velho amigo, não se assuste. Espere, vou acender a lâmpada.

Procurou alguns fósforos, acendeu duas lâmpadas antigas sobre a lareira e piscou os olhos, ofuscado pela luz súbita.

O halo dantesco que pairava sobre o quarto logo foi dissipado pela luz amarela de petróleo, mas o fogo claro e ardente ainda parecia sociável, embora o aparador antigo, com o jarro de prata e alguns objetos de arte orientais, parecesse dolorosamente deslocado entre os móveis antiquados de veludo vermelho de Utrecht, puído, e as antigas peças de porcelana parecessem outros tantos aristocratas fora do lugar em meio às gravuras feias e baratas e às oleogravuras comuns que forravam as paredes.

Era a primeira vez que Paul entrava na morada de Vincent, e olhou com admiração para o jarro e os pratos de porcelana.

— Sim, não são maus; o jarro está rachado, mas o trabalho é muito fino, está vendo? Chamei hoje um velho negociante judeu; quero me livrar dessas coisas. Veja, só ocupam espaço. Ele deve vir amanhã. Ou talvez você gostasse delas? Estão disponíveis.

— Não; meu quarto — ou meu ateliê, se preferir — já está cheio demais.

— Bem, alguns pratos a mais ou a menos...

— Não; obrigado.

— Afinal, prefiro vendê-los ao judeu. Talvez consiga passá-lo um pouco para trás, e, claro, não gostaria de fazer isso com você.

— Muito obrigado. E supondo que ele seja esperto demais para você?

— Bem, então ele é que terá me passado para trás, eis tudo. É sempre assim no mundo, não é? Você já tomou chá, suponho?

— Sim... não, obrigado; não importa. Mas diga-me, quanto tempo pretende ficar na Haia?

Sentaram-se, e Vincent encolheu os ombros. Na verdade, não sabia; ainda não recebera informação alguma sobre a colocação na fábrica de quinino em Java; mas ouvira dizer que dariam preferência a um químico, coisa que ele não era. Portanto, muito provavelmente desistiria da ideia; além disso, não achava que o clima indiano lhe faria bem. Nesse meio-tempo, ficar na Haia para encontrar alguma coisa ali estava fora de questão.

Já começava a se cansar da Haia — era tão kleinstättig; todos conheciam todos, ao menos de vista, e por toda parte encontrava as mesmas pessoas, intensamente enfadonhas! Ainda não decidira o que fazer, mas esperava cartas e remessas de Bruxelas. E concluiu perguntando a Paul se poderia emprestar-lhe cem gulden por um ou dois dias. Paul pensou que conseguiria, mas ainda não podia dizer com certeza.

— Você realmente me faria um favor; saberei de você amanhã, então? Ou acha que sou indiscreto?

— Oh, não; de modo algum. Sim, está bem, verei amanhã.

— Bem, agradeço desde já. Sabe que os dois Erlevoort e de Woude vêm esta noite. Convidei-os para vir tomar uma taça de vinho — disse Vincent, em tom alterado.

— Sim; vi-os esta tarde no Witte — respondeu Paul.

Vincent recostou-se no velho banco vermelho, e a luz da lâmpada lançou um reflexo amarelado sobre suas feições amareladas, enquanto uma expressão de preocupação se formava em torno da boca. Paul foi impressionado pela notável

semelhança de Vere com seu tio Vere, pai de Eline, quando ele se reclinou e ergueu o braço atrás da cabeça, num gesto que observara frequentemente em Eline.

Pouco depois, algum tempo após as nove, chegaram Georges de Woude van Bergh e Etienne van Erlevoort; este último se desculpou pelo irmão, que fora impedido de vir.

Otto não sentia simpatia alguma por Vincent, embora jamais tivesse tido com ele qualquer desentendimento; com seu próprio caráter prático e viril, nunca perturbado em seu equilíbrio saudável, com sua brusquidão cordial, não podia cultivar amizade por um homem que, em sua opinião, se entregava por completo a uma hipersensibilidade mórbida, sem fazer o menor esforço para erguer-se dela. Otto era uma das poucas pessoas que Vincent não conseguia atrair para si.

Quase todos, ao entrar em contato com ele, sentiam consciência de algo que repelia ao mesmo tempo que atraía; algo como um veneno doce e sedutor, como os vapores dominadores do ópio.

Suas viagens contínuas haviam dado a Vincent grande conhecimento da natureza humana, ou antes, tato para lidar com toda sorte de pessoas; e, quando queria, podia assumir qualquer caráter adequado às circunstâncias, com a mesma facilidade com que uma serpente se enrosca em várias voltas, ou com que um ator interpreta diversos rôles.

Mas Otto, com um orgulho involuntário de sua própria força sadia, que sempre ia direto ao objetivo, desprezava Vincent por causa da fascinação venenosa que este tinha o poder de espalhar em torno de si, e à sedução da qual os outros eram incapazes de resistir. Em pouco tempo, uma fumaça azulada encheu o quarto, pois Vincent oferecera charutos a todos, embora ele próprio não fumasse. Tirou do armário duas garrafas de St. Emilion, abriu-as e colocou quatro copos sobre a mesa.

Etienne, com sua animação habitual, sentou-se a contar história atrás de história, com tal quantidade de mímica e gestos, e com um tempero tão forte de patois juvenil, que adquiria um pouco o ar de um cantor de café chantant. Paul e Georges riam.

Mas Vincent encolheu os ombros, com um sorriso blasé, e, enquanto enchia os copos, murmurou com desprezo, em sua voz leve:

— Que criança você é, Eetje, Eetje!

Etienne, porém, não deu atenção ao comentário e continuou suas histórias, tornando-as cada vez mais picantes à medida que avançava, enquanto os outros escutavam e apreciavam o bouquet do vinho. Mas Vincent não conseguiu resistir à tentação de troçar dele.

— Que menino levado é esse jovem Erlevoort, falando dessas coisas, hein? Que belo tratante! — disse; e a risada zombeteira em torno de sua boca era encorajadora demais para que Etienne desistisse.

Vincent tornou a encher os copos, e Georges elogiou o vinho. Ele nunca tinha muito a dizer quando estava entre rapazes; em geral entregava-se a um prazer tranquilo. Era apenas para a companhia das senhoras que reservava todo o brilho de seu espírito cintilante.

Vincent lhe fez uma ou duas perguntas sobre seu trabalho no Ministério das Relações Exteriores.

— Suponho que um dia será ligado a alguma legação ou outra — disse.

— Muito provavelmente — respondeu Georges.

— Bem, de todo modo, é uma posição que lhe dá a chance de ver alguma coisa do mundo. Mas como alguém pode passar a vida inteira num escritório, não consigo conceber. Isso me mataria. Veja Erlevoort, por exemplo — quero dizer seu irmão, Eetje.

— Deixe Otto em paz — disse Paul. — Ele tem uma grande carreira pela frente, você verá.

— Sim, sabe, Otto foi talhado para ministro de gabinete ou governador-geral — ao menos é o que mamãe sempre diz. Só eu sou o proscrito da família — gritou Etienne.

— Sim; o filho mimado, não é? — riu Vincent. — Até onde está nos estudos?

— Oh, vou indo bem. Não estou na universidade, sabe, estudo na Haia.

— E acha tão agradável assim a Haia em julho? — perguntou Vincent, em tom de desprezo.

— Sim; não é tão ruim.

— Como, em nome do céu, isso é possível? Vocês são muito fáceis de satisfazer, devo dizer, ou melhor, não têm a menor ideia do que seja o mundo. A Haia me dá sono e me embota; há algo de sonolento na atmosfera.

— Isso é culpa sua, suponho — riu Paul.

— Talvez; e talvez também seja minha culpa achar que a vida que vocês levam aqui mata a alma. Ora, que é que fazem aqui, gostaria de saber? Ficam correndo continuamente em um pequeno círculo, como um cavalo de carrossel na Kermis. Se têm uma colocação, fazem sempre exatamente as mesmas tarefas, e, quando acabam, os mesmos divertimentos os esperam à noite. Meu Deus! que insipidez!

— Mas o que queria que fizéssemos, então? — perguntou Georges.

— Quanto a mim, podem continuar vegetando aqui, se quiserem; mas não compreendo que vocês nem sequer queiram ver alguma coisa do mundo.

— Ora, veja você mesmo; você viu o mundo, como diz, não viu? E que ganhou com isso? É um faz-tudo e mestre de nada; e até agora não alcançou resultados muito brilhantes! — gritou Paul, um pouco mal-humorado com a maneira desdenhosa com que Vincent se referira a ele.

Por trás do monóculo, um brilho irado saltou dos olhos azul-opacos de Vincent, enquanto seus lábios finos se fechavam.

— E você está esquecendo seus deveres de anfitrião, com toda essa filosofia — gritou Etienne, apontando para o copo vazio.

— Suponho que o fato é que tenho um temperamento mais excitável que vocês — disse Vincent, em voz lânguida.

Tornou a encher os copos, afundou-se cansado ao lado de Georges, e seus olhos vaguearam pelo quarto, apáticos.

O ambiente ficava muito quente, e a fumaça do tabaco pairava em nuvens espessas junto ao teto. Vincent abriu a porta. Etienne, que não suportava muito vinho, ficara muito excitado; havia círculos vermelhos em torno de seus olhos, e ele quebrara o copo. Georges e Paul continuavam a se divertir com suas pilhérias. Vincent, porém, escutava-o com um sorriso tênue.

E em sua mente surgiu um estranho assombro, um assombro diante do fato de que um homem conservasse sempre a própria individualidade, sem o poder de se

transformar na personalidade de qualquer outro.

Muitas vezes, sem a menor causa, via-se perdido nessa admiração, em meio à companhia mais alegre, e era tomado por uma sensação indescritível de ennuí diante do pensamento de seu destino inevitável de permanecer sempre o que era — Vincent Vere; de nunca poder transformar-se em algum ser inteiramente diferente, que respirasse sob circunstâncias inteiramente diversas e numa esfera inteiramente diversa.

Gostaria de haver atravessado várias fases da vida, existido em diferentes épocas e buscado sua felicidade em metamorfoses continuamente mutáveis. E esse desejo lhe parecia, ao mesmo tempo, muito infantil, por causa de sua impossibilidade ridícula, e muito nobre, pela grandiosa inalcançabilidade que envolvia; e acreditava que ninguém, além dele, alimentava semelhante desejo, julgando-se muito elevado acima dos outros.

Em suas cismas, parecia-lhe que os três outros estavam muito afastados dele, como se deles o separasse a névoa de fumaça.

Uma sensação de leveza atravessou-lhe subitamente o cérebro; era como se visse todos os objetos com cores mais vivas, como se a risada e a conversa deles lhe soassem mais altas e metálicas aos ouvidos, como se o sabor do tabaco, misturado ao aroma do vinho, assumisse um odor mais pungente, enquanto as veias nas têmporas e o pulso latejavam como se fossem estourar.

A excitação de seus nervos continuou por alguns segundos; então viu os convidados olhando-o entre risos e, embora não tivesse compreendido uma só palavra do que diziam, também riu de leve, para que pensassem que partilhava de sua diversão.

— Diga, Vere, isto aqui está ficando infernalmente abafado; meus olhos ardem com a fumaça — disse Georges. — Não poderíamos abrir uma janela?

Vincent assentiu com a cabeça e fechou a porta, enquanto Paul, sentado junto à janela, a abria. Uma rajada de ar frio entrou rapidamente.

Lá fora reinava grande silêncio; de vez em quando ouviam-se vozes acompanhadas de passos medidos, ou uma cantiga de rua aguda reecoava pela quietude. O ar frio trouxe Vincent completamente de volta a si, e seus estranhos desejos desapareceram agora que os nervos se acalmavam.

Agora, pelo contrário, invejava nos três aquele mesmo Nirvana físico e moral que pouco antes contemplara com tanto desprezo: em Paul, invejava a saúde vigorosa, apenas um pouco enervada por certo esteticismo lânguido; em Georges, a calma equanimidade e o espírito satisfeito; em Etienne, a alegre juventude.

Por que, de fato, não era como eles, saudável, satisfeito e jovem? Por que não desfrutava a vida como ela era? Por que estava sempre à procura de alguma coisa que nem ele próprio conseguia definir? Era quase uma hora quando os três rapazes se levantaram, e Paul declarou que precisariam levar Etienne para casa, pois sua excitação inicial dera lugar a um estado de melancolia, e ele falava continuamente em suicídio.

— Diga, Eetje, você está com a chave? — perguntou.

— Chave? — perguntou Etienne, com olhos fixos e opacos e voz rouca. — Chave? — repetiu, refletindo. — Sim, no bolso, sim... uma chave... no bolso... aqui...

— Vamos embora, então — disse Georges.

Etienne aproximou-se de Vincent e segurou-o pelos ombros, enquanto os outros escutavam divertidos.

— Adeus, Vere, obrigado por sua hospi... hospitalidade. Sempre gostei de você, Vere; você é um sujeito e tanto, está ouvindo, Vere? Sinto muita, muitíssima simpatia por você, está ouvindo? Ainda esta tarde, no Witte, eu dizia — Paul estava lá e me ouviu — eu disse, Vere, que seu coração está no lugar certo. Eles o julgam mal, Vere, mas...

— Vamos, allons! — gritaram Paul e Georges, impacientes, segurando-lhe o braço.

— Encurte isso.

— Não, não; deixem-me dizer o que tenho a dizer... Eles o julgam mal, Vere; mas não dê atenção, meu velho; comigo é a mesma coisa, eles também me julgam mal. É triste, muito triste, mas assim é; adeus, Vere; boa noite, Vere; durma bem.

Vincent acompanhou-o até a porta com uma vela acesa, e Etienne caminhou até os degraus, apoiado entre Georges e Paul.

— Vere, tome cuidado agora. Não vá apanhar frio parado à porta, e não dê atenção; eles o julgam mal, mas eu tomarei seu partido...

Vincent assentiu sorrindo para Georges e Paul e fechou a porta.

— Sujeito danadamente agradável, esse Vere! — balbuciou Etienne.

Capítulo XI

Depois das quatro horas, os Verstraeten costumavam estar em casa para os amigos íntimos, e Eline fez muitas visitas agradáveis a Marie e Lili. O pai delas certamente estaria lendo no jardim de inverno; a mãe, ocupada no andar de cima ou no de baixo; Marie, arrumando alguma coisa na casa em lugar de Dien; e Lili, recostada com um livro em algum canto aconchegante.

Embora Eline preferisse Marie como amiga, gostava da calma constante de Lili, como um riacho límpido não perturbado por uma única onda. Sentia uma alegria e um prazer estranhos ao contemplar aquela serenidade pacífica; aquilo a descansava, e ela achava que devia ser delicioso nunca pedir nada, mas aceitar as coisas como viessem.

Marie era viva e luminosa, boa dona de casa, com um talento bonito para vestidos, e nada mimada, embora sempre fizesse tudo à sua maneira. Aquele pequeno círculo parecia a Eline uma companhia encantadora, e ela não conseguia compreender por que nem Frédérique nem Marie haviam aceitado a proposta de casamento de Paul — Lili, como todos diziam, já era casada com o pai e a mãe.

Paul ia lá todos os dias e ajudava as moças de mil pequenas maneiras, mas afinal fora mesmo ao escritório de Hovel, como desejava o tio Verstraeten. Eline, ao saber que esse arranjo se concretizara, achou que o mundo era, em suma, um lugar bastante agradável para se viver, embora, naturalmente, um dia fosse um tanto mais prazeroso que outro.

Ela prezava em especial aqueles dias nos Verstraeten, geralmente seguidos por uma apresentação na ópera, aonde Madame Verstraeten sempre ficava contente em levá-la, parecendo encontrar prazer em mimar um pouco a graciosa Eline.

Não havia muitos dias de inverno em que Eline se sentisse mais em seu elemento do que naquela casa, alegre com o brilho das duas moças encantadoras, a benevolência majestosa da mãe, as palavras joviais do velho senhor e a atmosfera cálida de afeição mútua que parecia impregnar todo aquele círculo doméstico.

— Eline adora todos vocês — disse Madame Verstraeten.

— Até a loucura! — declarou Eline, em sua voz rica e gutural; e dizia isso não apenas a Marie e Lili, mas também a Cateau van der Stoor, que muitas vezes vinha tomar chá, sempre trazendo consigo sua maneira doce e francamente

admiradora.

Aos olhos de Eline, Cateau possuía uma pequena alma na qual havia espaço apenas para respeito e reverência por umas poucas pessoas, muito poucas, que ela era capaz de admirar: a mãe, como poetisa, como a Safo da Holanda; Lili, Marie e Frédérique, como suas amigas mais brilhantes. E agora Eline também encontrara ali um nicho.

A princípio, Cateau de modo algum se sentira atraída por Eline; achara-a vaidosa e pudica, com seus grandes ares e toaletes elegantes. Mas, certa vez, Eline a acariciara por um instante e a chamara de “queridinha”; e um calor estranho e felpudo se espalhou em torno do coração de Cateau.

Como todos os que a conheciam sabiam dessa tendência idólatra de seu caráter, as amigas a consideravam coisa natural, sem atribuir grande valor à sua adoração, embora não negassem por um instante que aquilo tinha algo de cordeirinho e era bastante lisonjeiro.

Eline, porém, achava aquilo encantador em Cateau, sobretudo porque ela já não era criança, mas havia feito seu *début* e ia a bailes. Era como um pequeno botão de rosa apenas se abrindo, com curiosidade tímida, ao sopro balsâmico dos primeiros dias de primavera, delicado e fragrante demais para desdobrar todas as folhas em pleno sol.

E o polimento muito liso e suave de sua exclamação — “Oh, que lindo!” — sugeria aquela espécie doce de admiração despejada sobre uma prima-dona famosa por uma mocinha que a observa e venera da galeria superior. Isso agradava extraordinariamente a Eline, que se sentava ao lado de Cateau e conversava com ela, observando como o rosto da menina, sob os cabelos louros, lisos e macios, com olhos azuis, lábios vermelhos e covinhas de prazer e enlevo, se voltava pouco a pouco para ela.

— Sim, eu gostaria de ser como você — disse Cateau.

E Eline sorria, fazia uma perguntinha repentina e arrancava alguma palavra daquele coração de menina, cheio de admiração, sem um único pensamento voltado para si mesmo.

A serenidade dos Verstraeten e a admiração de Cateau, ou os ensaios vespertinos com Paul, ou a ópera italiana e seus devaneios em torno de Fabrice, eram todos elementos de prazer numa vida que, durante algumas semanas, continuou a

sorrir para Eline, com apenas lágrimas ocasionais. Um ou dois arrufos com Betsy, é verdade, haviam-na feito chorar à noite, por pura pena de si mesma; mas, em geral, seus dias passavam em confortável sorriso.

Vincent estava muitas vezes na casa, e sua presença lhe dava grande prazer. Henk mostrava-se mais disposto a recebê-lo à noite do que Betsy, e havia no primo alguma coisa que, depois da conversa alegre e irrefletida da tarde, parecia harmonizar-se com sua própria disposição mais séria; ele era mais infeliz, pensava com mais profundidade, era mais rico em experiência do que qualquer pessoa que ela já conheceria.

Em sua conversa, sobretudo quando estavam a sós, ela encontrava um encanto estranho, e ambos descobriam continuamente novos laços de simpatia nos gostos e opiniões um do outro. Isso a agradava, pois, em geral, seus sonhos vagos, a substância diáfana de suas ilusões e sua fantasia luxuriantes careciam de uma forma definida em que pudessem encarnar, e ela via nele a forma realizada de muitas de suas próprias imaginações.

Ele amava a música, embora se importasse sobretudo com um espírito leve e volátil a pairar sobre o fundamento profundo da melodia e da harmonia. Quando Eline cantava para ele o Don Juan de Mozart, ele parecia ouvir não apenas seu soprano metálico, cristalino como sino, mas experimentar em si mesmo os mesmos sentimentos que a haviam agitado quando, ao piano, evocava sonhadamente as cenas da ópera nas regiões nebulosas de sua imaginação.

Mas Vincent era muito mais alegre em companhia, quando sua veia de sarcasmo estava mais viva. Quando as moças estavam todas reunidas, e Cateau também vinha, entregavam-se plenamente a um fogo cruzado de espírito e mexericos, que voava de um lado para outro por cima de uma xícara de chá.

Todos os on dits da Haia eram ali reunidos, e todas as personalidades mais aristocráticas ou conhecidas eram casualmente comentadas em seus aspectos divertidos ou ridículos. Quando Marie e Lili estavam presentes, em geral se encontravam nos Verstraeten, enquanto Eline e Betsy apareciam de vez em quando, e Frédérique e Cateau raramente deixavam de vir.

Em companhia como aquela, Eline era um ser perfeitamente feliz, como uma criatura feita de primavera e luz do sol.

O Natal viera e passara; Eline cantara o “Glória a Deus” de La Nuit de Noël nos Verstraeten, e o Ano-Novo despontara. Passar o dia de Ano-Novo fazendo visitas

no gelo e na neve era para ela um deleite.

As moças elegantes, que durante semanas haviam procurado algum jovem talentoso para escoltá-las na rodada das visitas de ponte, estavam todas radiantes enquanto percorriam as ruas em landaus apinhados e eram recebidas em todas as casas com sherry e bolo.

E Eline, envolta em peles caras, sentia-se quente e confortável, embora ao mesmo tempo um pouco orgulhosa, enquanto se recostava no landau, com Marie e Lili sentadas à sua frente, e Paul na boleia ajudando o cocheiro.

Era um dia luminoso, e às vezes, no céu azul-pálido, o sol aparecia tenuemente por trás de uma grande massa de nuvens brancas e lanosas, margeadas de prata. A neve, ligeiramente pisada pelos primeiros transeuntes, não tardou a ser revolvida pelas rodas de inúmeras carruagens, transformada em lama e respingada sobre os trottoirs e os degraus das casas.

O bom humor de Eline não a abandonou durante toda a tarde. Feitas as visitas, deram lugar a Paul ao lado delas no landau e seguiram para Scheveningen, a fim de ver o mar arrebear com violência na praia, o céu densamente salpicado de nuvens baixas e as dunas cobertas de neve, brancas. Pouco a pouco a névoa subiu sobre a água e, no crepúsculo crescente, o mar pareceu um grande fantasma.

As longas férias de Natal chegaram por fim ao término, e todos respiraram aliviados diante de perspectivas mais assentadas e regulares. Nada mudara muito; havia sempre uma porção de coisas a ver e resolver: visitas a fazer ou receber, recepções noturnas e jantares, concertos e bailes.

Houve uma discussão violenta entre Eline e Betsy a respeito das economias que deveriam começar com o Ano-Novo e continuar o mais rigorosamente possível; mas, por enquanto, nenhum resultado apareceu. Betsy não reduziu a verba dos vestidos, e continuaram as festas habituais e as assinaturas comuns para obras de caridade. Ainda assim, as coisas talvez comessem a mudar em fevereiro, e Betsy e Eline concordaram ambas em ser muito cuidadosas e econômicas. Era agora meados de janeiro.

Enquanto isso, Fabrice continuava a ocupar todo o espírito de Eline como um ideal sombrio, como mero fantasma artístico. Permanecia forte a impressão que ela acalentara, de que recuaria diante dele se o visse em circunstâncias cotidianas.

Nesse meio-tempo, porém, tentava encontrá-lo quase todas as manhãs. Entre meio-dia e uma hora, quando o ensaio da ópera geralmente terminava, passava diante do teatro ou pela rua que saía da entrada dos artistas, com o véu espesso sobre o rosto e com um passo tão rápido e regular que ninguém poderia supor que fora ali de propósito.

No entanto, mal o via aproximar-se, erguendo a gola de pele, com uma bengala grossa na mão, e já tomava uma rua lateral, ou examinava atentamente as modas numa loja de chapéus, ou olhava para o céu, como se se perguntasse se a chuva logo começaria, enquanto o coração lhe batia no peito como os martelos de uma máquina em movimento acelerado.

Uma ou duas vezes, porém, não tivera tempo de evitá-lo; e ele, ao vê-la, fizera uma reverência, enquanto seus olhos repousavam nela apenas uma fração de segundo a mais do que seria necessário para o ligeiro cumprimento de um conhecido comum.

Na primeira vez, por causa das poças, ela tivera de ficar por um momento à beira da calçada, e ele passara rente diante dela, com passo elástico, um movimento oscilante de toda a figura, mais impressionante num homem de seu tamanho do que numa pessoa esguia e mais jovem. Na segunda, quase se chocara com ela, e ele se afastara para deixá-la passar; o sobretudo cinza-claro dele a roçara quando ergueu o chapéu, e ela sentiu um leve arrepio correr-lhe pelos nervos.

Sempre que ia à ópera e o via em todo o seu esplendor dramático, o prestígio das luzes da ribalta e do ouropele ajudava a evocar lembranças de seu canto e de sua atuação.

Foi depois de uma dessas caminhadas, quando tivera sorte excepcional e o encontrara duas ou três vezes em quase tantas esquinas, que chegou em casa à hora do almoço, com todo o seu ser saturado de uma felicidade cor-de-rosa.

Assim que entrou, Betsy também descia a escada, irritada e de mau humor; afastou a saia quando dois dos cães de caça de Henk voaram para cima dela, latindo, seguidos pelo marido.

— Você está realmente intolerável, Henk, com esses cães — exclamou, depois que ele a beijou, alegremente tolerante com seu humor. — Quantas vezes já lhe disse que não quero esses animais no salão?

— Ora, Bet, eles não vão comer você.

— Podiam. E eu não os quero aqui! Hector, venha cá! — gritou a senhora. — Venha cá, beleza! Venha, então! Onde estão Dien e Mina?

— Imagino que Dien esteja na cozinha, e Mina lá em cima.

— É vergonhoso. Essas criadas estúpidas nunca fazem nada direito. Se as pessoas não têm criados, não deveriam ter casa! Venha cá, Hector; você está com as patas sujas. Mas já chega de suas belezinhas. Mande-as para as estrebarias.

— Ora, deixe-as; daqui a pouco estarão bem quietas debaixo do piano de cauda.

— Não farão nada disso, Henk. Dien, Mina! — gritou Betsy, puxando a campainha com raiva. — Elas vão para as estrebarias.

Mina apareceu, atarantada e evidentemente arrancada de repente de alguma ocupação absorvente.

— Mina, leve essas criaturas de volta para as estrebarias, as estrebarias, está ouvindo? Depressa; não quero cães aqui. Hector, venha cá, meu amor!

Mina abriu a porta; os dois cães saltaram, abanando as caudas, dispararam para fora da sala e quase derrubaram Mina, para grande exasperação de Betsy.

— Sua tonta! Não consegue prestar atenção no que faz? De verdade, não sei por que ainda conservo criadas.

Mina saiu, abatida, e Eline disse:

— Posso almoçar no meu quarto, Betsy? Estou com um pouco de dor de cabeça.

— Oh, sim; como quiser. Mina! Mina! Onde está essa moça agora? Mina!

Nesse instante, o gongo soou no vestíbulo. Eline escapuliu e pediu a Mina, que ainda estava no vestíbulo, com ar muito aflito, mas amarrando com a outra mão uma das fitas da touca, que lhe levasse o almoço mais tarde para cima.

Fechou-se em seu quarto e, enquanto tirava as luvas e o chapéu, teve um daqueles pequenos ataques de tremor nervoso que em geral anunciavam suas crises de melancolia. Seu vestido azul-pálido parecia muito bonito, refletido no amplo espelho diante do qual se sentou por um momento, muito ereta e rígida, sentindo-se extremamente contrariada.

O simples pensamento de Betsy, com suas tolas querelas domésticas, bastava para lhe dar pesadelo. Gostaria de chorar, mas não conseguia, sentindo apenas

uma umidade trêmula nos olhos.

Maquinalmente, tirou da gaveta as duas fotografias, onde as mantinha escondidas debaixo de alguns lenços. Fitando-as, deixou que o arrepio meio esquecido da manhã a impregnasse outra vez, embora parte de sua intensidade já se houvesse perdido.

Perguntou a si mesma, com certo aborrecimento, por que se sentia tão perturbada, quando ainda há pouco, durante a caminhada, o céu lhe parecera tão amplo, o ar tão deliciosamente fresco e a vida tão rica e rosada de cor. Resolveu não permitir que aqueles dias, que traziam um raio de sol ao tédio de sua vida, fossem estragados por ninharias; sim, mesmo que Betsy lhe falasse de modo brusco e sem tato, ela não lhe daria atenção.

Com essa resolução, pensou nas duas vezes em que Fabrice a encontrara, deixara os olhos repousarem nela e erguera o chapéu. Pareceu-lhe ouvi-lo cantar Guilherme Tell, e como se cada uma de suas notas profundas e cheias viesse como uma palavra sussurrada dentro de seu ouvido. Dentro de seu ouvido! A fantasia a fez corar.

Sua excitação se acalmara antes de meia hora se passar e, quando Mina trouxe o almoço, Eline lhe disse que pusesse a mesa delicadamente ao lado do sofá, acendesse bem o fogo e arejasse o quarto de dormir.

Quando Henk voltou para casa, Betsy lhe contou a história da insolência de Eline dentro da própria casa; mas Henk ficou impaciente, não quis tomar decisão alguma, e ela censurou o marido por sua timidez, seguindo-se uma cena violenta. Durante uma semana inteira as irmãs não se falaram, para desespero de Henk, que via todo o conforto doméstico estragado por aquele amuo, sobretudo à mesa, onde as refeições eram atravessadas às pressas, embora Eline mantivesse uma tagarelice incessante com ele e com Ben.

Capítulo XII

Frédérique notara que, na última noite de Ano-Novo, na casa dos van Raat, Otto conversara e rira bastante com Eline; não de modo extraordinário, mas mais do que costumava fazer, em geral, com moças. Durante alguns dias, depois disso, uma pergunta lhe subia constantemente aos lábios — pergunta que desejava fazer ao irmão —, mas não parecia surgir oportunidade alguma para formulá-la.

Às vezes, mostrava-se bastante brusca com Etienne quando ele queria brincar com ela, e Lili, Marie e Paul haviam chegado à conclusão de que ela perdera um pouco do bom humor; também brincava pouco com as crianças. Era uma de suas noites em casa; apenas Etienne saía com alguns jovens amigos que tinham vindo buscá-lo. As crianças estavam na cama, e Madame van Erlevoort sentava-se com Mathilde no pequeno salão, a velha senhora com um livro, Mathilde com algum trabalho de agulha.

Frédérique entrou, sorriu para a mãe e, com carinho, alisou-lhe os cabelos grisalhos nas têmporas.

— Freddie, você toca a campainha para chamar Willem? — perguntou Mathilde.

— Otto gostaria de uma xícara de chá no quarto; está ocupado escrevendo.

— Oh, sirva uma xícara para ele; eu mesma a levo.

Mathilde serviu uma xícara, e Frédérique a levou para cima. Na escada, perguntou a si mesma se teria coragem; talvez Otto dissesse alguma coisa por conta própria; mas, se não dissesse, ela se arriscaria. Entrou no quarto de Otto.

Ele caminhava para cima e para baixo, sonhadoramente, com as mãos às costas, muito ao contrário de seus hábitos habituais.

— Olá! Eis uma maninha simpática — disse ele, rindo, e tomou-lhe a xícara das mãos. — Vai ficar dez vezes mais gostoso vindo de dedos tão bonitos.

— Mas, Otto! — exclamou Frédérique. — Como pode ser tão tolo? Eu esperava uma espécie de elogio mais original, não uma platitude tão requentada.

Continuou a fitá-lo sorrindo, mas não ouviu a resposta dele, pois pensava consigo mesma em como formular a pergunta. Talvez ele não gostasse.

Ainda assim, queria dizer o que tinha a dizer, e tentou encontrar algum modo de introdução, um pretexto qualquer para atingir seu objetivo; mas, na franqueza de

sua natureza, nada encontrou, e então começou simplesmente:

— Otto, eu... eu tenho uma coisa a lhe dizer, uma coisa a confessar.

— Um pecado?

— Um pecado, não; acho que dificilmente. Uma... uma indiscrição que cometi sem querer contra você. Mas precisa me perdoar de antemão.

— Como assim? Só pela sua boa-fé?

— Eu lhe digo que a indiscrição foi cometida involuntariamente, e... nem sequer fui tão indiscreta quanto gostaria de ter sido. Portanto, tenho direito a alguma recompensa; mas só lhe pergunto antes se posso contar com seu perdão.

— Muito bem; serei misericordioso. Diga, então.

— Você realmente não ficará zangado?

— Não, não. O que é?

— Por puro acaso... descobri... veja... sei quem, na última noite de São Nicolau...

Ele empalideceu um pouco, enquanto a fitava, cheio de expectativa ansiosa. Não lhe escapou com que atenção concentrada ele escutava.

— Deu... aquele leque... a Eline... aquele leque de Bucchi.

Ela permaneceu em pé bem diante dele, parecendo uma criança travessa, toda confusa com a própria confissão. Ele continuou a olhá-la, um pouco assustado, com os olhos grandes e fixos.

— Você sabe? — começou ele, gaguejando.

— Agora não fique zangado — retomou ela. — De verdade, não pude evitar. Entrei em seu quarto certa manhã; queria um pedaço de lacre, e... você nunca me proibiu de entrar em seu quarto, proibiu? Bati, mas você tinha saído; e, quando entrei e comecei a procurar o lacre, vi naquele escaninho o estojo de couro, que reconheci imediatamente à noite. A princípio pensei que fosse alguma coisa para mim e quis... quis abri-lo; você sabe como sou curiosa; mas não abri, e fiquei muito triste por ter descoberto seu presente. Diga agora: está zangado? De verdade, eu não podia evitar, podia?

— Zangado, minha querida? Não há absolutamente nada para ficar zangado — respondeu ele, com leveza forçada. — Um presente-surpresa não pode continuar

surpresa para sempre; e, além disso... você não contou a Eline, é claro, contou?

— Oh, não; é claro que não.

— Bem, então que há? Nenhum mal foi feito — disse ele, com descuido. — Ou está triste porque o leque não era destinado a você?

Ela encolheu os ombros com desprezo.

— Espanta-me que me julgue tão infantil. Apenas...

— Bem, o quê?

Ela lançou-lhe um olhar perscrutador com aqueles olhos claros e verdadeiros, e ele se sentiu um pouco embaraçado sob aquele exame penetrante.

— Apenas... um rapaz... em geral não dá presentes assim... a uma moça, se não gosta muito dela.

— Oh, gosto muito de Eline; por que não lhe daria alguma coisa de São Nicolau?

— Não, Otto, você não está sendo franco comigo — disse ela, impaciente, puxando-o consigo para o sofá. — Venha, sente-se e escute-me um pouco. Um homem sensato como você não dá um leque, que não sei quanto deve ter custado, a uma moça, se... se não está apaixonado por ela. Não tente me fazer acreditar nisso; você nunca deu nada a Eline antes, e também não deu nada a Lili nem a Marie desta vez. Então, veja, não sou tão cega; consigo perceber muito bem que há algo mais nisso — continuou, pousando as mãos sobre os ombros dele.

Mas, de repente, parou.

— Oh, talvez você pense... talvez não queira que eu lhe fale disso — balbuciou, quase assustada.

— Freddie, ao contrário — disse ele, suavemente, atraindo-a para mais perto de si —, fico muito contente em falar com você sobre... sobre Eline. Por que não? Mas suponha, agora, que eu realmente gostasse muito, muitíssimo de Eline; você acharia isso tão imprudente de minha parte? — perguntou, sorrindo.

— Oh, Eline não é moça para você! — irrompeu ela de súbito, com fervor apaixonado. — Não, Otto, não; Eline não é o tipo de moça para você. É muito bonita, eu sei, e há nela alguma coisa... algo muito atraente; mas, para mim, ela é antipática, garanto. Acredite: você realmente não deve pensar mais nela; nunca seria feliz com ela. Você é tão afetuoso e bom. Se começasse realmente a gostar

muito dela, talvez lhe consagrasse toda a alma, quisesse viver apenas para ela, e ela não lhe devolveria nem a décima parte do que você lhe desse. Ela não tem coração, é fria como gelo e cheia de egoísmo — nada além de egoísmo.

— Mas, Freddie, Freddie — interrompeu ele —, minha querida menina, como você se precipita! Onde adquiriu toda essa experiência da natureza humana, para me dar uma descrição tão precisa do caráter de Eline?

Irritou-a ouvi-lo pronunciar o nome dela tão suavemente, quase com carinho.

— Conhecimento da natureza humana? Não sei nada disso. Sei apenas o que sinto, e é isto: Eline vive só para si e é incapaz de fazer o menor sacrifício por outra pessoa. Sinto — não, declaro, estou convencida — que, se você se casasse com Eline, nunca, nunca seria feliz. Ela talvez gostasse de você por algum tempo, mas seu amor seria apenas egoísmo, como tudo nela é egoísmo.

— Freddie, você é severa — disse ele, com suavidade, mas em tom de censura. — É muito bonito da sua parte sentir tanto por mim, mas você está sendo muito, muito dura com Eline. Não creio que a conheça; pelo contrário, acredito que ela se sacrificaria inteiramente por alguém a quem amasse.

— Você diz que eu não a conheço; mas como pode você conhecê-la, então? Você só a vê quando ela é só sorrisos e amabilidade.

— Acha que é defeito nela preferir ser amável a ser descortês?

Frédérique suspirou.

— Oh, Otto, eu... eu não sei o que penso; só sinto que você não pode ser feliz com ela — disse, em tom de convicção.

Ele tomou-lhe a mão e sorriu.

— Ora, você fala como se fôssemos nos casar amanhã.

— Oh, diga... diga-me... não me ache... curiosa. Você não... pediu a mão dela, pediu?

Ele a fitou, ainda sorrindo, e sacudiu lentamente a cabeça.

— Então me prometa, sim, que vai pensar bem nisso. Não seja...

Ela agarrou-se a ele com carinho, e os olhos se encheram de lágrimas.

— Você é uma menina querida, Freddie, mas, francamente...

— Talvez ache absurdo que eu ouse aconselhá-lo?

— De modo algum. Ao contrário, sou muito sinceramente grato a você por isso; mas, ainda assim, não deve se deixar guiar por uma mera ideia, ou antes, por uma antipatia para a qual nem mesmo existe motivo, e julgar outra pessoa com tanta dureza. Aceite e siga esse conselho; então não a acharei absurda, mas uma maninha querida, queridíssima.

Ele a beijou várias vezes, e ela pousou timidamente a cabeça em seu ombro.

— Você não vai ficar zangado comigo, vai? Talvez eu tenha sido desajeitada; não devia ter falado assim.

— Para mim, você é mais querida justamente quando é mais franca comigo, e espero que sempre seja assim.

— Então talvez eu seja descortês e pouco amável — respondeu ela, com ênfase.

— E agora você está só um pouquinho maldosa. Que é? Está com ciúmes de Eline?

— Sim — respondeu ela, secamente.

— Por causa do leque, suponho — riu ele.

— Oh, você me provoca — fez ela, amuada. — Não; não por causa do leque; tenho uma dúzia deles, mas porque... porque você gosta dela.

— Façamos então um pacto. Vá e encontre para mim uma moça simpática que você considere digna de ser minha esposa e de quem você não tenha ciúmes; quando a encontrar, e eu gostar dela, não pensarei mais em Eline. Que me diz disso?

Ela não respondeu, mas se levantou e enxugou as lágrimas. Aquela brincadeira a desagradou e a fez temer que ele a achasse tola. Aproximou-se da mesa, apontou para a xícara de chá e disse:

— Seu chá está esfriando, Otto; por que não o bebe?

Antes que ele pudesse responder, ela já se fora, cheia de pensamentos contraditórios, contente por ter dado vazão ao que sentia e obtido a confiança de Otto; e, ainda assim, incerta se não teria feito melhor em nada dizer.

Havia cinco dias Eline não encontrava Fabrice em seus passeios matinais, e a decepção das manhãs estragava todos os dias que se seguiam. A princípio,

tornou-se quieta, sombria e irritadiça; muito em breve ficou mais melancólica, já não cantava, recusava-se a ver Roberts, seu mestre, ou a acompanhar Paul van Raat em seus duetos.

Certa manhã, depois do passeio, por volta das dez e meia, voltou para casa e se atirou, cismadora, sobre o sofá, enquanto, com dedos vagantes, desprendia a capa. Não suportava Ben perto dela e mandou-o para junto da ama-seca; e, inteiramente exausta, com os grandes olhos cor de avelã úmidos e brilhantes de anseio insatisfeito, deixou o olhar vagar pelas palmeiras, pelos quadros, pelo grupo de Canova.

Uma opressão melancólica caiu sobre ela como uma nuvem, e perguntou a si mesma por que precisava viver, se não era para ser feliz. Para dar à tristeza uma forma definida, procurou motivos de queixa e fez deles o máximo possível; precisava de afeto, e não havia ninguém que a amasse.

Com Betsy, parecia-lhe, já não conseguia conviver; estava continuamente em desacordo com a irmã, e nem sempre era culpa sua; Frédérique mostrava-se ostensivamente fria com ela, por razão que ela não tinha a mais remota ideia. Apenas a velha Madame van Raat continuava afetuosa como sempre; mas, naquele momento, sentia-se pouco disposta a exibir aquela franqueza amável, temperada por um sabor de veneração, que lhe conquistara o coração da velha senhora.

Sim; sua vida era uma existência inútil; ela balançava continuamente de um dia a outro, sem objetivo algum, e ansiava por... por algo semelhante àquela visão vaga, sem forma definida, que parecia erguer-se numa esfera de amor, ora puramente ideal, como um idílio, ora mais simples de forma e inundada por uma auréola de intimidade e felicidade doméstica. Suspirou ao erguer a mão para a azaleia e amarrotar as folhas entre os dedos nervosos.

Com esforço, obrigou as cismas a assumir alguma forma definida diante da visão mental e, por um capricho súbito da fantasia, viu-se ao lado de Fabrice, ambos cantando na ópera de alguma grande cidade. Amavam-se e eram famosos; eram submersos em coroas e buquês, e toda a visão se ergueu diante dela viva e arrebatadora, como acontecera um dia enquanto cantava com Paul.

Mas sua imaginação, sem receber novo alimento, por não ver Fabrice havia tanto tempo, perdeu a vividez das cores; a visão se desbotou e a deixou num estado cinzento, sombrio — reflexo, parecia, do céu lá fora, pesado de nuvens escuras de chuva.

Sentiu as lágrimas quentes deslizarem ao longo dos cílios; tinha um grande anseio por Henk, a quem desejava confiar sua tristeza. Ele gostava tanto dela e sabia administrar-lhe palavras tão consoladoras, à sua maneira bondosa e desajeitada; o simples som daquela voz, tão boa, tão cordial e pesada, caía-lhe na alma como um bálsamo curativo. Assim permaneceu soluçando, pensando em como era desagradável todo aquele amuo com Betsy. No dia seguinte seria seu aniversário, o aniversário de Eline.

Daria Betsy o primeiro passo para a reconciliação, ou a causa da briga cabia realmente a ela própria? Se tivesse certeza de como seria recebida pela irmã, de bom grado teria tentado uma aproximação, ou até pedido desculpas, se fosse necessário; mas temia a frieza de Betsy. Então esperaria; sim, esperaria. A tarde passou devagar; as horas se arrastaram, como se cansadas sob o fardo de sua melancolia.

Depois vestiu-se para um jantar na casa dos Hydrecht, sem a menor expectativa de divertir-se ali. Teria pedido com prazer a Betsy que dissesse estar doente em casa; mas isso não serviria. Ao contrário dos Verstraeten pouco antes, os Hydrecht poderiam se ofender; e, além disso, talvez Betsy se recusasse a fazer o que ela pedia. Então foi, e forçou-se a uma alegria coquete que, com seu tato natural para ocultar os sentimentos, cegou eficazmente os olhos de todos.

No dia seguinte era vinte de janeiro, seu aniversário. Ficou até tarde na cama, cercada pelo calor das cobertas, na luz vermelha e suave refletida pelas cortinas, sem desejo algum de se levantar, nem anseio por seu passeio matinal. Se fosse, não o veria, dizia-lhe o pressentimento. Começava a se tornar infantilmente supersticiosa. Era agora quase nove horas. Se Mina entrasse antes de o relógio bater nove, para arrumar-lhe o lavatório, ela encontraria Fabrice no Bosch no dia seguinte.

Mas Mina veio depois das nove; e, quando a moça pôs tudo em ordem e saiu do quarto, Eline pensou em outra coisa. Se na noite anterior tivesse posto a pulseira no vaso grande, encontraria Fabrice; se a tivesse posto no pequeno, não. Ergueu-se, afastou as cortinas vermelhas de damasco da cama e olhou ao redor. Lá estava a pulseira, no vaso grande. Com um sorriso, tornou a recostar-se nos travesseiros.

Lutou consigo mesma para se levantar; mas por que não ficar na cama, naquele calor aconchegante? Estava cansada de tristeza; por que começar outro dia? Não tardariam a chegar os amigos para cumprimentá-la; teria de ser simpática e

amável, receber os presentes com êxtase encantado, e estava longe de se sentir amável; não desejava ver ninguém.

Bateram dez e meia, e pensou que talvez Betsy viesse em breve, com algumas palavras amistosas, reparar a briga; escutou o passo da irmã na escada, mas suas expectativas foram vãs, e por fim, enervada pela languidez, levantou-se e começou a vestir-se preguiçosamente. O espelho lhe refletiu a imagem com algo de tristeza nos olhos e uma expressão cansada em torno da boca, e ela pareceu a si mesma bastante feia.

Mas que importava, afinal? Por quem deveria ser bonita? Não havia ninguém que a amasse com o fervor de que julgava seu coração capaz. Estava vestida, e de repente um arrepio a tomou.

Não se sentia à altura de descer; como se aproximaria de Betsy? Deveria apenas assumir uma atitude de expectativa? Por que Betsy não vinha encontrá-la no meio do caminho? Por que precisava continuar guardando rancor daquele modo, por uma coisa tão insignificante? Eline sentiu quase medo de ver Betsy na sala de almoço; entrou no boudoir, onde o fogo já ardia vivamente, e se atirou sobre o sofá, miserável e exausta de tristeza e solidão.

Sim, por que vivia? Afundava cada vez mais no abismo da melancolia quando, afinal, um vislumbre de luz veio perfurar a escuridão que a envolvia: ouviu Henk e Ben subindo a escada. Aproximavam-se; ela lhes ouviu as vozes; houve uma batida ruidosa à porta.

— Onde está você, menina? Ainda na cama? — gritou Henk.

— Não; estou aqui, no boudoir — respondeu ela, erguendo um pouco a voz.

A porta se abriu, e Henk apareceu, sacudindo a cabeça, enquanto Ben se esgueirava entre as altas botas de montaria do pai, apertando nas mãozinhas um buquê.

— Titia, muitas felicidades pelo seu aniversário; e isto é de Ben — disse a criança, como se repetisse uma lição aprendida de cor, enquanto lhe punha o buquê no colo.

— Mas, minha querida, que horas são essas de ficar lá em cima nesta manhã! A esta hora você geralmente já voltou do passeio — exclamou Henk.

Ela não respondeu, mas abraçou a criança, e seus olhos se umedeceram ao fazê-lo.

— Ponha... ponha na água, Ben, sim? Em um pouco de água morna. Ali, no vaso, com cuidado.

Ben, sempre obediente e dócil, fez o que ela mandou. Eline deixou-se cair outra vez nas almofadas e fitou o cunhado com um leve sorriso.

— Sinto-me tão miserável hoje... nada bem — disse, languidamente.

Henk aproximou-se mais, com as mãos às costas.

— O quê? Até no seu aniversário? — perguntou, alegremente. — Vamos, eu me apressaria a descer, se fosse você, sua preguiçosa; mas antes deixe que eu lhe dê um bom beijo — um beijo de verdade, está ouvindo?

E apertou os lábios nas duas faces dela, enquanto ela permanecia quieta e sorria.

— E aqui está uma lembrancinha para você, Elly; espero que goste — continuou, entregando-lhe um pequeno estojo.

Ela riu um pouco.

— Que engraçado você vir trazer meu presente aqui! Obrigada, Henk, muito obrigada.

Abriu o estojo; dentro havia um grampo de cabelo em forma de aranha de diamantes.

— Mas, Henk — exclamou —, como vocês me mimam! Lembro que, quando o vi há pouco tempo na van Kempen, eu disse que o achava muito bonito. Realmente, terei de tomar cuidado com o que digo no futuro — acrescentou, quase timidamente, pensando no leque de Bucchi.

— Betsy ficou de ouvidos abertos quando ouviu você falar do grampo — respondeu ele. — Ficamos sempre contentes em lhe dar alguma coisa que a agrade.

Aquilo quase a irritou, mas ela passou os braços em torno do pescoço dele e o beijou.

— De verdade, de verdade, vocês estão me mimando — balbuciou.

— Ora, ora, que bobagem! — exclamou ele. — Mas agora preciso sair para um pequeno passeio a cavalo; portanto, apresse-se a descer, menina, ou eu a carregó para baixo.

— Não, não vai fazer isso!

— Pois então; mas apresse-se.

— Sim, sim, daqui a pouco; mas sem bobagens, Henk, está ouvindo? — gritou ela, assustada, num tom sério e imperioso, pois previa um acesso de brincadeira prática e certamente não se sentia com humor para tolerá-lo.

Ele a tranquilizou, rindo. Tinha nos lábios as palavras para instá-la a reconciliar-se com a esposa, mas temia não ter tato suficiente para abordar o assunto com a devida cautela.

Ela poderia inflamar-se de paixão e, além disso, tudo acabaria se ajeitando em breve, pensou ele, e deixou o quarto. Ela se levantou e, demorando-se na toaleta, suspeitou que Betsy devia ter pedido a Henk que levasse o presente para cima, para não ter ela mesma de lhe entregá-lo.

Sentiu-se embaraçada diante da própria atitude; agora era obrigada a dar o primeiro passo para a reconciliação, e isso lhe feria o orgulho. Pareceria que estava tão encantada com o presente deles que aquilo compensava todos os aborrecimentos passados. Era extremamente incômodo; ainda assim, agora não podia descer, cumprimentar a irmã com frieza apressada e começar o café sem dizer palavra. Lamentou muito não ter seguido o impulso do dia anterior de tentar uma aproximação.

Afinal, era realmente estúpido aquele amuo, e tudo por causa daqueles cães! E segurou a aranha de diamantes, coquete, contra os cabelos e a garganta.

Antes de descer, Eline abriu uma gaveta da escrivaninha. Com um sorriso furtivo, tirou dali um álbum, presente que dera a si mesma, e o abriu. Ele continha apenas retratos de Fabrice, em várias posições e trajes, que havia algum tempo comprava com muito tato, mas ainda assim não sem nervosismo; ora numa loja, ora em outra, sem jamais voltar à mesma, sempre temendo que o lojista adivinhasse alguma coisa de seu segredo.

Certa vez, passara um dia em Amsterdam para visitar alguns amigos; ali fora muito ousada e, numa livraria, comprara sete de uma só vez; ninguém a conhecia lá, e prometera a si mesma jamais pôr os pés naquela loja de novo. Com os olhos

cintilantes de travessura voluptuosa, folheou a coleção, e, qualquer que fosse a página que virasse, aquele rosto moreno, de barba negra, vinha-lhe ao encontro dos olhos, tal como ela o encontrara no Bosch, com o grande feltro e o cachecol.

Ah! agora sabia; era um sentimento mais terno que admiração aquilo que vibrava através dela ao vê-lo, sentimento que, em seu senso feminino de honra e na vergonha de si mesma, a fez estremecer quando, por um instante, apertou os lábios contra aquela imagem amada. Sim, agora sentia: era uma paixão que lhe enchia todo o ser com uma riqueza de arrebatamento; um amor pelo qual sacrificaria tudo, absolutamente tudo que ele lhe exigisse.

E sua imaginação, um pouco aliviada do peso da melancolia pelas palavras alegres de Henk, nas quais às vezes ouvia o eco de desejos há muito desaparecidos, aqueceu-se de ideias românticas. Em sua fuga com Fabrice, viu-se numa estação ferroviária, esperando o trem e temendo que os alcançassem.

— Titia, titia, deixe-me entrar! — gritou Ben, do lado de fora da porta.

Ela guardou o álbum e abriu a porta. Ben entrou, segurando com cautela, nas duas mãozinhas, o vaso cheio de água.

— Com cuidado, homenzinho — disse Eline. — Tem certeza de que não derramou nada na escada?

Ele sacudiu a cabeça, satisfeito consigo mesmo por sua destreza. Enquanto punha o buquê no vaso, Eline refletiu que o presente do pequeno não passava de outra atenção da parte de Betsy. No fim, era um grande aborrecimento. Mas por fim reuniu coragem e desceu com Ben. Betsy estava na sala de jantar, em consulta com Grete.

— Bom dia, Betsy — disse Eline.

— Bom dia, Elly. Muitas felicidades! — respondeu Betsy, sem expressão alguma.

Eline não quis dizer mais; primeiro a criada precisava sair da sala. Não queria café; não tinha apetite.

— Grete, pode retirar; não quero nada — disse, e começou a brincar com Ben para fazer alguma coisa.

Betsy permaneceu sentada diante da escrivaninha, absorvida em contas e livros, como dona de casa cuidadosa.

E depois de alguns segundos de silêncio penoso, tendo Betsy dito a Ben, com irritação, que não incomodasse, e mandado o menino para o quarto das crianças, Eline se levantou. Atravessou o aposento até a irmã e pôs a mão em seu ombro.

— Betsy — começou.

Mas ainda não conseguia dizer nada sobre o presente, a aranha de diamantes.

— Betsy, vamos, não seria melhor se...? Você não sabe como lamento estarmos assim. Vamos, agora, não fique zangada comigo; eu errei.

— Bem, Eline, fico contente que você admita.

— Então está tudo esquecido?

— Oh, certamente. Você sabe que não há nada de que eu goste menos que aborrecimentos; portanto, não falemos mais nisso.

O tom frio dela foi como gelo para Eline; ainda assim, inclinou-se e beijou Betsy.

— Não, de verdade, sinto muito; é claro que não tenho direito algum em sua própria casa... isso me dói muito.

Queria dizer algo mais, mas não encontrou palavras, e seus lábios buscaram outra vez a testa de Betsy. Esta, porém, afastou-a de leve.

— Está bem; então não falemos mais nisso. Já não estou zangada. Mas sem tantos beijos; você sabe que não gosto disso.

O aniversário passou bastante sombrio para Eline. A reconciliação com Betsy não produzira nela a impressão desejada; havia imaginado algo muito mais cordial — um abraço de irmãs, uma mistura de lágrimas —, prelúdio de uma futura convivência afetuosa entre as duas.

Mas qual fora a realidade? Da parte de Betsy, uma condescendência gelada, ao lado da qual ela, em sua atitude, fizera uma figura um tanto lamentável. Sabia-se mais fraca que a irmã e, ainda assim, queria resistir ao domínio dela; mas, a cada tentativa de oposição, e sobretudo depois desta última, seguida como fora por uma vitória temporária e vazia, sentia-se cada vez mais impotente para continuar a luta com armas morais tão desiguais.

Seu orgulho não passara de uma frágil cana, quebrando-se a cada rajada de vento; e, em sua consternação, uma sombra sem esperança parecia envolver-lhe os pensamentos como um espesso véu de crepe. Apesar disso, naquela tarde

manteve uma aparência de alegria em meio à companhia animada dos amigos que vieram felicitá-la.

Mas Madame van Raat, de cujos olhos sonhadores e azul-claros ela tanto gostaria de ver irradiar um raio de simpatia, estava indisposta e enviou desculpas por meio de Paul; isso foi para ela uma grande decepção. Madame van Erlevoort e Mathilde vieram acrescentar as desculpas de Freddie, que ficara em casa resfriada, e mais uma vez Eline se perguntou por que Frédérique se mostrava tão reservada com ela.

Jeanne Ferelyn a sobrecarregou com uma sequência de dificuldades domésticas, e foi preciso todo o seu tato e amabilidade para não demonstrar impaciência indevida ao ouvi-las. A pequena Cateau van der Stoor, que, como Madame van Raat, ela teria gostado muito de ver, parecia ter esquecido seu aniversário; dela não viu nem ouviu coisa alguma. Emilie de Woude, porém, trouxe consigo sua própria alegria ruidosa.

Sua conversa viva infundiu um pouco de claridade na atmosfera abafada do salão — onde o gás ainda não fora aceso —, no qual, ao longo das pregas pesadas dos drapeados, penetrava um crepúsculo que escurecia e parecia transformar o brilho das molduras douradas e o lustro cintilante das almofadas de cetim fulvo em sombras indefinidas e sombrias. Emilie quis ver os presentes de Eline, encantadoras ninharias: alguns buquês arranjados sobre uma mesa, em torno de uma grande cesta cheia de flores e frutas.

— Que corbeille esplêndida! — exclamou Emilie. — Pêssegos, uvas, rosas... linda! De quem é, Elly?

— De Vincent; bonita, não é?

— Quem me dera ter primos tão gentis.

— Psiu! — sussurrou Eline.

Vincent acabava de entrar na sala, e seus olhos procuravam a aniversariante. Betsy o recebeu, como sempre, com certo calor e cordialidade, em seu constante e vago temor do que aquele primo poderia fazer. Eline agradeceu-lhe e apertou-lhe ambas as mãos entre as suas.

Vincent desculpou-se por chegar tão tarde; eram cinco e quinze, e os Verstraeten e os demais se despediam no crepúsculo crescente; depois disso, Gerard entrou para acender o gás, fechar as persianas e correr as cortinas.

— Vincent, você fica para jantar? — perguntou Betsy.

Pois Betsy tinha pavor de enfrentar uma noite enfadonha. Não estavam convidados para lugar algum e, além disso, ela não achara de bom-tom combinar alguma saída no aniversário da irmã; nem poderia tê-lo feito, pois durante a recente disputa mal lhe dirigira a palavra. Com Vincent não precisava fazer cerimônia; podia perfeitamente convidá-lo meia hora antes do jantar. Vincent tinha conversa quando estava de bom humor e, de qualquer maneira, trazia um rosto novo à mesa.

Vincent aceitou o convite com um indiferente “com prazer”. Nesse meio-tempo, Henk declarou que queria dar uma caminhada e, pegando depressa o chapéu, saiu de casa, com a gola do casaco levantada e as mãos nos bolsos. Anne, a ama-seca, veio buscar Ben para deixá-lo um pouco apresentável, pois o rosto estava besuntado de geleia da massa que ele estivera comendo. Betsy também desapareceu, e Eline e Vincent ficaram sozinhos no salão, agora claro à luz do gás.

— Venha, vamos nos sentar no boudoir — disse Eline; e Vincent a seguiu até o pequeno aposento. Os raios suaves e claros do pequeno lustre de cristal, refletidos na pelúcia violeta dos móveis, emprestavam ao lugar um ar de intimidade misteriosa, algo que parecia tentar a uma confiança sem reservas.

Para Vincent, porém, aquilo parecia transmitir apenas uma sensação de calmo bem-estar; com um suspiro, deixou-se cair no sofá com sua languidez habitual e fez a Eline uma porção de perguntas indiferentes sobre os conhecidos que acabara de ver se despedindo. Enquanto lhe respondia, ela sentiu nascer dentro de si uma grande simpatia pelo primo.

Mais uma vez era aquela necessidade que havia nela — a mesma que despertara tamanha paixão por Fabrice —, a necessidade que sentia de muito amor e ternura, o anseio de gastar os tesouros represados de seu afeto. E, assim como aquilo impressionara Paul sob o reflexo pálido de uma lâmpada de petróleo, agora a impressionava, sob a luz brilhante do gás que brincava e faiscava em mil cores através dos pingentes pendentes.

A semelhança de Vincent com seu querido pai morto era tão marcante que, ao olhá-lo, ela quase se imaginava de volta à infância. Sim, exatamente assim, com aquela expressão dolorida em torno da boca, com aqueles olhos cheios de tristeza, seu pai costumava deitar-se, exausto por suas visões artísticas; exatamente assim sua mão costumava pender sobre o braço da poltrona quando o pincel lhe caíra da mão.

E a simpatia de Eline por Vincent se tornou mais forte, impregnada de compaixão e melancolia poética, enquanto ela escutava aquela voz baixa, pálida e murmurante, ao ouvi-lo falar de Smyrna; ele lhe parecia mais interessante do que a maioria dos rapazes de seu círculo. Para ela, tornava-se um mártir da pequenez do mundo quando lhe dizia que, para ele, a Haia era kleinstädtig e tediosa, e que ansiava por muito espaço e liberdade. Ela também ansiava.

— Mas estou cansando você com minhas queixas, parlons autre chose — interrompeu-se ele, em tom alterado. — Não é polido de minha parte falar tanto de mim mesmo.

— Oh, não, de modo algum; você não me cansa nem um pouco — respondeu ela, um tanto apressada, bastante contrariada por ele ter cortado de modo tão brusco o fio de sua fantasia.

— Você não acha que posso partilhar inteiramente seus pensamentos, que não compreendo como se possa desejar outra coisa além desse sulco prosaico no qual continuamos a girar e girar? Às vezes eu também gostaria muito de escapar dele — exclamou, com um movimento dos braços semelhante ao de um pássaro cativo batendo as asas contra a gaiola. — Às vezes me sinto impelida a alguma extravagância terrivelmente tola — e sorriu maliciosamente ao pensar em Fabrice.

Ele, sorrindo também, sacudiu a cabeça e apenas tocou a mão erguida dela, quando esta caiu graciosamente a seu lado.

— E por que você desejaria cometer tolices agora? — perguntou. — Você vai aos extremos. Viver independentemente de todos, não se incomodar com a conversa fiada de um círculo, mas seguir as próprias ideias enquanto forem sensatas, mudar de ambiente sempre que se quiser — esse é o meu ideal. Nada conserva tanto a juventude quanto a mudança.

— Mas, para ser independente, para não se preocupar com coisa alguma, é preciso possuir mais força moral do que nós, em nossa supercultura, geralmente ousamos demonstrar — respondeu ela.

— Força moral! Ora, não; só é preciso dinheiro, é tudo — respondeu ele, brevemente. — Se sou rico, tenho boas maneiras, não cometo tolices, mas consigo me conservar simpático e agradável aos olhos do mundo, está inteiramente em meu poder realizar meu ideal, sem que ninguém me acuse de nada além, talvez, de um pouco de excentricidade.

Tudo isso era sóbrio demais para o modo de pensar dela, e Eline fez avançar suas próprias ideias, que lhe pareciam mais românticas.

— Sim, está bem, dinheiro, claro — retomou, evitando o argumento com verdadeira fraqueza feminina —, mas, sem força suficiente para impor a própria vontade, logo seríamos arrastados por todos os velhos hábitos. Veja, é por isso — ele riu da encantadora falta de lógica dela —, é por isso que eu gostaria tanto de fazer alguma coisa... tola... alguma coisa terrivelmente tola. Sinto-me forte o bastante para seguir meu caminho apesar do mundo. Às vezes me sinto mesmo muito arrebatada.

Ele apreciava o fogo e a animação que irradiavam dos olhos cintilantes dela, e toda a figurinha elegante, sentada ali em sua coqueteria vertiginosa, dava-lhe a impressão de uma borboleta prestes a esvoaçar.

— Mas, Eline! — exclamou, rindo. — Que ideia está metendo agora na cabeça? Que é que gostaria de fazer, então, que espécie de tolices? Vamos, confesse, criatura travessa.

Ela também riu.

— Oh, diga uma partida aventureira!

— Comigo?

— Por que não? Mas acho que você logo me abandonaria à minha sorte. Eu seria um luxo um tanto caro demais para você, e me devolveria com muitos agradecimentos. Merci bien, então, se sua pergunta era um convite; prefiro esperar por um milord rico.

— Nada de amor numa cabana, então?

— Oh, Vincent, que coisa gasta! Jamais! Eu sucumbiria de ennui. Preferiria ser atriz e partir com um ator.

E ela estava toda faiscante de pura travessura exuberante; sentia um deleite secreto ao pensar em Fabrice e fitou Vincent ousadamente nos olhos; ele não podia adivinhar seus pensamentos.

Vincent desatou a rir; a vivacidade brincalhona que tomara o lugar de sua graça lânguida durante a conversa, o brilho dos olhos e o tamborilar da mãozinha sobre o joelho divertiam-no ainda mais do que as palavras, e, contudo, elas lhe eram bastante simpáticas em relação às próprias ideias; nelas se escondia um anseio de

mudança muito semelhante ao seu.

Olharam-se sorrindo, e, sob o olhar suave, mas concentrado, dos olhos dele, Eline sentiu algo da lenta e enredadora fascinação de uma serpente.

— Que semelhança impressionante com meu querido papai — pensou ela, quase surpresa com a simpatia que sentia por Vincent, enquanto se levantavam ao som da campainha do jantar.

Capítulo XIII

Madame Verstraeten estava em casa com Lili, que apanhara um forte resfriado, enquanto Marie e Frédérique, patins na mão, acompanhavam Paul e Etienne ao Ysclub, contornando pela Laan van Meerdervoort.

O velho senhor estava lendo no jardim de inverno aquecido, em meio à folhagem verde e lustrosa das azaleias e das palmeiras. Lili não estava em seu bom humor habitual; respondia à mãe em monossílabos lânguidos e quase se sufocava tentando reprimir a tosse.

Pois estava melhor, declarara, e já não tossia; não lhe faria bem continuar em casa por mais tempo, e sairia dentro de um ou dois dias. E, contudo, apesar daquela determinação, lá fora tudo lhe parecia a Sibéria, quando via a neve congelada, dura e branca, sobre os galhos nus e sobre os caminhos imaculados, marmóreos.

Madame Verstraeten continuava seu crochê, e os movimentos hábeis da agulha irritavam Lili, assim como a irritava a virada regular das páginas do livro do pai. Ela mesma não fazia nada, e suas mãos repousavam cansadas no colo; mas, por mais que em outros momentos desfrutasse semelhante doce far niente, agora aquilo a fatigava terrivelmente, embora não sentisse desejo algum de ocupação.

Em segredo, invejava a saúde e a animação de Freddie e Marie, enquanto ela era delicada e obrigada a se guardar da menor corrente de ar. Mas, quando a irmã hesitara em acompanhar Freddie e Etienne, fora ela própria quem a induzira a ir buscar os patins; Marie não podia ficar sempre em casa com ela, se ela era tola o bastante para adoecer; além disso, mamãe lhe faria companhia.

Um suspiro escapou-lhe dos lábios quando tirou uma pastilha da caixinha diante de si, e a velha senhora olhou-a de soslaio, sabendo muito bem que, no estado excitável em que a filha se encontrava, qualquer demonstração de ansiedade materna de sua parte irritaria Lili mais que a mais completa indiferença.

Assim, a tarde foi passando devagar, sob o silencioso mau humor de Lili, e ninguém veio perturbar a paz enfadonha que reinava ali até depois das quatro, quando a campainha tocou e Dien introduziu Georges de Woude.

Lili sentiu-se contrariada; Dien poderia tê-lo anunciado primeiro, pensou. Decerto ele não era assim tão íntimo da casa! E, enquanto Madame Verstraeten lhe estendia a mão, ela o cumprimentou com certa frieza, oferecendo-lhe devagar

os dedinhos brancos — devagar também acompanhando-o quando a mãe o conduziu ao jardim de inverno, até o velho senhor.

Seus pais já estavam sentados com ele quando ela empurrou languidamente uma cadeira de vime e, com igual languidez, sentou-se nela, como se quisesse mostrar-lhe que a visita a incomodava e que se juntava a eles apenas por cortesia. Às primeiras palavras que ele dirigiu a seus pais, ela desviou o olhar, com uma distração um tanto afetada, para o jardim, como se não tivesse interesse na conversa.

Madame Verstraeten começara com uma pergunta sobre Berlim, onde ele estivera ligado à Legação durante três meses, mas ele respondeu de modo bastante breve; dirigindo-se em parte a Lili e olhando alternadamente para ela e para a mãe, perguntou por sua saúde: teria estado realmente muito doente? Lili murmurou alguma coisa, enquanto a mãe respondeu; mas a ela pareceu que ele fazia a pergunta com certa ansiedade, não como mero lugar-comum, como se de fato tivesse interesse por seu bem-estar.

Que lhe importava se ela estava doente ou não? Mas ele não pareceu notar sua frieza quando, vendo que o assunto não lhe era agradável, voltou de novo sua conversa fluente e fácil para Berlim, respondendo, com seu modo agradável, às perguntas dos pais dela. A cada vez olhava para Lili, como se quisesse atraí-la para a conversa, e por cortesia ela sorria de vez em quando um pouco e fazia alguma perguntinha insignificante, com a maior indiferença possível.

Como ele tagarelava, pensou ela, como já pensara antes, quando ele começava a falar; mas, ainda assim, era como se aquele pensamento fosse um pouco forçado e não inteiramente espontâneo. Ele tagarelava, era verdade; mas havia algo de agradável e sociável em sua conversa — algo que, admitisse ela ou não, a divertia depois da tarde maçante que passara ao lado da mãe tricotando.

Ele não falava mal; um pouco excitado, mas enfadonho não era, e — parecia-lhe que jamais reparara nisso antes — também não era assim terrivelmente afetado. O sotaque talvez fosse um tanto estudado demais, mas era tudo; os gestos eram simples, e, através de seu modo fácil, transparecia uma sinceridade evidente sempre que se voltava para ela. E sua roupa, impecavelmente correta, talvez até demais; ainda assim, não era a de um janota, precisava admitir: era simples o bastante. Continuou conversando enquanto o sr. Verstraeten lhe perguntava sobre seus compromissos, e, enquanto o olhava, ela sorriu para ele, sem perceber, com mais cordialidade.

Isso não lhe escapou, e mais uma vez ele se arriscou a perguntar se ela já se sentia melhor, se ainda não saía. Que lhe importava? pensou ela de novo, quase irritada; já perguntara uma vez por polidez, e isso era mais que suficiente; ainda assim respondeu e disse que a tosse estava melhor — uma pequena tosse logo desmentiu suas palavras — e que se sentia muito mais confortável sob os bondosos cuidados de mamãe e Marie.

Ele sentiu-se grato por aquelas palavras, mas ouvira a tosse reprimida, e esteve a ponto de adverti-la para que tivesse cuidado — o tempo estava tão inclemente —, mas não o fez; ela poderia pensar que aquilo não era da conta dele, e então perguntou por Marie.

— Oh, sim — respondeu Lili —, ela foi patinar com Frédérique, Etienne van Erlevoort e Paul. Não tem pena de mim, obrigada a ficar outra vez em casa, como criança doente?

— Lamenta tanto assim não ter podido ir? Gosta de patinar?

— Sim; isto é, gosto muito; mas, falando francamente, não sei quase nada. Marie e Freddie patinam muito melhor que eu; elas ficam fazendo curvas e volteios, enquanto eu mal consigo avançar devagar; tenho medo demais, sabe, e...

— Mas Paul ou Etienne não a ajudam, então?

— Oh, Paul diz francamente que acha tedioso patinar com uma desajeitada dessas, e Etienne — sim, devo admitir — às vezes se sacrifica por cinco minutos.

— Mas, Lili — disse Madame Verstraeten —, se você não sabe patinar, é certamente tedioso para eles.

— No meu tempo, eu era mais polido — disse o velho senhor.

— Oh, não faço censura alguma — disse Lili. — Estou apenas contando os fatos.

E deu uma pequena tosse.

— Mas, quando estiver melhor, quando voltar a sair — retomou Georges, hesitando; sabia que dava um passo ousado —, posso de vez em quando oferecer-lhe minha ajuda? É verdade que passo a maior parte do tempo no escritório, mas ainda assim...

— Então o senhor patina? — gritou Lili. Jamais teria imaginado aquilo dele.

— Sou apaixonado por isso! — declarou ele.

— Aceita?

Ela quase corou e respondeu, sorrindo, de olhos baixos:

— Oh, com prazer, sim. Mas o senhor terá muito trabalho comigo. Tenho tanto medo; sempre imagino ouvir o gelo rachar, sabe — o senhor não sabe o que está me oferecendo.

— Oh, sei, sim — respondeu ele. — Não creio que um dia me arrependerei de ter feito o pedido.

Como era possível, pensou Lili, que ele repetisse uma frase daquelas com uma expressão tão sincera, e ela não encontrasse resposta alguma? Riu apenas um pouco.

Houve uma pausa na conversa, mas Georges logo a reanimou e continuou sua conversa agradável até escurecer, quando se levantou, desculpando-se pela visita demorada.

— Oh, de modo algum; ao contrário — disse o sr. Verstraeten —, fico muito contente em vê-lo outra vez. Dê lembranças minhas ao velho senhor e à sua irmã.

— Emilie declarou que não conseguia passar sem você — acrescentou Madame Verstraeten. — Ficaré contente em saber que está de volta.

Lili pensou que conseguia compreender como Emilie devia ter sentido falta de Georges, e ofereceu-lhe a mão, agradecendo-lhe mais uma vez, cordialmente, por sua oferta.

— Bom rapaz, esse de Woude! — disse o sr. Verstraeten, depois que ele saiu.

E Lili voltou ao pequeno salão; ao passar, ouviu mamãe também exprimir-se favoravelmente sobre Georges, encantada com sua cortesia polida.

— Ele sempre nos faz uma visita quando pode. Naturalmente, não o faria se não houvesse moças na casa, se não recebêssemos visitas, mas ainda assim...

Lili não ouviu mais; sorriu para as próprias fantasias, nas quais se via com Georges, deslizando sobre o gelo, de mãos dadas. Marie voltou para casa, acompanhada por Freddie, Paul e Etienne, que se despediram à porta; ela entrou na sala exausta, fria, com as faces coradas e os olhos cintilantes.

Fora esplêndido; o gelo estava lotado, as pequenas Eekhof, Eline e Henk estavam lá.

— De Woude esteve aqui — disse Madame Verstraeten. — Está de volta há três dias.

— É mesmo? — disse Marie, com indiferença, e começou a desabotoar a pequena capa.

— E me pediu para ir patinar com ele, quando eu estiver melhor — disse Lili, um tanto embaraçada, e com uma pequena tosse.

Marie parou de repente de desabotoar a capa e olhou para a irmã com espanto.

— De Woude? Com você? E o que você disse?

— Que achei muito gentil da parte dele, é claro. Que mais eu devia ter dito?

Marie caiu numa gargalhada.

— Como? Você patinando com de Woude? Com aquele “janota empinado”, aquele “pedaço de afetação”? Mas, Lili, isso não vai dar certo; você sempre o achou um tédio insuportável.

— Qu'est ce que ça fait? Pelo menos ele é mais polido que Paul ou Etienne; e, se gosta de me ajudar...

Marie continuou rindo.

— Mas ele não sabe patinar! — gritou, com desprezo.

— Ele diz que é apaixonado por isso.

— Oh, não acredite. Bobagem!

Lili encolheu os ombros com impaciência.

— Mas ele certamente não mentiria sobre isso!

— Meu Deus, como você está ansiosa, de repente, para defendê-lo! Houve tempo em que ele não prestava para nada.

— Sempre o achei muito gentil e polido.

— Lili, como pode contar mentiras tão vergonhosas? Você sempre o achou insuportável.

— Mas, Marie, isso certamente não é motivo para eu não patinar com ele — gritou Lili, quase em tom suplicante. — Quando você vai a um baile, tenho certeza de

que não é tão exigente com seus pares.

— Ainda assim, mal sei o que pensar disso — insistiu Marie, provocando. — De repente, os dois juntos no gelo... Mamãe, a senhora acha isso correto?

Lili virou-se com dignificado desprezo.

— Criança que você é! — disse, olhando a irmã de cima; e ficou muito irritada consigo mesma, pois sentia que corava — e por coisa nenhuma.

— Papai está dormindo? — perguntou Georges, ao entrar na saleta de Emilie, à noite, depois do jantar.

Emilie teve um pequeno sobressalto; estava um tanto sob a influência de uma refeição copiosa; sua poltrona era tão confortável, o fogo tão sociável.

— Sim; papai está dormindo — repetiu, piscando os olhos.

Georges riu.

— E Emilie? Também andou dormindo? — perguntou, bem-humorado.

— Não — respondeu ela. — Não dormi; apenas cochilei um pouco. Você fica em casa para o chá? Sim, será sociável.

E olhou para ele com uma expressão bondosa nos olhos honestos; sentia uma espécie de afeição materna por aquele irmão mais novo, que criara e mimara desde a infância, e que agora voltara a seus cuidados protetores depois de dois meses de ausência no exterior.

Estava contente por vê-lo com tão boa aparência; até engordara, e ela observou com orgulho que uma expressão mais viril repousava sobre suas feições delicadas — ou seria imaginação sua, por não o ver havia algum tempo?

Georges sentou-se ao lado dela, e conversaram sobre coisas em geral. Ela o conhecia bem, pensava, e tinha certeza de que ele estava prestes a lhe pedir algum favor.

No íntimo, alegrava-se por ele precisar dela; ainda assim, não conseguia resistir à tentação de deixá-lo arranjar-se inteiramente sozinho, sem ajudá-lo a chegar ao ponto. Ele hesitou muito, e, quando pela indiferença fingida dela julgou que não era o momento certo de falar, pareceu de súbito decidido a adiar o que tinha a dizer, e começou a falar de outra coisa, com voz mais firme.

Então ela sentiu pena e respondeu pouco, enquanto tentava pensar em algum meio de reconduzi-lo à intenção original.

Mas não encontrou pretexto algum, e assim cortou o assunto de uma vez, perguntando-lhe diretamente:

— Diga, Georges, o que é? Que tem para me contar?

Agora era a vez dele de fingir indiferença, e, com surpresa simulada, respondeu:

— Contar? Como assim?

— Oh, não sei; pensei... imaginei ver alguma coisa nas pontas de seu bigode — disse ela, brincando. — Não há mesmo nada? Questões de dinheiro, talvez?

Ela sabia melhor: não eram questões de dinheiro, jamais era coisa alguma ligada a dinheiro, pois, em assuntos monetários, ele era sempre tão desesperadamente exato que ela nunca podia encontrar a menor falha nesse ponto. E, de fato, ele sacudiu a cabeça em negativa; mas, embora a olhasse sorrindo, não avançava; sua pergunta devia ser realmente embaraçosa, se fazia hesitar um conversador tão pronto como ele.

— Oh, não — respondeu. — Tudo se diz em poucas palavras, mas há momentos em que as palavras não vêm de modo algum, não é?

— Olhe, Georges, não fique dando voltas, por favor; se tem alguma coisa a dizer ou a me pedir, diga logo, sem rodeios, sem meias palavras; comigo isso é completamente desnecessário! — retomou ela, quase em tom de censura, mas com uma ternura tão encorajadora que ele agarrou a mão branca da irmã e, com galanteria brincalhona, levou-a aos lábios.

— E agora, allons! fogo! — insistiu Emilie, dando-lhe um leve tapinha sob o queixo.

Ele foi obrigado a falar, não podia voltar atrás; reuniu a coragem e começou devagar, em frases quebradas, mas logo chegou ao ponto. Sua posição — ela acharia muito tolo da parte dele se... pensasse em se casar? Havia um tremor em sua voz, como se seu destino dependesse da resposta dela.

As palavras a surpreenderam; apesar dos vinte e quatro anos dele, ainda o via de algum modo como seu menino, sua criança mimada, e — ele pensava em se casar! Mas, apesar do brilho superficial de sua maneira aérea, ela sabia que ele era viril e sensato; não lhe perguntaria semelhante coisa se não a tivesse pensado muito

bem, e seria errado feri-lo, talvez em uma afeição profunda, com uma única palavra de brincadeira. Ainda assim, sentiu medo ante a ideia de, mais cedo ou mais tarde, perdê-lo.

— Casar! Georges, você pensa nisso de verdade?

Ele sorriu, como encantado por alguma visão luminosa.

— Por que não? — perguntou, quase num sussurro.

— Então você... você está... tão apaixonado assim? — perguntou ela, baixinho. — É...?

E um nome lhe subiu aos lábios, mas não conseguiu pronunciá-lo. Ele assentiu com a cabeça, rindo, como se soubesse que ela adivinhara. Algum tempo antes de sua partida para Berlim, ela já o provocara por causa de Lili Verstraeten, de quem ele sempre tinha tanto a dizer.

Mas agora que ele o reconhecia, ela se sentiu decepcionada. Como sabia que Lili poderia gostar dele? Não estaria construindo castelos no ar? Mas não expressou o pensamento; não queria destruir sua ilusão, ele parecia tão feliz em sua esperança quieta.

— Georges, se você está falando sério, realmente... bem, vamos pensar um pouco — disse, aproximando a cadeira da dele. — Suponhamos que tudo corra bem no começo, que você faça o pedido e ela o aceite; e então? Quanto tempo não terão de esperar antes que possa haver casamento?

— Por quê?

— Mas, Georges, que quer dizer com isso? Como você é simples! Certamente não pretende casar com seu salário de assistente de cônsul. Mil e duzentos florins, não é? É verdade que tem direito à sua parte do legado de mamãe, mas é uma ninharia; no total, você não será muito rico. Então pergunto: com que dinheiro vai se casar? Não pode contar muito com o que os Verstraeten dariam como dote; vivem bem, mas de modo simples; não são propriamente ricos.

— Minha querida Emilie, se quer fazer contas, então faça direito. É verdade que não conto absolutamente com o apoio de meus futuros sogros — se é que algum dia serão isso — sussurrou, sorrindo —; na verdade, nem me importaria com isso.

— Apesar de tudo, você não diria não se eles aparecessem com alguma coisa substancial.

— Não sei; esse é um fator que por enquanto ponho de lado; na verdade, nem sequer pensei nisso. Mas você fazia contas ainda há pouco, e calculou com certo descuido. Supondo que eu não passe este ano no exame de vice-cônsul, minha parte no legado não é de mil e quinhentos florins?

— Mais ou menos.

— Bem, mil e duzentos mais mil e quinhentos dá...

— Dois mil e setecentos florins! E você se casaria com isso?

— Por que não?

Ela apertou as mãos em desespero.

— Mas, Georges, você está — pardonnez-moi le mot — fora de juízo. Não seja criança, por favor, e não crie ilusões a partir de impossibilidades. Talvez tenha encontrado aquele livrinho... deixe-me ver, como se chama? “Como levar uma confortável vida de casado com mil e quinhentos florins.”

— Não; não conheço o livro, mas mil e quinhentos não são dois mil e setecentos florins, e eu me lisonjeio...

— Você se lisonjeia! Sim, fará muito! Você é homem para ir levando a vida, de janeiro a dezembro, com uma esposa e um miserável par de milhares de gulden? Sim, de fato, fará muito! — repetiu, excitada, quase zangada, quando ele quis interrompê-la; e levantou-se, agitada, da poltrona.

— Imagino vê-lo instalado em aposentos no segundo andar, regalando-se com um bife uma vez por semana, hein! Enfim, é uma vida que não consigo descrever a você. Não sei nada dela, confesso. Você está acostumado a viver bem, Lili também; como é que vocês dois vão...? Oh! vamos, é absurdo demais. Seja sensato, Georges! Eu o conheço bem demais...

— Parece que não inteiramente — interrompeu ele, em voz baixa, que contrastava com o tom indignado dela. — De qualquer modo, creio possuir a faculdade de regular minhas necessidades em proporção aos meus meios.

— Talvez você possua, mas e sua esposa? Vai obrigar uma moça criada com certo luxo a regular também suas necessidades de acordo com seus meios? Acredite, Georges, hoje em dia ninguém vive de amor e luar; e jovens como você, como Lili, precisam de alguns luxos, precisam sair...

— Oh! essa eterna necessidade de sair. Eu saía quando era mais jovem; certamente ninguém precisa sair sempre.

— Egoísta! Então, porque você, quando jovem, saiu o quanto quis, agora quer casar, ficar em casa por economia e sentar-se com sua mulher regalando-se com seu bife semanal. Que grande perspectiva para ela, sem dúvida!

— Mas, Emilie, por que insiste tanto nessa necessidade urgente de sair todas as noites? Eu mesmo não a vejo, confesso. Baseio minha felicidade em algo inteiramente diferente.

— Até este momento, você tem sido uma borboleta tão alegre quanto qualquer um deles — em suma, você tem saído. Agora está apaixonado e um pouco de poesia se infiltrou em suas ideias; mas acredite, isso passará, e, quando estiver casado há algum tempo, achará muito sociável, de fato, ter um círculo agradável de conhecidos.

— Concedo, quanto ao círculo de conhecidos; mas não faz parte do meu plano renunciar a eles, e não custará tanto assim conservar sua amizade.

— Custa muito, Georges, acredite — insistiu Emilie. — Você recebe convites; não quer ser considerado mesquinho; precisa dar um pequeno jantar, por mais simples que seja; terá de fazer isso de novo e de novo, e tudo isso, veja bem, terá de administrar com dois mil e setecentos gulden, hein? Bem, já o vejo fazendo isso. Sobretudo sua mulher, que terá de governar a casa com esses dois mil e setecentos gulden, ou antes, com tanto quanto você lhe permitir. De todo modo, não conte comigo para ir me hospedar com vocês, está ouvindo?

Ele riu da indignação dela, mas ainda assim não se deu por vencido.

— Emilie, não se excite por coisa nenhuma, por favor! — disse, calmo. — Até agora tudo ainda está no ar, hein? Ainda não dei... passo algum... nem sei sequer se...

Não completou a frase, hesitando em exprimir em palavras os pensamentos que lhe pareciam tão desagradáveis.

— Sim, Georges, compreendo — respondeu ela, um pouco apaziguada pela calma da voz dele —; mas, ainda assim, as circunstâncias financeiras dificilmente podem ser deixadas como considerações secundárias; isso você há de admitir.

— Naturalmente; mas não deve fixar meu orçamento alto demais. A propósito, querida — interrompeu-se com um sorriso sedutor —, já que falamos de orçamento, ajude-me a organizar um, sim?

— O quê! Com um total de dois mil e setecentos gulden? Impossível, Georges, não estou à altura da tarefa. Ora, para viver respeitavelmente em aposentos, solteiro, você precisaria de mais.

Ele suspirou.

— Então não podemos concordar sobre o assunto de modo algum?

Ela encolheu os ombros.

— Você é uma criança por persistir em ideias tão tolas. Não sabe o que é a vida.

Ela se aborrecia porque ele fosse tão obstinado e não escutasse seus bons conselhos; mas ele — embora não o admitisse — sentiu-se hesitar um pouco em suas ideias, tão longamente meditadas; sentiu um peso de desesperança oprimi-lo e viu o chão de suas expectativas deslizar sob seus pés. Devagar, passou a mão pela testa; talvez fosse melhor... se esperasse.

— Talvez... eu fizesse... melhor em... esperar! — sussurrou, dando expressão aos pensamentos que o oprimiam, e suas palavras estavam tão cheias de triste resignação que Emilie, apesar da vitória conquistada, sentiu dor.

Tomou-lhe a cabeça entre as duas mãos e olhou longamente para aqueles olhos tristes e ansiosos.

— Sonhador! — disse, cheia de ternura materna e simpatia. — Quem sabe, hein? Você é tão jovem... e talvez, quem sabe, talvez...

— Bem... talvez o quê?

— Talvez você esteja certo, e eu inteiramente errada — disse ela, abrindo mão de sua vitória diante da tristeza que ela causava a seu menino mimado. — Apenas pense bem nisso; seja sensato, Georges, eu lhe imploro!

E imprimiu um beijo amoroso em suas pálpebras, que se fecharam, e sob as quais sentiu uma umidade suspeita.

Capítulo XIV

— Adeus, Betsy! Boa noite, Henk! Vou me deitar; estou exausta! — disse Eline de um só fôlego, ainda no vestibulo.

— Você não quer comer alguma coisa antes? — perguntou Betsy.

— Não, obrigada.

Ela subiu a escada, enquanto Betsy encolhia os ombros. Betsy a conhecia, conhecia seus modos, e pelas palavras curtas e decididas adivinhou que Eline estava tomada por um daqueles estados de excitabilidade nervosa em que quase odiava qualquer pessoa que tentasse desviá-la de suas intenções.

— Que foi que aconteceu com Eline? — perguntou Henk, ansioso, quando entraram na sala de jantar.

— Ah, como vou saber? — exclamou Betsy. — Começou no concerto, e na carruagem ela nem sequer me respondeu, como você deve ter notado. Não me incomodo com isso, mas acho Eline insuportável quando lhe dão esses ataques ridículos.

Calma e digna, em sua penugem de cisne e pelúcia, Eline subiu a escada e entrou em sua saleta. O gás estava aceso, e um toro de lenha ardia na lareira. Por um momento ela olhou ao redor; depois arrancou dos cabelos a renda branca, tirou dos ombros a pequena capa e, de cabeça baixa e olhos fixos, ficou a olhar para a frente, com expressão vazia, como se esmagada sob o peso de uma decepção terrível.

No pequeno espelho veneziano, graciosamente suspenso por cordões e borlas vermelhas sobre o grupo branco de Amor e Psiquê, cuja aparência idílica fazia um contraste zombeteiro com a ironia de seus pensamentos, ela viu o próprio reflexo, cintilando em sua “seda reps cor-de-rosa”, com uma aigrette rosa nos cabelos, a mesma com que, três meses antes, vira Fabrice pela primeira vez.

E agora...

Quase riu em voz alta, de tão ridícula que se julgava; sentiu repulsa de si mesma, como se tivesse chafurdado na lama.

Houvera um concerto da Sociedade Diligentia no Salão de Artes e Ciências e, a pedido dela, Henk e Betsy a haviam acompanhado. Fabrice ia cantar; “o popular

barítono da Ópera Francesa fora convidado a colher novos louros nos concertos do Salão”, dizia o parágrafo publicado no Het Vaderland.

Eline não descansou enquanto não teve certeza de que iria. Primeiro pedira aos Verstraeten; Madame Verstraeten não estava disposta, Lili ainda se achava doente. Depois pediu a Emilie; Emilie tinha um compromisso. Por fim recorreu a Henk e Betsy, que, embora nenhum dos dois fosse muito apaixonado por concertos, aceitaram ir. E Eline esperara grandes coisas ao ver Fabrice numa nova esfera, a de cantor de concerto. Felizmente, seus lugares ficavam perto do palco; ele — oh! ele devia tê-la notado na ópera, haveria de lhe fazer um sinal, ele a amava — o leque de Bucchi! E assim Eline prosseguia, criando ilusões sem fim; sua paixão lhe enchia a mente, cada vez mais, de uma segunda existência imaginária e fantástica, em que Fabrice e ela eram o herói e a heroína; um romance de improbabilidades, uma teia sempre crescente de extravagância poética.

Ele a achava bela, adorava-a; fugiriam, cantariam no palco, e através da pobreza e das privações chegariam à fama e à fortuna. Um arrebatamento febril, ao pensar que voltaria a vê-lo, espalhara uma leve tonalidade rosada sobre a palidez âmbar de suas feições; seus olhos haviam faiscado no brilho velado de seus olhares lânguidos; e... Foram. Ela tomou seu lugar, resplandecente de uma beleza que atraiu para si binóculo após binóculo, e as primeiras notas da sinfonia soaram em seus ouvidos como os doces acordes de um hino, carregados de alegres murmúrios de amor e felicidade. Então... então ele apareceu, em meio a uma tempestade de aplausos.

E agora, enquanto Eline fitava sem ver o espelho diante de si, voltou a imaginá-lo tal como surgira na plataforma do concerto.

Desajeitado, como um carpinteiro corpulento, numa casaca que parecia apertada demais para ele, os cabelos curtos e crespos gordurosos e viscosos de cosmétique, colados às faces, o rosto vermelho como uma lagosta, em contraste com o branco imaculado da frente da camisa, ele apresentava uma aparência grosseira e prosaica, com uma expressão desagradavelmente sombria em torno da boca barbada e nos olhos piscantes, semicerrados, sombreados por sobranceiras espessas e cerradas. E pareceu a Eline que era a primeira vez que o via. Todo o encanto que ele exercera sobre ela na vivacidade talentosa de sua atuação, nos trajes brilhantes que lhe realçavam a figura do modo mais vantajoso, dissipara-se agora como por uma rajada violenta de vento. E embora sua voz ressoasse com o mesmo esplêndido timbre metálico que a enchera de arrebatamento na ópera, ela

mal percebia que ele cantava, abalada como estava pela enormidade de seu engano.

Então ela não tinha olhos? Como! Aquele carpinteiro prosaico era o ideal de seu cérebro fantástico! Em seu desespero e decepção, teria podido soluçar de desgosto; mas nem uma feição se moveu, e ela permaneceu sentada, imóvel, quase rígida. Um leve estremelecimento, porém, correu-lhe pelo corpo, enquanto puxava a capa em torno dos ombros. Enquanto ele cantou, ela o examinou da cabeça aos pés, como se não quisesse mais poupar a si mesma, e sua respiração vinha e ia rápida, agitada, agora que mergulhava nas profundezas de sua tristeza sem conseguir dar-lhe vazão. Por que não o vira assim quando o encontrara no Bosch, com sua capa, seu cachecol e o grande chapéu de feltro que lhe davam uma aparência romântica, algo de bandido italiano? Teria ela de fato se esquecido de si mesma a tal ponto? Estremecendo, olhou em torno da sala. Ninguém parecia notá-la, ninguém suspeitava da tempestade de decepção que lhe rugia por dentro; Fabrice absorvia a atenção de todos. Felizmente ninguém sabia, ninguém haveria de saber.

Mas a ideia de estar a salvo do olhar do mundo não lhe trazia consolo. Diante dela jaziam as ruínas despedaçadas do edifício aéreo, de vidro, de suas ternas visões e fantasias, que, pilar por pilar, leve e delicado, ela erguera para si, cintilante e belo, cada vez mais alto, em fantástico esplendor de cristal, sempre mais alto, mais alto ainda, até que, como numa apoteose, parecia atingir as próprias nuvens.

E agora tudo estava estilhaçado; todas as visões e fantasias do cérebro haviam desaparecido, dissipadas como por uma rajada de vento, e nem mesmo um caos restava de tudo aquilo: apenas um vácuo terrível; apenas aquele homem ali, com seu rosto vermelho de açougueiro, sua camisa branca, sua casaca apertada e seus cabelos lambuzados de gordura.

Nunca ela sofrera como sofreu naquela noite.

Durante três longos meses, aquele romance de amor fizera seu coração bater cada vez que o nome dele era pronunciado em sua presença, cada vez que via o nome dele anunciado em um cartaz; e agora... um olhar para aquele — as palavras de Vincent lhe ecoavam nos ouvidos, cheias de zombaria e escárnio — “sujeito gordo e feio” arrancara-lhe da alma esse romance, e tudo, tudo se fora.

Ela quase não falou; e quando, no foyer, Betsy, notando-lhe as feições contraídas e pálidas, perguntou se ela estava doente, Eline respondeu calmamente que sim: sentia-se um tanto fraca. Encontraram os Oudendyk e os van Laren, riram e

gracejaram, mencionaram o nome de Fabrice; mas Eline deixou-se cair num banco, como uma pomba ferida, e ouviu, quase desfalecendo de dor, sem compreender nada, com um sorriso vazio, alguma coisa que o jovem Hydrecht lhe dizia.

Na segunda parte do concerto, Fabrice apareceu outra vez, e outra vez foi recebido com aplausos jubilosos; Eline sentiu-se fraca e tonta. Era como se o público, em sua admiração delirante, dançasse uma dança satânica em torno do barítono, sombrio, vermelho e grosseiro como antes. Gotas frias de suor se formaram em sua testa; suas mãos ficaram geladas e úmidas dentro do revestimento justo de peau de Suède, e seu peito se erguia em longos suspiros opressivos. Por fim — graças a Deus! — o concerto acabou.

Agora estava sozinha, e podia deixar-se levar o quanto quisesse por aquela tempestade de dor; não precisava mais obrigar-se a parecer alegre e sorridente diante do mundo. Assim, com um soluço de angústia, caiu de joelhos diante do sofá persa e escondeu a cabecinha palpitante no bordado das almofadas macias. Com as mãos tentou abafar os soluços arfantes que sacudiam toda a sua estrutura delicada; os cabelos desprenderam-se do fecho que os prendia e caíram em torno dela, numa massa de ondas lustrosas.

Depois da primeira dor e da primeira decepção, uma sensação amarga a dominou, como se ela, ainda que apenas aos próprios olhos, se tivesse entregue a um ridículo indelével, a algo indigno e risível, cuja mancha ficaria para sempre presa a ela, e cuja lembrança continuaria sempre a persegui-la como um fantasma zombeteiro e escancarado.

Permaneceu assim por muito tempo, a cabeça enterrada nas almofadas, todo o seu ser retorcendo-se na angústia do desespero. Primeiro ouviu Henk, depois Betsy, retirando-se para seus quartos; em seguida, Gerard fechando com ferrolho a porta da rua para a noite, o som ecoando pelo silêncio que reinava na casa. Depois disso nada mais se moveu, e Eline sentiu-se muito só, como se abandonada no meio de um oceano de tristeza.

De repente, um pensamento a fez sobressaltar-se. Ergueu-se depressa, enquanto os cabelos castanhos rodopiavam em torno dos ombros, e uma expressão de orgulho ferido lhe veio ao rosto manchado de lágrimas. Com firme resolução e aparente calma, aproximou-se da escrivaninha e, estremecendo, pôs a chave na fechadura; abriu a gaveta que outrora lhe fora tão querida e tirou dela o álbum. O veludo vermelho parecia queimar-lhe os dedos como fogo. Puxou uma cadeira

para junto da lareira, onde o toro de lenha ainda ardia; abriu o livro. Então era esse o relicário de seu amor, o templo de sua paixão, em que adorara seu ídolo! E, à medida que virava as páginas, passava a procissão de retratos: Ben-Saïd, Hamlet, Tell, Luna, Nelusco, Alphonse, de Nevers — pela última vez. Com brutalidade, rasgando sob os dedos as folhas de bordas douradas, retirou as fotografias, uma a uma, e sem hesitar as despedaçou em pedacinhos, partindo o cartão duro no aperto furioso de seus dedos delicados. Atirou os pedaços ao fogo, um a um, e enquanto as chamas se enroscavam em torno deles continuou sua obra de destruição, lançando cada vez mais ao fogo, atizando-o com o atizador, até que tudo estivesse queimado. Aquilo passara; aquela vergonha estava purgada.

Então se levantou, um tanto aliviada. Mas o álbum rasgado, que ainda segurava entre os dedos, continuava a queimar-lhe a mão; e de súbito, agarrando o livro de veludo com tanta força que partiu as unhas, arremessou-o, com um grito abafado de repugnância, para longe de si, contra o piano, cujas cordas emitiram um suspiro baixo e surdo.

Depois recolheu do chão a capa e a renda, alisou a seda amarrotada do vestido e retirou-se para o quarto, onde uma pequena lâmpada noturna, branca como leite, espalhava em torno uma luz suave e triste.

E pareceu-lhe que de novo era mergulhada naquele oceano de tristeza, naquele abismo de decepções, enquanto de repente lhe veio à mente uma discussão com Betsy. Poucos dias antes, com efeito, declarara que Roberts, seu professor de música, estava ficando velho e já não servia para nada; que pretendia, dali em diante, tomar lições com um artista — com Fabrice, por exemplo —, e Betsy lhe perguntara se ela estava louca, declarando que tal coisa certamente não se faria em sua casa.

Agora já não era preciso.

Capítulo XV

A severidade do inverno afrouxou, e a primavera se aproximou, trazendo consigo chuva e neblinas frias, que envolviam as árvores sem folhas em úmidos sudários de frio. E todos falavam de Otto van Erlevoort, que era tão cheio de atenções para com Eline Vere. Oh, sim; certamente aquilo acabaria em noivado, pensavam os Eekhof, os Hydrecht, os van Laren e Madame van der Stoor. Henk estivera em Gelderland com Etienne; haviam ficado no Huis ter Horze, a propriedade da família Erlevoort, onde Theodore, o filho mais velho, morava verão e inverno com a mulher e os filhos; e durante esse tempo Otto fora visitante frequente do Nassauplein, é verdade que quase sempre convidado a passar a noite ali em companhia de outros. Ainda assim, não era muito estranho que ele, que em geral levava vida tão recolhida e saía tão pouco, de repente visitasse os van Raat com tanta frequência? De todo modo, se aquilo viesse a dar em noivado, seria um excelente partido. Otto era um bom rapaz e tinha uma boa posição; Eline era encantadora, elegante, rica, segundo se pensava; tinham sido feitos um para o outro; além disso, Eline ficaria contente em ter um barão por marido. Na verdade, as pessoas os achavam tão bem combinados que sentiam até certo pesar por não encontrar grande coisa a dizer contra a união, e procuraram até que, por fim, acharam alguma coisa. Era obra de Betsy, vejam só, pois ela não se dava muito bem com a irmã e não lamentaria vê-la sair de casa de modo decente. Betsy encorajava Otto; era verdade que Eline parecia disposta, mas, se não fosse por Betsy, nem ele nem ela teriam pensado nisso. Oh, sim; Betsy, em sociedade, era perfeita, mas dentro de casa, uma maîtresse femme? Não, não; pior que isso: uma megera! O bom e corpulento Henk ela mantinha inteiramente sob seu domínio, e, se Eline não fosse tão firme e mostrasse um pouco menos os dentes, também teria caído debaixo de sua mão. À primeira vista, parecia tão bonito, tão bondoso, receber em casa uma irmã mais nova, órfã; mas para gente tão rica como os van Raat isso não significava nada. Além do mais, os Vere também tinham dinheiro, e ninguém acreditava que tudo fosse couleur de rose naquela casa. Portanto, Betsy achava que já era tempo de Eline se casar. Ela tivera oportunidade muitas vezes antes; mas era bonita e difícil de contentar, e assim por diante. Enfim, era assunto dela, não era?

Eline sabia muito bem que falavam dela desse modo, mas em sua calma dignidade pouco se incomodava com isso. Ela própria também acreditava: Otto lhe faria o pedido, e achava melhor aceitá-lo. Não sentia amor, é verdade — no sentido que ela dava à palavra — por van Erlevoort, mas não havia contra ele a

menor objeção. Seria um excelente partido; talvez ela preferisse uma fortuna maior, mas pensava que, com sua refinada economia, teria tato suficiente para espalhar em torno de si uma aparência de luxo.

Mas dizer que Betsy encorajava Otto era ir um pouco longe demais. Betsy, embora visse tal casamento como muito desejável, não sentia simpatia pessoal por Otto, formal e preciso demais para agradá-la; era polida e amável com ele, mas jamais deixava escapar o menor sinal de que o considerasse um cunhado desejável.

Também entre os van Erlevoort tinham sido feitas, de vez em quando, perguntas um tanto indiscretas; Frédérique, porém, apenas encolhia os ombros. Nada sabia; Eline já estivera noiva tantas vezes — ao menos aos olhos de seus conhecidos —, por que então não poderia estar noiva, desta vez, de Otto? perguntava ela, com tanta ironia que não conseguiam adivinhar a verdade. E, contudo, ela sabia que em casa aconteciam às vezes entrevistas misteriosas entre Madame van Erlevoort, Mathilde e Otto, uma espécie de conselho de família que parecia nunca chegar a uma decisão. Sentia-se um pouco posta de lado, e era orgulhosa demais, agora que desprezavam seus conselhos e pareciam não se importar com sua opinião, para impor-se a eles. Certa vez, inclusive, quando encontrara a mãe, a irmã e o irmão juntos depois do jantar, e notara que tinham cessado de falar de repente quando ela entrou, enquanto sua mão ainda estava na maçaneta — eles a haviam olhado com certo embaraço —, desaparecera sem dizer palavra, fechando suavemente a porta atrás de si, numa mágoa e num despeito silenciosos. Também com Otto, depois da conversa sobre o leque, não procurou mais nenhuma confiança, pois não a considerava ele uma simples criança? Muito bem, ela não o aborreceria com suas criancices. E só com Lili e Marie desabafava sobre Eline, aquela coquete vaidosa, sem uma centelha de sentimento em todos os seus sorrisos e poses; mas, quando Paul estava presente, calava-se. Ele também a defendia, outra vítima da coqueteria de Eline, tal como Etienne, que não queria ouvir uma palavra contra ela! Que viam todos aqueles rapazes nela? Frédérique não conseguia compreender; achava que Eline não passava de artifício e afetação, uma atriz; em suma, Eline representava. E embora a defesa que Etienne fazia de Eline a irritasse, sentia-se agora, com ele ausente em Horze, solitária sem ele, em meio ao alvoroço dos pequenos van Ryssel e aos latidos de Hector, entre os quais Miss Frantzen fazia esforços desesperados para restaurar a paz e o sossego.

Era domingo, e Paul van Raat estava sentado diante do cavalete, sobre o qual havia uma pintura meio acabada, representando algumas peças antigas de Delft, uma velha Bíblia, uma taça antiga de vinho do Reno e uma jarra de prata, a de

Vincent, que afinal ele tomara para si — o conjunto disposto com liberdade sobre uma larga toalha de Esmirna, amassada. Mas o trabalho avançava muito devagar; a luz era e continuava fraca, por mais que ele subisse ou baixasse as cortinas, e lamentava descobrir que seus dedos conseguiam, com muito mais facilidade, arranjar os objetos com bom gosto do que depois representá-los na tela. Era tudo culpa do tempo! Com um céu tão chuvoso não podia cintilar luz alguma na taça, ao passo que a jarra de prata parecia de estanho. E ele pôs o pincel de lado e, com as mãos nos bolsos, assobiando baixinho, pôs-se a andar de um lado para outro no ateliê, um pouco irritado com sua falta de energia. Gostaria tanto de terminar o quadro, mas não conseguia, por mais que se esforçasse.

Seu quarto era um caos artístico, assim como seu temperamento amador era um caos, do qual raramente saía uma criação. Acima de um armário de carvalho entalhado pendia um troféu de armas antigas; as paredes, até o teto, estavam cobertas de porcelanas, pinturas, gravuras e águas-fortes, e figuras femininas em mármore e terracota pareciam cercá-lo como um harém de belezas brancas como leite e cor de âmbar. Livros espalhavam-se por toda parte; de pastas desamarradas espiavam esboços e gravuras; no chão, em torno do cavalete, jazia uma mistura de pincéis, lápis e tubos de tinta. Um grande cinzeiro estava cheio de cinzas, e por toda parte havia pó e entulho. Leentje, a criada da sala, raramente tinha permissão para entrar naquele quarto.

E, enquanto caminhava de um lado para outro em sua decepção, parecia-lhe que seria um alívio afastar toda aquela tralha artística, jogar o cavalete no depósito e nunca mais pensar em pincel. Parecia-lhe que, uma vez limpo de arte o quarto, ele próprio já não sentiria nenhum desejo de arte e, portanto, não sofreria mais decepções. Aquilo era apenas perda de tempo; poderia encontrar divertimento melhor do que aquela eterna lambança. E pensou em como reorganizaria o quarto, simples e confortável, de modo que se pudesse andar sem derrubar uma estátua aqui, nem tropeçar num tapete oriental ali. Ainda assim, o pensamento vinha tingido de tristeza; tudo era ilusão, havia muito despedaçada e derrubada de seu pedestal, e agora ele se preparava para varrer os últimos restos.

De repente ouviu a voz risonha de Eline no vestíbulo, desceu para a saleta dos fundos e beijou a mãe; ela viera com Ben. Betsy convidou Madame van Raat a passar por ali naquela noite; não haveria ninguém além de Madame Eekhof e suas duas filhas, Ange e Léonie, Frédérique e seus dois irmãos, e Vincent.

— Naturalmente, contamos também com você, Paul — disse ela, dando-lhe a mão.
— Cela s'entend, n'est-ce pas? Vamos, minha pequena senhora, é melhor dizer

que sim; não será nada gentil de sua parte recusar; poderá ir embora à sua hora cedo de costume, se quiser. Ce n'est pas à refuser.

Bem, a pequena senhora consentiria; mas, na verdade, não se sentia em casa no meio de tanta juventude.

— É justamente isso que lhe faz bem, um pouco de alegria. Veja Madame van Erlevoort — disse Eline —, tome-a como exemplo.

A velha senhora não resistiu à tentação da voz de sua querida e cedeu; Paul também prometeu ir. E Madame van Raat olhou para Eline, que se sentara ao seu lado no sofá, com certa curiosidade, como se revolvesse alguma coisa na mente.

— Escute, Eline, preciso lhe perguntar uma coisa — começou Madame van Raat afinal, num sussurro. — É verdade?

Eline sentiu um leve rubor colorir-lhe as faces, mas agiu como se não compreendesse a pergunta.

— O quê, minha pequena senhora? Como assim?

A velha senhora sorriu, mas não explicou. Apenas perguntou:

— Frédérique também vem esta noite, não vem?

— Acho que sim, pelo menos... — começou Eline.

— Sozinha?

— Não; com — como eu disse agora há pouco — com os irmãos, Otto e Etienne.

— Ah, é mesmo — disse a velha senhora, indiferente; mas olhou-a de lado, enquanto algo semelhante à alegria brincava em seus olhos sem brilho.

Eline sorriu, um pouco embaraçada.

— Acho que a senhora é uma velhinha muito maliciosa — disse, acariciando o regalo.

— Oh, as pessoas falam tanto, sabe; não falam? Um dia se ouviu uma coisa, no outro outra; mas, ainda assim, às vezes também se ouviu a verdade.

— E o que ouviu?

— Algo que você devia ter me contado há muito tempo, se tivesse alguma confiança em mim. Agora tive de saber por Betsy.

Eline sobressaltou-se.

— Betsy disse...? — balbuciou.

— Sim, querida; e eu teria preferido muito mais ouvir primeiro de você — repetiu Madame van Raat, magoada, como uma velha senhora que se sente preterida.

Eline ficou impaciente. Era verdade que Otto a pedira em casamento, mas ela ainda não conseguira decidir, e aquilo a aborrecia. Como todos pareciam saber e lhe davam conselhos sem que os pedisse! Como todos, em termos velados ou francos, se atreviam a fazer toda sorte de representações a Betsy! Outros, sob o manto da intimidade, tinham até sussurrado aos ouvidos da irmã que ela devia instar Eline a declarar-se. Agora já estava farta dessas indiscrições e ia dar a Madame van Raat uma resposta ríspida, mas conteve-se e não deu sinal de contrariedade, enquanto murmurava ao ouvido da velha senhora:

— Bem, o que eu deveria ter lhe contado? É verdade que Erlevoort me pediu; mas eu não podia falar disso antes de saber eu mesma o que devia fazer.

E lançou apenas um olhar para Paul, mas logo tornou a desviar a cabeça, irritada também com ele, pois ele a fitava com atenção, como se quisesse apanhar suas palavras. De qualquer modo, ela não pretendia satisfazer a curiosidade mal-educada deles, e levantou-se, pondo fim à conversa de Madame van Raat — da qual se depreendia que a velha senhora gostava muito de Otto — com um beijo e algumas palavrinhas carinhosas.

E o aumento de ternura no beijo trêmulo de Madame van Raat, não menos que a malícia que cintilava nos olhos de Paul, aborreceu-a e a irritou, enquanto esperava por Ben, que a avó ainda acariciava nos braços.

Não; Eline não sabia como decidir. Estremecia diante de um passo que podia fazê-la feliz ou infeliz por toda a vida. Parecia-lhe que seu futuro dependia apenas de uma única palavra, que hesitava em pronunciar. Estremecia à simples ideia de um marriage de raison, porque no fundo do coração sentia anseio de amor, muito amor, embora fosse um sentimento que ela fizera o possível para reprimir depois da recente decepção. E Otto — ela dançara com ele, rira e gracejara com ele, mas nunca sua imagem lhe ocupara os pensamentos nem por um instante, e ela sempre o esquecera assim que deixava de ouvi-lo ou vê-lo. Quando, porém, percebeu a simplicidade séria de seu caráter, quando adivinhou que ele a amava, a ideia lhe pareceu doce, e disse a si mesma que lhe causaria dor causar-lhe sofrimento ou recusar-lhe qualquer coisa, até mesmo a mão. E, enquanto assim se

cegava voluntariamente, o arrebatamento daquela paixão calma dele por ela parecia derramar bálsamo em seu coração ferido.

O pensamento de tornar-se sua mulher, sob a influência desse autoengano, encheu-a de serena alegria; algo como uma visão doce se ergueu em sua mente, e — ela começou a encarar a questão do ponto de vista financeiro.

Sim; a ideia era animadora. Ser completamente independente, deixar a casa da irmã, onde, apesar de sua pequena fortuna particular, sentia-se como se estivesse acorrentada, algo como uma hóspede incômoda, cuja presença era tolerada por causa da opinião do mundo. Mas sob todas essas várias razões que a atraíam a acolher Otto com calmo prazer, espreitava, como uma víbora invisível aos seus próprios olhos, o amargo pesar pela ruína de suas fantasias despedaçadas; e, se algum dia ela se entregasse a Otto, seria para vingar-se de Fabrice e de si mesma.

Entretanto, assim que ele fizera o pedido, assim que se tornara necessário refletir, e não havia uma riqueza avassaladora de paixão à qual ela pudesse entregar-se, recuava cheia de terror diante da prova de dar sua decisão.

Ele, Otto, esperava; ele ao menos era discreto. Havia alguns dias evitava a casa dos van Raat, e ela queria recompensá-lo por sua discrição; corando, pedira a Betsy que lhe enviasse um convite pessoal, íntimo, como fazia a Freddie e Etienne.

Ele viria, ela falaria com ele; e parecia-lhe que uma força invisível a empurrava para diante, por um caminho íngreme; como se quisesse agir de outro modo, mas fosse incapaz de escapar ao destino. Parecia-lhe que, de olhos vendados, Tateava em busca da felicidade, estendendo as mãos numa suspensão ansiosa, sem fôlego, e escutando algo que parecia o eco da felicidade que ela nunca, nunca encontraria.

Betsy servia o chá. Madame van Raat e Madame Eekhof estavam sentadas ao lado dela, num sofá, e conversavam com Emilie de Woude. Henk, com as mãos nos bolsos, ouvia atentamente Vincent; e Eline, Ange, Léonie e Paul folheavam músicas ao piano, quando Otto e Etienne entraram.

— E Frédérique? — perguntou Betsy com surpresa, estendendo a mão a Otto.

— Frédérique sentiu-se um pouco cansada; pede muitas desculpas — respondeu ele, simplesmente.

— Ultimamente ela anda muitas vezes indisposta — disse Etienne, como para dar mais peso às palavras do irmão.

Eline sentiu o coração bater. Estava muito nervosa, embora escondesse eficazmente o nervosismo sob sua alegre vivacidade. De repente pareceu-lhe que todos a olhavam, que adivinhavam seus pensamentos, e quase estremeceu ao erguer os olhos, com medo de ver todos os olhares dirigidos para ela. Mas, quando afinal olhou, o aspecto da sala permanecia inteiramente inalterado: as velhas senhoras ainda conversavam com Betsy e Emilie, Vincent falava quase em sussurros com Henk, e as moças e Paul apertavam a mão de Etienne.

Otto, porém, aproximou-se dela. Ela mal sabia como se portar e imaginava parecer muito desajeitada; mas era justamente essa hesitação que emprestava algo de pudico à sua figura esguia e lhe dava novo encanto. Ouvia-o desejar-lhe boa noite com simplicidade, mas em sua voz soava algo cheio e rico, como a promessa de uma grande afeição. De súbito tomou consciência de uma emoção nova, uma ternura derretida no coração, que não conseguia compreender.

Ele ficou ali, junto ao piano, ao lado dela, mas entrou em conversa com Ange, enquanto Léonie se divertia ruidosamente com Etienne. Uma ou duas vezes Otto olhou para Eline, para fazê-la participar da conversa, e ela sorriu, sem ouvir o que se dizia. Já não conseguia acompanhar os próprios pensamentos; eles esvoaçavam em sua mente como um enxame de borboletas, e parecia-lhe que um coro de vozes cantava em seus ouvidos. Compreendia que não podia deixar-se arrastar pela maciez luxuosa que parecia envolvê-la como braços de veludo, que não ousava entregar-se a sonhos no meio de uma sala cheia de gente. E, depois de algumas palavras risonhas, afastou-se, admirada com o tom abafado de sua voz, que soava como se ela falasse através de um véu.

— Vincent, você também toca, não toca? — ouviu Betsy perguntar; e viu as velhas senhoras e Emilie se levantarem, e avistou Henk sentado à mesa de jogo, no quarto oposto, ocupado em escolher as fichas de madrepérola de uma caixa japonesa. Parecia mover-se como num sonho; viu as cartas dispostas sobre a mesa coberta de pano vermelho em forma de um grande S; viu as velas de cera queimando nos cantos da mesa, e os dedos adornados de joias de Madame Eekhof puxando uma carta.

Parecia-lhe que ela própria estava muito longe de tudo aquilo. Vincent sentou-se diante de Madame van Raat; Henk teria Madame Eekhof como parceira. Betsy voltou com Emilie; elas entrariam no jogo mais tarde.

— Madame van Raat, nós os incomodaremos se fizermos um pouco de música, ou é uma partida de cartas terrivelmente séria? — perguntou Léonie a Betsy, apontando para a mesa.

— Oh, não, de modo algum, amusez-vous toujours — respondeu Betsy, e conduziu Otto e Emilie consigo para o sofá. Com estranhos, ela era sempre amabilíssima.

— Vamos, Eline, deixe-nos ouvi-la; querida, estamos morrendo por suas melodias arrebatadoras! — continuou Léonie, com vivacidade inexaurível. — Eu a acompanharei com meus dedos de fada.

— Não, Léo; esta noite, por favor, não. Não estou com voz.

— Sem voz? Não acredito numa palavra! Vamos! allons, chante, ma belle! O que vai ser?

— Sim, Eline, cante! — gritou Madame van Raat do quarto oposto, e em seguida, com voz embaraçada, perguntou ao parceiro qual era o trunfo.

— Realmente, minha pequena senhora; realmente, Léo, não posso. Eu sempre sei quando não posso cantar. Em geral não recuso, não é? Mas você trouxe alguma música consigo, não trouxe?

— Sim; mas não são canções para começar, são para mais tarde. Algo sério primeiro; vamos, Eline, allons!

— Não, não; decididamente não — disse Eline, balançando a cabeça; era realmente impossível. Sentia-se como numa febre, que lhe trazia um leve rubor às faces, fazia suas pálpebras caírem languidamente, seus pulsos baterem, seus dedos tremerem.

— Decididamente não? — ouviu repetir baixinho, e olhou em torno. Era Otto, que, sentado ao lado de Betsy e Emilie, lhe perguntava e a olhava com seus olhos honestos e expressivos. Mais uma vez ela balançou a cabeça, ainda, segundo pensava, de modo desajeitado, mas na verdade com graça inconsciente.

— Realmente, eu não poderia.

E virou-se imediatamente, temendo que ele suspeitasse por quê. Além disso, sentia-se muito embaraçada quando seu olhar encontrava o dele, embora nele não houvesse a menor reprovação. E parecia-lhe que havia algo estranho na postura das pessoas que enchiam as salas com sua conversa e seu riso, algo incomum e esquisito; mas ainda assim, pensava ela, apenas Betsy e Madame van

Raat sabiam que Otto a pedira em casamento e que ela lhe daria a resposta naquela noite. O que quer que os outros suspeitassem, não deixariam escapar uma palavra que pudesse obrigá-la a erguer o véu de seu segredo antes que ela quisesse. E essa confiança na discricção bem-educada deles a tranquilizou.

Léonie, porém, fez beicinho e achou Eline uma moça maçante. Paul e Etienne gritaram que Léo é que devia cantar, e iam buscar a música dela, que a moça, com afetação de timidez, deixara no vestibulo. Os três correram rindo para a porta, mas Léonie não permitia que procurassem a música, e provocaram uma súbita agitação alegre, que fez os jogadores de whist na sala ao lado erguerem os olhos, sorrindo, das cartas. Etienne, porém, triunfou, e logo voltou trazendo nos braços erguidos a partitura de La Mascotte. As jovens Eekhof foram persuadidas e, rindo e hesitando, gorjearam, com suas vozes finas e agudas, o dueto de Pipo e Bettina — “O, meu Pipo...” — enquanto Etienne as acompanhava com acordes frequentemente duvidosos.

Ainda assim, o dueto foi um sucesso, e, com alegria crescente, logo gorjeavam os quatro — Ange, Léonie, Etienne e Paul — com deliciosa desconsideração tanto pelo compasso quanto pela afinação, ora o langoroso “Um beijo...”, ora o cômico “O grande macaco...”; e sua música era levada, como um esvoaçar de melodia aérea, alegremente pelas salas. Eline sentara-se num banquinho junto ao piano e apoiava contra ele a cabecinha febril, quase ensurdecida pela voz ruidosa de Etienne. Sua mão marcava o compasso no joelho, mostrando assim ainda algum pequeno interesse pelo que se passava. Ouvia os acordes do piano martelarem-lhe nos ouvidos, e aquele som a impedia de pensar e chegar a uma decisão. Oscilava constantemente de uma resolução a outra. Sim, aceitaria; o amor dele, embora não retribuído, seria ainda assim sua felicidade; era seu destino. Não; ela não podia forçar-se, não podia, sem uma sombra de amor, deixar-se prender daquela maneira. E parecia-lhe que seus pensamentos eram continuamente balançados de um lado para outro, como se um relógio tiquetaqueasse sem parar em seus ouvidos: sim — não — sim — não. Seria um alívio agarrar-se a qualquer coisa, ainda que às cegas. Não; devia decidir apenas depois de calma deliberação. Oh, se aquele relógio ao menos parasse! Ela não podia lutar assim consigo mesma; não tinha força. Não refletiria mais; deixaria que as potências invisíveis que a impeliam pelo caminho íngreme a carregassem; entregar-se-ia inteiramente à pressão das circunstâncias; elas que decidissem por ela. E sentiu um arrepio frio dominá-la quando seus olhares se encontraram, e levantou-se.

Vincent dirigiu-lhe a palavra.

— Bem, Elly, já cometeu alguma loucura? Alguma coisa escandalosamente insensata? — perguntou Vincent, imitando-lhe a voz.

Em torno do piano havia mais silêncio. Léonie estava sentada ao lado de Emilie e lhe fazia uma descrição vivíssima de uma pequena dança nos van Laren. Etienne voltara-se no banco do piano e gracejava com Ange, que se deixara cair no otomano numa explosão de riso, cobrindo o rosto com as duas mãozinhas. Paul ria junto e virava as páginas de música.

— Como? O quê? Como assim? — balbuciou Eline, que não compreendia.

— Você não me disse, há pouco, que estava prestes a fazer alguma coisa desesperadamente absurda? Agora lhe pergunto se já lhe ocorreu algo. Eu gostaria de acompanhá-la.

A brincadeira dele feriu-lhe os ouvidos. Em seu estado presente, excepcionalmente sério, a lembrança daquele período de frivolidade lhe pareceu como um eco de desejos desaparecidos. Não; já não sentia vontade alguma de entregar-se a absurdos equívocos; seria sensata e prática, como Otto. Equivocamente absurda, sua paixão decepcionada — se podia dar esse nome à sua loucura — já fora mais que suficiente; no futuro, não se deixaria arrastar. E esmagou o sentimento de amargo remorso que lhe subia ao coração com a picada aguda de uma víbora.

Enquanto procurava alguma frase leve para responder à pergunta de Vincent, um alarme súbito a tomou. Um novo pensamento a atingiu. Não, já não era possível; ela não podia voltar atrás. Otto, Betsy, todos esperavam que ela aceitasse; não podiam deixar de esperar. Se não pretendia aceitá-lo, por que então mandara enviar-lhe um convite expresso? Estava decidido. Não podia ser de outro modo, e, depois de seu súbito alarme, uma grande calma desceu sobre todo o seu ser.

— Mas, minha querida, creio que você sofre de distração — exclamou Vincent, rindo. Ele lhe perguntara por que Georges de Woude não estava ali, e ela respondera languidamente:

— Oh, sim; é verdade.

Agora riu por sua vez; voltava a si na beatitude daquela calma.

— Peço perdão, estou um pouco... — e levou a mão à testa.

— Ah! dor de cabeça, suponho? Sim; conheço a doença — interrompeu ele, irônico, lançando-lhe um olhar perscrutador. — Essa dor de cabeça é uma queixa de família entre nós; sofremos muito de dor de cabeça.

Um pouco alarmada, ela o olhou; certamente ele não podia suspeitar de nada.

— Eu também fiquei com dor de cabeça enquanto tocavam, por causa do martelar do piano. Era como se eu visse todas as espécies de cores: verde, amarelo, laranja. Quando aquela pequena vivaz ali — Léonie — canta, vejo sempre a cor laranja.

— E quando eu canto? — perguntou ela, com coqueteria.

— Oh, então é bem diferente — retomou ele, mais sério. — Então vejo sempre diante de mim um clímax harmonioso, do rosa mais tênue ao púrpura, até que tudo se funde numa deliciosa coalescência. Suas notas graves são rosa; as agudas, púrpura e brilhantes. Quando Paul canta, é tudo cinza, às vezes com um toque de violeta.

Ela riu alegremente, e Paul — que o ouvira — também.

— Mas, Vincent, isso são visões de uma imaginação superexcitada.

— Talvez; mas às vezes é muito bonito. Você nunca experimentou isso?

Ela refletiu por um momento, enquanto Ange e Etienne, que tinham ouvido a última parte da conversa, se aproximavam e escutavam, assim como Paul.

— Não; acho que não.

— E nunca sentiu que certas notas lhe lembram algum odor particular — opoponax ou resedá, por exemplo? Os tons de um órgão são como incenso. Quando você canta aquela scena de Beethoven, Ah, Perfido!, sinto sempre o perfume de verbena, sobretudo numa das passagens agudas finais. Quando a cantar outra vez, eu lhe mostrarei.

Ange soltou uma gargalhada.

— Mas, senhor Vere, que encantador ser perfumada assim!

Todos riram, e Vincent também parecia de bom humor.

— É verdade, parole d'honneur.

— Não; mas eu lhe digo uma coisa: certas pessoas me lembram diferentes animais — sussurrou Etienne. — Henk, por exemplo, me lembra um grande cão; Betsy,

uma galinha; Madame van der Stoor, um caranguejo.

Eles gritaram de rir. Otto, Emilie e Léonie levantaram-se de seus lugares e se aproximaram.

— De que se trata? — perguntou Emilie, curiosa.

— Madame van der Stoor é um caranguejo! — berrou Ange, com lágrimas nos olhos de tanto rir.

— E diga-me, Eetje, eu lembro o quê? — perguntou Léonie, de olhos cintilantes.

— Oh, você e Ange são exatamente como duas cachorrinhas — gritou Etienne. — Miss de Woude, com seu queixo duplo, é uma peruazinha! — sussurrou ele, delirante com o próprio sucesso, ao ouvido de Ange, que quase se sufocou de rir.

— Miss Frantzen também é uma peruazinha, de outra espécie. Willem, o criado, é uma cegonha majestosa, e Dien, a cozinheira dos Verstraeten, uma cacatua.

— É uma ménagerie, uma arca de Noé! — gritou Léonie.

— E Eline? — perguntou Paul por fim.

— Oh, Eline — repetiu Etienne, e refletiu. — Às vezes um pavão; às vezes uma serpente; neste momento, uma pombinha.

Eles sacudiram a cabeça diante de suas fantasias extravagantes, mas ainda assim riram alegremente.

— Etienne está sempre alegre — disse Eline a Otto, quando os pequenos grupos se desfizeram; e acenou sorrindo para Madame van Raat, que cedera seu lugar à mesa de cartas a Emilie. Vincent, nesse meio-tempo, tornou-se alvo das pequenas Eekhof, que lhe perguntavam se ia abrir uma perfumaria.

— Sim — respondeu Otto. — Ele não tem razão para estar de outro modo, tem? Tem tudo o que deseja.

Havia algo triste em suas palavras, como se esse não fosse o caso dele próprio, e Eline não encontrou nada a responder. Por um momento ficaram bem próximos, em silêncio, enquanto sua mão trêmula apertava o leque ao lado do corpo, e outra vez seus pensamentos começaram a vaguear.

— Você não tem nada a me dizer? — sussurrou ele suavemente, mas sem sombra de reprovação.

Ela respirou fundo.

— Realmente, oh... eu... eu ainda não posso; perdoe-me, mas realmente... mais tarde, mais tarde.

— Está bem, mais tarde; serei paciente — enquanto me for permitido — disse ele, e seu tom calmo trouxe um pouco de paz ao cérebro revoltado dela. Não; recusar ela já não podia — mas, ainda assim, não conseguia decidir.

E não pôde deixar de admirar o tato tranquilo dele, enquanto conversava com ela sobre assuntos nos quais nenhum dos dois tinha o menor interesse. Aquele tato simples e sereno constituía seu maior encanto; ele era tão inteiramente ele mesmo que parecia não esconder, em sua franqueza viril, nada que os olhos do mundo não pudessem ver. Enquanto falava, não tentava iludir a si mesmo nem a ela de que houvesse algo interessante na conversa; parecia apenas continuá-la porque gostava de estar perto dela e falar com ela. Isso era tão evidente nos tons cheios de sua voz. Seus pensamentos não estavam na conversa, e ele não fazia tentativa alguma de ocultar o fato. E, pela primeira vez, ela sentiu algo como piedade por ele; sentiu que era cruel, que ele sofria, e esse sentimento tornou a despertar nela aquela ternura derretida que ela não compreendia. Serviram refrescos.

— A senhora aceita uma limonada, madame, e um bolo? — perguntou Eline a Madame van Raat, que estava sentada um tanto abandonada no sofá, sorrindo de vez em quando para o alegre grupo de jovens ocupado em tirar a sorte uns dos outros.

— Espere um momento — continuou para Otto. — A velha senhora está sozinha; vou fazer-lhe companhia.

Ele lhe fez um aceno amistoso e foi ouvir o horóscopo de Paul, que Ange traçava para ele.

Eline pegou uma limonada, pôs um bolo num prato e ofereceu-o a Madame van Raat. Depois sentou-se ao lado da velha senhora e tomou-lhe a mão.

Madame van Raat, porém, nem tocou nos refrescos; olhou Eline diretamente nos olhos.

— Então, como é? — perguntou.

No estado de ternura derretida em que se encontrava, Eline não conseguiu irritar-se com a pergunta indiscreta. E respondeu, muito baixo, quase inaudível:

— Eu... eu vou aceitar.

Suspirou, e as lágrimas lhe subiram aos olhos quando, pela primeira vez, formulou aquela resolução. Aceitaria. E não encontrou mais nada a dizer à velha senhora; aquela única palavra enchia-lhe a mente de tal modo que absorvia todos os outros pensamentos. Por um momento, portanto, ficaram sentadas uma ao lado da outra em silêncio, um pouco voltadas para longe do grupo alegre em torno das cartas. E Eline podia ouvir a voz aguda e risonha de Ange, enquanto ela deitava as cartas, uma a uma, sobre a mesa.

— Agora escute bem, senhor Erlevoort. Sou muito mais hábil que Madame Lenormand. Aqui está o senhor, rei de ouros. Está cercado por muitas lágrimas, mas elas se transformam em sorrisos; terá muito dinheiro e irá morar num château nos Pireneus. Ou preferiria comprar uma villa perto de Nice? Ah, aqui está ela! Dama de copas, veja. Estão um pouco distantes um do outro, mas todas as cartas intermediárias são favoráveis. Terá de lutar contra muitos obstáculos antes de alcançá-la, pois ela é bastante cortejada, veja; mas... o rei de paus, rei de ouros, até mesmo um plebeu, um social-democrata; valete de espadas!

— Valete negro! — gritou Léonie. — Ah, fi donc!

Eline sorriu, um pouco assustada, e enxugou uma lágrima dos cílios; Madame van Raat, que também estivera ouvindo, sorriu igualmente.

— Pronto, veja como esses ases estão lindamente dispostos — prosseguiu Ange. — Não tema, senhor Erlevoort, não tema; tudo se esclarece muito bem.

— As cartas parecem favoráveis — sussurrou Madame van Raat.

Eline deu um pequeno sorriso de desprezo, mas sentiu-se um pouco perturbada; o valete negro lhe lembrara Fabrice.

A companhia se levantara da mesa de whist, e a conversa tornou-se viva e geral. A leitura da sorte dera impulso à alegria de todos, e Etienne protestava ruidosamente contra Ange, que profetizava que ele seria um velho solteirão. Ele, não; recusava com agradecimentos.

Ange e Léonie persuadiram Paul a cantar mais alguma coisa, e Léonie o acompanhou em uma das canções de Massenet. Nesse meio-tempo, Betsy olhava

atentamente para a irmã e para Otto, e achava perceber que nada ainda se passara entre eles. Como Eline enrolava, com certeza! Não; ela própria fizera melhor. Aceitara tranquilamente van Raat quando ele, com sua falta de jeito, lhe fizera o pedido. Em que Eline estava pensando? Por que, em nome do céu, não aceitaria Erlevoort? Tinham sido feitos um para o outro. E ela se afligia com aquela hesitação sentimental da irmã, quando tinha a oportunidade de casar-se numa boa família, com um homem de posição razoável. Seu olhar passou friamente pela figura esguia de Eline, a que aquela reserva hesitante emprestava encanto adicional, e ela o notou, assim como notou a seriedade incomum que parecia espalhar-se sobre sua beleza. Que complicação toda por uma coisa tão simples! Mas, quando avistou o marido, que conversava com Otto, irritou-se ainda mais; como ele era estúpido, sem dúvida! Será que realmente ainda não fazia ideia de por que Otto estava ali naquela noite?

Madame van Raat saiu mais tarde do que costumava, ainda incerta, em sua mente, quanto à decisão de Eline. Esperara até certo ponto uma espécie de noite de família, e sentia-se decididamente decepcionada.

Já passava muito de meia-noite, e Madame Eekhof e suas filhas, junto com Emilie, Vincent e Paul, preparavam-se para partir; as moças, entre muitas brincadeiras risonhas, eram conduzidas por Henk e Etienne através do vestibulo até a carruagem. Betsy, Eline e Otto ficaram para trás no pequeno boudoir, e o silêncio os embaraçou um pouco. Mas Betsy levantou-se de propósito e caminhou para o salão, em direção à mesa de cartas, como se fosse recolher as fichas espalhadas. A Eline pareceu que o chão lhe faltava sob os pés. Não conseguia esconder a confusão dos olhos de Otto, e ele, embora não tivesse tido naquela noite a intenção de voltar ao pedido, não se sentiu forte o bastante para resistir à tentação do momento, agora que estavam a sós.

— Eline — sussurrou, com a voz quebrada —, oh, devo deixá-la assim?

Quase aterrorizada, ela deixou escapar o fôlego retido num suspiro trêmulo.

— Otto... realmente, de verdade... eu... eu não posso, ainda não.

— Adeus, então; peço que me perdoe por tê-la importunado uma segunda vez — disse ele, e com isso apertou-lhe levemente os dedos e foi embora.

Quanto a ela, porém, sentiu-se subitamente ceder numa ternura derretida. Tremendo e estremeendo por inteiro, quase caiu ao chão; mas salvou-se correndo para a porta, onde se agarrou às pesadas cortinas e, entregando-se

completamente às emoções, gritou:

— Otto! Otto!

Ele não pôde reprimir um leve grito. Voltou-se depressa e a tomou nos braços; com o rosto todo aceso de alegria, conduziu-a de volta ao boudoir.

— Eline, Eline! — exclamou. — É verdade?

Ela não respondeu, mas atirou-se soluçando contra o peito dele, o espírito inteiramente quebrado pelas lutas interiores.

— Então você vai... vai ser minha pequena esposa?

Ela apenas ousou erguer o rosto, enquanto tremia em seus braços; sua única resposta foi o olhar cheio de lágrimas e o sorriso débil.

— Oh... Eline... minha querida! — sussurrou ele, e seus lábios lhe tocaram a testa.

Ouviram-se vozes no salão. Henk e Etienne saíam do vestibulo; Etienne trazia o sobretudo e o chapéu na mão.

— Mas onde está Otto todo esse tempo? — Eline o ouviu exclamar, e ao mesmo tempo pôde distinguir a voz de Betsy, que sussurrava alguma coisa.

Otto olhou sorrindo para baixo, para a cabecinha chorosa que, de repente alarmada, se apertava contra seu peito.

— Vamos, então? — perguntou, e em sua simplicidade irradiava alegria.

Devagar, muito devagar, ela deixou que ele a conduzisse, ainda soluçando em seus braços, a cabeça escondida no ombro dele. Betsy encontrou-os com uma risada e apertou a mão de Otto com um olhar significativo. Henk e Etienne ficaram um tanto surpresos.

— Van Raat, posso... posso apresentar-lhe minha noiva? — disse Otto.

Agora foi a vez de Henk sorrir, e também a de Etienne, que arregalou os olhos de espanto.

— Que sujeito matreiro! — exclamou ele, erguendo o dedo em ameaça. — Quem esperaria isso esta noite, hein? Que me diz disso?

Eline, porém, ainda soluçando, soltou-se do braço de Otto e enlaçou Henk pelo pescoço. Ele a beijou, e sua voz grossa murmurou bondosamente:

— Bem, eu a felicito, maninha, de todo o coração. Mas, diabo! Vamos, não chore assim... que ideia é essa agora? Vamos, dê-nos um sorriso, para variar.

Confusa, ela cobriu o rosto com as mãos; então Betsy julgou que era sua vez de dar-lhe um beijo, e apenas tocou os pequenos cachos desalinhados.

— Estou muito satisfeita com minha pequena soirée, muito satisfeita! — disse significativamente.

Henk queria que Otto ficasse um pouco mais; Etienne teve discrição suficiente para retirar-se, mas Eline sussurrou, suplicante, que estava muito cansada, e Otto não insistiu. Estava feliz demais para desejar qualquer outra coisa; partiria transbordando de alegria. E ela achou muito delicado da parte dele despedir-se apenas com um aperto de mão, pois temia que ele a beijasse diante de todos.

Os dois irmãos partiram, e Eline fugiu para o quarto, onde encontrou Mina, que acabava de acender a lâmpada. As criadas tinham sabido da notícia por Gerard, que entrara no salão num momento muito inoportuno, e Mina a felicitou, olhando-a com um sorriso curioso nos lábios.

— Obrigada... obrigada, Mina — balbuciou Eline.

Enfim estava só. Olhou-se no espelho e sobressaltou-se ao ver a palidez chorosa do rosto. No entanto, parecia-lhe que sua alma deslizava para um lago azul e imóvel, que a cobria silenciosamente com suas águas, um lugar onde parecia reinar uma paz eterna, um Nirvana cujo calmo arrebatamento era para ela uma felicidade nova.

Capítulo XVI

Era um dia fresco e claro de maio, depois de uma semana de chuva e neblinas frias. Jeanne mandara os filhos — Dora, Wim e Fritsje — passear com a ama pelos Schevening Boschjes. Ela mesma, porém, ficara em casa, pois estava sempre muito ocupada, e sentia-se solitária em seus aposentos, sentada ali sozinha, tricotando e cerzindo num raio pálido de sol que, sem se importar com o tapete nem com as cortinas, deixava entrar livremente no quarto. Frans estava em Amsterdam, para onde fora consultar um médico. Já era uma e meia, pensou Jeanne, olhando para o relógio de mesa, cujo tique-taque se ouvia com muita nitidez no quarto silencioso. Por volta das cinco e meia Frans voltaria, e o tempo que ainda tinha de esperar lhe parecia feito de muitos séculos, embora achasse esplêndido poder, uma vez na vida, fazer tanto trabalho sem interrupção.

O raio pálido de sol caía bem sobre ela, mas não a incomodava; pelo contrário, ela se aquecia naquele calor tênue. A luz tremeluzia em torno de seus cabelos castanho-claros e dava às faces brancas e encovadas uma transparência de alabastro; cintilava também sobre seus dedos finos e delicados, enquanto, num movimento firme e rítmico, manejava a agulha. E como ansiava pelo verão! Oh, que maio, com seu tempo úmido e enevoado e seus raros dias claros, passasse logo! Como pudera alimentar alguma ilusão de que maio fosse um mês de beleza primaveril, como falsamente diziam os poetas?

Sorriu um pouco tristemente ao inclinar-se sobre a chemisette que fazia, para achatar uma costura com os dedos; sorriu ao refletir que toda ilusão, mesmo a menor, se desfazia no ar, enquanto sua vida seguia rolando, e o futuro, que ela temia com um terror grande, misterioso, inexprimível, continuamente se apagava, para dar lugar àquela realidade sombria e monótona. E agora — agora estremeceu; agora, mais uma vez, aquele terrível pressentimento se ergueu em sua alma como um espectro velado: alguma coisa lhes aconteceria, algum desastre inevitável os esmagaria. Respirou fundo, estremeecendo, a mão apertada contra o peito; estremeecendo não por si mesma, não por ele — mas pelas crianças.

Levantou-se; era-lhe impossível continuar o trabalho, e no entanto não devia ficar ociosa no raro dia em que as crianças a deixavam sem perturbação. Oh, por que não era mais forte? E, apoiando-se no peitoril da janela, deixou-se cobrir inteiramente pelo raio de sol, como uma pálida flor de estufa que anseia por luz e ar, e fitou, absorta em seus pensamentos sobre o que viria, o pequeno quadrado

de jardim atrás da mercearia abaixo. Um lilás começava a brotar em folhas, mas nos canteiros do centro e dos lados nada ainda crescia; e diante dos olhos de Jeanne surgiu de repente uma visão de rosas persas, como as que floresciam na propriedade deles em Temangoeng, grandes como taças rosadas, cheias de doce perfume. Era como se sentisse aquele perfume; era como se o tom corado daquelas flores dissipasse os pensamentos cinzentos e opacos, deixando em seu lugar apenas um anseio por calor e amor.

Era assim que se sentia quando a campainha tocou e Mathilde van Ryssel entrou. Tinham-se encontrado uma ou duas vezes na casa dos van Raat, e ambas tinham consciência de certa simpatia entre elas.

— Vim realmente com a má intenção de tentá-la a sair para um passeio — disse Mathilde, sorrindo. — O tempo está glorioso, e isso lhe fará bem.

— Mas, Tilly, as crianças saíram, e Frans também. Realmente não posso; tenho trabalho a fazer.

— Que obstáculos intransponíveis, sem dúvida! — riu Mathilde. — Você não precisa tomar conta da casa.

— Não; mas quando as crianças voltarem e me encontrarem fora...

— Realmente, Jeanne, isso é mimá-las; com certeza elas conseguem passar sem você por um momento. Se eu fosse você, pegaria o chapéu e a jaqueta e sairia comigo como uma moça sensata. O quê! Está costurando? Isso é trabalho para dia de chuva.

Jeanne sentiu uma delicada alegria ao ver-se mandada por aquela voz suave, que, mesmo na brincadeira, era atravessada por um tom de tristeza. E cedeu, sentindo-se tão feliz, e subiu as escadas para vestir-se, quase cantarolando enquanto ia.

Logo ficou pronta e, depois de inúmeras recomendações a Mietje, saiu de casa com Mathilde. O vento fresco parecia levantar uma névoa de sua mente, enquanto suas faces pálidas se resfriavam e quase ganhavam alguma cor. Escutava a amiga, que lhe contava ter acabado de levar Tina e Jo aos van Raat; Betsy e Eline tinham pedido que fossem passear com elas e Ben.

— E os outros?

— Oh! Lientje e Nico tiveram absolutamente de sair com mamãe; mamãe já estava em desespero por não poder ficar com os outros dois. Eu não teria ousado levá-los comigo — disse, rindo. — Querida, boa mamãe!

Atravessaram a Laan van Meerdervoort e chegaram à estrada de Scheveningen, que seguiram. Havia poucas pessoas por ali. Mathilde deixou-se levar pelos sentimentos e, reanimada pelo ar claro e fresco, tornou-se falante, embora em geral fosse pouco comunicativa em sua reserva e em sua dor silenciosa.

— Você não sabe como... como mamãe é boa — disse. — Ela vive apenas para os seus queridos, para os filhos e os netos. Nunca tem a menor vontade própria; tudo o que pensa ou faz é por nós. E acredito que, se lhe perguntassem de qual de nós gosta mais, ela não saberia dizer. Sim, ela é louca por Etienne; Etienne está sempre alegre, como uma criança, e, como ela também é animada e gosta de rir, as brincadeiras dele lhe fazem bem. Mas não tenho dúvida de que ela se importa igualmente com Frédérique ou Otto, ou com meus filhos. Quando mamãe escreve para Londres, ou Zwolle, ou para Horze, é uma longa queixa de que nunca vê aquelas ovelhas desgarradas. Você pode imaginar como ficou infeliz quando Cathérine e Suzanne se casaram e a deixaram. Acho que ela gostaria de construir uma espécie de hotel, onde pudesse alojar todos nós: Théodore e Howard e Stralenburg, e todos os demais. Querida, querida mamãe!

Ambas ficaram caladas por algum tempo. A estrada de Scheveningen se torcia diante delas como uma longa fita cinzenta, com uma perspectiva distante de troncos de árvores sob uma rede de raminhos em botão. A luz do sol cintilava na folhagem jovem e fresca, que ondulava clara sob o céu azul límpido; e sobre os troncos antigos aparecia uma camada nova de musgo verde e fresco, macio como veludo. O chilrear dos pássaros vibrava pela atmosfera clara em tons de cristal.

— Como é glorioso aqui! — disse Mathilde. — A gente vive de novo. Mas vamos entrar por esta alamedazinha. As pessoas me cansam; ousou dizer que nós também as cansamos; estamos em desarmonia com os arredores da natureza. Sempre acho as pessoas tão feias em meio à folhagem verde, sobretudo no início da primavera. Veja, estou começando a filosofar.

Jeanne riu, transbordante de felicidade. O mundo lhe parecia belo e bom, cheio de amor. E pensou em Frans!

Tinham-se sentado num banco, e Jeanne ousou perguntar:

— Mas e você mesma, Mathilde? Está sempre falando de sua mãe, nunca de si mesma.

Mathilde ergueu os olhos com algo semelhante a um estremelecimento.

— De mim mesma? Faço o possível para me esquecer de mim. Só para as crianças ainda tenho alguma utilidade; por elas vivo e penso. Se elas não estivessem aqui, eu estaria morta.

Em suas palavras ressoava a lembrança de uma dor surda, há muito desbotada numa resignação plácida.

— Se você se imaginou muito feliz, feliz por meio de alguém e com alguém por quem teria sacrificado corpo e alma, e percebe... Mas, ah! Por que falar disso?

— A lembrança disso ainda lhe causa tanto sofrimento?

— Oh, não; eu sofri. Houve um tempo em que pensei que enlouqueceria, e amaldiçoei o nome de Deus; mas essa amarga dor se transformou numa letargia que já passou. Nunca penso nisso; penso apenas nos meus quatro queridinhos. E esse pensamento me ocupa a mente o bastante para que eu não me torne uma múmia viva. Você sabe, até agora tenho ensinado as crianças eu mesma; mas já está ficando na hora de Tina e Jo irem à escola. Otto diz isso, ao menos; mas eu sentiria muita falta delas, e mamãe, naturalmente, fica do meu lado. Queridos!

Talvez fosse apenas impressão sua, mas Jeanne julgou perceber, naquela resignação apagada, um tom de amargura reprimida, e não pôde deixar de tomar a mão de Mathilde nas suas e sussurrar, com piedade:

— Pobre menina!

— Sim; você... você é mais rica do que eu, tem seus filhos e tem seu marido — respondeu Mathilde com um sorriso triste, enquanto os olhos se lhe enchiam de lágrimas. — E, embora tenha seus aborrecimentos e vexames, tem mais... mais do que eu. Que isso lhe sirva de consolo quando tiver uma crise de melancolia. Pense apenas em mim, pense que eu ainda poderia invejá-la, se... se tudo não estivesse morto dentro de mim, tudo, exceto aquela única coisa.

— Mathilde! Oh, como pode falar assim? Isso me dói!

— Não deveria doer; para mim já não dói. É apenas uma lembrança fraca do que foi, sabe; nada mais. Mas ainda assim é melhor calar sobre isso. Remexer essas lembranças não me faz bem, mas me fere, embora eu seja quase uma múmia.

— Oh, Mathilde, como é possível que consiga sempre manter isso preso dentro de si? Eu... eu não conseguiria; teria de dar vazão àquilo que me fizesse tão...

— Não, não, Jeanne; oh, verdadeiramente não, nunca mais! Não fale mais disso, ou... eu... eu me sentirei trazida de volta à vida. Não, não faça isso; nunca mais — eu lhe peço.

Ela recostou-se no banco, e lágrimas caíram de seus cílios, enquanto, com sua palidez de cera e em seu sombrio vestido preto, parecia a imagem de uma tristeza infinita, inexprimível. Não queria ser trazida de volta à vida; queria estar morta.

Jeanne não queria chegar tarde demais a casa, para estar lá antes das crianças e de Frans. Por isso voltaram.

— E agora suponho que a deixei triste, quando queria refrescá-la com um passeio agradável? — perguntou Mathilde, sorrindo. — Sim; é o que dá toda essa filosofia; perdoe-me, sim?

Jeanne não encontrou nada a dizer e balançou a cabeça, sorrindo, para mostrar que realmente não estava triste. E no fundo da alma teve de reconhecer, profundamente — embora o desespero silencioso de Mathilde a tivesse a princípio afligido —, agora que ela própria voltara a assumir sua aparência habitual de resignação, que a piedade pela amiga se fundia num sentimento de paz e repouso quanto aos seus próprios pequenos sofrimentos. Ao lado daquela grande dor que sempre tornava a despertar, estes lhe pareciam pequenos e insignificantes, sofrimentos da vida facilmente suportáveis; ao passo que, se tivesse sido condenada a carregar as dores de Mathilde, teria sido esmagada sob elas. Sentiu remorso por ser ingrata diante de todo o bem que lhe fora concedido e que ainda era seu; remorso por às vezes ousar sentir-se infeliz com seu destino, quando, no entanto, fora poupada de tanta tristeza! Frans podia ter seus defeitos, podia ser impetuoso e desagradável quando estava doente; ainda assim, amava-a e, depois de um momento de reflexão, estava sempre pronto a reconhecer que errara; ainda assim, prezava-a. E nesse pensamento doce, que a fazia sentir-se orgulhosamente contente, já não conseguia sentir tristeza solidária, embora se considerasse egoísta por isso. Mas, oh! era tão raro sentir uma doçura tão deliciosa penetrar-lhe a pequena alma; seria errado, então, por um breve momento, sentir o prazer de uma egoísta?

Mathilde levou-a de volta para casa, e Jeanne, deixada consigo mesma, ansiou, cheia de renovada animação, pelos filhos. Logo eles chegaram, refrescados por sua passagem ao ar livre, e ela os abraçou quase impetuosamente, deixando-os

contar onde tinham estado, o que tinham feito. E, quando Dora ficou um pouco irritadiça, Jeanne brincou e se divertiu com a pequena franzina até fazê-la rir. A vida já não parecia tão sombria; por que não ser um pouco alegre?

Capítulo XVII

Lili estava lendo no pequeno salão quando Frédérique entrou. Ela fizera algumas visitas e vinha terminar a tarde na casa dos Verstraeten.

— Marie saiu? — perguntou Freddie.

— Não — respondeu Lili. — Nós saímos. Marie ainda está lá em cima.

— O que Marie está fazendo lá? — retomou Frédérique, um tanto surpresa. — Que diabo ela anda sempre fazendo lá em cima ultimamente? Sempre que venho aqui, ela está lá em cima. Vocês não brigaram, não é?

— Oh, não; de modo algum — respondeu Lili. — Acho que Marie está desenhando alguma coisa; ou talvez tenha algo a escrever, como muitas vezes tem.

— Escrever o quê? Uma carta?

— Oh, não; um romance, ou coisa do gênero; mas é melhor você não dizer nada sobre isso. Talvez ela não goste que saibamos.

Frédérique ficou calada por um momento.

— Você não acha Marie um pouco mudada? — retomou.

— Mudada? Marie? Não; não notei nada. Por que pergunta?

— Oh! por nada em especial; estava apenas pensando. Marie anda tão ocupada agora, com uma coisa ou outra.

— Mas ela sempre foi assim; sempre tenta encontrar alguma coisa para fazer. Papai diz que eu sou a única preguiçosa da família.

Frédérique calou-se; mas por dentro se admirava de que Lili não tivesse reparado como ultimamente havia em Marie algo incomum, algo excitável e nervoso, tão diferente de sua antiga alegria saudável. Contudo, pensou, talvez fosse apenas fantasia sua, afinal.

— Você sabe que vamos aos Oudendyk esta noite — disse, para mudar de conversa.

— Oh, sim; você me disse há algum tempo que tinha sido convidada. Então está saindo de novo, hein? Andou um pouco blasé por algum tempo, não? Pelo menos ficava sempre doente depois de um convite — riu Lili.

— Oh, eu me sentia muito mal à vontade — respondeu Frédérique, francamente.
— Era, sabe, por causa daquela loucura de Otto. Mas agora que não há mais nada a fazer no caso, lavo minhas mãos. Ele é quem deve saber melhor, não é? De todo modo, não vejo utilidade em me afligir porque...

Ela não terminou a frase, e seus olhos ficaram úmidos, enquanto uma expressão de altivo desdém se formava em torno de sua boca.

— Mas, Freddie — ponderou Lili com suavidade —, ele a conhece há tanto tempo; todo o tempo em que ela viveu na casa dos van Raat; e, se ele realmente gosta dela...

— Oh, não há nada que eu deseje mais do que tudo dar certo e eles serem felizes. Mas não posso evitar. Eline eu não suporto. É claro que agora me obrigo a ser simpática e amável com ela; mas você sabe que para mim é tão difícil parecer diferente do que sou. Vamos, porém, falar de outra coisa; agora não há remédio, e quanto menos eu pensar nisso, melhor. Subimos para ver Marie?

Lili concordou, e elas subiram. Na sala das moças, Marie estava sentada a uma pequena escrivaninha; algumas folhas escritas jaziam diante dela, mas sua cabeça repousava na mão, e com a pena, como que perdida em pensamentos, traçava alguns riscos sobre uma folha em branco. Quando Freddie e Lili entraram, sobressaltou-se de repente.

— Viemos perturbá-la em suas ocupações tão importantes — começou Freddie, rindo —, isto é, a menos que prefira que nos retiremos.

— Claro que não; você sabe muito bem, não sabe? Também é tão antissocial da parte de Lili sentar-se sozinha lá embaixo.

Lili não respondeu; nenhuma das duas tinha o costume de ficar no quarto à tarde, e era a própria Marie quem estava sendo antissocial.

— O que você está escrevendo? É segredo? — perguntou Freddie, lançando um olhar às folhas rabiscadas.

— Oh, não — respondeu Marie, com aparente indiferença. — É uma coisa que comecei há muito tempo: uma espécie de diário, uma descrição de nossa viagem à Turíngia e à Floresta Negra no ano passado. Eu queria fazer um pequeno esboço com isso, algo romântico, se possível, mas está ficando tedioso. Na verdade, nem sei o que me fez começar — acrescentou baixinho. — Não nasci para escrever, não é?

— Não posso dizer — disse Freddie, encorajando-a. — Leia-nos um pouco.

— Sim, imaginem eu entediando vocês com meus rabiscos de colegial. Pas si bête — gritou Marie, rindo. — Veja, uma pessoa precisa fazer alguma coisa; eu estava entediada, então comecei a escrever. Vou lhe dizer uma coisa, Frédérique — continuou, com um olhar tragicômico para a amiga —, acho que estamos ficando tão velhas. Sim, francamente velhas; estamos ficando tediosas. Sabe, faz meses que não damos uma boa risada juntas, como fazíamos tantas vezes.

— Com Paul ou Etienne? — acrescentou Lili, sorrindo à lembrança.

— Com eles ou sem eles. Costumávamos nos divertir sem os rapazes igualmente bem. Mas agora... não sei o que vocês acham, mas eu acho que todas nós estamos nos tornando umas chatas terríveis. Cada uma de nós vai arranjando suas preocupações: você, há algum tempo, sofre de antipatia por Eline. Lili não diz uma palavra; ou fica o dia inteiro no mundo dos sonhos, ou me sobrecarrega com suas divagações românticas; e eu, por puro ennui, começo a escrever sobre montanhas azuis e horizontes enevoados.

— Onde isso tudo vai terminar? — riu Freddie. — O futuro parece muito sombrio, sobretudo no seu caso. Atrás dessas montanhas azuis e desse horizonte enevoadado há alguma coisa escondida, eu sei.

— Alguma coisa escondida? — repetiu Marie. — Oh, não, de modo algum; nada.

Frédérique imaginou ver uma lágrima deslizar por entre os dedos de Marie, que ela mantinha diante dos olhos. Lili se ocupava em arrumar alguns livros numa estante.

— Marie — sussurrou Freddie suavemente —, vamos, conte-me. Há alguma coisa? Posso fazer algo por você? Eu gostaria que me dissesse, se houver. Posso ver que há algo que a perturba.

Marie levantou-se e desviou o rosto.

— Oh, querida, não, Freddie; não imagine nada disso. Você está ficando tão romântica quanto Lili. Não há nada, realmente. É apenas que me sinto miseravelmente entediada, só isso; quero um pouco de alegria. Olá, velho camarada!

O irmão dela entrou, um tanto surpreso.

— Eh! O que vocês três estão fazendo aqui? Aposto que falando de seus cavalheiros! — gritou ele, ruidosamente.

— Que observação sábia — respondeu Marie. — Exatamente como os homens. É sua vaidade natural que o faz dizer uma coisa dessas, embora você mesmo não passe de um menino. Espere um pouco, vou lhe ensinar.

Ela correu atrás dele em volta da mesa, enquanto ele, zombando dela, saltava agilmente por cima de uma cadeira, que depressa colocou no caminho da irmã. Freddie e Lili caíram na gargalhada diante das travessuras dos dois. De repente ele saiu correndo do quarto, e Marie foi atrás.

— Que moça é essa Marie! — exclamou Freddie, admirada. Aquilo passava sua compreensão. Depois de algum tempo Marie voltou, sem fôlego.

— Pegou-o? — perguntou Lili.

— Claro que não — respondeu. — Esse menino é como uma cabra, tão ágil; salta por cima de tudo. Ah, é uma delícia, uma corrida assim. Eu queria ser menino.

Freddie foi embora, e Lili a acompanhou escada abaixo; Marie desceria logo. Mas ficou por algum tempo à janela, olhando para fora. No crepúsculo que caía, envolvendo tudo numa névoa transparente de tom acinzentado, jazia o canal, verde e imóvel, sombreado pelos ramos frondosos das árvores da margem. Para além dele estendia-se a Maliebaan, indistinta nas sombras que se juntavam, enquanto um véu fino e úmido de orvalho acinzentado subia de sua superfície.

Marie olhou para fora e suspirou. Sim; ela sempre expulsaria do coração, à força de riso, aquele sentimento, aquela amargura cruel e corrosiva, como acabara de fazer. Estava ficando velha, francamente velha, e tediosa. Sem piedade de si mesma, arrancaria da alma aquela flor; tornaria a apagar, uma e outra vez, aquela visão. Era tortura, mas ainda assim precisava fazê-lo.

E, enquanto fitava aquela névoa melancólica, subindo em camadas cinzentas sobre o vale distante, um rosto amado se ergueu diante de seus olhos úmidos: um rosto varonil, com expressão de franqueza e sinceridade nos olhos, e radiante de um sorriso cativante; mas não era sobre ela, e sim sobre Eline, que esse sorriso derramava sua luz.

Os bondes que corriam entre a velha estrada de Scheveningen e o Kurhaus estavam apinhados. No cruzamento da Anna Paulownastraat com a Laan Copes van Cattenburgh, eram assaltados pelas multidões em espera, e num instante

ficavam cheios até transbordar — por dentro, por fora e nas plataformas. Havia enorme empurra-empurra para conseguir até o menor espaço de pé, entre a quantidade de senhoras que, nervosas e excitadas, esvoaçavam em seus trajes alegres, espiando pelas janelas na esperança de encontrar um lugar vago. Os condutores puxavam as campainhas e gritavam para os que ficavam para trás, que se afastavam e começavam a esperar a chegada do próximo carro. Os cavalos partiam, e os rostos daqueles que haviam conseguido se enfiar ali dentro, sentados apertados como sardinhas, agora brilhavam de felicidade depois da luta bem-sucedida.

— Que multidão! É assustador — disse Eline, olhando para baixo, para a massa ondulante, com um sorriso plácido.

Ela estava sentada ao lado de Betsy no landau aberto, com Henk e Otto diante dela. Dirk, o cocheiro, fora obrigado a parar por um momento, mas agora novamente a longa fila de carruagens começava a mover-se. Herman, o pequeno lacaios, sentava-se no banco da frente, de braços cruzados, imóvel e ereto em sua libré cinza-clara de botões brilhantes.

— Haverá uma multidão terrível — disse Betsy. — Mas é ao ar livre, por isso não precisamos temer ficar sem lugar.

Nem um sopro de vento se movia pela folhagem densa, e, depois de um dia de calor intenso e sol ofuscante, com o crepúsculo que se formava uma pesadez de chumbo parecia descer sobre tudo. Eline, um tanto fraca com o calor, recostava-se com as faces pálidas e falava pouco; apenas de vez em quando lançava a Otto, por baixo das pálpebras caídas, um olhar travesso cheio de felicidade. Betsy mantinha uma conversa animada com van Erlevoort, pois Henk também não estava muito falante, refletindo se não teria sido mais sensato ficar em casa tomando uma xícara de chá no jardim, em vez de sair às pressas para Scheveningen logo depois do jantar.

Betsy, porém, robusta e alegre, desfrutava o ar perfumado, que respirava profundamente. Desfrutava as almofadas macias e acolchoadas de sua carruagem luxuosa e bem-equipada, que contrastava tão vivamente com os outros veículos; desfrutava até a visão da atitude digna de Herman e das iniciais de prata bordadas nos cortinados do banco. Estava contente consigo mesma, com o luxo que exibia, e contente com sua companhia. Eline era tão encantadoramente bonita, como uma bonequinha; seu vestido de étamine cinza-claro era quase marcante em sua simplicidade, enquanto o chapeuzinho coquete emoldurava-lhe

o rosto em seda. Erlevoort era um belo rapaz e tão distingüé; Henk parecia tão confortável e corpulento, tão bem alimentado — seu marido não era realmente nada mau; ela poderia ter tido sorte pior. E acenava para os conhecidos quando a carruagem passava, com seu sorriso mais cativante; não, não devia parecer orgulhosa, por mais depressa que corresse suas belas éguas baias.

— Oh, glorioso! O ar está ficando mais fresco; começo a reviver! — murmurou Eline, erguendo-se, com uma respiração profunda, depois que passaram pela Promenade. — Sinto que preciso de ar fresco, depois da temperatura desta tarde.

— Ora, criança, estava delicioso! — declarou Betsy. — O tipo de tempo que eu gostaria de ter sempre.

— Bem, tudo o que posso dizer é que, depois de um mês assim, eu estaria morta. Diga, Otto, você está rindo; diga-me honestamente agora: acha que é afetação, ou acredita mesmo que eu não suporto esse calor?

— É claro que acredito em você, Elly.

Ela o olhou com fingida irritação e sacudiu a cabecinha em reprovação.

— Elly de novo — sussurrou.

— Oh, sim; que estupidez a minha. Bem, acho que sei uma coisa! — sussurrou ele de volta, encantado.

— O que vocês dois estão tramando juntos? — perguntou Henk, curioso.

— Nada, nada; não é, Otto? Um segredinho entre nós; silêncio! — e ela levou o dedo à boca, divertindo-se com a perplexidade deles.

O fato era que ela não queria que Otto a chamasse pelo diminutivo familiar que todos os outros lhe davam. Queria que ele inventasse um só para ele, um que não estivesse gasto e banal, algo novo e fresco. Ele não achava isso muito infantil da parte dela, achava? E ele se esgotara tentando encontrar um, mas qualquer coisa que dissesse não a satisfazia; era melhor tentar outra vez. Bem, teria encontrado algo afinal?

— Estou realmente ansiosa para saber o que é — sussurrou ela mais uma vez, sorrindo.

— Depois — sussurrou ele de volta, e ambos sorriram.

— Olhem, até agora achei vocês menos maçantes que a maioria dos noivos; portanto, não comecem também com essas inanidades intoleráveis — exclamou Betsy, indignada, mas sem muita raiva.

— Pois é; e você e Henk, então, antigamente? — riu Eline. — Hein, Henk?

— Ah, com certeza! — respondeu Henk, rindo, enquanto ela, ao pensar no noivado da irmã, anos antes, sentia erguer-se na mente uma lembrança tênue do que sentira naqueles dias, como algo muito distante e estranho.

Mas já haviam passado havia muito pelas villas da Badhuis road e pelas Galerias na parte de trás do Kurhaus, e pararam diante dos degraus do terraço, junto ao mar.

Os Eekhof e os Hydrecht estavam sentados a uma mesinha perto do coreto da banda quando Betsy, Eline, Otto e Henk passaram um a um pela catraca. Eles, porém, não os viram, e seguiram adiante, a mão de Otto pousada no braço de Eline.

— Vejam, lá estão os van Raat e a senhorita Vere, com Erlevoort! — disse o jovem Hydrecht. — Ultimamente estão aqui todas as noites.

— Como Eline anda ridiculamente simples no vestir! — observou Léonie. — O que será que isso significa? Nada além de afetação. E imaginem: touca e véu! Toda moça noiva acha que precisa usar touca e véu. Ridículo!

— Mas eles formam um belo par — disse Madame Eekhof. — Há casamentos menos adequados.

— De qualquer modo, andam decentemente — disse Ange. — Às vezes esses noivos se tornam ridículos; Marguerite van Laren, por exemplo, que está sempre escovando o pó do casaco do prometido.

Betsy, nesse meio-tempo, inclinando-se e sorrindo para a direita e para a esquerda, pensou que seria melhor não passearem mais, mas procurarem uma mesa em algum lugar.

Felizmente era agradável em toda parte; era até desejável sentar-se a certa distância do coreto, caso contrário o barulho seria grande demais. Assim, sentaram-se um pouco afastados, ao lado da Conversatie-zaal, onde ainda havia várias mesas desocupadas, mas de onde podiam ver e ser vistos.

Era uma troca constante de acenos e sorrisos, e Betsy e Eline de vez em quando cochichavam divertidas quando avistavam alguma toilette absurda ou algum chapéu ridículo. A própria Eline estava muito satisfeita com a simplicidade com que, desde o noivado, se vestia; uma simplicidade que, embora ainda elegante, contrastava demais com suas antigas toilettes luxuosas para não ser muito notada. Essa simplicidade, pensava ela, fazia sobressair sua beleza cativante numa espécie de relevo plástico e modelava sua figura esguia como se fosse uma estátua de mármore. A seus olhos, velava sua antiga frivolidade como uma película de graciosa seriedade, uma seriedade que, para Otto, com sua simplicidade natural, devia ser muito atraente.

Ela não podia deixar de ser como era; achava difícil não ser nada além de si mesma; por outro lado, era fácil imaginar-se desempenhando este ou aquele papel: desta vez, o da noiva um tanto afetada, mas sempre encantadora e feliz, de um jovem varonil, de seu próprio círculo, querido por todos por sua agradável naturalidade. Sim; era feliz — sentia-o, com todo o deleite de um anseio satisfeito no coração, que por tanto tempo desejara felicidade; era feliz na paz e na calma que o grande amor silencioso dele — que ela adivinhava mais do que compreendia — lhe dera; era feliz na quietude azul daquele lago límpido, aquele Nirvana em que sua alma carregada de fantasia deslizara como para um leito de plumas. Tão feliz se sentia, até nos próprios nervos, que estavam como cordas afrouxadas depois de uma longa tensão, que muitas vezes uma lágrima de intensa gratidão lhe subia aos olhos. A corrente de pessoas passava incessantemente diante dela e começava a girar um pouco ante seus olhos, de modo que uma ou duas vezes ela não retribuiu os cumprimentos.

— Eline, por que você não cumprimenta? Não está vendo Madame van der Stoor e a pequena Cateau? — sussurrou Betsy, em tom de censura.

Eline olhou em torno e fez seu aceno mais amável quando Vincent Vere e Paul van Raat se aproximaram. Eles permaneceram de pé, pois não se via cadeira vaga alguma.

— Vocês dois gostariam de sentar-se um momento? Isto é, se Eline quiser caminhar — perguntou Otto, meio se levantando.

Eline achou a ideia excelente e, enquanto Vincent e Paul tomavam seus lugares, ela e Otto seguiram lentamente a corrente dos passantes. Aproximaram-se do coreto, e os movimentos agudos dos violinos na abertura de Lohengrin se avolumavam cada vez mais, como raios de cristal.

Um grupo de atentos amantes da música se dispunha em semicírculo em torno da banda. Otto quis deixar Eline passar pela passagem estreita entre as fileiras de cadeiras e o grupo de pé, mas ela se voltou e sussurrou:

— Vamos escutar um instante?

Ele assentiu com a cabeça, e ficaram parados. Como ela desfrutava aquele majestoso crescimento da melodia. Parecia-lhe que não eram notas de música, mas as águas azuis de seu lago que passavam, límpidas e claras como a corrente sobre cujo seio deslizara a barca de Lohengrin; e ela via os cisnes, majestosos e belos.

No forte fortissimo ela respirou fundo, e, enquanto os fios frágeis de harmonia produzidos pelos violinos se fiavam, cada vez mais tênues em textura, também os cisnes, majestosos e belos, se afastavam flutuando.

Os aplausos ressoaram por todos os lados; o semicírculo se desfez.

— Belo... oh, que belo! — murmurou Eline como em sonho. E, encantada, sentiu a mão de Otto procurar seu braço; a vida era doce, de fato!

— Você não acha tolice? Sempre me sinto tão... tão melhor do que em outros momentos quando ouço música bonita; é então que tenho a sensação de não ser inteiramente indigna de você — balbuciou-lhe ao ouvido, para que ninguém a escutasse. — Talvez seja infantil, mas realmente não posso evitar.

Ela o olhou sorrindo, mas quase ansiosa, em suspenso pelo que ele responderia. Muitas vezes sentia certo medo do que ele pudesse pensar dela, como se uma palavra irrefletida bastasse para perdê-lo, pois ainda não compreendia como nem por que ele a amava.

— Oh, pelo amor de Deus, não me coloque num pedestal tão alto — respondeu ele, bondosamente. — Eu me sinto tão comum, tão pouco acima dos outros; você não deve se pôr tão abaixo de mim. Você, não inteiramente indigna de mim! De onde tira essa ideia? Bobinha! Quer que eu lhe diga uma coisa? Acho realmente que você não se conhece.

Será que ele tinha razão? perguntou-se ela; não se conhecia? Uma surpresa alegre a encheu; ela pensava conhecer-se tão bem. Talvez ainda houvesse em sua alma algo de que nada sabia, algo talvez de onde fluía seu amor por ele. Caberia a ele revelar-lhe sua própria natureza interior?

— Oh, Otto... — começou.

— O quê? — perguntou ele, suavemente.

— Nada. Gosto tanto de você quando diz alguma coisa sobre si mesmo e sobre mim — murmurou ela, cheia de uma sensação bem-aventurada à qual não conseguia dar expressão. A mão dele apertou-lhe suavemente o braço, e um tremor passou por ela enquanto continuavam a caminhar em meio à multidão risonha e empurrante entre as mesas, observados por todos que os conheciam.

— Vejam Erlevoort e Eline ali, caminhando felizes lado a lado, perdus dans le même rêve. De novo não nos veem! — gritou Léonie, quase com pesar, ao passar por eles com Hydrecht.

Eline e Otto ouviram de repente seus nomes pronunciados em voz baixa. Olharam em volta e viram Madame Verstraeten sentada a uma mesinha com Marie, Lili e Frédérique. Georges de Woude já se levantara e lhes acenava sorrindo. Eles se aproximaram e apertaram mãos.

— Olá, Freddie! — disse Otto, surpreso.

— Madame Verstraeten teve a bondade de me pedir que viesse — respondeu ela, à guisa de explicação. — Otto, acabamos de receber uma carta de Horze: todos estão muito bem e mandam lembranças. Para você também, Eline.

— Muito obrigada! — respondeu Eline, cordialmente, enquanto por um momento se sentava na cadeira de Georges, ao lado de Madame Verstraeten. Marie empalidecera muito, mas isso não se notava sob seu véu branco.

— Théodore escreve que Suzanne e van Stralenburg, com o bebê, virão ficar com eles na semana que vem, e mamãe está toda agitada com isso.

— Como, mamãe ia para Horze? E Howard vem para cá?

— Sim; é justamente esse o dilema.

— Querida velha Madame Erlevoort! — disse Madame Verstraeten.

— Percy escreveu dizendo que viria para a segunda metade de julho. Bem, van Stralenburg não pode ficar depois do dia vinte, escreve Théodore. Então você compreende — e ela se obrigou a olhar gentilmente para Eline —, compreende como mamãe se sente. Viajar até Zwolle ela não poderá conseguir; e deixar Haia antes do dia vinte, quando Howard e Cathérine vêm... isso, naturalmente, ela não

pode fazer.

— Mas Howard também vai para Horze mais tarde, não vai? — perguntou Otto.

— Sim; mas primeiro ele querará ficar um pouco em Haia e aproveitar Scheveningen — respondeu Frédérique. — Mamãe está pensando em toda sorte de planos; ficaria desesperada se não visse o novo neto este verão, você compreende.

— Bem, então convencerei mamãe a ir a Zwolle comigo, um destes dias; será a melhor saída — respondeu Otto. — A viagem para Horze ainda é mais incômoda.

— Você poderia tentar — disse Frédérique. — Isso certamente resolveria o problema.

Nesse meio-tempo, Lili disse a Madame Verstraeten que daria uma volta com de Woude, e a velha senhora pediu a Otto que se sentasse por um momento até que eles voltassem.

— Como Eline está bonita, não está, de Woude? — perguntou Lili. Desde que patinara com ele, permitia que ele a chamasse pelo nome, e ela o chamava simplesmente de de Woude. — Não posso deixar de reparar nisso sempre que a vejo.

— Sim; está muito bem — respondeu Georges, indiferente.

— Não; eu acho que ela está francamente bonita — insistiu Lili. — Como é possível que você não a ache bonita? Que gosto curioso você tem, com certeza!

Ele riu alegremente, saboreando um pensamento secreto.

— Não posso evitar, posso? Se ela me deixa inteiramente indiferente, tenho outro ideal de beleza. Mas, se você quer absolutamente que eu a ache bonita, então vou olhar outra vez.

— Oh, não, não; não me importo nem um pouco — respondeu ela, também rindo. — Só que todos os cavalheiros a acham bonita, por isso não consigo entender que você não ache. Também não consigo compreender por que Frédérique não gosta dela. Se eu fosse homem, me apaixonaria loucamente por ela.

— E lutaria um duelo com Erlevoort, suponho.

A primeira parte do programa terminara, e a multidão de passantes ficou mais densa. Georges e Lili viram-se cercados por todos os lados, sem conseguir

avançar.

— É horrível — disse Lili. — Não vejo prazer algum nisto quando há tanta gente.

— Vamos tentar chegar à areia? — perguntou ele, baixinho.

— Se conseguirmos — disse Lili, satisfeita com a ideia. — Mamãe não se importará, suponho?

— Oh, claro que não, sob meus cuidados — disse ele, tranquilizador, e com evidente orgulho.

Passaram depressa pela roleta. Com uma sensação de alívio, desceram os degraus do terraço, atravessaram a estrada e correram pela larga escadaria que levava à areia. Aqui e ali, algum scheveninguense passeava com passo lento, medido e pesado, acompanhando o balanço da espessa massa de saias de sua companheira.

E bem em frente ao Kurhaus, banhadas pelo brilho amarelo da luz de gás, as ondas vinham quebrar com um som fresco e reconfortante.

— Ah! — exclamou Lili. — Como é muito mais agradável aqui!

O mar, calmo e liso, corria em matizes de verde, azul e violeta, aqui e ali coroados de espuma branca e reluzente ao longo da praia. No céu, miríades de estrelas cintilavam, e a Via Láctea parecia uma toalha de pérolas no meio da misteriosa infinidade de azul pálido. Do mar parecia subir um rumor indefinível, como o que se produz numa concha gigantesca.

— Como é bonito e tranquilo aqui, depois daquele ruído; chega a encantar! — murmurou Lili, em êxtase.

— Sim — respondeu Georges.

Ela quase tropeçou em alguma coisa; então ele lhe pediu que tomasse seu braço, e ela o tomou. Pareceu-lhe que tinha muitíssimo a lhe dizer, e que jamais conseguiria exprimir-se sem parecer ridículo. Ela também sentia um delicioso desejo de abrir a alma, de falar do mar e do céu que lhe pareciam tão belos; mas envergonhava-se um pouco da poesia que havia em seu coração, tão estranhamente contrastante com os círculos prosaicos e banais em que geralmente viviam. Temia parecer afetada, e nada disse. Ambos ficaram em silêncio enquanto caminhavam devagar, com o rumor do mar nos ouvidos e uma sensação suave, calmante, no coração, que lhes parecia mais expressiva que as palavras.

Prosseguiram lentamente, envoltos em sua solidão, com a calma do mar diante de si. E ele sentiu que precisava dizer alguma coisa.

— Eu poderia continuar andando assim com você para sempre — disse ele, e o tom brincalhão disfarçava um pouco o sentido de suas palavras.

Ela riu; afinal, era apenas uma brincadeira.

— Então talvez eu me cansasse.

— Então eu a carregaria.

— Você não conseguiria; meu peso o esmagaria.

— Pensa tão pouco assim da minha força? Venha, vou lhe mostrar.

— Mas, Georges, como se atreve? Vou acabar ficando zangada com você, ao menos se não me pedir perdão imediatamente.

— E como devo fazer isso? — perguntou ele, com fingida humildade.

Ela o deixou desenrolar uma longa lengalenga:

— Eu, Georges de Woude van Bergh, peço humildemente desculpas a... por ter...

E ele repetia cada palavra, enquanto o eco delas vibrava agradavelmente em seu ouvido.

Pois ela não estava tão zangada quanto queria parecer. Parecia-lhe que o passeio nunca acabaria, como se continuassem a vagar por aquela praia clara e ondulante até avistarem um novo horizonte.

— Vamos, precisamos voltar — disse ela de repente. — Estamos indo longe demais.

Voltaram-se e ficaram bastante assustados ao ver como o Kurhaus se achava distante, banhado por um brilho avermelhado; mas, para ela, aquele susto se dissolveu subitamente numa ternura, numa doce indiferença. Que lhe importavam os outros lá adiante? Estavam juntos, junto ao mar.

— Lili, de fato precisamos nos apressar — disse ele, rindo, um pouco confuso. — Sua mãe vai se perguntar onde fomos parar.

Desta vez, ela se sentiu realmente magoada com a pressa dele; então ele não podia perceber aquela terna indiferença; não sentia, como ela, que estavam juntos

junto ao mar, e que todo o resto era nada, nada!

— Eu realmente não posso marchar nesse passo pela areia — disse ela, um pouco contrariada, agarrando-se mais ao braço dele. Mas ele foi inexorável; que se apoiasse nele, se não conseguia andar depressa o bastante. Sem dúvida, podia ser surpreendentemente obstinado sob o véu de sua suave afabilidade.

— Mas, Georges, eu realmente não consigo, estou exausta! — arquejou ela, irritada, embora a suposta cólera de sua voz se desfizesse num tom suplicante. Ele, porém, rindo, correu pela larga escadaria, quase a arrastando atrás de si, com o braço dela firmemente preso ao seu; e, na verdade, ela não pôde deixar de rir. Era muito engraçado, sem dúvida, correr assim no escuro.

Subiram um pouco mais devagar os pequenos degraus que levavam ao terraço, e, enquanto Georges procurava os bilhetes do recinto, Lili sacudiu a areia do vestido.

A segunda parte do programa havia começado, e a banda lançava os metálicos clarins da marcha da Reine de Saba; alguns passeantes ainda circulavam, mas já não havia multidão. Eles se apressaram com aparente indiferença, embora as faces de Lili estivessem vermelhas como fogo, até sua mesinha. Madame Verstraeten estava sentada sozinha com Marie e Frédérique; Otto e Eline haviam saído.

— Meu Deus, onde vocês dois foram se esconder? — exclamou Marie, enquanto Georges e Lili se sentavam nas cadeiras sobre as quais fora atirada uma capa para reservá-las. — Eu fui passear com Paul, e Eline e Otto realmente não puderam guardar seus lugares por mais tempo.

— Fizemos esforços quase sobre-humanos para reservá-los, não foi, madame? — acrescentou Frédérique.

— Mas onde vocês estavam, afinal? — perguntou Madame Verstraeten, admirada.
— Na Sala de Conversação, vendo a dança?

Georges contou-lhes do passeio à beira-mar, e Lili admirou intimamente o tato com que ele respondeu às perguntas de sua mãe.

Henk e Vincent estavam sentados sozinhos a uma mesa perto da Sala de Conversação, enquanto Betsy e o jovem Hydrecht passeavam numa paquera um tanto barulhenta demais, e Eline e Otto haviam se sentado por um momento ao lado de Madame Eekhof, por quem já tinham passado quatro vezes sem saudá-la,

como declarou Ange.

— Hoje quase morri com este calor terrível — resmungou Vincent.

— Sim; Eline também não o suporta — respondeu Henk, esvaziando seu copo de Pilsener.

Vincent não bebia nada; sentia-se um tanto tonto com o incessante vaivém circular de toda aquela gente. Raramente ia a Scheveningen; de manhã, o calor era insuportável na areia abrasadora, e à noite aquilo o cansava demais. Uma ou duas vezes ia apenas para poder dizer que tinha ido.

Uma pergunta a Henk estava em seus lábios, uma que ele mal se atrevia a fazer: um pedido de dinheiro. Da segunda vez que Henk lhe adiantara dinheiro, já não o fizera com sua habitual bonomia brusca. A eterna penúria de Vere começava a cansá-lo; era sempre a mesma cantilena! Isso não escapara a Vincent; mas, ainda assim, ele não podia evitá-lo, e começou com uma introdução, com uma leveza de modos assumida.

— Creio que poderei lhe pagar parte da minha dívida esta semana, van Raat. Estou esperando dinheiro. Só que, por ora, estou horrivelmente curto. Se eu já não tivesse abusado tantas vezes de sua bondade, pediria mais uma vez sua ajuda; mas temo estar ficando indiscreto. Vou ver se me arranjo esta semana.

Henk não respondeu. Com a bengala, sentado, marcava lentamente o compasso da música.

— É uma maçada eu não ter chegado a um acordo com aquele negócio do quinino — retomou Vincent. — Mas, veja, acabo de receber uma carta de um amigo na América; ele é rico e bem relacionado, e vai me conseguir uma apresentação para uma casa comercial em Nova York. Mas, por enquanto, sabe... Escute, van Raat, você me prestaria um imenso serviço... empreste-me mais cinquenta florins.

Henk virou-se para Vincent com um movimento impetuoso.

— Olhe aqui, Vere, será que essa amolação nunca vai ter fim? Preciso confessar francamente que isso começa a me enjoar. Um dia são mil e quinhentos florins, depois cem, depois cinquenta. O que... o que, pelo amor de Deus, você está esperando, afinal? O que pretende fazer? Por que fica à toa desse jeito, se não tem um centavo no mundo? Por que não tenta arranjar alguma coisa para fazer? Eu não posso sustentá-lo, posso?

Vincent sentira um vago pressentimento da tempestade que se aproximava e deixou que as frases curtas, desconexas, que Henk, em sua paixão desajeitada, rosnava, passassem sobre ele sem contradizê-las. Mas seu silêncio fez Henk quase se sentir constrangido, e o som da própria voz reverberou asperamente em seus ouvidos. Ainda assim, prosseguiu:

— Além disso, você fala um monte de bobagens sobre dinheiro vindo de Bruxelas... ou de Málaga; outra vez, deve vir de Nova York. Quando é que isso vem, eu gostaria de saber? Você entende, não vou à ruína se não me pagar o que deve, e também nunca vou importuná-lo por causa disso; mas, somando tudo, agora não está longe de dois mil florins, e estou ficando farto. Pelo amor de Deus, não continue vadiando aqui pela Haia; procure alguma coisa para fazer.

O tom impetuoso de Henk já cedia lugar a um mais bondoso, mas Vincent permanecia em silêncio, os olhos fixos nas pontas das botas, que tocava suavemente com a bengala, e Henk não sabia o que dizer em seguida. Foi um alívio para ele quando Vincent enfim ergueu a cabeça e murmurou:

— É verdade... você tem razão... mas não é culpa minha... as circunstâncias. Seja como for, verei o que posso fazer... desculpe incomodá-lo.

Levantou-se devagar do assento, enquanto Henk, a quem aquela resignação plácida deixava muito constrangido, procurava em vão alguma frase apropriada.

— Bem, boa noite, au revoir! — disse Vincent, com um sorriso fraco, e fez um aceno a Henk sem lhe oferecer a mão. — Boa noite; preciso ir.

Henk quis estender-lhe a mão, mas Vincent já lhe dera as costas, e Henk o viu abrir lentamente caminho pela multidão, aqui e ali erguendo o chapéu com um movimento lânguido.

Muito insatisfeito consigo mesmo, Henk permaneceu sentado sozinho à mesa. Depois de algum tempo, porém, Eline e Otto voltaram e, rindo, expressaram solidariedade por sua solidão. Betsy também foi logo trazida de volta por Hydrecht, cuja mão apertou cordialmente. Era tarde; muitas pessoas já tinham partido antes do último número, e agora que o concerto terminara, a multidão se retirava lentamente pelo Kurhaus. Aos poucos, o ruído da atmosfera carregada de música e risadas se dissipou numa calma repousante, enquanto aqui e ali os lampiões de gás já eram apagados, e apenas um ou outro grupo disperso continuava sentado, desfrutando o ar balsâmico, que se tornava a cada momento mais fresco e mais puro.

— Está glorioso aqui; vamos ficar sentados um pouco mais? — perguntou Betsy.

— Melhor darmos uma volta de carruagem — disse Eline. — Ao menos, se você não acha que ficará tarde demais e que os cavalos não estão cansados, Henk.

Betsy achou Eline um tanto excêntrica por querer passear de carruagem tão tarde da noite, mas ainda assim a ideia lhe agradou. E caminharam até os fundos do Kurhaus, onde a carruagem os esperava.

Eline achou que o vento aumentara e preferiu sentar-se à frente, sob a capota semicerrada, ao lado de Otto. Betsy disse a Dirk que voltasse para casa pelo Van Stolkpark.

Os contornos das vilas pareciam vagos e sombrios entre as massas escuras e indistintas de folhagem, através das quais, de vez em quando, uma brisa suave farfalhava com som embalador. Mas o bater dos cascos dos cavalos e o leve rumor das rodas pela estrada abafavam o suspiro do vento com um ruído que não era interrompido por palavras.

Betsy recostou-se confortavelmente e desfrutou o ar fresco da noite. Henk ainda estava sob a influência desconfortável de sua conversa com Vincent, a quem julgava ter ferido, e Eline deixou os pensamentos vagarem num delicioso devaneio. Tirara o chapéu, inclinava-se um pouco para Otto e escutava sua respiração regular. Ele, eficazmente escondido na sombra da capota erguida, tinha o braço em torno de sua cintura e a puxara um pouco para si, de modo que a face dela quase repousava em seu ombro. E ela era muito feliz; nada mais desejava senão ser conduzida assim, em seu braço, pela brisa da noite, sob a folhagem que farfalhava suavemente. Não podia imaginar nada mais doce do que apoiar-se assim nele, sentir a passagem de sua respiração por seus cabelos e o braço dele em torno de sua cintura como um cinto de amor.

E, cedendo às deliciosas influências do momento, deixou a cabeça cair sobre o ombro dele.

— Que nome pensou para mim? — sussurrou-lhe ao ouvido.

— Nily — sussurrou ele de volta, e, enquanto ela sentia o braço dele apertar sua cintura com mais força, seus lábios repetiram inaudivelmente o nome, cujo eco ressoou por todo o seu ser como uma carícia de amor jubiloso.

Mathilde van Ryssel alugara uma barraca à beira-mar e dissera a Jeanne Ferelyn que viesse sentar-se ali com os filhos sempre que quisesse. A princípio, por

acanhamento, Jeanne só aproveitara ocasionalmente o convite; mas Mathilde insistia, e agora Jeanne vinha com muita frequência. Às vezes, ambas combinavam sair de manhã cedo e levar alguns sanduíches — as crianças poderiam beber bastante leite na barraca de laticínios; e assim se sentavam as duas sob o toldo da barraca, conversando sobre seus trabalhos, enquanto os filhos cavavam com suas pazinhas num grande buraco de areia diante delas, ou se ocupavam pela praia construindo os mais maravilhosos aquedutos. Jeanne imaginava que seus filhos estavam ficando mais robustos e menos chorões, agora que conviviam com os pequenos van Ryssel, barulhentos e brincalhões; e ela e Mathilde contemplavam encantadas aquele bando turbulento. Jeanne sentia especialmente a influência daquele convívio frequente com Mathilde, em quem encontrara uma amiga que compreendia suas aflições e que, com sua triste experiência e sua resignação plácida, estava sempre pronta a aconselhá-la e ajudá-la. Falavam muitas vezes dos filhos e dos assuntos domésticos, e Jeanne achava Mathilde, embora habituada aos ambientes mais aconchegantes, extremamente prática e econômica.

Mas aqueles dias agradáveis junto ao mar ensolarado não duraram muito, pois os Ferelyn tinham de partir. Iriam para Boppard, onde Frans devia submeter-se à cura pela água fria, e Jeanne quebrava a cabeça tentando calcular as prováveis despesas da viagem. Como poderiam se permitir ficar em Boppard talvez seis semanas, com seus três filhos, enquanto, ao mesmo tempo, não podiam abrir mão dos quartos na Hugo de Grootstraat?

Madame van Erlevoort, com Otto e Eline, que desejava conhecer os parentes de seu noivo, estivera em Zwolle por um ou dois dias, e a velha senhora estava em êxtase com o pequeno van Stralenburg, um bebê tão rechonchudo e firme quanto qualquer um que já tivesse visto, com aquela cabeça cheia de cabelos escuros e encaracolados. Sentia-se grata a Otto por tê-la instado a fazer a viagem a Zwolle; ao Horze ela ia todos os verões, e a ida a sua casa de campo era uma ocorrência tão comum que não via inconveniente algum nela; mas qualquer outro afastamento de seu círculo doméstico lhe doía, como se estivesse arrancando-se para sempre de seus entes queridos. Era para ela um luxo estar de volta, mais uma vez, à sua casa espaçosa no Voorhout, com seus móveis um tanto desbotados e antiquados, mas cheia de conforto e bem-estar. Eline achara os van Stralenburg pessoas encantadoras: Suzanne, uma mãezinha querida, não bonita, às vezes um pouco descuidada no vestir, mas tão espontânea e cordial, tão louca por seu menino, que era uma delícia vê-la; o marido, um sujeito bondoso e afável, mas completamente mimado pela esposa, que estava constantemente às suas ordens e

corria escada acima e escada abaixo por ele, de um modo que às vezes fazia Eline cair na gargalhada. Não, ela jamais seria assim com Otto; que ele tivesse certeza disso. Mas, embora falasse assim, rindo, a Otto, no fundo do coração sentia que seria de fato uma bem-aventurança dedicar-se inteiramente ao marido, como Suzanne se dedicava a van Stralenburg; existir apenas para ele e ser sua escrava fiel.

E então uma imagem encantadora da vida doméstica com Otto, da vida que seria a sua, surgia em sua imaginação, sempre ativa e sempre necessitada de imagens vívidas, incapaz, mesmo na felicidade de hoje, de se abster de chamar à existência um futuro ainda mais feliz.

Nesse estado de espírito, que lhe enchia a alma de idílios, via em tudo apenas um reflexo daquela felicidade, e as pessoas com quem convivia lhe pareciam todas cordiais e bondosas, nunca entregues a disputas amargas, vivendo umas para as outras, sem sombra de egoísmo. As cenas com Betsy pareciam destinadas a nunca mais se repetir, agora que ela respondia ao tom cortante da irmã com uma voz cheia de doçura, como se relutasse em profanar sua felicidade com uma única nota discordante. Uma grande calma desceu sobre seus nervos, e ela própria não conseguia deixar de admirar seu humor igual, alegre e bem-disposto, inteiramente livre dos habituais ataques periódicos de melancolia lânguida. Nenhuma névoa cinzenta e negra a cercava; era como se respirasse uma atmosfera leve, cheia de brilho, perfume e cintilação.

Durante um ou dois dias depois de sua conversa com Vincent, Henk sentiu-se muito pouco à vontade. Em sua bondade natural, não gostava de ferir os sentimentos de ninguém, e pensava ter magoado o orgulho de Vere. Afinal, o pobre diabo não tinha culpa de tudo o que empreendia fracassar. Assim, Henk visitara Vincent, e quatro vezes quis pôr-lhe nas mãos a quantia que ele lhe pedira; mas Vincent recusou-se a aceitá-la e, ao contrário, de fato pagara a Henk uma parte considerável do que lhe devia. Como conseguira arranjar o dinheiro continuou sendo um enigma para Henk, como tudo mais em Vincent era um enigma para ele. Em casa, Betsy censurou o marido por sua falta de tato ao lidar com Vere, e ela, em seu vago medo daquele primo, em quem suspeitava uma força latente capaz, se quisesse, de esmagá-la apesar de toda a sua energia de espírito, resolveu fazê-lo esquecer a qualquer preço a brusquidão de seu marido. Théodore convidara Eline para passar uma temporada no Horze, e ela devia ir para lá no fim de julho, junto com os Erlevoort e os Howard, que estavam agora na Haia, e permanecer em Gelderland durante todo o mês de agosto. Portanto, pensou

Betsy, sua grande casa no Nassauplein ficaria solitária; a ideia de sair da cidade com Henk não a atraía muito; preferia fazer uma viagem ao Sul no começo do inverno, quando Eline já estivesse casada; e foi, assim, tanto por desejo de mudança quanto por cordialidade diplomática que convidou Vincent a armar sua tenda com eles durante a ausência de Eline. Fez o pedido da maneira mais encantadora possível. Sentiria terrivelmente a falta de Eline, ficaria tão sozinha, e Vincent podia ser tão sociável e conversar de modo tão agradável sobre suas andanças; portanto, ele não devia recusar, estaria prestando a ela um imenso favor. Vincent ficou radiante com o pedido, que lhe abria a perspectiva de paz e luxo plácido. Levaria uma vida de conforto sem precisar gastar um centavo, durante um mês inteiro! E um mês de descanso lhe parecia, em sua miserável existência de expedientes, um período de bem-aventurança sem fim, uma eternidade de felicidade. Aceitou, portanto, o convite de Betsy com uma alegria secreta, mas exteriormente com certa condescendência, como se quisesse mostrar que ainda se sentia magoado com a recusa de Henk, e como se ficasse satisfeito em dar a Betsy a oportunidade de compensar a falta de amabilidade de van Raat.

Capítulo XVIII

Lili estava contrariada, muito contrariada; seus lábios tremiam, e as lágrimas quase lhe vinham aos olhos.

— Eu realmente não vejo por que ele não pode ser convidado — respondeu a Marie, irritada. — Ele é uma visita habitual aqui.

— Mas, Lili, como você pode ser tão tola? Mamãe o convidou uma ou duas vezes neste inverno, e certamente não temos intimidade suficiente com ele para convidá-lo a nos acompanhar ao campo. Quando se começa a convidar estranhos, há sempre uma espécie de constrangimento.

— Mas ele é muito sociável.

— É verdade. Ele melhora quando se o conhece melhor, devo admitir; mas ainda assim não o conhecemos como conhecemos Paul e Etienne.

— Ah, que rapazes encantadores! Não fazem outra coisa o dia inteiro senão se arrastar do Witte para o Linke, e do Bordelaise para o Bodega, sempre com aquele desgraçado do Vere. Quase não os vemos agora; Paul ocasionalmente se digna a aparecer, e Etienne já se tornou um verdadeiro mito. Convide Vere, se quiser — concluiu, irritada. — Assim terá o trio completo.

Marie encolheu os ombros.

— Agora não fique zangada comigo, Lili, porque mamãe não quer convidar de Woude. Não é culpa minha — respondeu suavemente.

— Ah, não, claro que não! Mas é sempre assim quando eu... quando eu tenho uma ideia. Sempre a ridicularizam. Não vou mais me incomodar com isso. Não dou a mínima para todo o passeio.

Saiu da sala, reprimindo com dificuldade as lágrimas, enquanto Marie retomava o livro com um suspiro.

Madame Verstraeten fora sentar-se ao lado do marido no jardim de inverno. Ouvira algo das frases curtas e apaixonadas de Lili, e um pensamento a encheu, lançando sobre seu rosto bondoso uma sombra de hesitação.

— O que a preocupa? — perguntou o velho senhor.

— Oh! é por causa de de Woude — sussurrou Madame Verstraeten, hesitante, para que Marie não a ouvisse. — Lili quer que eu o convide para o passeio, mas...

— Bem, por que não? Não desgosto de de Woude, embora ele seja um tanto janota. Pode ser bastante divertido com as meninas...

— Mas, Charles, realmente não devemos encorajar isso. Quando o vejo, sou sempre o mais cortês possível com ele, mas não há motivo para o incentivarmos, há? Que utilidade isso pode ter? Lili ainda é quase uma criança, enche a cabeça de fantasias; mas o que... o que pode resultar disso agora?

— Mas por que você precisa pensar de repente que eles querem se casar? Por enquanto, trata-se apenas de convidá-lo.

— Sim, sim, eu sei; mas você nunca os vê quando estão juntos, como eu vejo. Queria que você fosse a Scheveningen uma ou duas vezes.

— Não, obrigado; sou-lhe muito grato.

— Então veria por si mesmo. Não se consegue tirá-lo da nossa mesa. Ele é discreto o bastante para nem sempre aceitar quando lhe peço que venha tomar um sorvete; mas fica até irmos embora, e mal diz uma palavra a qualquer conhecido. Com Marie, dá apenas uma voltinha, pour acquit de conscience, e depois é Lili aqui e Lili por toda parte. Portanto, entende que não vejo grande bem nisso.

— Você acha então que Lili...?

— Claro, sem dúvida! Todo mundo também fala disso, e eles sabem; mas não se importam, imagine! Não sei... realmente não sei... o que vai sair de tudo isso — disse a velha senhora, e mais uma vez aquela sombra hesitante deslizou sobre seu rosto.

O senhor Verstraeten ficou um momento pensativo; depois sussurrou algo à esposa, e por muito tempo conversaram em voz baixa.

Marie, porém, não conseguia avançar na leitura, por isso subiu até Lili. Encontrou-a soluçando, com a cabecinha enterrada nos travesseiros.

— Lili! — chamou baixinho.

Lili estremeceu ao ouvir a voz de Marie.

— Ah, deixe-me em paz, deixe! — exclamou, impaciente.

Mas Marie tomou-lhe as mãos e a obrigou a erguer o rosto.

— Lili, como você pode ser tão tola? — disse, em seus tons suaves e penetrantes.

— Está se fazendo infeliz por nada. Assim não conseguiremos nos entender, se você se sentar a remoer desse jeito cada palavra que se diz. Lili, vamos.

— Ah, deixe-me em paz!

— Acha tão agradável assim ficar infeliz e deitar-se aqui sozinha, chorando? Por que não fala comigo francamente? Não é muito melhor confiar uma na outra, ser aberta e direta?

Como ela própria teria gostado de falar, de abrir o coração a Lili ou à mãe! Mas não, não podia; havia sentimentos que era melhor esconder.

Lili ergueu-se um pouco e, do rosto manchado de lágrimas, afastou com as mãos os cabelos desgrehados.

— O que quer que eu diga, então? Você sabe tudo. Não há mais nada que Georges faça que encontre favor aos olhos de mamãe.

— Vamos, você exagera. Papai e mamãe gostam muito dele.

— Ah, sim; eu sei. Mas se se trata de lhe mostrar uma pequena cortesia... E você também...

— O quê?

— Não disse que ele era um estranho, que não podia ser convidado?

— Se eu soubesse que isso lhe causaria dor, teria dito outra coisa. Só não suporto vê-la se agitar por nada, Lili. Ora, você se comporta como se sua vida estivesse arruinada para sempre, e tudo isso porque mamãe acha melhor não convidar de Woude.

— Bem, não é muito agradável para mim. Eu... eu já lhe falei do piquenique, e... é claro que ele espera ser convidado.

— Mas por que você é tão precipitada, então? Também não é muito agradável para mamãe, quando as pessoas começam a falar de vocês dois. Ainda ontem Madame Eekhof perguntou...

— Que nos importa Madame Eekhof, se gostamos um do outro? Se você for se incomodar com todo mundo...

Um sorriso quase zombeteiro formou-se em torno da boca de Marie.

— Sim, Lili — respondeu, com uma tristeza subjacente que, no entanto, se perdeu para Lili, que ouviu apenas a brincadeira risonha do tom —, é terrível! Você gosta de Georges, e Georges gosta de você, e o mundo inteiro está contra vocês: mamãe, Madame Eekhof, todo mundo, não é? É triste, muito triste, não é? E compreendo perfeitamente a pouca esperança que você tem de que um dia seja diferente! Como é triste, como é infeliz, sem dúvida!

— Oh, Marie! Como pode falar assim quando sabe... quando sabe que isso me fere?

— Sim; sou cruel, não é? — retomou Marie, mas seu sorriso se tornou mais terno.
— Vamos, Lili, pare de chorar agora e me dê um beijo; perdoe-me pelo que eu disse. Quer que eu tente de novo e veja se consigo convencer mamãe a mudar de ideia?

— Oh, tente, seja boazinha! Mamãe vai consentir se você pedir.

— Sim; ninguém me recusa nada, não é? Comigo tudo corre suavemente. Só contra você é que todos levantam a mão. Pobre, pobre criança!

Lili riu entre as lágrimas ao olhar para Marie.

— Marie, como você fica engraçada quando me passa sermão desse jeito! Faz-me rir, de verdade.

— Muito bem, maninha, ria então; vamos rir enquanto podemos. Bem, adeus; arrume um pouco o cabelo. Vou falar com mamãe.

Fez um aceno a Lili e saiu do quarto, invejando a irmã, que podia exprimir livremente o que sentia; e, ao descer a escada, sorriu um pequeno sorriso triste ao pensar no sofrimento e no desespero de Lili por causa de Georges. A irmã lhe parecia uma criança chorando por seus brinquedos; já podia ver o rostinho de Lili, agora tão amargamente pesaroso, iluminar-se de alegria, como aconteceria quando ela, Marie, voltasse dali a meia hora.

Feliz Lili! Que podia chorar tão livremente; que podia exclamar com tal exultação: "Que nos importa Madame Eekhof, se gostamos um do outro?"

Iam para uma fazenda mantida por um lavrador com quem os Verstraeten tinham boas relações. A estrada seguia pelo Loosduinschen Weg, e os passageiros da jardineira estavam longe de se sentir confortáveis sob os raios sufocantes do

sol do meio-dia, que despejava impiedosamente seu ardor sobre suas cabeças. Madame Verstraeten e Mathilde sentavam-se num banco de trás, com Nico entre elas; Marie, Lili e Frédérique, Paul, Etienne e Georges ficavam diante delas; o banco da frente era ocupado por Tine e Lientje e pelos pequenos primos Verstraeten; Johan e a pequena Cateau van der Stoor iam no banco do cocheiro. Seria uma festinha acolhedora, inteiramente entre eles, sem a presença de estranhos que apenas teriam interferido em sua liberdade. Marie tirava punhados de cerejas de uma grande cesta e as distribuía a todos, e Etienne, entre uma bocada e outra, contava como Marguerite van Laren declarara que uma jardineira era um veículo plebeu.

— Quando os van Laren vão a um piquenique, sem dúvida vão sempre em carruagens de gala, com lacaios empoados! — disse Georges.

— Em toilettes à la Watteau, conduzindo carneirinhos presos a fitas cor-de-rosa — acrescentou Lili, e sorriram um para o outro.

Todos riram, e sentiam-se muito bem-humorados: as moças em seus simples vestidos de algodão, os rapazes em seus trajes leves de verão e chapéus de palha.

— Cateau, quer cerejas? — perguntou Marie, e um punhado foi parar junto de Cateau. — Aqui está, dívida com Jan.

— Ah, eu vou receber minha parte — gritou Jan, com sua voz alta. — Toos, quer que eu lhe mostre um truquezinho?

— Que tipo de truque? — perguntou Toos.

— Veja, está vendo estas duas cerejas, não está? Agora ponha esta na boca; isso mesmo.

— Bem, e depois? — perguntou Toos, fazendo como lhe pediam.

— Depois eu pego a outra, está vendo? Assim! — continuou o tratante, abrindo a boca para a segunda cereja com um beijo estalado nos lábios de Cateau.

— Ora, Jan! — disse Madame Verstraeten, indignada.

— Essa Cateau! Que menina boba! — exclamou Freddie, rindo.

— Eu não sabia o que ele ia fazer — declarou Cateau. — Esse menino detestável!

— Vamos, Toos, que bobagem, você sabia muito bem! — provocou Paul.

Cateau ficou desesperada porque Paul se recusava a acreditar nela.

E a jardineira prosseguia ruidosamente por prados cheios de gado gordo a pastar, cujos couros pretos e brancos reluziam como cetim, enquanto os salgueiros à beira dos fossos agitavam seus leques de folhagem cinza-prateada no alto dos troncos nodosos.

— Acho o salgueiro uma árvore tão melancólica, você não acha, Georges? — perguntou Lili.

— Oh, Lili está ficando poética! — exclamou Etienne. — Vamos, Lili, uma ode ao salgueiro.

— Parece que não posso dizer nada sem que todos riam de mim — respondeu Lili, fazendo beicinho. — Devo ser muito ridícula.

E continuaram a provocá-la, enquanto as cerejas choviam espessas e rápidas no colo de todos, em meio ao riso geral. A estrada se tornou ondulada, enquanto ao longe se erguiam as alturas das dunas. Aqui e ali havia uma villa escondida entre a folhagem, ou uma fazenda, com campos de nabos e couves-flores, fileiras de feijões trepadores, ou um pequeno jardim cheio de girassóis, gerânios e tuberosas. Uma lavadeira, ocupada em torcer roupas à beira de um fosso, ergueu-se e sorriu, e duas crianças camponesas correram atrás da carruagem para apANHAR as cerejas que Jan e Cateau lhes atiravam.

A estrada ondulava entre campos amarelos de aveia e linho, salpicados do azul e do vermelho das centáureas e das ervilhas silvestres, até que enfim chegaram à fazenda. A mulher do lavrador apareceu ao portão com um sorriso bondoso, e de todos os lados saltaram da jardineira, enquanto Madame Verstraeten e Mathilde desciam uma série de caixas, cestos e alcofas. O cocheiro desceu do banco e levou os cavalos fumegantes para a estrebaria. Jan Verstraeten, a pequena Cateau e os pequenos van Ryssel logo se apoderaram dos dois balanços. Jan prometera a Madame van Ryssel que teria cuidado, e Cateau tomaria conta de Nico.

— Parecem um casal com sua prole! — riu Marie, seguindo-os com os olhos.

— Vou expulsá-los todos do balanço daqui a pouco; também quero balançar — gritou Etienne, barulhento, embriagado pelo sol e pelo ar fresco. — Lili, quer balançar comigo mais tarde? Isto é, se de Woude não se importar — sussurrou, com olhos lânguidos.

— De Woude não tem nada a dizer sobre mim. Mas não gosto de balançar, dá-me dor de cabeça, obrigada.

— Eu sou louca por balanço, Eetje — exclamou Marie. — Estarei pronta num instante; mas alto, muito alto, ouviu? Até as nuvens.

— Vamos procurar um lugarzinho agradável, um pouco mais adiante nas dunas — disse Paul.

— Ah, claro; Paul já está pensando em seu conforto. Mas as dunas estão muito quentes, Paully — disse Freddie.

— Não; há árvores, carvalhos, creio, do outro lado do pavilhão.

— Então vamos logo. Está realmente quente demais para se agitar muito. Sou da opinião de Paul; gosto de um piquenique preguiçoso: ficar largada à sombra, olhando as nuvens lá em cima — disse Lili, arrastando a voz.

— Lili sempre consegue unir o lânguido ao poético — riu a irmã. — Pelo amor de Deus, de Woude, proponha alguma coisa. Estamos todos tagarelando ao mesmo tempo, e você... você não diz nada.

Georges riu, e foram abrindo caminho pela folhagem pendente, empurrando os ramos frondosos, que tornavam a fechar-se atrás deles com um farfalhar. Lili assustou-se com uma aranha que pairava presa a seu fio prateado, e, quando de Woude afastou o inseto, os dois se tornaram alvo de zombaria geral: ela, como a donzela tímida; ele, como o bravo cavaleiro que matava os dragões ao seu redor.

— Mas o que fizemos para que estejam sempre em cima de nós? — exclamou Georges.

— Oh, Georges, não se incomode com isso — disse Lili. — Eles acham que têm muito espírito. Oh, Paul, como você nos faz escalar neste calor. É uma verdadeira viagem até esse seu lugar bonito. E esses galhos cansativos também. Ui!

Olhou, fazendo beicinho, para o dedo, que recebera um arranhão de um espinho.

— Deixe-me andar à sua frente — sussurrou Georges, e disse isso tão baixo e deslizou com tanta destreza para diante dela que os outros, entre as risadas pelo contratempo de Lili, não perceberam. Os dois ficaram um pouco para trás, e Lili o seguiu sorrindo, enquanto Georges segurava os ramos para que já não pudessem tocar seu rosto.

— Que riam! Você não se importa, não é? — perguntou ele, inteiramente absorvido em sua felicidade.

— Nem um pouco — respondeu ela, calma, sacudindo a cabecinha loura sob o grande chapéu, enquanto um sorriso zombeteiro se formava em torno de sua boca. — Agora podemos rir deles. Quem está dando aquele grito?

— Etienne, claro — disse Georges.

Paul e Etienne haviam encontrado um trecho gramado sob os castanheiros, de onde se via um pequeno panorama: alguns prados, entrecortados pelas linhas retas dos fossos, cintilando sob o céu claro, e aqui e ali uma vaca. Ao longe, um pequeno moinho; para além dele, uma orla de álamos, majestosos e esguios.

Lili e Georges se aproximaram e encontraram os outros em êxtase.

— É glorioso aqui — disse Paul. — Musgo fresco para deitar e uma bela vista.

Todos concordaram que era um lugar agradável e se sentaram no chão, cansados da exploração. Tiraram os chapéus, que, juntamente com as sombrinhas de renda ou vermelhas das moças, logo cobriram o relvado escuro de cores vivas, enquanto aqui e ali um raio de sol perdido, penetrando pela folhagem, lançava uma miríade de partículas de poeira cintilantes e dançantes sobre o algodão claro de seus vestidos e os tons amarelos e castanhos de seus cabelos.

— Afinal, aqui não é tão sombreado assim. De todo modo, eu estou bem no sol — disse Lili, escondendo-se na sombra rosada de sua en-tout-cas, e lançou um olhar indignado a Paul, que tinha um lugar muito sombreado e estava estendido de comprido no chão, a cabeça confortavelmente escondida num lenço.

— Psiu, Lili, não fale; vá dormir — sussurrou ele, de olhos fechados.

— Você é muito divertido; durma, então. Mas eu estou torrando aqui.

— Vamos procurar um lugar melhor, Lili? — disse Georges.

— Sim, vão; é uma boa ideia — pensou Paul.

— E assobiem quando encontrarem — disse Etienne.

Georges prometeu que o faria. Levantaram-se, e então Lili, apoiada nele, desceu a duna.

— Essa Lili é sempre tão exigente — bocejou Paul, dentro do lenço.

Mas a preguiça dele era demais para Etienne, que o puxou pelo morrote pelas pernas, para grande divertimento das moças.

Fazia muito calor, porém, e não podiam evitar: elas também começavam a sentir preguiça. Andariam depois do almoço. Quando a paz foi restabelecida entre Paul e Etienne, Frédérique pousou a cabeça nos joelhos de Eetje, enquanto ele lhe fazia cócegas nas orelhas com uma palha; Paul estava meio adormecido, lânguido de calor e conforto, e Marie ficou olhando contemplativamente, com uma sugestão de tristeza em torno da boca, para os prados, os fossos e o gado a pastar.

O caminho por onde Georges e Lili desceram era muito fácil. Ela deslizava, por assim dizer, com as mãos apoiadas no ombro dele, e ele seguia em passo rápido. Cada vez mais depressa; e ela ria de leve; era como se tivesse asas.

— Que bobagem deles ficarem ali sob aquele sol ardente! Veja, lá adiante, debaixo daquelas árvores.

— Aqueles castanheiros?

— Sim; vamos tentar?

— Vamos.

Subiram, ele a ajudando, e penetraram nos outeiros arborizados. Ali era deliciosamente fresco e sombreado, enquanto a poucos passos o sol queimava.

— Oh! Não é bonito aqui? — exclamou Lili. — E veja, violetas!

Sentou-se na areia musgosa e colheu as flores. E ele se deitou a seus pés, feliz demais para dizer muita coisa, brincando com as borlas vermelhas da sombrinha dela.

— Vamos, agora você precisa assobiar, Georges, como sinal para os outros virem — disse ela, maliciosa, sabendo muito bem que ele não o faria.

— Não sei assobiar, nunca soube — respondeu ele, olhando-a e rindo.

Ela também riu e atirou-lhe as violetas no rosto. Ele as recolheu e as colocou na botoeira. Então tomou-lhe a mão e fitou-lhe o rosto.

— Você gosta de mim? — perguntou, com os olhos fixos nos dela.

Ela pousou as pequenas mãos brancas nos ombros dele e, olhando-o diretamente no rosto, inclinou devagar a cabeça.

— O quê? — perguntou ele, cheio de ternura. — Você gosta de mim? — repetiu, e ela se inclinou, de modo que os lábios dele tocaram os pequenos cachos em sua testa e os beijaram.

— Sim — disse ela, e deixou a cabeça repousar contra o rosto dele. — Sim, eu gosto de você.

Assim permaneceram por algum tempo, enquanto ele, em sua postura desconfortável, desfrutava o peso da cabecinha sobre seu rosto. Mas quando ela se ergueu e voltou a olhá-lo sorrindo, ele se aproximou mais de seu lado e colocou o braço dela em torno do pescoço.

— Sabe, Emilie... — começou.

— O quê? — perguntou ela.

— Emilie falou com meu pai; será que ela não poderia vir falar com seus pais?

— Sim — respondeu ela, com um sorriso radiante. — Mas não sei... não creio...

— Emilie sabe como falar.

— Você gosta muito dela, não é?

— Sim... e de você também.

Ela apertou-lhe a cabeça contra a curva macia do braço e deu-lhe um beijo na testa: seu primeiro!

Sua mão se fechou carinhosamente e desalinhou-lhe os cabelos castanho-claros. Ela escutava, ainda com aquele mesmo sorriso feliz, a voz suave dele, enquanto lhe contava a conversa que tivera com a irmã, antes de saber se Lili algum dia se importaria com ele. Por algum tempo, sem dúvida, sentira-se ansioso; agora, porém, o mundo inteiro lhe parecia uma paisagem sorridente.

— Emilie pensava que você não aceitaria um marido pobre. Você aceitaria um marido pobre?

— Você é pobre?

— Bem, não sou rico.

— Então está bem, aceitarei um marido pobre. Posso ser tão econômica. Às vezes faço o dinheiro de um mês para vestidos durar três meses. E eu não estou sempre arrumadinha?

— Encantadora.

— Mas não acredito que você seja muito econômico. Acho que tem muito mais necessidades do que eu.

— Não terei necessidade alguma quando tiver você. Você será tudo para mim.

— Emilie gosta de mim?

— E muito! Ela será nossa mãezinha. E você me acompanhará a toda parte? Ao Cairo? A Constantinopla? Ao Cabo?

— À Lapônia, se quiser; a toda parte.

— Minha mulherzinha.

Ele a apertou contra o peito e a beijou. Era como se o mundo desaparecesse diante deles e os deixasse sozinhos no paraíso. Parecia-lhes que nenhum outro casal jamais amara com tanto afeto, como se nunca tivesse havido outro amor senão o deles.

— Mamãe quer saber se vocês vêm almoçar! — gritou Johan van Ryssel aos quatro que estavam deitados ao sol mais adiante. — Preguiçosos! Olá! Acho que todos vocês estão dormindo.

E escalou até eles e começou a lutar com Paul, cujos grandes membros, estendidos em todo o comprimento, o irritavam. Frédérique e Etienne se ergueram e admitiram estar com fome.

— De tanto não fazer nada, suponho? — gritou Jan, que também viera chamá-los.

— Nós estivemos no balanço, andamos na carroça do burro e subimos num monte de feno, e vocês... vocês não sabem fazer outra coisa senão cochilar.

— Psii! Mais respeito pela idade, por favor — disse Marie, com dignidade.

Todos desceram pelo caminho por onde tinham vindo, de novo lutando com os ramos pendentes que lhes barravam a passagem, quando ouviram um assobio atrás de si. Ao se voltarem, avistaram Georges e Lili, cheios de uma alegria misteriosa.

— Encontramos um lugarzinho agradável, muito fresco! — disse Georges, irônico.

— Oh, tão fresco! — repetiu Lili.

Com isso, tornaram-se alvo de olhares indignados, e por isso sabiamente ficaram um pouco para trás; ainda assim, cuidaram de chegar a tempo de se juntar aos outros à mesa do almoço.

Madame Verstraeten e Mathilde tinham estado muito ocupadas, apesar do calor. Sobre a toalha branca e grosseira erguiam-se montes de pãezinhos, junto de pratos cheios de cerejas e morangos, e uma grande tigela de creme entre dois tulbands dourados. Dezesseis cadeiras estavam dispostas ao redor da mesa, e os pequenos van Ryssel, ruborizados pelo calor, cansados de correr, com olhos cintilantes e cabelos úmidos, olhavam tudo com desejo. Nico já estava sentado à mesa, batendo o garfo contra o copo, e todos se sentaram; Madame Verstraeten e Mathilde logo se ocuparam em passar as diferentes coisas.

— De Woude, sirva-se do que quiser — disse Madame Verstraeten, e logo o lugar ressoou de ruidosas gargalhadas, enquanto os pãezinhos e os tulbands desapareciam como por encanto, e as galinhas corriam nervosamente ao redor da mesa, mantendo-se perto de Nico, que, para desespero de Mathilde, lhes oferecia imensas fatias de pão. Jan, nesse meio-tempo, encontrou um novo motivo para censurar os três rapazes por sua preguiça.

Atrás da fazenda havia um largo curso de água, e um pequeno barco estava amarrado à margem. Jan e Cateau queriam divertir-se nele, mas Madame Verstraeten não permitiu, a menos que alguém mais velho os acompanhasse. Assim, depois do almoço, investiram contra Paul e Etienne, que deviam remar para eles; Jan prometeu ser um bom timoneiro.

— Você acha que Georges e Lili estão seguros juntos? — perguntou Paul, empurrando o barco da margem com o remo. — Vamos, Etienne, mantenha o compasso.

— Onde estão eles? Ah, olhem, lá vão eles, atrás daquela sebe! — exclamou Frédérique. — Marie, imagine você, como irmã mais velha, permitindo uma coisa dessas.

Marie riu com bondade.

— Oh, deixem-nos ser felizes — respondeu simplesmente.

Etienne tornou-se muito ativo, justamente para esconder sua falta de habilidade como remador, enquanto fazia os movimentos mais fortes possíveis com o remo. Paul ficava mais desesperado a cada instante.

— Escute, Etienne, você não sabe nada disso; pelo amor de Deus, não espirre água desse jeito.

Uma chuva de gotas caiu sobre eles.

— Você está me encharcando — disse Frédérique, indignada.

— Ora essa, você acha que eu não sei remar?

Cateau e Jan riam de Etienne, e ele se portava de modo tão ridículo que Toosje enfim reuniu coragem para pedir a Paul que a deixasse remar; pois via o senhor van Raat como o capitão. Etienne, apesar de seus protestos barulhentos, que quase fizeram o barco virar, foi retirado do assento, e Cateau se instalou triunfante ao lado de Paul, cheia de entusiasmo para acompanhá-lo no erguer e baixar do remo, que segurava firmemente nas mãos, sem medo de bolhas. E apreciava quando seus remos, como se movidos por uma só força, deslizavam com leveza e ritmo sobre a água esverdeada.

— Excelente, Cateau; você entende do assunto! — disse Marie. — Jan, leve-nos até aqueles lírios.

Jan conduziu o barco, e a pequena embarcação deslizou lentamente até uma poça coberta de lentilha-d'água, sobre a qual as taças brancas dos nenúfares flutuavam em meio a uma abundância de folhas verdes, lisas e brilhantes. Marie inclinou-se para a frente, agarrou um lírio pelo caule duro e viscoso e puxou, puxou, até arrancar a flor da lentilha-d'água.

— Ali, vejam, há muitos — gritou Jan, apontando para o outro lado.

E continuaram deslizando entre salgueiros pendentes, seus ramos de folhas prateadas curvando-se sobre a água, e uma longa faixa de prado; e Marie arrancava mecanicamente as flores enlameadas da água. Já não ouvia o riso dos outros, nem como Cateau e Etienne travavam uma viva disputa sobre o modo correto de manejar um remo. Continuava, sem medo de se sujar de lama, a arrancar as flores, cujos caules atirava a seus pés, como tantas enguias escorregadias; arrancava e arrancava com tanta força que os caules quase lhe machucavam as mãos. Assim também se poderia arrancar um pensamento da mente, embora o coração sangrasse com isso.

Os pequenos van Ryssel, em quem Mathilde não confiava no barco enquanto Etienne estivesse nele, consolaram-se novamente com o balanço. Tina empurrava Nico, que se mantinha sentado com muita dignidade, para lá e para cá, enquanto

Johan, com Lientje sentada entre as pernas, se divertia no segundo balanço. Mas então chegaram Marie e Etienne, e, quando Nico se cansou de sua atitude digna, ambos subiram para a tábua.

— Alto, Eetje, muito alto! — gritou Marie.

Etienne, com os pés firmemente apoiados contra a tábua, logo lançou o balanço para a frente.

— Ah! Vejo que você é melhor no balanço do que no remo — gritou Marie.

Ela também impulsionava o balanço para a frente, e ele subia cada vez mais alto, enquanto seu vestido tremulava ao vento, o chapéu voava, e alguns fios de cabelo pendiam-lhe pelo rosto. Respirava fundo quando, lá no alto, suspensa no ar, pairava quase horizontalmente sobre Etienne e oscilava para cima e para baixo. Sentia como se um abismo insondável se abrisse sob ela, e como se subisse cada vez mais no céu azul, levada para cima pelas asas de um grande pássaro. Seus olhos cintilavam, suas faces ardiavam, e ela teria gostado de soltar as cordas e, num voo desesperado, lançar-se no espaço.

Então avistou as quatro crianças embaixo, que olhavam, de boca aberta e invejosa, para os "grandes", a quem era permitido balançar tão alto, e quis chamá-las, mas a língua se recusou a emitir som. Etienne estava como que embriagado, e mais alto, ainda mais alto, a tábua balançava.

— Etienne... basta... basta, Etienne! — murmurou Marie, e fechou os olhos.

E sentiu-se completamente atordoada quando o grande pássaro diminuiu lentamente a velocidade de seu voo, até por fim cessar de todo. Cambaleou ao voltar mais uma vez à terra firme.

Etienne apanhou seu chapéu.

— Um balanço glorioso, não foi, hein? — exclamou, sem fôlego.

Marie assentiu, sorrindo, e com um arquejo e um suspiro afastou do rosto os cabelos desgrenhados. E quando Etienne se pôs a correr, gritando para os priminhos que não conseguiriam pegá-lo, e quando os pequenos van Ryssel correram atrás dele, Nico por último, gingando sobre as perninhas gordas, então Marie, na grama ao lado do balanço, desatou a chorar. Pensou em Lili e Georges, em como aqueles dois tinham sido felizes, enquanto ela, Marie, ficara olhando para os prados e as vacas até que estrelas lhe tremulassem diante dos olhos; e em

como eles, Georges e Lili, tinham sido felizes, enquanto ela arrancava os lírios da água — com força, muita força, com toda a sua alma.

Capítulo XIX

— Eline, Eline! — gritaram do jardim. Eline saltou da cama, assustada, ao perceber que eram sete e meia. No Horze, a hora do café da manhã era às oito; por isso apressou-se com a toilette. Meio vestida, caminhou até a janela aberta e olhou para fora. Ali estavam as duas filhas mais velhas de Théodore, Marianne e Henriette, de dezesseis e catorze anos.

— Bom dia! — disse Eline, alegremente.

— Como, já está de pé? Ora, que rapidez, sem dúvida! Vai descer logo?

— Sim; estarei pronta num instante.

— Bom dia, Eline! — ouviu uma nova voz gritar. Eline olhou para fora e avistou Gustave, um rapazinho bonito de dez anos, com um par de atrevidos olhos azuis, um verdadeiro moleque de rua, sempre de mãos sujas, e cômico como um pequeno palhaço.

— Bom dia, Gus — gritou ela.

— Escute, Eline, sabe o que me prometeu?

— Não.

— Que vai se casar comigo, e não com o tio Otto, hein? Você me prometeu, sabe.

— Sim; está bem, Gus. Mas preciso me apressar e me vestir, ou nunca ficarei pronta! — gritou Eline, novamente ocupada com os cabelos diante do espelho.

Podia ouvir o movimento no jardim aumentar a cada instante, e isso a deixava nervosa. Seus belos olhos ainda estavam um pouco pequenos, os cachos frisados não caíam como ela queria. De novo, do jardim cheio de sol e sombra, subiu um alegre murmúrio de vozes, entre as quais distinguia a voz forte de Théodore, assim como os gritos vigorosos dos pequenos van Ryssel.

— Eline, Eline! — veio novamente de muitas, muitas vozes.

— Sim, sim; estou indo! — respondeu Eline quase impaciente, e afivelou o cinto, saiu correndo do quarto, atravessou o longo corredor sombrio com seus lambris de carvalho castanho, desceu a larga escadaria e passou pelo vestíbulo.

No jardim, Cathérine Howard caminhava com Otto, seu irmão. Não era bonita, mas tinha um rosto agradável e alegre, e era quase tão viva em seus movimentos quanto Etienne.

— Oh, Otto, compreendo perfeitamente — disse afetuosamente, pendurada em seu braço. — Acho-a um pontinho de menina. Pelas cartas de Freddie e de Mathilde, eu esperava ver uma espécie de coquete, porque na verdade não me lembrava muito dela, faz tanto tempo que a vi, e mesmo então era só por um momento ou dois de cada vez, quando ela morava com aquela velha tia... uma viúva, uma Madame Vere, creio, não era?

— Sim — disse Otto.

— Mas agora, conhecendo-a melhor, acho-a uma querida. Há algo tão cativante e franco em seu modo de falar, algo muito simples e natural, e ainda assim distingüé. E ela é uma bonequinha, realmente muito bonita.

— Acha mesmo? — disse Otto.

— Claro que acho. Você pode muito bem se orgulhar dela; não é qualquer um que consegue uma mulherzinha dessas. Ah, lá vai a campainha! Aqui todos são madrugadores.

Caminharam até a sala aberta que dava para o jardim e entraram. A velha Madame van Erlevoort já estava sentada à longa mesa do café e fez um aceno sorridente ao filho e à filha. Eline estava conversando com Théodore, que, ali diante dela, robusto e largo de ombros, com a estrutura poderosa e bem plantada e a barba curta e cheia, não lhe lembrava nem Otto nem Etienne; mas em sua voz alta, alegre e pesada soava a bondade natural, sadia, dos Erlevoort.

Sua esposa, a jovem Madame van Erlevoort, ou Truus, como ele a chamava, ainda se ocupava, com a ajuda de Mathilde e Frédérique, de fazer alguns preparativos a mais para a refeição. Miss Frantzen instalava os pequenos van Ryssel em suas cadeiras e prendia-lhes os guardanapos ao pescoço. Etienne entrou do jardim com Cor, o filho de dezoito anos de Théodore, que era guarda-marinha e agora passava uma licença no Horze. Foram seguidos pelas meninas e pelos meninos, Willy e Gustave, cheios de gracejos e brincadeiras às custas do tio inglês Howard, a quem não entendiam e a quem deviam ensinar holandês.

— Bom dia, Nily! — disse Otto, aproximando-se de Eline.

— Bom dia, Otto! — respondeu Eline, oferecendo-lhe a mão, e sussurraram algo entre si. Ela se sentia muito feliz no novo encanto que uma vida familiar movimentada lhe abria. Para ela, que em criança não tivera ninguém além da irmã como companheira de brincadeiras, e cuja primeira mocidade fora meio sonhada no ambiente deprimente da casa da tia idosa, era uma felicidade recém-revelada estar no meio de tamanho alvoroço alegre; e começava a ver a vida de outro ponto de vista, diferente daquele de quando ainda estava sob o fascínio das soirées e dos bailes da Haia. Todos eram alegres e agradáveis, até Frédérique; permitia que as crianças subissem em seu ombro à vontade, deixando-as acariciá-la e mimá-la com seus dedinhos engordurados, sem o menor receio pelo vestido ou pelo penteado. Estava apaixonada por Tina, a pequena senhorita graciosa, que o encanto dos modos de Eline atraía irresistivelmente, como antes atraía Cateau van der Stoor; e, à mesa, o lugar de Eline ficava sempre entre Otto e Tina. A velha Madame van Erlevoort sentava-se entre suas duas netas mais novas, Edmée e Kitty Howard, a única filha de seu genro inglês, e quando lançava o olhar ao longo da mesa, radiante de alegria juvenil, parecia-lhe que não poderia haver no vasto mundo alguém mais feliz que ela, com seus cabelos grisalhos e seu coração jovem.

Depois do café, Théodore propôs uma visita à chamada "grande árvore", pois declarava que, entre as muitas árvores grandes de Gelderland, a do Horze era a maior. Howard, Etienne e Cor deviam acompanhá-lo; Eline e Otto, com as crianças, juntaram-se a eles; até Edmée e Kitty, sob os cuidados das três meninas, tomaram de assalto a carroça coberta que estava pronta para transportá-las.

Na sala do café, parecia ter passado um vendaval atlântico. A mesa era um caos de pratos e copos; o chão estava juncado de guardanapos, no meio dos quais jaziam o chapéu de Tina, uma pá de Nico e uma bola de Edmée.

— Não é barulho demais para a senhora, mamãe? — perguntou Truus, tomando entre as suas a mão de Madame van Erlevoort, que ainda estava sentada à mesa desordenada do café. — De fato, as crianças fazem uma algazarra tão terrível que parece um alívio quando vão embora.

— Ora — disse a velha senhora —, você devia se envergonhar de falar assim.

— Meus quatro pequenos também quase me levam ao desespero muitas vezes — observou Mathilde. — Mas, com exceção de Cor, que aos poucos vai ficando um pouco mais ajuizado, os seus parecem levar a palma entre os jovens endiabrados e barulhentos.

— Não se preocupe comigo, Truus — disse a velha senhora. — Durante todo o inverno anseio pela chegada do verão, quando posso vir ao Horze, e me faz bem estar com todos vocês. E acho muito gentil de sua parte ter convidado Eline.

— No ano que vem, quando estiverem casados, já os convidei para irem a Londres durante a temporada — observou Cathérine. — Gosto muito dela.

A jovem Madame van Erlevoort pareceu um pouco pensativa enquanto dobrava um guardanapo.

— E você, Truus — perguntou a sogra, que o notara —, também gosta dela, não?

— Que posso dizer, mamãe? Conheço-a tão pouco. Acho muito simpático da parte dela adaptar-se tão inteiramente aos nossos modos e hábitos, de maneira que não tenho motivo para fazer cerimônia, como com uma estranha; não tenho tempo para isso. Então, sim, acho isso simpático. Mas a senhora sabe que não entro imediatamente em êxtase por causa das pessoas.

— Isso soa diplomático demais para me agradar, minha filha. Quanto a mim, ou gosto de uma pessoa ou não gosto.

— Oh, não pense que quero dizer mais do que digo. Conheço Eline há apenas uma semana; ela me causou uma impressão favorável, acho-a muito encantadora, mas ainda não sei bem se realmente sinto afeição por ela ou não.

Mathilde esteve a ponto de dizer que ela, que conhecia Eline havia anos, também não tinha plena certeza disso, mas nada disse.

— E depois, além disso... mas a senhora não deve se aborrecer, mamãe, agora que estamos no assunto, não é?

— Não, não, minha filha.

— Veja, não consigo deixar de pensar que há algo em Eline como se ela nunca fosse se sentir em casa entre nossa família. Ela se adapta a nós, como eu disse, mas não tenho tanta certeza de que isso venha inteiramente do coração. Não a magoo com o que digo, magoo? Não haveria nada que eu desejasse mais do que descobrir que me enganei a respeito de Eline, e quando a conhecer um pouco melhor... não é, mamãe?

Hesitava em dizê-lo abertamente: não gostava de Eline. Era uma mulher sensata e sólida, boa mãe, governando seu pequeno reino com cuidado amoroso e prudência, que, embora sempre cordial e alegre, era também determinada e

firme, e fazia sua vontade passar por lei. Na firmeza de seu caráter, em geral dizia diretamente o que queria dizer; mas desta vez sabia que, como futura esposa de Otto, mamãe já via Eline como parte da família. Percebera que Eline podia, com uma única palavra carinhosa ou uma única carícia, tocar a velha senhora, e não queria ferir mamãe na pessoa da noiva do filho. Mas, em sua atmosfera rural — isso não podia negar — Eline introduzia uma dissonância, como algo artificial, algo irreal, e isso irritava Truus. Ela não podia saber que Eline talvez fosse mais ela mesma no Horze do que jamais fora em qualquer outro lugar, que de fato se sentia feliz ali naquela vida familiar simples, que se sentia como se uma vida nova, mais pura e mais fresca, lhe houvesse cabido em sorte; não podia penetrar nos pensamentos interiores de Eline, podia apenas ver a superfície; não via a doce calma daqueles nervos, por tanto tempo distendidos numa vida de cultura excessiva e luxo; via apenas a mundanidade nativa cintilar através de um véu de simplicidade afetada, e isso a irritava, como a irritava a grande faixa de seda azul no vestido estampado de Eline.

Cathérine Howard ficou inteiramente indignada. Como era possível que Truus dissesse uma coisa dessas? Certamente não era muito bonito da parte de uma futura cunhada. E disparou sobre Eline com êxtase quase infantil, em palavras tão afetuosas, que a velha senhora, desconcertada com as ideias da nora, logo voltou a irradiar prazer.

— Não; realmente, Truus, não consigo entendê-la. Eu, pelo contrário, admiro Eline, porque, embora seja uma estranha em nossa família, ela se ambientou tão depressa. Posso lhe garantir que, quando fui para Londres com Howard — eu não conhecia a família dele, é verdade —, devo dizer que me senti um pouquinho como peixe fora d'água entre eles, por mais cordiais que todos fossem. Mas Eline... Santo Deus! É como se eu sempre a tivesse conhecido; ela é tão fácil, tão adaptável, não dá trabalho algum. Não; realmente não consigo compreender que você sequer imagine que ela não se sentirá em casa entre nós; não posso dizer que isso seja muito gentil da sua parte, com certeza.

Truus riu da indignação de Cathérine e se desculpou da melhor maneira que pôde; e, como a criada entrava para retirar a mesa, a velha senhora, com Mathilde e Cathérine, subiu e sentou-se na varanda espaçosa e bem sombreada, enquanto Truus permaneceu invisível pelo resto da manhã, absorvida em suas tarefas domésticas.

A carroça já estava havia muito fora de vista. Théodore, Howard, Etienne e Cor caminhavam à frente, e Otto e Eline os seguiam, sob a sombra de sua grande

sombrinha de renda.

A conversa dos quatro homens era uma mistura de inglês e holandês; Howard declarava que podia entender este último, e era até capaz de falar uma palavra ou duas, enquanto Théodore se atrapalhava continuamente com seu inglês nas explicações sobre arrendatários e terras. Alguns trabalhadores em suas roupas de domingo passaram com uma saudação respeitosa.

A estrada jazia banhada de sol entre o ouro ardente do centeio e da aveia, e nem um sopro de vento movia as hastes. Mais adiante, branco e vermelho, resplandecia o trigo-sarraceno em flor. Ao longe, uma fazenda se erguia entre um grupo de árvores, com uma linha de fumaça subindo como uma tênue pluma cinzenta contra o azul do céu.

— Suponho que aqui você se sinta como um rei em seu próprio país? — disse Howard.

— Oh, não! — respondeu Théodore. — Sinto-me mais camponês que rei. Mas olhe ao redor por um momento; ali, bem além do jardim, está nosso palácio.

Viraram-se e ficaram parados, de modo que Otto e Eline logo os alcançaram. Por uma abertura na folhagem densa, via-se o Horze ao longe, branco como leite, com suas pequenas venezianas e esbeltas torrezinhas brancas, os grandes balcões cobertos de videiras quebrando a monotonia branca com intervalos de folhagem. O lago jazia como um espelho redondo no meio do gramado fresco, salpicado por um voo branco e trêmulo de pombos.

— Que vista bonita! — disse Eline, arrebatada. — Mas vejiam, quem é que está acenando para nós?

— Oh, suponho que sejam vovó e as tias — gritou Cor.

Perceberam, na sombra de uma varanda, várias figuras de contornos escuros que pareciam acenar lenços, e todos retribuíram o sinal, enquanto Etienne gritava "Hurra!".

— Vamos, precisamos nos apressar agora — disse Théodore —, ou nunca chegaremos à grande árvore.

Eline falava inglês razoavelmente bem, e com ela Howard se entendia melhor. Ele a envolveu numa conversa animada, enquanto Eline, no braço de Otto, sob a sombra da sombrinha que ele segurava, respondia-lhe rindo. E a própria Eline se

perguntava como era que, sem o menor esforço, causava impressão agradável em todo homem com quem entrava em contato, ao passo que só conseguia conquistar a simpatia das mulheres à força de exercer todas as artes de sua afeição amorosa.

Por entre a conversa, cheia de brincadeiras alegres, passou-lhe como um relâmpago o pensamento de que Madame van Erlevoort gostava dela apenas por causa de Otto; Cathérine gostava dela por leviandade bem-humorada, mas a simpatia de ambas não estava firmemente enraizada em afeição; com a velha Madame van Raat, com a pequena Cateau, com Tina, era diferente. E, com um sorriso, apoiou-se mais pesadamente em Otto; que lhe importavam todos eles? O amor dele a compensava bem pelo que lhe faltava nos outros; o amor dele era sua riqueza, e da simpatia dos demais ela nada queria saber.

Até a grande árvore havia uma boa meia hora de caminhada. A estrada dobrava por campos dourados de cereais, ao longo de sebes rosadas de flores, junto de bosques de pinheiros em pequenas elevações, perfumados de aromas penetrantes, cuja folhagem escura e sombria oferecia uma sombra agradável contra os raios brilhantes do sol.

De repente, numa curva da estrada, a pequena aldeia de Horze revelou-se como uma surpresa aos olhos do grupo: algumas casas, uma padaria, a casa do pastor, uma estalagem, alguns estábulos, tudo espalhado em torno de uma igreja; e Eline olhou ao redor, admirada. Não via a aldeia, disse.

— Mas aqui está... ali... aquela é a aldeia — disse Otto.

— Como! Aquela casa e meia? — perguntou Eline, os olhos grandes de surpresa.

Todos riram, e Etienne lhe perguntou se esperava encontrar uma espécie de Nice ou Biarritz.

— Ao menos algo como Scheveningen, com um Kurhaus, não é, Elly? Escute, Elly, já sabe a diferença entre centeio e aveia?

— Não exatamente. O trigo-sarraceno eu reconheço quando vejo; o linho eu reconheço, muito amarelo-claro; e campos de batatas eu reconheço. Mas centeio, aveia e cevada, não; deles não sei absolutamente nada. Não me importune com isso, Etienne! Mas, Théodore, isto é mesmo Horze? O senhor é realmente senhor e mestre destes... um, dois, três, quatro celeiros?

E desatou a rir sob a larga aba do grande chapéu de palha; todos riram da surpresa inocente de Eline, embora Théodore se sentisse um pouco ferido.

Eline, porém, logo se arrependeu da brincadeira, que sentiu não estar inteiramente em harmonia, e declarou que o lugar era cheio de recantos pitorescos: uma casinha como aquela, com um grupo de árvores, muito bonito, realmente.

— E a grande árvore, onde está a grande árvore? — perguntou Eline.

Passaram pela aldeia, entre as galinhas que bicavam o chão e fugiam assustadas, enquanto o ferreiro e dois lavradores, a cada um dos quais Théodore dirigiu algumas palavras, saudavam cordialmente seu senhorio e ficavam por algum tempo olhando seus convidados se afastarem. Atravessaram um prado, e Théodore gritou a um menino que segurasse uma vaca perto deles, pois Eline tinha medo da enorme criatura gorda, com seus grandes olhos fixos e a boca mastigando.

— Etienne, Cor... parem com isso, Cor! — gritou ela, no braço de Otto, para Etienne e Cor, que, para assustar a vaca, soltavam um melancólico mu! mu!

— Está vendo, Eline, isso é porque você riu de Horze — gritou Théodore, em seu grande baixo; mas ela o olhou rindo, tão suavemente entre os cílios semicerrados, que ele ficou completamente desarmado e pediu a Etienne e Cor que parassem com aquele barulho tolo. No fim do prado erguia-se a grande árvore, um carvalho de tronco colossal, alto e poderoso como um gigante. Frédérique, Marianne, Henriette e as crianças já tinham se instalado entre suas raízes espalhadas. Howard e Eline foram instados por todos os lados a manifestar sua admiração pela árvore. Eline reuniu algumas palavras, como colossal, imensa; mas Théodore notou, pelo sorrisinho zombeteiro que brincava em suas feições, que o carvalho não lhe causara impressão alguma, e ergueu o dedo para ela, ameaçador, até que ela desatasse numa gargalhada, renovada quando Howard, em tom muito sério, declarou:

— Uma árvore grande, de fato! Nunca vi uma tão grande! Muito interessante!

— Espere, eu lhe mostro! — gritou Théodore, e correu atrás de Eline, que fugiu soltando gritos de riso até cair no gramado, arfante, e, estendendo as mãos, gritou:

— Théodore, pare, está ouvindo? Vou chamar Otto!

— Vou lhe mostrar! Menina levada! Chame Otto se quiser. Vou lhe mostrar! — e agarrou-lhe os pulsos e a sacudiu de brincadeira, enquanto ela fingia que ele a

machucava terrivelmente. Depois ajudou-a a levantar-se, e ela prometeu, ainda rindo, não demonstrar outra vez tão pouca apreciação pelas belezas da natureza.

As crianças, com o tio inglês, estavam de mãos dadas tentando medir a árvore.

— Absurdo Théodore correr atrás de Eline daquele jeito — resmungou Frédérique, e Etienne a ouviu.

— Escute, você está ficando cansativa — gritou ele. — Ora, já não suporta uma brincadeira.

Ao lado da igreja havia um bosque de pinheiros em terreno ondulado. Ali Eline sentou-se no musgo e apoiou a cabeça na mão. Otto sentou-se ao lado dela. Podiam ouvir apenas o tilintar fraco de um sino distante. Era hora de igreja. Alguns camponeses, em casimira lustrosa e aventais de seda brilhante, caminhavam pela estrada com o livro de orações na mão, e Eline os seguia com os olhos, quase invisíveis por trás dos troncos cerrados. Os fiéis dispersos eram poucos; alguns retardatários os seguiram às pressas, e tudo ficou quieto sob a influência pacífica de um repouso dominical rústico. Ao longe, ouvia-se o balido de uma cabra.

É verdade que Eline imaginara o Horze mais grandioso e luxuoso, e a vida tão simples que se levava na casa de campo às vezes a fazia sorrir quando se lembrava dos castelos ingleses de Ouida, cheios de duques e príncipes, tais como aqueles em que habitava durante sua vigília junto ao leito de tia Vere. Era certamente muito diferente aquele esplendor de uma aristocracia ideal e esta simplicidade de uma aristocracia abastada, mas necessariamente econômica; e, no entanto, ela não teria trocado sua situação presente por coisa alguma, e falou sorrindo a Otto sobre Ouida e os castelos ingleses, declarando preferir o Horze, assim como preferia a ele, seu pobre fidalgo rural, ao rico duque escocês, do tipo de um Erceldoune ou de um Strathmore, como aqueles com que sonhava outrora.

Sim; Eline sentia sua felicidade crescer cada vez mais naquela solidão pacífica sob as folhas escuras dos pinheiros, enquanto a voz de Otto, profunda e cheia, lhe soava aos ouvidos. Ele lhe dizia que ainda não conseguia compreender que ela fosse sua para sempre, e que em pouco tempo seriam como um só; e dizia que ela tinha apenas um defeito: julgava mal a si mesma. Ele, sim, ele a conhecia como ela realmente era; dizia-lhe que havia tesouros latentes escondidos nela, e que seria seu privilégio tentar trazê-los à luz. Na plenitude de sua felicidade, ela se tornou franca e aberta, até consigo mesma, como nunca fora; olhou-o quase com pena e respondeu que ele ainda descobriria nela muito de ruim, quando a

conhecesse melhor. Não, de fato, ele não a conhecia inteiramente, embora pensasse que sim. Havia tanta coisa acontecendo no coração de uma pessoa que nem sempre se podia revelar; ao menos era assim com ela, e precisava confessar que seus pensamentos nem sempre eram os melhores, nem ela era sempre tão equilibrada quanto parecia quando ele a via. Podia ser irritadiça, nervosa e melancólica sem causa real; mas certamente, por ele, se esforçaria para transformar-se em algo parecido com a imagem que ele formara dela para si; mas que idealista ele era! Sentia-se pura e boa naquela confissão; agora sabia que podia revelar-lhe livremente pensamentos que nem sempre teria confessado a si mesma; e já não temia perdê-lo por alguma palavra descuidada; via como ele a amava, e como devia ser mais querida para ele nos momentos em que lhe falava de si mesma daquela maneira simples, e muitas vezes lhe parecia que ele era sua consciência, à qual podia dizer tudo o que uma moça poderia dizer. E quanto mais ela se depreciava nesses momentos de sinceridade, mais ele a adorava, mais julgava poder ler-lhe a própria alma sob aquele encanto de beleza e graça.

Ouviram os hinos dos camponeses vindos da igreja, como um rio profundo e largo de piedade simples, e, no estado de espírito em que se encontravam, aquela torrente inábil de canto parecia cheia de uma poesia que se misturava à poesia dos tons escuros da folhagem, ao perfume do pinhal, ao amor que havia em seus corações. E Eline sentiu o coração dilatar-se; ergueu-se um pouco e, repousando a cabecinha encaracolada no peito dele, não pôde impedir-se de entrelaçar os braços em torno de seu pescoço; e, ao sentir-se assim apoiada nele, com o seio sobre o coração dele, um súbito soluço a sacudiu.

— Eline, querida, o que... o que foi? — perguntou ele suavemente.

— Nada — respondeu ela, quase morrendo no êxtase delicado de seu amor e de sua grande felicidade. — Nada; deixe-me... estou tão... tão feliz!

E ficou chorando em seus braços.

No Horze, as horas de levantar e deitar eram cedo, e os dias fugiam. A vida ali, com exceção de alguns dias chuvosos, era quase exclusivamente uma vida ao ar livre. As faces e as mãozinhas ficavam queimadas de sol, e começavam a parecer pequenos negros os jovens van Ryssel, os dois meninos, Willy e Gustave, e Edmée e Kitty Howard. Entre os pombos que esvoaçavam de sua casa sobre o lago, eles também esvoaçavam ao redor, às vezes seguidos ansiosamente por Miss Frantzen, a governanta de Truus, e pela ama inglesa de Cathérine; especialmente por Miss Frantzen, que vivia em constante medo ao pensar em Nico e na água.

Inspecionavam o viveiro de pássaros e os estábulos, e mantinham as melhores relações com o jardineiro e seus ajudantes, com o cocheiro e o moço da estrebaria. Alimentavam os pássaros, as galinhas e os patos, e passeavam, firmemente segurados pelo estábulo bondoso, no cavalo de montaria sem sela de Théodore, ou iam nadar, ou visitavam o ginásio, onde observavam as façanhas de Théodore, de constituição muito poderosa, e de Howard, mais ágil e flexível, enquanto Otto declarava ter perdido a arte, e Etienne balançava loucamente de argola em argola e saltava sobre o cavalo. Mas era para Cor que os pequenos van Ryssel olhavam de boca aberta, admirados, ao vê-lo, com expressão um tanto convencida, executar com muita calma e deliberação os exercícios mais difíceis, em toda a força juvenil de seus longos membros esguios. Depois do café, os rapazes jogavam críquete com Howard, ou, à sombra das árvores altas do parque, jogavam lawn-tennis com as meninas, ou se deitavam preguiçosamente debaixo de uma árvore com um livro, sem fazer nada, as mãos cruzadas atrás da cabeça. Depois do jantar, passeavam ou flutuavam um pouco no pequeno barco sobre o lago, e a noite chegava, e eram dez horas antes que percebessem.

E sua felicidade, e o luxo daquela vida campestre ensolarada, faziam Eline sentir-se tão inteiramente ela mesma que se perguntava se era realmente a mesma moça de alguns meses antes. Sentia-se um ser inteiramente outro; parecia-lhe que sua alma escapara de suas roupagens lustrosas e agora estava diante dela em toda a sua simplicidade, na brancura nua de uma estátua. Já não se velava em sua afetação, já não representava um papel; era seu próprio eu, a querida de Otto, e essa sinceridade emprestava um encanto tão novo a seus movimentos, à menor palavra que pronunciava, que Truus, para triunfo de Cathérine, admitiu ter se enganado a respeito dela; que Frédérique às vezes se sentava a conversar com ela por horas, com franqueza de irmã; que Madame van Erlevoort a chamava de anjo. Quando estava sozinha e por algum tempo se deleitava em seu novo curso de pensamentos e emoções, as lágrimas lhe vinham aos olhos, em gratidão por todo o bem que lhe fora concedido, e desejava apenas que o tempo não voasse, que o momento presente permanecesse para sempre. Além disso, nada desejava, e em torno dela pairava um repouso infinito, uma calma etérea, um êxtase de bem-aventurança.

No Horze, recolhiam-se cedo; às dez e meia todos estavam em repouso. Eline conversara durante uma hora no quarto de Frédérique, e sentia-se feliz com a simpatia cada vez maior de Frédérique. Estivera sentada à beira da cama, enquanto Freddie já estava deitada, e tinham conversado sobre todo tipo de assunto. Às vezes riam muito, mas abafavam o riso, pois a casa estava muito

silenciosa. Por fim, Eline saiu suavemente, na ponta dos pés, e encontrou-se de novo sozinha em seu quartinho. Acendeu a vela e começou lentamente a se despir, com um sorriso inconsciente e feliz em torno dos lábios. Por um momento permaneceu sentada, pensativa, com os cabelos espessos caídos, os braços e a garganta nus, e o mesmo sorriso ainda nos lábios. Nada desejava, nada mais; tinha tudo o que seu coração desejava.

Então abriu a janela e olhou para fora. A chuva cessara, e um odor de folhagem úmida vinha até ela. O céu estava claro, salvo por algumas nuvenzinhas diáfanas, e o crescente brilhante da lua parecia colocado em relevo contra o azul profundo dos céus; os campos estendiam-se silenciosos diante dela; um único pequeno moinho erguia suas asas negras, imóveis, no pálido luar; os fossos brilhavam como riscas de prata, e uma frescura perfumada subia da paisagem adormecida como um leve e suave suspiro. Eline encostou-se à janela e cruzou os braços sobre a garganta nua. Parecia-lhe que aquela frescura perfumada, aquele leve suspiro, refrescava e adoçava todos os seus pensamentos como um odor de flores do campo, que afastava o miasma malsão e enervante de suas antigas emoções, como um perfume opressivo de almíscar e opoponax. Sentia-se tão jovem como nunca se sentira antes, e, oh! disso tinha certeza: nunca amara como amava agora, nunca, nunca! Seu Otto! Quando pensava nele, não sentia necessidade de evocar alguma imagem idealizada; pensava nele como era de fato, tão viril e franco em sua simplicidade genial, e com um único pensamento que governava todo o seu ser: o pensamento nela. O amor dele era tão rico, tão pleno, o amor dele o preenchia completamente. E o dela crescia a cada dia, pensava... não, já não podia crescer mais! Nenhum desejo ulterior era seu, nenhum devaneio a mais sobre o futuro. A seu tempo, ele se desdobraria diante dela, uma perspectiva resplandecente de luz e ouro! Nada mais restava senão a quietude daquele lago em que sua alma deslizara, nada além do repouso e do amor daquele êxtase azul, cheio de bem-aventurança! Apenas isso, nada mais, nada além! Que poderia ainda desejar uma alma humana?

Apenas uma pequena faixa escura em meio a todo aquele azul. Apenas o medo, o medo de que algum dia fosse diferente. Fazia tanto tempo que não rezava, nem sabia mais como rezar; mas agora, agora teria gostado de fazê-lo, de rezar para que fosse sempre assim, para que nunca mudasse, sempre aquela felicidade suave, sempre aquele repouso e aquela paz, aquele éter azul.

— Nunca, nunca mais como antes! Deus... sempre assim, sempre como agora! Se mudasse, eu morreria — sussurrou inaudivelmente, e, ao cruzar as mãos, uma

lágrima tremeu em seus cílios. Mas era uma lágrima de alegria, pois em sua felicidade aquele medo vago se dissolvia como uma gota no oceano.

Capítulo XX

Na Haia, agosto passou abrasadoramente quente, mas as noites eram frescas no terraço de Scheveningen ou na tenda do Bosch. Era domingo à noite, e Betsy ficou em casa; a velha Madame van Raat não vinha vê-la havia tanto tempo que ela pediu à sogra que aparecesse; domingo não era grande dia em Scheveningen. Tomariam chá no jardim de inverno, cujas portas de vidro já estavam abertas. Henk caminhava com Madame van Raat pelo jardim, e a velha senhora admirava suas esplêndidas rosas. Betsy e Vincent estavam a sós.

— Recebi uma carta de Eline: ela volta com os Erlevoort na quarta-feira. Os Howard ficarão mais um pouco no Horze — disse ela.

— É mesmo? — respondeu Vincent. — E quando Eline voltar, suponho que eu tenha de ir embora? — perguntou, secamente.

Betsy sentiu-se alarmada, mas sorriu de modo muito agradável.

— Que ideia! De modo algum. Você sabe que nossa casa está sempre aberta para você, até encontrar alguma coisa para si. Não recebeu notícias daquele... como se chama aquele amigo em Nova York?

— Lawrence St. Clare. Não; há algum tempo não recebo nada dele. Veja, a gente esquece os amigos quando estão tão longe. Não posso culpá-lo.

Recostou-se em sua cadeira de vime com um ar de algo semelhante à resignação. Enquanto isso, sentia-se muito à vontade e agradavelmente acalmado pelo luxo que o cercava. O jardim era bem cuidado, rico em flores e estatuária. E naquele ambiente, na presença de Betsy, muito elegante em seu vestido leve de verão, sob o suave brilho da prata e da porcelana japonesa, sentia-se protegido contra os muitos dissabores da vida. Era descanso, monótono, se quisessem, mas repousante e refrescante. Betsy, ele sabia como dominar; mas era desnecessário fazê-la sentir seu poder; além disso, era preguiçoso demais para isso. Sua vida presente não era fácil? Com que deveria se preocupar?

— O que você diria se eu procurasse uma esposa? — perguntou de repente, pensando intimamente nos prazeres que um casamento rico poderia lhe proporcionar.

— Uma esposa! Oh, uma ideia esplêndida! Quer que eu tente encontrar uma para você? Que tipo deseja?

— Bonita não precisa ser, apenas elegante. Não muito ingênua nem idealista. Dinheiro, é claro.

— É claro. Um caso de amor tolo eu certamente não espero de você. Que acha das Eekhof?

— Está louca? Duas bobocas risonhas... e sem dinheiro, não é?

— Alguns dizem que há, outros afirmam que vivem com extravagância demais; de qualquer modo, você poderia tentar descobrir. Mas estava falando sério, Vincent, ou era só por dizer alguma coisa?

— De modo algum. Acho que me sairia bem se me casasse. Não acha que tenho razão?

Betsy olhou-o atentamente, e seu olhar estava cheio de secreto desprezo. Com seus olhos sem brilho, seus movimentos lânguidos, sua voz indolente, ele não lhe causava grande impressão como marido ideal para uma moça.

— Não exatamente. Acho que você é um terrível egoísta; e também não creio que uma esposa encontrasse muito apoio em você. Você é fraco — quero dizer, moralmente, é claro.

Logo se arrependeu das palavras e se irritou com a própria imprudência. Quase estremeceu quando ele a olhou com aquele sorriso misterioso, com aqueles olhos suaves, opacos, de serpente.

— E uma esposa sempre precisa de apoio, não é? — disse ele, em tons medidos. — Você também, não? Você encontra seu apoio em Henk? Depende inteiramente dele, e ele é bastante forte... quero dizer, fisicamente, é claro?

Cada palavra que pronunciava ele enfatizava como que com um sentido maldoso, e cada palavra penetrava, aguda como uma agulha, em sua natureza dominadora; mas ela não ousou responder, recuou com medo e apenas sorriu, como se ele tivesse feito uma simples brincadeira. Ele também riu, uma risada bondosa e suave como a dela, mas cheia de vingança velada.

Ambos ficaram em silêncio por algum tempo, conscientes da luta sob aquela aparência exterior de boa índole, até que Betsy começou a murmurar docemente algumas queixas contra a velha Madame van Raat, que sempre a entendia mal e com quem nunca conseguia concordar; e, enquanto ele a escutava indiferentemente, ela sentia como o detestava, como teria ficado satisfeita, depois

de tê-lo em casa por um mês, em lhe dar congé; mas sabia que jamais poderia fazê-lo sem arriscar uma cena terrível. Ele continuaria rondando até o fim dos tempos, e ela não conseguia imaginar nenhum meio de afastá-lo. Tudo era culpa de Henk; se ao menos ele lhe tivesse dado aquela quantiazinha miserável, a ideia de convidá-lo para a casa nunca lhe teria ocorrido. Detestava Vincent, e detestava a si mesma por seu medo dele. Era rica e feliz; que mal poderia ele lhe fazer? Mas quanto mais argumentava, mais o medo se agarrava a ela, como uma idiossincrasia enervante da qual não conseguia se libertar.

Madame van Raat e Henk voltavam lentamente do jardim e se sentaram no jardim de inverno, junto a uma das portas de vidro abertas. Mas, depois de algumas palavras sobre as rosas, a velha senhora ficou calada e pensativa. Em meio ao luxo da casa do filho, uma certa frieza, um vazio, parecia apoderar-se dela e torná-la melancólica, ainda mais melancólica do que em sua própria casa solitária. Nunca tivera antes essa sensação quando estava com Henk; mas agora parecia que o amor pelo filho não lhe dava calor suficiente para dissipar aquele vazio frio. E de repente a verdade a atingiu. Sentia falta de Eline — Eline, que por onde passava irradiava a luz de seu fascínio; sentia falta de sua querida menina, tão diferente de Betsy, tão amorosa e simpática. E não pôde deixar de dizer, com sua voz triste:

— Sua casa parece deserta sem Elly. Como será quando ela estiver casada e for embora de vez? Querida Elly!

Não ouviu o que Betsy e Vincent responderam; não ouviu o que Henk disse; deixou a cabeça grisalha cair sobre o peito e ficou olhando à frente, as mãos ossudas cruzadas no colo. A vida lhe parecia oca, uma existência cinzenta cheia de dor, cheia de separações e lágrimas, na qual os homens pairavam ao redor, sombrios e tristes, como tantos fantasmas trágicos. E estremeceu quando Betsy lhe perguntou se estava com frio.

Betsy, embora nunca o tivesse confessado, também, assim como a sogra, apesar de Vincent, que "era tão sociável", achara a casa solitária e miserável. Havia tão pouca mudança no verão; era eternamente a tenda e eternamente Scheveningen; ela estava realmente ficando cansada daquilo. E agora que Eline voltara, radiante em sua fresca felicidade, que parecia difundir um odor campestre pela sala de visitas de Betsy; agora que Eline estava cheia de histórias sobre o Horze, sobre Théodore e Truus e as crianças, sobre os Howard e os pequenos van Ryssel, Betsy percebeu que Madame van Raat tinha razão: Eline era o encanto de sua casa. Agora a própria Betsy começou a esperar com certa apreensão o tempo em que

Eline a deixaria, e essa apreensão suavizava muito sua acidez habitual. Otto, que antes lhe parecera formal e afetado demais, agora lhe parecia encantador, desde que o via com frequência, pois insistira para que ele viesse jantar muitas vezes.

À mesa, a conversa tornou-se novamente viva e alegre, bem diferente do discurso lento e arrastado entre ela, o marido e Vincent. Com Eline, seus modos se tornaram suaves, por gratidão pela antiga alegria que ela trouxera de volta; e mantinham consultas intermináveis sobre o enxoval de Eline, do qual agora era tempo de cuidar, se ela queria se casar no inverno seguinte. Passavam as tardes juntas com costureiras e em lojas; viajaram com Otto a Bruxelas, onde Eline queria encomendar o vestido de noiva, rico mas simples, nada além de cetim branco, sem renda nem babados.

Eline, entretanto, em toda essa agitação e movimento, ficava com pouco tempo para pensar, e apenas à noite conseguia algum repouso. À noite, muitas vezes ficavam em casa. Era setembro. Scheveningen perdia pouco a pouco suas atrações, e agora que Otto vinha jantar, geralmente ficava tarde sem que percebessem. Ela se sentava com ele no jardim ou no boudoir violeta, e acostumava-se inteiramente à sua felicidade calma; parecia, na verdade, que nunca conhecera outra coisa. Tudo dentro dela era tão repousado e contente que quase desejava alguma emoção. Mas não, amava Otto; aquela única emoção lhe bastava. Nunca nada além disso; sempre aquela calma, sempre aquele éter azul!

Capítulo XXI

Georges de Woude van Bergh estudava com afinco para o exame de vice-cônsul, e um dia Emilie dirigiu-se à casa dos Verstraeten e teve uma longa conversa com o senhor e Madame Verstraeten, enquanto Lili, muito nervosa e infeliz, encontrava grande consolo em Emilie. Emilie desculpava-se, rindo, por sua visita sem cerimônia; mas, na verdade, seu velho pai estava adoentado e nunca saía, e ela administrava tudo por ele, tirava-lhe tudo das mãos, até mesmo um pedido de acesso para o filho. Não; certamente não pensava como Georges, que se podia viver sem dinheiro, e compreendia muito bem que o senhor e Madame Verstraeten também não podiam acolher tal ideia; mas, afinal, o rapaz tinha uma perspectiva, não tinha? E os dois pareciam ter metido tanto na cabeça aquela loucura que não se conseguiria dissuadi-los. A questão, na verdade, era esta: o senhor e Madame Verstraeten tinham alguma objeção pessoal a ele, ou permitiriam que os dois esperassem até poderem começar a vida juntos sem risco grande demais de passar fome? O senhor e Madame Verstraeten seriam capazes, num dado momento, de se separar de Lili? E, se não recusassem por completo, como decidiriam? Um noivado regular, ou apenas uma... bem, uma união de corações, nada mais? Era pena, certamente, que os dois se tivessem tornado um pouco comentados, e que a cidade inteira soubesse disso; mas eram um par de crianças simples, e com o tempo seriam mais prudentes. A questão agora era... e Emilie resumiu mais uma vez suas perguntas com seu modo cordial e expansivo, embora por dentro estivesse um pouco ansiosa pela resposta.

Madame Verstraeten suspirou e sacudiu a cabeça pensativamente; mas o velho senhor, para alegria de Emilie, não levantou objeções insuperáveis. Ainda assim, tinha suas objeções. Lili era tão jovem, uma criança; não seria melhor que ainda não se prendesse e tomasse tempo para se certificar de que ele era o senhor certo? Gostava muito de de Woude; também notara que o rapaz tinha alguma coisa em si; mas, ainda assim, suas ideias financeiras otimistas não se baseavam demais em seu amor? Será que realmente não tinha mais necessidades do que agora imaginava na cegueira de sua afeição? Estava habituado a certo grau de luxo. Emilie ouviu atentamente, plenamente convencida de todas aquelas dificuldades, sobre as quais ela própria já lhe falara certa vez. Mas agora... agora se deixara persuadir à loucura daquela visita e não queria ser infiel ao seu menino; agora queria fazer parecer que todas aquelas dificuldades existiam apenas na mente do senhor Verstraeten, e assim tentaria removê-las. Era sempre assim. Quando se cometia um absurdo, caía-se de uma loucura em outra, e agora ela seria obrigada

a argumentar contra as próprias convicções. Era uma tarefa difícil, por mais que falasse, e talvez fosse uma desgraça para Georges que ela pudesse advogar tão bem; mas, Deus do céu, o rapaz estava tão apaixonado, e talvez, afinal, ele tivesse razão! Havia outros pequenos lares que não eram ricos: pequenos funcionários, subtenentes. Não, não; no fundo, ela realmente estava cometendo um absurdo; mas não havia remédio, era tarde demais.

E enquanto pleiteava por Georges, irritava-se intimamente por ele tê-la levado a fazer tal coisa. Então não conseguia negar nada àquele rapaz, e precisava ela mesma participar de sua ruína?

Mas manteve a palavra e defendeu-o tão bem que Madame Verstraeten foi buscar Lili, que chorou amargamente e beijou Emilie com ternura. Um noivado, porém, estava fora de questão por enquanto. Madame Verstraeten não gostava desses noivados de gente pobre, que às vezes duravam anos, e Emilie declarou a Lili que uma união de corações, sancionada pelos pais, já significava muito nas circunstâncias presentes. Afinal, era melhor assim, não era? Se, conhecendo-se melhor, não servissem um para o outro, nenhum mal estaria feito; e, se viessem a gostar cada vez mais um do outro... bem, tanto melhor. Ora, ela não devia encarar tudo de modo tão sombrio; a vitória obtida sobre os corações encouraçados de seus pais não era sem importância. E que mais ela realmente queria? Casar-se imediatamente; recepção amanhã; dentro de um ou dois dias, Stadhuis e igreja, e depois fazerem sua entrada em algum quartinho de sótão! Sim; isso seria muito bonito!

Lili riu entre as lágrimas e beijou os pais; o que papai e mamãe julgassem adequado, ela aceitava.

Naquela tarde, Georges foi convidado para jantar, e depois da refeição passou-se uma esplêndida noite de setembro no jardim. Era tarde quando Georges se foi; tarde quando Marie e Lili se retiraram para o quarto e se despiram. Marie escutava com bondade e paciência a tagarelice de Lili sobre centenas de planos para o futuro. Ela adoraria viajar, e o emprego de Georges prometia isso. Aninhou-se confortavelmente nos lençóis frescos, sorrindo para as visões rosadas de sua fantasia, os braços dobrados sobre a cabecinha cercada pela massa desgrenhada de cabelos claros. Marie também se meteu na cama, e por um momento tudo ficou silencioso no quarto escuro, quando houve uma batida suave à porta, que no instante seguinte se abriu. As moças estremeceram de susto.

— Psiu, psiu! Sou só eu — sussurrou uma voz suave e abafada, e viram uma pequena figura curvada, de camisola e touca brancas, com uma vela acesa na mão, entrar no quarto. — Psiu! Vim só bater um papinho.

Era a velha Dien, a antiga criada dos Verstraeten, aquela boa alma prestativa que sempre era tão útil quando havia festas ou tableaux-vivants. Aproximou-se pisando de leve, de meias, enquanto a luz da vela refletia um brilho amarelo em seu rosto enrugado, coroadado pela touca branca.

— Mas, Dien, você me assusta! Parece um fantasma! — exclamou Marie.

— Psiu, quieta! Todos estão na cama; mas achei que vocês ainda não estariam dormindo. Quero bater um papinho... posso?

— Claro, Dien; claro que pode — disse Lili, animada. — O que tem a dizer?

Dien sentou-se na beira da cama de Lili.

— Você há de compreender que a velha Dien não é tão velha que não perceba quando há alguma coisa no ar. E veja, quando ela percebe, não consegue guardar para si; precisa pôr para fora. Sua danadinha! — ergueu o dedo para Lili em ameaça brincalhona.

— O que foi, Dien? — perguntou Lili.

— Ora, queridinha, agora não se faça de tão inocente! Acha que não sei por que chorou daquele jeito esta tarde, e por que Miss Emilie ficou tanto tempo no jardim de inverno? Pois veja, eu pensei que havia alguma coisa — continuou, piscando o olho encovado —, e comecei a pensar comigo mesma, e pronto: às cinco e meia ele entra marchando e fica muito bem para o jantar, hein?

— Ora, Dien; que tagarelice é essa?

— Não, não; Dien não tagarela. Dien sabe muito bem o que sabe. E você também sabe muito bem o que está fazendo.

— O que é, então?

— Bem, menina, você está certíssima. Ele é um rapaz firme. Um rostinho tão bonito e delicado, com um bigodinho louro bem cuidado. Um maridinho apropriado para você. Você mesma é muito mimosa. Combinam bem, não é, Miss Marie?

— Feitos um para o outro — bocejou Marie entre os lençóis.

— Então você gosta dele?

— E muito! — respondeu Dien. — E ele é sempre tão educado comigo e com Bet. Sempre fala de um jeito tão bonito quando abro a porta para ele: "Ah, Dien, como vai?" Sempre tem uma palavrinha ou duas a dizer, sabe. Nada orgulhoso, e nunca se esquece de limpar os pés.

Lili caiu na gargalhada.

— Você não está zangada porque digo isso?

— Não, de modo algum, Dien; fico muito contente que ele esteja em sua boa lista.

— Dormir, você ainda não vai dormir por algum tempo, não é? Veja, de dia estou sempre ocupada demais, e agora é uma hora tão boa para uma conversa aconchegada. E Dien pode lhe dar um conselhozinho, não pode? Veja, eu também fui casada, e nem tudo é mel, menina. Sim; no começo a gente acha muito bonito brincar de esposinha, mas depois vêm os pequenos, e com eles vêm as preocupações; eu tive três, sabe. E que trabalho dá criá-los! E você sabe que não tive grande alegria com eles. Um morreu, um menino, quando tinha catorze anos, e o outro não saiu exatamente como devia e foi para as Índias. Só minha menina... sim, ela é uma boa moça; você sabe, está em Roterdã, casada com um alfaiate.

— Sim, Dien.

— E diga, quando pensa que vai se casar?

— Oh, Dien! Realmente ainda não sei. Não nos casaremos por muito tempo ainda, e você não deve ficar falando disso; ouviu?

— Não, não; não tenha medo. Veja, Bet também não é cega. Acha que ainda levará um ano?

— Oh, certamente. Mas vamos, Dien, vá dormir agora.

— Sim, queridinha. Mas veja, quando vierem os pequenos, aqueles pontinhos louros — vocês dois são tão claros —, eu deixarei sua mãe e irei ficar com você. Que me diz disso?

— Como ama? Não, obrigada, então você já estará velha demais para isso.

— Oh! Eu os lavaria e esfregaria muito bem, não tenha medo!

— Dien, acho que você está dizendo coisas impróprias! — exclamou Marie. — Fie!

— O que há de impróprio nisso? Mas vamos, preciso ir; ora, são meia-noite e meia. E ouça, Miss Marie, precisa se apressar e ter sua vez: essa coisinha lhe passou à frente; não fique para trás agora, ouviu? Vai cuidar disso?

— Sim, Dien; farei o possível — disse Marie.

— Então sonhe bem com isso. E você também, queridinha, sonhe com ele. E diga-lhe que Dien acha que ele é um rapaz bonito, com seu bigodinho... vai dizer, hein? Vai dizer, sua danadinha?

Agarrou Lili, que novamente ria às gargalhadas, pelos ombros, em brincadeira.

— Sim, sim, Dien, direi. Mas não precisa me sacudir assim... ui! Boa noite, Dien.

— Boa noite, minhas queridinhas. Psiu, menina, não ria desse jeito. Vai acordar os velhos. Psiu, psiu! Estou indo... quietas agora!

Dien saiu, amarelada e branca no brilho da vela, com uma última piscadela cheia de mistério, seus passos inteiramente abafados pelas meias de lã.

— Aquela tola da Dien! — murmurou Lili, ainda rindo e meio adormecida.

O quarto voltou a ficar escuro, e estava quieto, muito quieto; e Marie permanecia deitada, com a cabeça no travesseiro, os olhos muito abertos fixos no teto escuro.

Capítulo XXII

Vincent sentia-se muito doente e fraco, e seu estado tornou-se tão sério que o Dr. Reyer lhe proibiu sair do quarto.

Ele seguiu o conselho do médico, bebendo pouco, abstendo-se de fumar e entregando-se por completo à influência suavizante da atmosfera repousante que o cercava.

Passava os dias no boudoir de Eline, pois Betsy não podia lhe ceder uma sala só para ele. Ali ficava deitado no divã persa, bem envolto num robe oriental — lembrança de seus dias de luxo em Esmirna —, os dedos exangues segurando um livro no qual não lia uma só linha. Parecia-lhe que todas as ideias haviam desaparecido de seu cérebro, como se, de fato, todo o seu ser se desvanecesse numa calma lânguida, numa sensação de cansaço semelhante à que resulta de um esforço físico longo e severo. Sua mente enchia-se de pensamentos miúdos, infantis, que subiam como bolhas para estourar no instante seguinte. Seus prazeres eram tão miúdos quanto seus pensamentos, e sentia-se gratificado quando o Dr. Reyer o elogiava por sua obediência, ao passo que sofria agudamente sempre que precisava esperar alguns momentos até Eline lhe trazer o desjejum. Fora isso, nada sentia; limitava-se a ficar deitado, olhando ao redor no quarto de Eline e contando os quadros, as samambaias e todos os pequenos objetos de luxo espalhados por ali.

De manhã, Eline sentava-se ao lado dele e lhe lia alguma coisa, ou cantava um trecho ou dois de uma ópera favorita; e Vincent ficava deitado, ouvindo como num sonho, perdido numa estranha visão cheia de odores tênues e tons abafados, todos enlaçados e entretecidos uns nos outros como num caleidoscópio de cor e perfume. Ele não falava, e Eline também dizia pouco, penetrada como estava por uma sensação de alegria romântica, alegria igual à que conhecera quando fazia vigília noturna à cabeceira de tia Vere — o prazer de se dedicar ao cuidado de um inválido. Interessava-se cada vez mais por Vincent, e o zelo amoroso com que o tratava pouco a pouco teve o efeito de afeiçoá-lo profundamente a ela.

À tarde, em geral, ficava em casa até depois das quatro, quando Otto vinha buscá-la para um passeio; então, quando ele a repreendia com doçura por não cuidar suficientemente da própria saúde e por se sacrificar demais por Vincent, ela o fitava quase com lágrimas nos olhos e perguntava como ele podia deixar de sentir a mais profunda compaixão por Vincent, tão abandonado, tão infeliz, tão

fraco. As atarefadas negociações sobre o enxoval com Betsy foram um pouco interrompidas por esses cuidados, e certa vez ela chegou a observar à irmã que achava terrível ter de se casar em novembro, quando talvez Vincent estivesse morrendo. Não conseguia deixar de imaginar que a doença de Vincent era causada por uma paixão secreta por ela, paixão cujo segredo ele guardara até então com o maior ciúme. Pois nunca antes ficara tanto tempo em Haia; agora estava na cidade havia quase um ano, enquanto antes nunca costumava permanecer mais de uma ou duas semanas. Pobre Vincent; por ora, seus cuidados vigilantes lhe traziam consolo e conforto; mas será que toda aquela solicitude, aquelas atenções constantes de sua parte para com ele, não alimentariam a chama dessa paixão destinada para sempre a ser tão impotente, já que ela só podia amar seu Otto, ninguém mais? Teria ficado contente se pudesse confessar aqueles pensamentos a alguém; mas a quem? Falar disso a Otto lhe parecia pouco apropriado; e, se fizesse de Betsy sua confidente, estava certa de que ela lhe perguntaria por que precisava sempre encher a cabeça com tais disparates. E Madame van Raat?

Sim, ela era a pessoa a consultar; iria visitar Madame van Raat uma manhã, sozinha, sem Otto. Mas, quando viu a velha senhora, achou tão difícil dar forma em palavras às suas suspeitas sobre Vincent que, ao terminar a visita, não havia pronunciado uma sílaba de sua confissão. E consolou-se com a triste reflexão de que Vincent provavelmente morreria antes que ela se casasse, e que, nesse caso, seus cuidados teriam adoçado um pouco os últimos dias dele.

Os dias passaram, e, enquanto isso, a suspeita de que Vincent nutria por ela uma paixão secreta cresceu cada vez mais até transformar-se em certeza; até que ela começou, por assim dizer involuntariamente, a entregar-se a uma compaixão absorvente por seu pobre primo enfermo. Sua felicidade, que lhe parecera tão plácida que não poderia ser quebrada, escorregava cada vez mais do vão alcance de seus dedos, e uma sensação de nervosismo e inquietude se difundia diariamente por todo o seu ser, ao passo que, entretanto, faltava-lhe coragem para abrir o coração a Otto; pois, quando pensava em Vincent, uma névoa parecia interpor-se entre ela e Otto, uma névoa que se tornava cada vez mais densa e ameaçava separá-los um do outro. Estremecia ante esse pensamento e, depois de passar metade do dia, em sua inquietação nervosa, ao lado de Vincent, ansiava por estar novamente com Otto, em cujo temperamento plácido esperava encontrar um bálsamo curativo para o espírito perturbado. Pouco depois das quatro ele chegava, iam passear juntos, ele voltava com ela para jantar; à noite muitas vezes ficavam em casa, passavam muito tempo a sós, e, quando à noite ele

se ia e ela se retirava para o quarto, precisava fazer o máximo esforço para se conter e não rebentar em lágrimas, pois descobria que já não extraía da presença dele aquele repouso e aquela paz que antes ela lhe trouxera. Pelo contrário: de vez em quando a calma dele chegava a irritá-la, como algo indiferente e fleumático, que, em seu estado presente, transbordante de inquietude, a repelia, sobretudo quando o comparava com Vincent, em quem suspeitava ocultar-se um mundo de dor silenciosa e agônica. Até a simplicidade fácil de Otto, sob a qual ainda havia tão pouco tempo ela vira tamanha riqueza de amor, agora a irritava.

Será que ele nunca explodiria numa tempestade de paixão, numa torrente impetuosa sobre — sobre qualquer coisa, fosse o que fosse? Permaneceria sempre tão calmo, tão plácido, tão eternamente igual? Será que nunca sentia dentro do peito alguma coisa lutando contra outra, alguma coisa que fervesse e borbulhasse nele e que precisasse derramar-se numa torrente de palavras? Nada podia comovê-lo, nem arrancá-lo daquele repouso que parecia quase letargia? Bom e afetuosos, sim, isso ele era, mas era incapaz de sentir profundamente; talvez sua calma não passasse, afinal, de egoísmo, um egoísmo que a dor alheia era impotente para mover!

Pensamentos como esses faziam Eline sentir-se miserável e infeliz. Oh, céus! Eram os espectros, os espectros sombrios, que se apinhavam depressa ao redor dela. Não, não, eles não a arrastariam consigo; ela os espantaria para longe, para longe; mas em vão: eles ainda se erguiam, um após o outro, gelando-a com seus sopros frios de dúvidas horrendas, e ela lutava contra eles — uma luta terrível! Forçava-se a pensar de novo naqueles doces pensamentos que a haviam enchido de felicidade idílica durante sua estada em Horze; forçava-se a reencontrar sua plácida paz, seu êxtase etéreo — mas, ai dela, era em vão! E, quando começou a tomar consciência daquela única noite sem sono, quando um silêncio profundo reinava por toda a casa e ela, de olhos muito abertos, estava deitada tão só em sua cama; quando pela primeira vez tomou consciência disso em toda a sua verdade cruel e sentiu que aqueles dias tinham passado para sempre, que nunca mais lhe sorririam com sua glória dourada de luz e alegria, então por fim rompeu num soluçar selvagem, tempestuoso, tão tempestuoso e selvagem como nunca havia soluçado antes, e, em seu ímpeto apaixonado, lançou-se sobre o travesseiro como se ele fosse sua felicidade, como se ele fosse o pássaro que lhe escapava dos dedos. Sacudiu a cabeça: não, não, ela haveria, precisava ser feliz de novo como antes; haveria, haveria de amar seu Otto como o amara antes, no bosque de pinheiros — amá-lo! Não, era impossível, não podia, não devia ser assim; ela haveria, haveria de se forçar, com toda a força e energia de sua vontade, a continuar amando-o

como até então; continuaria a agarrar-se a ele, como agora se agarrava ao travesseiro, e os espectros horrendos, escarninhos, não conseguiriam arrancá-lo de seus braços. Tudo permanecia silencioso na casa; apenas lá embaixo, na cozinha, ela ouvia o grande relógio: tic, tac, incessantemente, e um terror intenso a tomou enquanto escutava aquele som duro, metálico, rítmico. Um terror de que sua felicidade não se deixasse forçar de volta para dentro de sua alma; um terror de que algum poder invisível a empurrasse para baixo, para baixo, por alguma ladeira íngreme, quando ela desejava subir, sempre subir. E então veio uma fúria, uma fúria tempestuosa, porque sentia aquilo tão claramente e, ainda assim, não queria senti-lo, e porque permanecia fraca demais para fazer um esforço vigoroso e decidido contra o avanço dos poderes invisíveis que pareciam sempre zombar dela e provocá-la.

Na manhã seguinte, Eline foi cedo ver Vincent; queria entregar-lhe uma carta grande que chegara para ele. Ele estava, como de costume, deitado no divã, com seu robe turco. Ainda assim, lenta e gradualmente, recuperava-se; o Dr. Reyer até lhe dissera que podia fazer uma pequena caminhada, mas o repouso se tornara caro para ele, e respondeu que ainda não se sentia capaz de andar. Quando Eline entrou, ele lhe fez um aceno amistoso; acostumara-se aos seus mil pequenos cuidados, sentia-se grato por eles, e essa gratidão trazia um brilho bondoso aos seus olhos, que Eline tomou por amor. Ela lhe entregou a carta e perguntou como se sentia.

— Bastante bem. Estou melhorando aos poucos — disse ele, cansado; mas de repente se ergueu e rasgou depressa o envelope. Eline estava prestes a sentar-se ao piano.

— Ah, enfim! — ouviu Vincent exclamar, quase alegre.

— É de Nova York, de Lawrence St. Clare! — disse Vincent, lendo rapidamente a carta. — Ele me arranjou alguma coisa: um lugar numa boa casa comercial.

Eline sentiu um súbito alarme.

— E o que pensa fazer? — perguntou. — O que quer dizer?

— Ir assim que eu estiver melhor, mas... mas não estou, e temo que ainda não esteja por algum tempo — concluiu ele, lânguido.

— Ir para onde? Para a América?

— Sim, naturalmente.

— Então fica contente por poder ir?

— Claro; por que eu ficaria rondando por aqui por mais tempo, agora que posso conseguir uma posição?

Ele mal pensava no que dizia. Recaiu nas almofadas persas, e um labirinto de visões vivamente coloridas ergueu-se diante de seu espírito. Recordou sua vida anterior de mudanças sem fim, de perspectivas sempre cambiantes e horizontes cintilantes; mudança era vida, era a mudança que o curaria, que o rejuvenesceria.

Eline, porém, sentiu profunda piedade de Vincent. Sim, de fato, ele estava muito satisfeito por poder partir, provavelmente antes do casamento dela, para não ter de testemunhar aquilo que para ele devia ser uma visão muito dolorosa. Sim, de fato, ele a amava — e sofria por isso.

— Vincent — disse ela por fim.

— Bem?

— Vincent, de verdade... pense bem, não seja precipitado. Você ainda está tão fraco. Imagine se tiver uma recaída? Peça primeiro o conselho de Reyer.

— Mas, Elly, eu não fui sempre assim como sou agora? Nunca fui robusto, e... e você não quer me prender; além disso, e se eu ficar aqui? — perguntou ele com um sorriso.

Para ela, aquele sorriso pareceu triste e forçado, e recriminou-se por tentar conservá-lo ali. Não, ele precisava ir; apenas, talvez, talvez as coisas mudassem — mudassem de tal modo que ele não precisasse partir de modo algum. Sentiu vertigem, e tudo começou a dançar e brilhar diante de seus olhos: o pensamento que lhe subiu à mente, ela não ousou pensá-lo. Seria terrível demais. Terrível demais para Otto, terrível também para ela mesma. Naquele dia, quando Otto chegou, Eline sentiu, em vez do calor tão grato que sua presença outrora costumava despertar-lhe no coração, apenas uma indiferença glacial. Oh, Deus, como aquilo acontecera, como aquele calor se resfriara assim? Ela não sabia, mas assim era, e não tinha poder para mudar. Cumprimentou-o com um aceno amistoso e estendeu-lhe a mão. Não conseguia fitá-lo no rosto, mas o coração estava profundamente movido de piedade. Ali estava ele, Otto, ao lado dela, o olhar suave e bondoso fixo nela, a mão dela na dele, enquanto se apoiava no encosto da cadeira. Sim, ali estava ele ao lado dela, cheio de amor, e ela — ela não sentia senão uma indiferença fria, gelada! Não, mil vezes não! não podia, não

devia ser; ela se obrigaria, tinha demasiada pena dele.

— Nily... que há, minha filha? — perguntou ele baixinho, ao sentir a pressão nervosa dos dedos dela em sua mão.

— Oh... nada... nada, só uma dor de cabeça, eu acho — respondeu ela, hesitante, e olhou para ele pela primeira vez naquela tarde. Os olhos dele mergulharam nos seus, e ela esteve a ponto de lançar-se, num remorso selvagem, contra o peito dele, agarrar-se a ele e nunca mais soltá-lo. Mas outra vez aquele poder invisível a reteve.

“Será que isso já não se deixa forçar de volta? Será que nunca virá?”, pensou, desesperada. Ficaram sozinhos, e ainda faltava algum tempo para o jantar.

— Nily, minha pequena, diga-me: você não está bem? — perguntou ele, inquieto.
— Sua mão está fria.

— Estou um pouco febril; estivemos passeando de carruagem aberta com Vincent.

— Espero que você não vá adoecer.

— Oh, não; vai passar.

Olhou para ele sorrindo e, de repente, num ímpeto de desespero, passou os dois braços em volta do pescoço dele.

— Você é tão bom, tão amoroso — murmurou com voz entrecortada. — Você é tão bom, e... eu gosto tanto, tanto de você.

Vincent ainda não se sentia forte o bastante para juntar-se a eles ao jantar naquele dia. À mesa, Betsy contou a Otto sobre a carta da América; Vincent estava prestes a conseguir uma posição em Nova York.

— E quando pretende ir?

— Assim que melhorar. Ficarei mais que agradecida quando ele se for.

Eline já não pôde conter-se.

— Reyer diz que ele não deve pensar numa coisa dessas por algumas semanas ainda! — disse ela secamente, lançando um olhar irado a Betsy. — Mas, é claro...

— É claro o quê?

— Se não fosse por decência, você, doente como ele está, o poria porta afora.

— Se eu pudesse, sim, poria certamente. E de uma vez por todas, digo-lhe isto: ele nunca mais virá para cá. Imagine, ficar se arrastando por aqui desse jeito!

— Mas, Betsy, ele está quase morrendo! — gritou Eline, tremendo de raiva.

— Ora, bobagem!

— O que é bobagem? Se você o visse como eu o vejo — berrou ela.

— Ora, Eline, não vamos brigar por causa de Vincent. O sujeito não vale isso. Você faz disso um melodrama. Não faça esse papel, pelo amor de Deus.

— Sim, eu sei: “Não faça esse papel.” É o que sempre me servem quando mostro um pouco de sentimento. Mas você... você não tem coração, você...

— Eline — disse Otto, suavemente.

Gerard entrava com o assado. O silêncio foi penoso.

— Você esqueceu o molho, Gerard — disse Betsy.

Gerard deixou a sala.

— Sim, você... ora, você pisotearia uma pessoa se ela estivesse só um pouquinho no seu caminho, se a incomodasse no mínimo em seu egoísmo brutal! Você não pensa em ninguém além de si mesma, e nem consegue compreender que nem todo mundo seja igualmente desprezível, e...

— Eline! — disse Otto outra vez, enquanto Gerard tornava a entrar, agora com uma molheira.

— Oh, cale-se, cale-se, com esse “Eline! Eline!” Qu’est-ce que me fait cet homme! Betsy ne veut pas le voir — mais je t’assure, que Vincent se meurt. Il s’est endormi dans ma chambre, pâle comme un linge, essoufflé par la fatigue, que lui a causé cette stupide promenade recommandée par Reyer. Et c’est pour cela, que je ne veux pas souffrir, qu’on l’accuse d’indiscrétion et de tout cela. S’il ne fut pas si malade, il ne resterait pas longtemps chez nous — j’en suis sûre...!

Falava com paixão, os olhos ardendo de raiva, e as palavras francesas caíam-lhe dos lábios agudas e cortantes como agulhas, altivas e selvagens.

Betsy também fervia de raiva. Gerard deixou a sala, mas ela não respondeu e conteve-se.

— Nily, querida — disse Otto —, não quero mal a Vincent, embora não sinta muita simpatia por ele; mas também ficarei contente quando ele partir.

— Ah, você também, então? — silvou ela.

— Posso terminar? — retomou ele, apertando a mão gelada dela na sua. — Sim, ficarei contente quando ele se for, ao menos se a presença dele na casa é capaz de excitá-la assim. Você está fora de si. Não sabe o que está dizendo, Nily; pelo menos, não sabe com que força está falando.

As palavras tranquilas dele a enlouqueceram.

— E você... você... com sua eterna calma, sua eterna calma fleumática! — explodiu ela, quase gritando, enquanto se levantava da mesa e atirava o guardanapo. — Isso me deixa louca, essa calma! Meu Deus, isso me deixa louca! Betsy me esmaga com seu egoísmo, e você com sua calma — com sua calma, sim, sua calma! Eu... eu... eu não suporto mais; isso me sufoca!

— Eline! — gritou Otto.

Ele se levantou, segurou-lhe os pulsos e olhou-a diretamente nos olhos. Ela esperava algo terrível: que ele a derrubasse, que a golpeasse. Mas, enquanto continuava a segurar-lhe as mãos, ele apenas sacudiu a cabeça lentamente, e sua voz soou cheia de tristeza quando disse simplesmente:

— Eline!... que vergonha!

— Grande Deus! Eu... eu estou ficando louca! — gritou ela num acesso de soluços; arrancou-se de suas mãos e precipitou-se para fora da sala, arrastando ao passar alguns copos da mesa, que caíram no chão com um tilintar, despedaçados.

Betsy tremia de raiva e quis correr atrás de Eline. Otto, porém, deteve-a.

— Deixe-a, eu lhe peço! — suplicou.

Henk também se levantara, e, quando Gerard entrou, todos os três se sentiram muito constrangidos diante do criado, por causa do jantar bruscamente interrompido e dos vidros estilhaçados.

— Não faz mal... não faz mal, Gerard! — disse Betsy, quase humilde. — Não faz mal. Retire a mesa.

Era-lhes impossível assumir um ar indiferente. Gerard devia ter percebido que havia algo errado, embora seu rosto permanecesse muito calmo e digno.

Eline, entretanto, correria escada acima para o quarto e se lançara sobre a cama. Então começou a soluçar — mas Vincent não devia ouvi-la. Soluçou e soluçou até escurecer; então ouviu Vincent caminhar no quarto vizinho, mas ficou quieta, retorcendo as mãos e sufocando os soluços no peito.

Otto sentara-se na sala de visitas e fitava o chão com os olhos úmidos quando Henk entrou. Notou uma lágrima nos olhos de Otto, e Henk, arrancado de sua costumeira bondade tranquila, começou a ferver por dentro.

— Erlevoort! — disse ele, pondo a mão no ombro de Otto.

Otto ergueu a cabeça.

— Erlevoort! Vamos, meu velho, seja homem! Sissy às vezes é uma embarcaçõzinha difícil de manobrar, mas não é má de coração! Você não deve dar importância ao que ela lhe disse, ouviu? Ela estava apenas zangada com Betsy, porque gosta um pouco de Vincent, e assim, por acaso, você recebeu a sua parte. Mas não deve ligar para isso. É a melhor maneira de castigá-la.

Otto não respondeu; seu espírito estava demasiado cheio de dúvida para que a bondade de Henk pudesse animá-lo. Recordou como certa vez dissera a Eline que ela tinha um único defeito: não se conhecia; havia tesouros escondidos dentro dela; ele despertaria aqueles dons latentes. Mas agora via muito bem que não tinha o poder de fazê-lo, que apenas a irritava e que... a deixava louca!

— Ela pode ser terrivelmente precipitada às vezes! — retomou Henk, andando de um lado para outro, intimamente enfurecido. — Mas qualquer pessoa de quem ela goste e a quem possa admirar consegue conduzi-la com bastante facilidade, e então... Quer que eu vá falar com ela?

— Eu a deixaria... em paz — respondeu Otto, falando com dificuldade. — Creio que ela mesma...

Tentava colocar-se no lugar dela e adivinhar o que agora sentia. Mas era em vão; não conseguia pensar, ainda ardia demais sob o golpe que ela lhe dera. Nunca antes a ouvira pronunciar tais palavras, com aquela voz estridente, gritante; nunca antes vira seus traços tão deformados — até a feiura — por suas paixões; e, por mais que tentasse, não conseguia reunir os pensamentos sob aquela grande dor torturante que o feria até o fundo.

Doía em Henk ver sua postura cansada, sem esperança. E de repente sentiu-se impelido à ação. Não, não permitiria que Eline tratasse Otto com tal desprezo,

não permitiria. Com passo firme e elástico, saiu da sala. Henk subiu as escadas e entrou no boudoir de Eline. Não encontrou ninguém ali, pois Vincent, cansado depois de sua primeira saída, já entrara no quarto, inteiramente inconsciente da tempestade que rugira lá embaixo. Henk bateu à porta de Eline.

— Eline! — chamou.

Não houve resposta, e ele abriu a porta em silêncio. No chão jazia Eline, a forma esguia a estremecer em soluços inaudíveis, o rosto escondido nas mãos. Ele esperou um instante, mas ela não se moveu.

— Eline, levante-se! — disse ele, curto, quase imperioso.

Com ferocidade, ela se ergueu um pouco, e com ferocidade gritou:

— O que é? O que você quer aqui? Vá embora.

— Levante-se.

— Não quero; vá embora, vá embora! Estou dizendo, vá embora!

Ele se inclinou sobre ela e segurou-lhe os pulsos, cheio de uma paixão que lhe fez o sangue subir ao rosto. Machucou-a, e ela soltou um grito de dor.

— Maldição! Vai se levantar? — sibilou entre os dentes, quase fora de si de raiva, enquanto a puxava brutalmente para cima. O rosto vermelho, os olhos flamejantes e a voz sibilante dele a aterrorizaram. Vacilante, ela se deixou arrancar do chão.

— O que você quer? — perguntou outra vez, mas agora mais calma, e com aparente altivez.

— Vou lhe dizer o que quero. Quero que vá imediatamente — imediatamente, está ouvindo? — até Erlevoort e lhe peça perdão. Talvez não se lembre do que disse em sua paixão insensata, mas você o feriu profundamente, insultou-o. Vá, e agora mesmo!

Ela o fitou, muito alarmada. O tom decidido e imperioso dele a fez tremer, e ficou muda de terror ao vê-lo, com seu grande corpo poderoso, apontar para a porta.

— Você o encontrará lá embaixo, na sala de visitas. Vai agora?

Ela tremia por inteiro, mas não queria deixá-lo triunfar.

— Não vou.

— Se não for, eu a arrastarei escada abaixo até que fique aos pés dele. Juro que farei isso, juro! — sibilou-lhe no rosto, sílaba por sílaba.

Ela recuou, assustada.

— Henk! — gritou, chocada por ele ousar dizer-lhe tal coisa.

— Vai?

— Sim... sim, eu vou, mas... Henk! Oh, não, não fale assim comigo! Por quê? Meu Deus! Já não sou infeliz o bastante?

— Isso é culpa sua, obra sua, mas não é razão para tornar outro infeliz também, sobretudo Erlevoort.

— Sim, sim, você tem razão — soluçou ela, por fim completamente quebrada. — Eu vou, mas venha comigo, venha comigo, Henk.

Ele a sustentou enquanto a tirava do quarto e a conduzia escada abaixo. Mas, ao entrar na sala de visitas, ela sentiu medo. Não havia ali ninguém além de Otto, sentado no sofá, com a cabeça entre as mãos. Por um instante ela ficou parada, indecisa sobre o que fazer; mas Henk olhou para ela, e seu olhar, junto com a visão do desespero silencioso de Otto, fez com que ela não hesitasse mais. Caiu de joelhos diante dele e quis dizer alguma coisa, mas foi incapaz de pronunciar uma só palavra por causa dos soluços violentos, que afinal pareceram dissolver-se numa torrente copiosa de lágrimas. Pousou a cabeça palpitante, ardente, sobre os joelhos dele, tomou-lhe a mão e soluçou, soluçou até que o coração quase se lhe partisse. Ele também não falou, e olhava-a profundamente nos olhos.

Por fim, com grande esforço, ela conseguiu apenas dizer, enquanto Henk permanecia de pé atrás dela como seu juiz:

— Perdoe-me, Otto, perdoe-me, perdoe-me.

Ele assentiu com a cabeça, lenta e suavemente, não de todo satisfeito com o remorso dela, sentindo, por assim dizer, uma decepção com algo em seu modo, que não era o que esperara; mas inclinou-se sobre ela, puxou-a para si e beijou-lhe a testa.

— Perdoe-me, Otto, perdoe-me.

Ele envolveu-a suavemente com o braço e apertou-a por um momento contra o peito, enquanto ela continuava a soluçar; e fechou os olhos para impedir que as

lágrimas lhe atravessassem os cílios. Pois ele sabia, sentia: tudo estava acabado.

A noite passou um tanto sombria, embora Henk, em seu tom franco e bondoso, lhe assegurasse que tudo ficara bem outra vez. De Eline, Otto se despediu com um sorriso triste. Eline então pediu perdão a Betsy na presença de Henk. Betsy deu-lhe um pequeno aceno de aprovação e nada disse. E, mais tarde, quando Henk lhe contou como a forçara a ir até Erlevoort, ela o olhou quase com admiração — pois jamais teria pensado que, numa luta contra Eline, seu marido se mostraria o mais forte dos dois.

Algumas semanas passaram, e dia após dia Eline se descobria cada vez mais infeliz, pois sentia que tudo estava acabado, que não podia forçar-se a amar Otto, e quase morria de dor sob a censura daquele sorriso triste. Certa tarde, ficou no quarto e disse a Mina que avisasse que estava doente e não desceria. Otto perguntou se podia subir para vê-la em seu quarto, mas ela mandou dizer que estava cansada e precisava de repouso. E, gradual mas nitidamente, uma resolução fixou-se em seu espírito: precisava fazê-lo; devia isso à felicidade dele e à sua própria. No dia seguinte, também não quis recebê-lo, por mais que Henk a instasse a fazê-lo. Apenas sacudia a cabeça devagar; não podia. Estava doente. Reyer? Não, não o queria. E permaneceu no quarto, enquanto Otto jantava lá embaixo com Betsy, Vincent e Henk, e saiu cedo.

Naquela noite, ficou muito tempo deitada no sofá, olhando fixamente para a escuridão. Por fim, acendeu o gás, fechou as cortinas e sentou-se à escrivaninha. Tinha de ser. Calma e resolutamente, começou a escrever, parando de vez em quando e lendo para si cada palavra:

“Meu queridíssimo Otto,

“Perdoe-me, eu lhe suplico, mas não pode ser de outro modo. Pergunte a si mesmo se posso fazê-lo feliz, ou se não tornaria sua vida um fardo. Pensei que poderia fazê-lo feliz, e esse pensamento hei de guardar sempre, pois ele encerrou minha maior felicidade no passado. Mas agora...”

Ao escrever essas palavras, as lágrimas lhe subiram aos olhos, e de repente ela rompeu num soluçar violento e rasgou o papel. Não se sentia capaz de causar-lhe tamanha dor. Grande Deus, não podia fazê-lo! Mas então o que devia fazer? Deixar as coisas como estavam até que talvez, no fim, alguma catástrofe viesse obrigá-los à separação? Não, não, mil vezes melhor separar-se em amizade, com um último adeus triste! Mas já lhe causara tanta dor contra a própria vontade; desejava no futuro causar-lhe a menor dor possível, e agora... oh! ser assim

atirada de um lado para outro numa luta como aquela, só e abandonada, sem ninguém que a apoiasse, sem saber realmente o que queria ou qual era seu dever! Era fraca demais para isso, para uma luta como aquela. Ainda assim, tomou uma folha nova e começou outra vez a escrever:

“Meu queridíssimo Otto.”

Algumas linhas vieram com relativa facilidade, muito semelhantes às da primeira carta, que ela havia rasgado. Mas como lhe diria o resto, como? De repente, porém, a pena correu pelo papel, formando brutalmente letras quase ilegíveis; e ainda assim ela continuou a escrever, página após página de frases selvagens, quase incoerentes, nas quais se censurava amargamente, repetidas vezes, pela maneira como o tratara, e por fim o libertava do compromisso. A longa carta divagante, cheia de repetições e manchada por suas lágrimas, concluiu-a com a súplica patética de que, um dia, quando ele tivesse encontrado uma moça digna dele, e que o amasse desinteressadamente, ainda assim não a esquecesse por completo. Todo o seu ser se derramou naquele último pedido.

“Então pense às vezes em mim, sem ódio nem amargura, e tenha um pouco de piedade de sua pobre Nily.”

A carta estava escrita, o envelope selado, e, depois de muita hesitação dolorosa, ela afinal reuniu coragem para chamar Gerard, a quem a entregou para que fosse postada. Então um terror selvagem a tomou, e teve a sensação de água gelada escorrendo-lhe pelas costas.

Agora Gerard estava na rua, pensou; agora chegara a esta casa, agora àquela; agora se aproximava da caixa de correio na Nassaulaan. E pareceu-lhe ouvir a carta cair dentro dela com um baque, como o de um caixão descendo numa cova aberta. Esteve a ponto de desmaiar, pois, no terrível estado de tensão de seus nervos, parecia-lhe estar cercada por todos os lados de terrores palpáveis e espectros medonhos. E de repente, como se despertasse de um pesadelo, tomou consciência do que fizera, um ato irrevogável! Sentiu-se tremer e estremecer por inteiro, como em febre. Amanhã, amanhã cedo, Otto receberia a carta, aquela carta.

Grande Deus, não podia, não devia ser! Era sua própria felicidade que ela lançara fora, porque o repouso e a paz dessa felicidade a tinham entediado! Sim, era sua felicidade que ela rejeitara, e que nunca mais poderia recuperar.

Pareceu-lhe que o teto desabaria e a esmagaria; mal podia respirar. E correu com passos vacilantes para a porta, para fora do quarto, atravessou o patamar e entrou no quarto de Betsy.

— Grande Deus... Betsy... Betsy! — gritou com voz sufocada. Betsy estava na cama e acordou assustada. Uma ideia confusa de algo terrível, um pensamento de incêndio, de assassinato, surgiu-lhe na mente.

— Quem! O quê! O que foi? O que foi, Eline?

— Eu... oh, grande Deus... oh!...

— Mas o que foi? O que foi, Eline?

— Eu... eu...

— Então?

— Mande uma... carta para... Otto.

— Uma carta?

— Eu... eu lhe escrevi. Eu... rompi tudo. Oh, grande Deus!

Betsy saltara da cama e estava de pé, tremendo diante de Eline, que se encolhera no chão e jazia soluçando histericamente, o rosto escondido pelos cabelos em desalinho.

— O que você está dizendo? — perguntou, completamente esmagada.

Eline não disse mais nada; só conseguia soluçar.

Henk entrou.

— O que aconteceu? — perguntou, ansioso.

— Eline escreveu a Otto, rompeu tudo! — disse Betsy com voz trêmula.

Henk ficou parado, tomado de assombro, e não conseguiu pronunciar palavra. Mas Eline ergueu a cabeça e, torcendo as mãos, quase delirante de dor, disse:

— Sim, oh, céus! sim, eu rompi tudo. Uma carta longa... eu mandei a ele... e, oh! é terrível... é terrível... mas não sei o que faço, não sei o que quero, não sei se gosto dele ou se não gosto, ou se gosto de qualquer outra pessoa. Não sei nada... e, oh! está tudo latejando, latejando na minha cabeça. Escrevi-lhe... porque... porque pensei que era meu dever; eu o teria tornado infeliz. Mas é terrível, terrível que eu

tenha feito isso. Talvez eu não devesse ter feito, talvez ainda pudesse ter gostado dele. Oh, Deus! Quem me dera que tudo acabasse agora, quem me dera estar morta, pois não posso mais suportar, não posso mais suportar!

Mortas e sem vida, as palavras lhe caíam dos lábios, enquanto se encolhia no chão, torcia as mãos e esfregava lentamente a testa no tapete.

Betsy lançou um olhar a Henk: que devia fazer? O rancor secreto que sentia contra a irmã se dissolveu por um momento numa grande piedade diante da dor de Eline. E, quando viu o marido continuar fitando Eline como um demente, irritou-se por ele não encontrar nada melhor a fazer. Acendeu o gás e enrolou-se num roupão; e os traços alterados de Eline a alarmaram, agora que ela estava sentada, olhando vagamente à frente, os olhos vermelhos de choro, as mãos dobradas sobre os joelhos.

— Oh, Elly, Elly! Como pôde fazer uma coisa dessas? — disse Henk com voz rouca, pensando em Otto.

Eline não respondeu e apenas moveu ligeiramente a cabeça.

— Oh, minha cabeça vai estourar! — murmurou, fraca.

— Está com dor? — perguntou Betsy.

— Oh! — gemeu Eline.

Betsy molhou um lenço em água e banhou o rosto de Eline, as têmporas e a testa, afastando os cabelos desgrenhados.

Henk sentara-se. Não sabia o que fazer, o que dizer; só via Otto diante de si.

“Como ela pôde fazer isso? Como pôde fazer isso?” Era seu único pensamento.

— Está melhor agora? — perguntou Betsy, com brandura.

Eline sorriu com desprezo.

— Melhor... não... mas está fresco... a água...

— Quer beber alguma coisa?

— Não, obrigada.

Já não soluçava, mas as lágrimas ainda corriam. E lentamente, quase inaudível, olhando sempre para o vazio, disse:

— Oh, não saber o que fazer... não saber... e então fazer uma coisa dessas, contra a própria vontade. Pobre, pobre rapaz! E esta dor terrível... oh, Deus!... é como se eu estivesse enlouquecendo.

— Vamos, Eline — disse Betsy —, deixe-me levá-la para o quarto.

Conduziu Eline como a uma criança, e como a uma criança a despiu.

— Oh, minha cabeça! — gemeu Eline, e caiu exausta sobre o travesseiro. Betsy terminou de despi-la e a cobriu; depois banhou-lhe mais uma vez o rosto com um pano molhado.

— Vamos, tente dormir um pouco agora. Por enquanto, não há mais nada a fazer; talvez tudo ainda se ajeite depois.

Eline sacudiu a cabeça.

— Quer que eu me sente ao lado da sua cama?

Eline não respondeu e ficou olhando vagamente à frente. Betsy fechou uma das cortinas vermelhas e sentou-se.

A pequena lâmpada branca da noite brilhava como uma estrela sobre a mesa, e nos painéis do guarda-roupa, no espelho da penteadeira, sobre o frasco e os vasos, sobre a toalete duchesse de musselina, reflexos instáveis de luz brincavam aqui e ali, enquanto as grandes sombras negras jaziam por toda parte, imóveis e lúgubres, como outros tantos espectros escuros. Betsy tremia em seu robe; queria pensar, mas não conseguia, pois continuamente a mesma ideia lhe voltava à mente: Eline escrevera a Otto. As horas se arrastavam devagar, e Betsy ouviu soar uma hora, uma e meia, duas. Então os gemidos por trás da cortina da cama se apagaram. Betsy levantou-se e espiou por um momento; parecia que Eline dormia, imóvel, os olhos fechados. Devagar e em silêncio, Betsy deixou o quarto.

Em seu próprio quarto, Henk continuava sentado, com a cabeça entre as mãos. Nenhum dos dois foi se deitar; ficaram sussurrando juntos, de vez em quando escutando se algum movimento se ouvia no quarto de Eline. Ambos temiam algo indefinível, de que não conseguiam falar, algo que continuamente lhes enchia os pensamentos de um terror vago e pavoroso.

— Psiu! — gritou Betsy de repente, pois Henk ainda sussurrava, e ela ouvira alguma coisa. Os dois escutaram. Do quarto de Eline vinha o som de soluços violentos, soluços de uma alma em desespero, apaixonados e altos. Um tremor

frio passou por Betsy.

— Estou com tanto medo — balbuciou, com a voz trêmula.

Henk saiu do quarto o mais silenciosamente possível e atravessou o patamar escuro. Os criados estavam deitados, a casa inteira estava às escuras. No quarto de estar de Eline, porém, o gás estava aceso. Ali ele se sentou e ouviu Eline no quarto ao lado: ela soluçava, soluçava com uma intensidade como ele nunca ouvira ninguém soluçar antes; soava rouco, estridente, selvagem, como a voz de uma dor que já não podia ser consolada; cada soluço devia doer e torturá-la, cada soluço repercutia em seu próprio cérebro; a cada soluço, ele esperava o seguinte. Por fim, o pranto se dissolveu num gemido suave, depois cessou por completo. Tudo ficou quieto. E os cabelos de Henk começaram a se eriçar de terror diante da quietude trágica que agora reinava por toda a grande casa. Levantou-se; já não era senhor de seus atos; queria ter certeza, precisava ver. Por um instante, mas apenas por um instante, hesitou em entrar no quarto de Eline; então abriu a porta e entrou.

Sobre a cama amarrotada, no reflexo avermelhado das cortinas, jazia Eline com os traços deformados, os cabelos caindo em massa desgrenhada ao redor da cabeça. As cobertas, ela as havia atirado para o lado. Parecia dormir, mas ainda assim, a cada momento, um soluço interior parecia sacudir-lhe todo o corpo como um choque elétrico, e sob os olhos havia duas profundas olheiras escuras. Henk olhou para ela, e seus lábios tremeram de emoção diante daquele sono doloroso. Com delicadeza, cobriu-a com as cobertas e sentiu que ela estava muito fria. Ficou ainda um pouco olhando fixamente para aquele rosto manchado de lágrimas; depois atravessou o boudoir, onde diminuiu o gás. E então aquela mesma quietude trágica encheu por completo a casa escura, naquela noite de dor e terror.

Capítulo XXIII

De manhã, a carta de Eline foi entregue a Otto. Ele não se deu tempo de se retirar para o quarto, mas foi direto à sala de visitas e, atirando-se na primeira cadeira que encontrou, abriu a carta. Começou então a ler aquelas palavras de dor e remorso. Não havia necessidade de Eline lhe assegurar que sofrera, sofrera intensamente ao escrevê-la. Ele lia isso em cada palavra, e a cada palavra um novo dardo de tristeza lhe penetrava no peito. Lia também, embora ela não o escrevesse com todas as letras, que todo esforço de sua parte para encontrar a própria felicidade no amor dela — mesmo que conseguisse despertar novamente a afeição de Eline por ele — seria em vão; a lição que extraía da carta, em linguagem para ele clara e inequívoca, era que estavam separados para sempre, porque ela não possuía a força de preservar seu amor. Um grande, um incomensurável desespero o encheu; pensou que, se ela tivesse tido essa força, se tivesse permanecido fiel a ele, ele poderia tê-la feito feliz, porque no repouso de sua própria alma, na calma suavizante de seu próprio amor, ela teria fechado os olhos e adormecido, para enfim despertar cheia de tranqüila felicidade. Outrora sentira certeza de que esse teria sido o futuro dos dois; agora, porém, essa ideia parecia não ter passado de uma fantasia inútil, nada mais.

Mais uma vez, percorreu a carta, e pareceu-lhe que só então a lia direito; sim, ela estava perdida para ele, perdida para sempre! Um vazio, um vácuo sem esperança o cercava em sua solidão, no meio da luxuosa sala de visitas, cheia de brilho inanimado, cheia de grandes espelhos frios e móveis caros; e, com os olhos úmidos, olhou ao redor e estremeceu. Então recaiu na cadeira, cobriu o rosto com as mãos, e um único soluço doloroso escapou-lhe do peito comprimido. Teve a sensação de que tudo dentro dele era despedaçado e quebrado, como se aquele único suspiro amargo, semelhante ao sopro de um furacão, tivesse dissipado e destruído nele toda flor nascente de esperança; parecia-lhe que nada restava em si além daquele grande, daquele incomensurável desespero, e naquele momento teria desejado morrer. Soluçou e soluçou baixinho, e um sentimento de amargura lhe subiu ao peito. Merecera aquilo, ele que um dia descobrira tamanho tesouro dentro de si, ele que nada desejara além de fazer outra pessoa compartilhar esse tesouro, esse tesouro de paz e repouso? Seu tesouro era desprezado, e agora ele se sentia mais pobre que o mais pobre dos homens, e vazio, inteiramente vazio, em desespero e lassidão.

A porta abriu-se devagar. Era Mathilde. Aproximou-se dele como uma triste imagem de piedade, sentou-se a seu lado e tentou afastar-lhe as mãos do rosto. Ele estremeceu violentamente e olhou para ela com dois grandes olhos arregalados e selvagens.

— O que você veio fazer aqui? — perguntou, com voz desconsolada. Pois não havia nada a fazer por ele, nada; estava morto para tudo.

— Para que você vinha a mim, cinco anos atrás, quando costumava sentar-se ao meu lado e me puxar para junto de si? E para que veio a mim certa noite, também há cinco anos agora, quando meu marido... me havia... deixado... meu marido, que nunca mais vi desde então? Diga-me, para que veio a mim naquela ocasião? Acaso eu lhe perguntei então o que você me pergunta agora? — disse ela, em tom de censura. — Você recebeu uma carta de Eline, eu sei, vi o envelope. Não precisa me dizer do que se trata. Posso senti-lo por instinto. Mas, Otto, deixe-me compartilhar sua dor; não faça ouvidos surdos à minha súplica.

Ela viu o peito dele erguer-se sob o soluço poderoso que ele reprimia com violento esforço; então passou o braço em volta de seu pescoço e o obrigou a apoiar a cabeça em seu ombro. E, em sua própria dor, ele estremeceu, assustado pela lembrança da dor dela, daquela tristeza da qual ela nunca falava; e sentiu que ela devia de fato desejar sinceramente consolá-lo, já que por sua causa mergulhava de novo naquela grande dor do passado.

— Por que fala disso? — perguntou ele, pois sabia que ela sofria menos quando sofria em silêncio.

— Para que você sinta que eu o compreendo. E para que veja que ainda vivo, e que preciso continuar vivendo; e, sobretudo, para lhe mostrar que toda a dor da terra não pertence exclusivamente a você. Talvez essa ideia o console um pouco.

— Oh! — rompeu ele em soluços, e agarrou-se a ela, entregando-lhe a carta com mão trêmula. — Tome, leia! leia! — gritou.

Ela leu a carta e acariciou-lhe os cabelos como se ele fosse uma criança. Sim, era assim que devia ser: agora que ele já não se forçava a controlar os sentimentos, agora que não se envergonhava, em sua obstinada virilidade, das lágrimas copiosas. E, enquanto lia, pensava em Eline.

“Ela sabia o que estava jogando fora?”, meditava. “O que faria se o visse assim? Não é digna de você, meu Otto, meu próprio irmão? Ou será apenas infeliz, infeliz

como nós?”

Madame van Erlevoort entrou com Frédérique. Tinham sabido da notícia por Henk.

Mathilde ergueu a cabeça dele.

— Mamãe está aqui! — disse simplesmente, como se não quisesse mais retê-lo, agora que outra pessoa reclamava sua atenção. Mas, ao ver a mãe gentil, quase se desfazendo em sua dor, a mais profunda piedade encheu sua alma. Ele precisava consolá-la.

— Mamãe, mamãe, não chore assim! Não é tão terrível! — exclamou, em desespero.

Frédérique permaneceu de pé, encostada a uma das portas de dobrar. Ninguém lhe dava atenção alguma. Mathilde, mamãe, podiam acalmá-lo e consolá-lo, mas ela, ela não lhe servia de nada; era tola, infantil, e não saberia o que lhe dizer. Lembrou-se de como, um dia, muito antes do noivado, falara com ele sobre Eline; agora, porém, não tinha nada a dizer, absolutamente nada. Pois, é claro, ela não compreendia o que era a dor; ela mesma nunca sofrera, não tinha sentimento, era uma pedra.

“Uma pedra! eles pensam que sou uma pedra!”, repetiu baixinho para si mesma, e continuou encostada ao batente, chorando sem ruído, desconsolada com a ideia de que não podia consolar Otto. Sentiu uma mão em seu ombro e voltou-se quase altiva por se ver assim mal julgada. Mas, quando viu o rosto dolorido dele; aqueles olhos úmidos, nos quais, pela primeira vez, via lágrimas; quando viu aqueles lábios tremendo sob o bigode, e os sulcos profundos sobre a testa, lançou-se, transbordante de piedade, contra o peito dele e, apertando-o com força nos braços, cobriu-lhe o rosto de beijos ardentes, apaixonados.

Capítulo XXIV

Vincent estava ocupado fazendo as malas, pois no dia seguinte partiria para Londres. Henk tentou fazê-lo mudar de ideia e ficar, mas apenas sem grande convicção, pois sentia muito bem que, uma vez Vincent longe dali, um grande obstáculo à paz da casa seria removido, e Betsy já não se irritaria com a presença de um primo que odiava, que temia, e que, por medo dele, alimentara e cuidara até abominá-lo. Na manhã anterior à sua partida, Vincent teve uma última conversa com Eline no boudoir dela.

— Então você vai mesmo? — perguntou ela.

— Certamente, minha querida. Você mesma vê que Betsy não me suporta mais.

— O que vai fazer em Londres?

— Preciso visitar alguns conhecidos por lá, tratar de certos assuntos de dinheiro antes de ir para a América.

— Então vai para a América?

— Você sabe que sim; não foi você mesma quem me trouxe a carta de St. Clare?

— Eu... eu não sabia que você tinha decidido de vez. Pobre Vincent!

Ele a olhou com um sorriso tranquilo; ainda não inteiramente recuperado da fraqueza, agradava-lhe um pouco ser objeto de piedade.

— Você tem tanta pena de mim assim?

— Sim... tenho, de verdade. Você vai começar de novo suas errâncias, e quem sabe se o verei outra vez? Talvez nunca, nunca mais!

Ela suspirou.

— Sou sempre mais feliz quando estou errando pelo mundo.

Ela sentiu um desejo ardente de perguntar se podia acompanhá-lo, se também podia procurar sua sorte longe dali, ao lado dele. Mas não sabia como formular a pergunta, e esperou para ver se talvez ele diria alguma coisa. Pois ele não a amava? não quisera partir por causa dela? Agora já não restava nada que precisasse separá-los.

“Ele tem medo de falar”, pensou ela, e não sabia dizer se se alegrava ou se se entristecia por ele ter medo.

— Mais feliz em suas errâncias! — repetiu, pensativa. — É possível; você é homem, pode errar pelo mundo. Mas eu sou uma moça, sempre vivi uma vida quieta aqui. Sou feliz? Céus! Não, isso eu não sou!

Ele a olhou por um momento, como se estivesse prestes a lhe perguntar alguma coisa; mas permaneceu algum tempo em silêncio. Então perguntou:

— E por que... você não é feliz?

— Por quê! — murmurou ela.

Esperou que ele prosseguisse, até que talvez lhe fizesse a pergunta que ela esperava havia dias. Mas sem dúvida era por sentimento de honra e decência que ele não a fazia; fazia tão pouco tempo, afinal, que ela escrevera a Otto. Ainda assim, julgou detectar amor sob aqueles tons suaves, e olhou para ele. Um raio de sol cintilou ao longo da cortina da janela e caiu sobre ele, ali sentado, cercado de uma espécie de auréola; e ela recuou de súbito, alarmada, quando observou, naquela luz brilhante, como ele se parecia com seu pai morto. Esse susto fez-lhe o coração pulsar mais depressa, e ela imaginou que amava Vincent por causa da lembrança do pai, porque via nele uma vítima das convenções do mundo, e assim o revestia de algo ideal e romântico.

Ele também a olhava com piedade no coração, pois sabia que ela lançara fora sua felicidade. Ele próprio fizera isso muitas vezes, pensou; mas, no seu caso, o fato nunca se revelara a seus olhos com tanta nitidez como agora em relação a Eline. Por um momento quis dizer-lhe isso, mas não viu utilidade em fazê-lo e, por isso, nada disse. Ela nunca o teria admitido.

— Vincent! — balbuciou ela por fim, com os nervos dolorosamente retesados na expectativa, na espera daquilo que nunca vinha. — Vincent, diga-me... talvez nunca mais nos vejamos... você não tem nada... nada a me dizer?

— Tenho, e muita coisa, minha querida Elly; tenho de agradecer-lhe por ter cuidado de mim e me tratado como uma menininha querida, aqui no seu próprio quarto, num momento em que você mesma sofria.

— Como sabe que eu sofria?

— Tenho algum conhecimento da natureza humana.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não creio. Eu não sofri; tenho pena de Otto, mas eu mesma não sofri.

Ao pronunciar essa mentira, sentiu que ela a torturava; mas era por causa de Vincent, que a amava e que não devia saber de sua própria dor. Ele a fitou penetrantemente, perguntando a si mesmo por que ela mentia; mas não conseguiu explicar, não compreendia aquilo de modo algum. A única coisa que compreendia era que, na alma da mulher, sempre permanecia algo estranho e misterioso, uma névoa que não se podia atravessar. Ela também não o compreendia. Não conseguia entender por que ele não lhe pedia que o amasse, agora que nada mais os separava, e agora que ele estava prestes a partir. Dentro de uma hora estaria fora. Oh, talvez pensasse que era tarde demais. Ela suspirou e disse, com ardor:

— Vincent, uma coisa você precisa me prometer: se algum dia eu puder fazer alguma coisa por você, escreva-me, e asseguro-lhe que não o desapontarei. Promete?

— Prometo, e agradeço.

— E mais uma coisa. Sei que muitas vezes lhe falta dinheiro. Se em algum momento eu puder ajudá-lo com algum, por favor, escreva-me. Agora mesmo, por exemplo, tenho aqui duzentos e cinquenta florins em dinheiro; eles lhe seriam úteis? Se forem, estão à sua disposição. Posso lhe dar esse dinheiro?

Ela já se levantara para abrir a escrivania, mas ele lhe segurou a mão com algo semelhante à emoção.

— Elly... Elly... não, Elly, isso não... muito obrigado. É de fato muita bondade sua, mas talvez eu não pudesse lhe devolver o dinheiro por muito, muito tempo.

— Ora, vamos, não... não recuse. É um prazer para mim, asseguro-lhe.

— Mais uma vez, não sei como lhe agradecer; mas realmente... eu... eu não posso aceitar... realmente não posso.

Ela ficou imóvel, e suas faces tornaram-se brancas como mármore. Sim, sim, de fato ele a amava; como pudera duvidar disso? Se não a amasse, teria recusado o dinheiro? Sim, ela via: ele não queria dever-lhe dinheiro porque a amava. Mas por que, então, não falava?

Por fim, ele se levantou; o cabriolé chegaria à porta dentro de poucos minutos.

— Agora preciso mesmo ir — disse ele. — Adeus, minha querida Elly, adeus; mil vezes obrigado por tudo que fez por mim.

— Adeus, Vincent, adeus.

Ele fez um movimento como se quisesse beijá-la, e ela lhe passou os braços em volta do pescoço e beijou-o nas duas faces.

— Pense em mim às vezes, sim? Gosto de você, e na verdade não gosto de muitas pessoas; posso contar minhas afeições com bastante facilidade. Bem, adeus, Elly, adeus, e talvez, au revoir.

Ela o beijou mais uma vez, os olhos cheios de lágrimas; e, quando ele se foi, atirou-se no sofá e fez-lhe um último aceno com a cabeça. Ele desapareceu, fechando a porta atrás de si.

Por algum tempo, ela ficou olhando fixamente para aquela porta. E, quando, alguns momentos depois, ouviu o cabriolé dele afastar-se, estranhou que ele a tivesse beijado de modo tão franco e tão frio naquele instante final da separação. Queria meditar sobre ele, porque não o compreendia; queria também sondar os próprios sentimentos e descobrir se realmente o amava; mas sentia-se cansada, a cabeça doía, e, com um suspiro fatigado, recaiu nas almofadas, cobrindo o rosto com as mãos.

Era o terceiro dia depois da partida de Vincent; mas, embora ele houvesse deixado a casa, ocorrera outra alteração por causa dele entre Eline e Betsy, que dissera o que pensava sobre seu “canalha de primo” na presença de visitas, para intensa irritação de Eline. Chegara o momento, pensava Betsy, de fazer Eline saber de uma vez por todas que ela era a dona daquela casa; e assim, com a plena intenção de fazê-lo, subiu à noite até o boudoir de Eline.

— O que você quer? — disse Eline, altiva. — Eu gostaria de ficar sozinha.

— Permita-me lembrar-lhe que você está na minha casa, e que, se eu tiver vontade de vir aqui, virei! Tenho algo a lhe dizer.

— Então seja breve, pois torno a lhe dizer que quero ficar sozinha!

— Você quer! você! Que direito tem você de querer, eu gostaria de saber? Está na minha casa, e não cabe a você querer! Quem pensa que é, hein? — guinchou Betsy, exaltando-se até uma cólera imensa. — Imagina que é uma princesa e pode fazer exatamente o que lhe agrada? Ou pensa que vou receber ordens suas na

presença de estranhos?

— Acha que não sei o que dizer sem seus preciosos conselhos? Não quero seus conselhos, pronto! E asseguro-lhe que, de agora em diante, sempre que eu a ouvir falar daquele modo vergonhoso de Vincent, vou fazê-la calar-se. Isto eu lhe asseguro.

— Ah, você me assegura, assegura, é? Pois eu não quero suas garantias, estou lhe dizendo. Não tenho a menor intenção de me preocupar com sua ternura idiota por Vincent! Talvez tenha aprendido com ele a polidez de interromper uma pessoa diante de estranhos, como ousou fazer comigo? Não consigo entender como pode ter essa insolência, realmente não consigo. Ora, eles devem ter pensado que você estava louca. Bem, se está, isso deve ser sua desculpa! Imagine me chamar de vulgar; e o que é você, diga-me? Você, que esquece os rudimentos mais elementares da polidez, e teve...

— Sim, eu sei, já ouvi isso antes: tive a insolência de interrompê-la, era o que ia dizer. Diga alguma outra coisa, para variar. Mas você verá que ousou mais que isso, se atacar Vincent outra vez. Você o acha falso, não é? Pois eu acho que falsa é você, você que o convida para cá e depois o expulsa de casa, você que, sem razão alguma, fica falando dele como uma lavadeira! É você, você que é falsa!

— Guarde para si seus lindos epítetos, por favor.

— Então guarde também para si esses ataques miseráveis a Vincent, por favor! — gritou Eline, fervendo de paixão. — Não quero, está ouvindo, não quero mais ouvir isso. Já suportei por tempo suficiente, pela paz, mas agora não vou suportar mais! Compreende?

— Ah, não vai suportar mais? Talvez tenha sido tudo por causa desse querido Vincent que você também não pôde mais suportar Otto?

— Cale-se! — berrou Eline.

— Ou talvez esteja apaixonada por esse réptil, e por isso tratou Otto como se ele fosse um colegial com quem você fazia uma pequena brincadeira? Não vai mais suportar que eu fale mal de Vincent, não é? Pois eu lhe digo que não vou mais ser comprometida por você! Muito bonito, sem dúvida! Para começar, você é bastante tola para romper seu noivado e, por puro capricho, sem a menor razão, fez de si mesma o assunto da cidade; depois fica aqui, em minha casa, com Vincent, como se estivesse apaixonada por ele; e, para rematar, ousa ser insolente

comigo diante de estranhos! Pois eu é que não vou suportar mais, está ouvindo? Se aprendeu essa falta de modos em suas conversas filosóficas com Vincent...

Eline já não conseguia se controlar. Seus nervos estavam tensionados ao máximo e vibravam sob os insultos de Betsy como sob o toque de mãos ásperas. E a alusão de Betsy a Otto, à sua simpatia por Vincent, que ela imaginava ter ocultado com tanto êxito, deixou-a furiosa. Agarrou os pulsos de Betsy com a força nervosa dos dedos e, com a voz aguda de raiva, gritou:

— Basta! Cale-se, estou mandando. Não fale mais de Otto, não diga mais uma palavra sobre Vincent, ou eu... eu... eu lhe farei mal! Não me provoque mais. Cuidado!

Betsy arrancou-se de suas mãos.

— Eline, você está louca? — gritou; mas Eline não lhe permitiu terminar. Continuou de pé diante de Betsy, cerrando as mãos trêmulas.

— Estou dizendo que você me provoca, você me provoca com essa eterna bobagem sobre sua casa. “Minha casa! minha casa!” Eu sei que estou em sua casa, mas não lhe pedi que me recebesse, e não quero que me lembrem que estou em sua casa como se você me fizesse uma caridade. Não dependo de você, embora esteja em sua casa, e não aceito ordens suas, em nada. Sou livre, completamente livre, para fazer exatamente o que quiser.

— Ah, não, não é; você está na minha casa e precisa se comportar. E, se não souber se comportar, eu lhe direi como, enquanto estiver aqui!

— E eu não aceito que você me diga como devo me comportar! — gritou Eline. — Estou dizendo que sou livre! Não quero sua casa, de que você faz tanto alarde, e juro que não ficarei nela nem mais um instante! Juro, juro por tudo que é sagrado! Aproveite sua casa sozinha, ou engasgue nela, por mim tanto faz!

Ela mal tinha consciência do que dizia. Entrara num paroxismo de raiva e, com um movimento rápido, apanhou do chão a capa e a lançou sobre os ombros. Depois correu para a porta, mas Henk, que ouvira as vozes altas e viera ver o que acontecia, deteve-a.

— Eline! — começou ele, severamente.

— Deixe-me passar, deixe-me passar! — gritou ela como uma tigresa ferida, e empurrou para o lado o corpo grande dele com uma força tão frenética que o fez

cambalear. Mais uma vez, ele tentou detê-la, mas de novo ela o empurrou, saiu correndo do quarto e desceu as escadas.

— Eline! Pelo amor de Deus, Eline! você não sabe o que está fazendo! — gritou-lhe ele do patamar, e correu atrás dela.

Ela não ouvia mais nada. Tinha um único pensamento: fugir daquela casa, afastar-se de um abrigo onde lhe censuravam a presença. Já não via nada; não via Gerard nem os criados, que estavam parados, olhando-a em completo assombro; atravessou às pressas o vestíbulo, escancarou as portas de vidro e puxou rapidamente o ferrolho da porta da rua. Mas agora, agora ouviu atrás de si um ruído estalado; a porta bateu com estrondo, estilhaçando o vidro no chão com grande fragor.

Então a porta da rua também se fechou atrás dela, e ela se viu na rua. A chuva caía em torrentes, e o vento impetuoso lhe abria a capa e lhe batia no rosto como uma correia úmida. Era impossível avançar contra aquele furacão turbulento, e ela virou para o outro lado, deixando-se levar sem rumo pela força do vento, que lhe voava às costas como um vampiro gigantesco, de grandes garras dilacerantes. Sem rumo, deixou-se arrastar naquela noite lastimável, sombria. Na rua não viu ninguém, e, em sua solidão, na escuridão ameaçadora, no aguaceiro que respingava, nas rajadas selvagens da tempestade, por fim tomou consciência de sua situação, e um terror frio, indefinível, a alcançou. Pareceu-lhe ter sido arrancada de súbito do meio da vida cotidiana e lançada numa esfera cheia de angústia terrível, sem nome, e de desespero nu, sombrio. Quase morria de medo da escuridão que a envolvia como uma mortalha negra de dor, do dilúvio que lhe caía sobre a cabeça descoberta, inteiramente sem proteção contra as rajadas que quase lhe arrancavam a capa dos ombros e a entorpeciam de frio no fino vestido de seda preta que adejava em torno dela sob os golpes do vento. Seus sapatinhos de verniz chapinhavam nas poças de lama e no lodo espesso; os cabelos desgrenhados pendiam úmidos e gotejantes pelas têmporas; e sob a capa fina sentia uma umidade fria escorrer-lhe pela nuca e pelo peito nu. Já não sabia onde estava; assustava-se com os ramos que caíam ao seu redor, com o uivo de um cão de guarda numa casa por onde passava. E não via ninguém, ninguém.

Mas seu próprio estado a fez voltar a si. Tomou consciência de que fugira da casa da irmã. Teria querido parar por um momento para refletir, mas o vento forte a empurrava para a frente, como se ela fosse uma das folhas de outono que rodopiavam ao redor de sua cabeça. E deixou-se levar pelo vento e reuniu os pensamentos, enquanto caminhava com passos involuntariamente apressados.

Apesar de seu estado lastimável, não sentia remorso nem arrependimento pelo passo que dera. E de repente espantou-se com a própria coragem. Nunca teria imaginado possuir audácia suficiente para fugir numa noite como aquela, sem saber para onde ir. Mas forçou os pensamentos a tomarem alguma forma prática; não podia continuar vagando daquele jeito, precisava ter um objetivo.

De repente percebeu que chegara à Laan Copes van Cattenburgh. Impelida pelo vento, apressou-se pelo caminho lamacento, encharcado de chuva, enquanto a tempestade varria em fúria sombria o Alexanders-veld.

Continuamente precisava recuar diante da chuva de gravetos soltos que o vento arrancava das árvores, e começou a perceber que corria o risco de ser esmagada por algum tronco que caísse. O medo pela vida a impedia de pensar, mas quanto mais intensamente esse medo lhe entorpecia o coração, mais avidamente ela se obrigava a fazê-lo. Para onde, em nome do Céu, iria? Um tremor frio a tomou — um pavor vago, indefinido — enquanto seus olhos arregalados tentavam em vão perscrutar a escuridão densa. A quem recorrer? À velha Madame van Raat? Não, não; por mais que gostasse dela, a velha senhora certamente tomaria o partido do filho e da nora! Aos Verstraeten, parentes de seu cunhado? Tudo começou a girar ao seu redor, e ela, ela se sentiu perdida em sua solidão negra, afundando pouco a pouco num abismo de dor e lama! A figura de Otto lhe surgiu no espírito, e ela teria dado tudo o que lhe restava de vida se ele pudesse vir até ela naquele momento, se pudesse ali mesmo levá-la nos braços, apertada contra seu coração, para algum refúgio de calor, luz, amor e segurança. Quase lhe faltou coragem para seguir em frente; poderia ter-se lançado naquela lama pela qual avançava e ficado ali deitada, deixando os ventos varrê-la até que seu último suspiro lhe escapasse! Mas não! Isso seria covarde demais depois da coragem que já demonstrara; e agora precisava, queria obrigar a mente a pensar em algum lugar de refúgio. Não Madame van Raat, não os Verstraeten; em nome do Céu, para onde iria então? E de repente, como um relâmpago que atravessasse a escuridão daquela noite de desespero nu, uma ideia lhe ocorreu, e sua mente voltou-se para certo conjunto de aposentos humildes, para Jeanne, sua amiga de outros tempos. Sim, era para lá que devia ir: não conhecia mais ninguém, e não podia continuar vagando para sempre sob aquela chuva torrencial, naquela tempestade ululante; e, reunindo as forças para enfrentar o vento que a golpeava, apressou-se, entorpecida, gelada e molhada até os ossos, contornando o Alexanders-veld em direção à Hugo de Grootstraat. Lá, do outro lado do campo, mal podia ver as traseiras, aqui e ali iluminadas por um fraco clarão de gás, das casas da Nassauplein, mas não conseguia distinguir qual delas era a deles — já não sua. Um remorso selvagem e

saudoso encheu então seu pobre coração desesperado, ao recordar tudo o que perdera ali, ao pensar que ainda precisava caminhar tanto, através da tempestade furiosa, antes de chegar aos Ferelyn. E estava cansada, cansada até a morte, cansada da briga com Betsy, cansada da chuva que lhe batia sem cessar no rosto, fria e cortante como correias de aço, cansada do vento contra o qual lutava como contra um monstro negro imenso, que a arremessava de um lado para outro como se ela fosse uma peteca humana. Sentia-se mais exausta a cada passo que dava com seus sapatinhos de verniz, salpicados de lama e ameaçando escapar-lhe dos pés a cada movimento. E, oh! poderia ter morrido de miséria, de aflição, de dor.

Mas precisava seguir adiante, sempre adiante, e lutou e pelejou contra o monstro, vencendo-o lentamente. Assim chegou à Javastraat, e então virou à direita, em direção à Laan van Meerdervoort. O furacão a sacudia como se quisesse quebrá-la como um junco, e um ramo pesado bateu-lhe no ombro e arranhou-lhe o rosto, fazendo-a gritar de dor. E de repente, com o desespero dominando-lhe corpo e alma, desesperada de medo e de dor, tentou começar a correr, correr como se fosse por sua vida, e fugir, fugir para os Ferelyn. Mas o vento furioso a deteve; era em vão, só podia avançar devagar, penosamente, passo a passo.

— Oh, Deus! O que foi que eu fiz? — gritou em desespero selvagem. Aquelas ruas conhecidas, por onde passava quase diariamente, pareciam-lhe, naquela escuridão nociva, caminhos desconhecidos de uma cidade demoníaca, pelos quais estava condenada a vagar como um fantasma maldito. Passou pela casa de Madame van Raat e precisou convocar toda a coragem, toda a força da vontade, para não bater àquela porta, que certamente se abriria para ela e a admitiria à luz e ao calor. Mas não, era tarde demais; Madame estaria dormindo; além disso, recriminaria Eline por ter fugido da Nassauplein. E ela continuou a caminhar, impelida pelo vento e por uma ideia fixa, obstinada, rumo à casa dos Ferelyn. Seguiu, seguiu, embora a cada passo sentisse seus sapatinhos finos e encharcados ficarem mais pesados, mais pesados que chumbo. Virou na Spiegelstraat — quanto tempo ainda teria de sofrer? Contou os minutos — então, então entrou na Hugo de Grootstraat. E a chuva furiosa lhe batia no rosto com mais selvageria do que nunca, o vento puxava e rasgava sua capa com mais rudeza do que nunca, quando — graças a Deus! — parou diante da porta deles. Não viu luz em parte alguma, mas não hesitou. Só ali podia encontrar segurança. E tocou a campainha com violência, rudeza, paixão, como se fosse um clamor tilintante por socorro.

O tempo lhe pareceu insuportavelmente longo até que alguém respondesse. Mas por fim ouviu passos descendo a escada, o ferrolho foi puxado com um som

áspero, depois a porta se abriu devagar, furtivamente, e um rosto apareceu na abertura.

— Em nome de Deus! — gritou ela, suplicante, empurrou a porta por completo e precipitou-se para dentro. — Sou eu, Eline.

A porta se fechou, e ela ficou na escuridão diante de Frans Ferelyn, que, em completo assombro, gritou seu nome. No alto da escada apareceu Jeanne com uma lâmpada, e, em seu anseio por luz, por calor, por brilho, sua vontade venceu mais uma vez as forças que lhe faltavam, e ela subiu as escadas às pressas.

— Jeanne!... Jeanne!... eu lhe imploro... ajude-me. Sou eu... Eline, oh, ajude-me! ajude-me, por favor!

— Santo Deus, Eline! — gritou Jeanne, paralisada de espanto.

— Ajude-me, por favor. Eu... fugi deles. Ajude-me, por favor, ou morrerei.

Ela tombou, encharcada, aos pés de Jeanne, e onde jazia a escada logo ficou molhada com a água que lhe gotejava da capa.

— Santo Deus, Eline! Eline! — gritou Jeanne, que não podia acreditar nos próprios olhos.

Eline rebentara em soluços e permanecia encolhida aos pés de Jeanne. Jeanne tentou erguê-la; e, onde quer que suas mãos a tocassem, sentia-a gelada e inteiramente ensopada de chuva.

— Em nome do Céu, Eline, o que você fez? O que aconteceu? Você está tão molhada, tão molhada, molhada e fria por inteiro. Santo Deus, Eline! — Levou Eline, que caminhava cambaleante, ao pequeno escritório de Frans e pousou a lâmpada. Eline caiu exausta numa cadeira, a água suja da chuva escorrendo-lhe das roupas.

— Sim... sim — gritou Eline. — Fugi deles, não podia mais ficar com eles. E vim até você, porque não sei para onde mais ir. Oh, Jeanne, ajude-me, ajude-me, por favor! — continuou, numa voz entrecortada de soluços.

Jeanne tremia de nervosismo e piedade.

— Conte-me isso depois, Eline. Deixe-me despi-la; você ficará doente com essas coisas molhadas.

— Sim, sim, dispa-me, por favor... essa capa, esses sapatos, oh, estou farta de mim mesma. Estou toda coberta de lama. Grande Deus! Oh, quem me dera estar morta! — Ela se atirou para trás na cadeira, tremendo por inteiro. Frans entrara no quarto.

— Oh, Frans, veja só — disse Jeanne, sacudida de emoção, apontando para Eline.
— Espero que ela não adoença.

— Sem chapéu, nesse vestido fino e decotado! Vou tentar acender o fogo lá embaixo. Você a despe.

Ele ainda estava como que paralisado pela aparência de Eline, e também tremia de compaixão, incapaz de falar, ao vê-la sentada naquela cadeira, a água escorrendo dos cabelos sobre o rosto branco e pelo pescoço, o vestido preto de noite grudado nela como uma flanela molhada. Mas foi. Precisava agir.

E lá fora rugia a tempestade.

Agora ela estava na sala bem iluminada deles, deitada num sofá que Frans pusera ao lado do fogão em chamas, e tremia de febre sob os cobertores de lã. Ainda assim, sentia uma grata sensação de bem-estar naquela luz, à vista daquelas chamas, intensamente grata por ter sido salva dos poderes demoníacos da escuridão. De repente, ergueu-se.

— Jeanne — gritou, com voz rouca, à pequena mulher trêmula que preparava uma bebida quente e fumegante. — Jeanne! Eu lhe imploro, perdoe-me por mantê-la acordada numa noite como esta. Mas, em nome do Céu, para onde eu iria? Oh, aquela chuva, aquele vento! Fico louca só de pensar. Eu não fazia ideia de que uma pessoa pudesse passar por uma aflição como a que sofri esta noite. Mas, de verdade, eu não podia mais ficar com eles. Quanto àquela Betsy, oh, como a odeio.

— Eline, eu lhe suplico, acalme-se agora.

— Por que ela mencionou o nome de Otto? Que direito tem de mencionar o nome de Otto? Eu a odeio! Eu a odeio!

— Eline! Eline! — gritou Jeanne, apertando as mãos.

Lançou-se diante do sofá.

— Eline, eu lhe imploro, eu lhe imploro, em nome do Céu! Acalme-se! Descanse agora, Eline.

Eline, com seus olhos febris e arregalados, olhou longamente para Jeanne; depois passou-lhe o braço em volta do pescoço.

— Deite-se e descanse agora, Eline; descanse, se não puder dormir.

Um soluço oco irrompeu da garganta de Eline.

— Oh, você é um anjo! — murmurou em tons entrecortados. — Nunca esquecerei o que está fazendo por mim, nunca. É como se você me tivesse resgatado de um abismo de desespero. Oh, aquela lama! Então você gosta de mim, Jany?

— Sim, sim, Eline, é claro que gosto; mas descanse agora, descanse.

— Oh! descansar.

Aquela única palavra, “descansar”, feriu Jeanne até o fundo. Eline a pronunciou com uma voz cheia de desespero, como se para ela nunca mais pudesse haver descanso. Ainda assim, deixou Jeanne acomodá-la confortavelmente entre as almofadas e esvaziou o copo que Jeanne lhe ofereceu.

— Obrigada, obrigada, Jany — balbuciou.

Jeanne a cobriu com os cobertores e sentou-se ao lado dela. As janelas chacoalhavam ao vento, e os galhos nus batiam furiosamente contra o vidro. O relógio sobre a lareira deu três horas.

Também acabara de dar três horas na casa dos Van Raat quando Frans Ferelyn parou de cabriolé diante da porta. A tempestade ainda rugia e guinchava como algum monstro ferido que lutasse ferozmente pela vida sobre os telhados da cidade escura. Frans saltou do cabriolé e tocou a campainha. Notou que o gás estava aceso no vestibulo.

A porta foi aberta imediatamente por Henk, que parecia esperar alguém. Mas, ao ver Frans precipitar-se para dentro, recuou de espanto.

— É você, Ferelyn? — gritou.

— Sim, não se assuste — disse Frans, acalmando-o, pois viu que Henk estava num terrível estado de agitação. — Está tudo bem; Eline está conosco.

Entrou mais para dentro, esmagando sob os pés os vidros espalhados por todo o vestibulo.

— Com vocês, ela está? Graças a Deus! — exclamou Henk. — Eu estava louco, louco; não sabia o que fazer! Graças a Deus ela está com vocês.

— Entre, Ferelyn — veio, numa voz trêmula, Betsy, que apareceu à porta da sala de jantar.

Os criados também estavam no vestíbulo, e seus rostos assustados se aclararam um pouco, enquanto se retiravam, cochichando, para a cozinha. Frans entrou na sala de jantar com Henk.

— A senhora não precisa se assustar; de verdade, por enquanto está tudo bem. Eline estava encharcada, mas Jeanne a tomou a seus cuidados. Pode imaginar o susto que levamos quando ouvimos baterem tão forte à porta, a uma hora dessas, e a vimos toda ensopada.

De repente, reparou no rosto de Henk.

— Mas diga, o que aconteceu com você? Sua face está toda coberta de sangue.

— Oh, não é nada. Quando Eline fugiu, corri atrás dela, e, por causa do vento, a porta do vestíbulo bateu e quebrou o vidro. Os estilhaços saltaram nos meus olhos, e por isso não pude sair correndo atrás dela imediatamente. Ainda assim, assim que pude, fui para a rua com Gerard, para trazê-la de volta, se fosse preciso arrastá-la. Mas estava escuro como o inferno; os lampiões de gás tinham se apagado com a tempestade, e eu não conseguia vê-la em parte alguma. Não sabia o que fazer. Então fomos à delegacia na Schelpkade, e eles mandaram alguns vigias noturnos procurá-la. Ela estava naquele estado. Pensei que talvez tivesse dado cabo de si mesma, e, neste tempo infernal, qualquer coisa podia lhe acontecer. Meu olho está doendo; amanhã irei consultar um oculista.

Betsy caiu com um suspiro numa cadeira.

— Oh, é terrível, terrível! — balbuciou. — Essa moça às vezes se comporta como uma maníaca!

— É claro, se você faz de tudo para enlouquecê-la! — gritou Henk, irritado, com a mão sobre o olho.

— Ah, bien! Sim, ponha a culpa em mim.

— Van Raat, há uma ou duas coisas que quero lhe dizer — interrompeu Frans. — Em primeiro lugar, vim aqui sem perder um minuto porque temi que vocês estivessem terrivelmente ansiosos por ela.

— Meu velho, não sei como lhe agradecer.

— Não pense nisso agora. Mas Eline declarou positivamente que não voltaria para vocês. Ora, não preciso lhe dizer que um caso desses logo se espalha; as pessoas começam a falar, e tudo isso... não é nada agradável. E os criados também sabem de tudo, não sabem?

Betsy lançou a Frans um olhar agradecido por tocar naquele ponto.

— Ora, mas como evitar? — gritou Henk, impaciente. — As pessoas sempre falarão.

— Sim, isso é verdade; mas, de todo modo, vá à minha casa assim que puder amanhã e veja se consegue persuadir Eline a voltar. Isto, naturalmente, se ela não estiver doente; agora há pouco achei que estava um tanto febril. Portanto, é melhor deixá-la descansar um pouco por enquanto; mas vá o mais cedo possível amanhã.

— Está bem — disse Henk, com um olhar atordoado.

— Creio que ela estava delirando quando saí para buscar um cabriolé, mas, ainda assim, parecia muito determinada. Não queria voltar, e me entregou suas chaves. Pediu-me — e olhou para Betsy — que arrumasse as coisas dela aqui e as empacotasse. Mas penso que disse tudo em sua paixão; espero, em todo caso, que a esta hora amanhã tenhamos chegado a algum arranjo amistoso.

— Olhe aqui, Ferelyn! — disse Betsy, inquieta. — Você pode compreender muito bem o desespero em que estou. Meu Deus, não é a primeira altercação que tenho com Eline, mas quem poderia imaginá-la capaz de uma loucura dessas? E, como você diz, toda Haia estará falando disso. Portanto, se conseguir persuadi-la a voltar, serei eternamente grata a você. Nossa casa está sempre aberta para ela; e quanto àquelas chaves, é melhor deixá-las aqui. Sou da sua opinião e penso que tudo ainda se ajeitará. Santo Deus! Que bênção que ela tenha ido para vocês! Mas numa noite dessas, sozinha, lá fora, naquela tempestade! Como pôde fazer isso? Santo Deus! Como pôde fazer isso?

Frans ainda precisava tratar de uma ou duas coisas com Henk, que lhe pediu que ficasse até de manhã, pois Frans mandara embora o cabriolé, e o tempo continuava medonhamente tempestuoso. Gerard conduziu Frans ao quarto de vestir de Henk, onde ele tirou as roupas molhadas.

Bem cedo, na manhã seguinte, Henk foi de carro com Frans a um oculista. Era apenas uma veia que se rompera no olho de Henk, e, depois que um pequeno grão de vidro foi retirado com uma lanceta, ele se sentiu muito aliviado. Mas, atravessando-lhe a face, havia um corte comprido e feio.

— Pareço ter estado na guerra — disse ele, tentando sorrir para Ferelyn assim que estavam novamente na carruagem, a caminho da Hugo de Grootstraat —, e, de fato, meu velho, parece que estamos todos em guerra neste momento. Já tive o bastante disso.

Ferelyn não pôde deixar de sentir pena dele ao ver aquele rosto honesto e bondoso coberto por uma melancolia sombria. Era bastante evidente que Henk aguardava com muita apreensão a entrevista com Eline. Mas a provação lhe foi poupada. Eline recusou-se apaixonadamente a recebê-lo, e, no quarto ao lado, ele ficou sentado, escutando com ansiedade as censuras que ela dirigia a Frans. Por que Frans queria trazer Henk? Por que ela dera suas chaves a Frans? Será que Frans também já não era digno de confiança?

A voz de Eline soava rouca e áspera, e a Henk pareceu que ela delirava. Depois ouviu um sussurro suave, repreensivo, de Jeanne, seguido pelos soluços de Eline, que se acusava de ingratidão.

Logo Frans voltou, encolhendo os ombros.

— Ela não quer vê-lo. É melhor você se resignar. Creio que está com uma febre violenta. Acha que Reyer ainda está em casa? Se estiver, eu iria até ele, se fosse você.

— Está bem — disse Henk, abatido. — Eu vou.

Eline ainda estava deitada no sofá, coberta com cobertores de lã, e gemia baixinho como se sentisse dor.

— Você é tão boa comigo, Jany, mas é claro que vê que não posso ficar aqui e incomodá-los desse jeito — prosseguiu, tristemente. — Vocês não têm muito espaço. Devo ser um estorvo para vocês. Esta tarde irei para um hotel.

Jeanne sentou-se ao lado dela e tomou-lhe as mãos entre as suas.

— Eline, seja razoável agora e não fale mais nisso. Acredite, você está doente; ficará aqui conosco, quietinha. Não vou insistir para que volte à casa de Betsy, mas então você não deve falar em ir para um hotel.

— Sim, mas se estou doente... eu não creio que esteja, mas você diz que estou... se estou doente, levará algum tempo antes que eu possa sair daqui outra vez. E... e... oh, perdoe-me por dizer isto... eu sei que vocês não podem arcar com isso, querida Jany; perdoe-me, perdoe-me por dizê-lo.

Jeanne olhou para Eline com ternura, e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Se é por isso, Eline, então pague-nos e fique aqui; pague-nos e não fale mais em hotel. Não terei vergonha disso; você pode me pagar, se quiser. Mas fique aqui... fique.

Eline ergueu-se de súbito, com seus olhos selvagens e arregalados e os cabelos em desalinho, que Jeanne em vão afastava de suas têmporas. E agarrou-se a Jeanne com uma intensidade repentina, como se, em sua dor ardente, mergulhasse nas águas refrescantes e gratas da piedade e da simpatia.

— Oh, querida! meu anjo! — gritou. — Perdoe-me, eu... eu não quis magoá-la, mas... mas... oh, sim, ficarei com prazer, você é tão boa. Posso ficar?

Naquela tarde, a velha Madame van Raat e Madame Verstraeten foram visitar Eline e tentaram persuadi-la a voltar para a Nassauplein. Eline, porém, recusou-se a recebê-las. Até Betsy permitiu que Jeanne a convencesse a visitar Eline e lhe pedisse perdão. Jeanne achava que era dever de Betsy tentar fazer as pazes com a irmã doente, e que isso poderia produzir um efeito favorável nela. Mas Eline também não quis ver Betsy. E, no quarto ao lado, Betsy, com a sogra e a tia, ouviu, como Henk ouvira naquela manhã em silêncio e ansiedade, Eline declarar a Jeanne que não queria, não queria ver ninguém. Só Jeanne, e mais ninguém, ela queria ao seu redor! Em pouco tempo, a briga de Eline com os Van Raat e sua fuga para os Ferelyn tornaram-se o assunto geral das conversas. Dos detalhes da disputa, não se sabia muito; apenas, disso todos estavam certos: naquela noite de tempestade, Eline fora vista sentada numa carruagem com um vigia noturno e um rapaz, e isso, para dizer o mínimo, achavam mais que estranho! Mas Eline sempre fora um tanto excêntrica. No inverno, tinha o hábito de fazer caminhadas sozinha, de manhã cedo, pelo bosque; que moça respeitável pensaria em fazer uma coisa dessas? Agora, aquele caso com Erlevoort também, aquilo era um pouco misterioso; e agora havia aquele romance com um rapaz e um vigia noturno! Era pena, sem dúvida, pois ela era realmente uma moça tão agradável, tão bonita e graciosa; mas não tinham sido sempre uma família estranha, aqueles Vere?

Betsy estava louca de despeito com esses comentários, e mal se atrevia a aparecer em qualquer lugar, buscando refúgio apenas na casa dos Verstraeten e junto de Emilie de Woude.

Capítulo XXV

Um mês se passara, mês que Eline passara com os Ferelyn, pois Jeanne não permitia que ela partisse antes de estar completamente restabelecida. Reyer lhes dissera que Eline contraíra um resfriado severo que, com o menor descuido, poderia revelar-se fatal. Jeanne, enquanto isso, cuidava dela com delicada solicitude; mandara preparar especialmente para ela o pequeno escritório de Frans, e, quando Eline protestava e voltava a falar em hotel, o próprio Frans declarava que julgava não dever trabalhar tanto, que um pouco de repouso lhe era necessário. Eline, portanto, abraçava Jeanne com gratidão apaixonada e ficava, enquanto seus violentos acessos de tosse enchiam a casinha como um eco doloroso.

A tosse estava agora um pouco melhor; já não sentia tanta dor no peito. Mas emagrecera muito, seus olhos estavam fundos e apagados, e o rosto estava pálido e amarelado. Sentava-se numa poltrona grande, perto do pequeno fogão, e olhava pela janela, distraíndo-se um pouco ao observar os vendedores — o açougueiro, o verdureiro, o leiteiro — que iam chamando de casa em casa; distraía-se vendo as criadas que abriam a porta: aqui uma gorda, de rosto vermelho; ali uma alta e magra; depois, outra vez, a própria dona da casa, de avental preto e uma touquinha de renda suja.

Então se levantou e olhou no pequeno espelho de moldura preta, simples como tudo ao seu redor. Esperava alguém e examinou avidamente o próprio rosto; fazia tanto tempo que não o via; que impressão causaria nele, com aquele rosto amarelado e aqueles olhos encovados?

Pois Betsy escrevera uma longa carta ao tio, Daniel Vere, que durante a menoridade de Eline fora seu tutor, e que só havia pouco se casara e vivia em Bruxelas. Quando a velha tia Vere morreu, ele ainda era solteiro, de modo que estava fora de questão Eline ir morar com ele. Raramente vinha a Haia, e, quando recebeu a carta de Betsy, na qual lhe era descrita a fuga de Eline, pareceu-lhe que o arrastavam para assuntos que não lhe diziam respeito. Respondeu, porém, e ao mesmo tempo escreveu a Eline, pedindo-lhe uma entrevista. A carta a surpreendeu, e agradavelmente, e ela pensou que, por meio dele, poderia vislumbrar uma saída para sua situação presente, que, quando estivesse completamente restabelecida, certamente já não lhe seria suportável. Respondeu-lhe, portanto, nos termos mais amáveis, prometendo fazer o que ele

exigisse dela, sob uma única condição: que não lhe pedisse para fazer as pazes com a irmã e voltar a morar com os Van Raat; isso ela teria de recusar a qualquer custo, pois o passado já lhe ensinara que Betsy e ela não podiam dar-se bem; de quem era a culpa, não cabia a ela dizer.

Vere então telegrafou o dia e a hora em que viria ver Eline. E agora ela o esperava, examinando seus traços emagrecidos, temendo, ao se ver tão gasta e descarnada, não ser capaz de irradiar ao redor de si aquele encanto todo-poderoso com que atraía todos os homens para ela. Puxou um pouco a cortina, para que a luz não caísse com tanto brilho sobre sua tez amarelada. À tarde, ele veio.

Era alto e esguio, com os movimentos um tanto lânguidos próprios de todos os Vere, exceto Betsy, que se parecia mais com a mãe. Em Eline, que não o via havia dois anos, causou uma impressão muito favorável. Tinha a aparência de um verdadeiro homem do mundo, e ela sentiu um pouco de vergonha de recebê-lo naquele quartinho e naquele ambiente humilde. Ergueu-se devagar e languidamente de sua cadeira e caminhou até ele, enquanto Jeanne fechava a porta e se retirava.

— Como vai, tio? — disse Eline suavemente. — Estou muito contente em vê-lo, muito contente.

Estendeu-lhe a mão e indicou uma cadeira. Ele sentou-se, olhou-a de modo bastante perscrutador, sorriu um pequeno sorriso triste e sacudiu a cabeça.

— Que vergonha, Eline — começou devagar. — Que tristeza você me causou. Sabe que estou muito descontente com você, minha pequena?

— Suponho que Betsy lhe tenha escrito todo tipo de coisa a meu respeito? — perguntou ela com indiferença fingida, mas verdadeira curiosidade.

— O que Betsy me escreveu caiu sobre mim como um raio. Eu não fazia ideia de que você estava tão em desacordo com sua irmã. Pensava que era muito feliz na casa dos Van Raat. Na primavera passada, você me escreveu uma carta tão entusiasmada sobre seu noivado, e agora Betsy me conta que você liberou Van Erlevoort de sua palavra. Mas eu ainda não tinha a menor ideia de que tais cenas houvessem ocorrido. Eline, Eline, como pode deixar-se arrastar assim por seus sentimentos, sem a menor tentativa de autocontrole?

Ele procurava um pouco as palavras, avançando com cautela, com muito receio de que ela lhe permitisse persuadi-la a outro rumo. A notícia da fuga lhe dera a ideia

de que ela era uma criatura muito violenta, impetuosa. Agora, sua suave reserva lhe parecia muito suspeita, e ele temia a cada momento que ela se levantasse de um salto e fizesse algo desesperado. Mas ela respondeu com muita calma:

— Veja, tio. Fugi de Henk e Betsy, é verdade; mas isso não é razão para imaginar que eu só faça tolices. Estava fora de mim de paixão por causa do modo provocador de Betsy. Agora me arrependo de não ter me controlado, de não ter simplesmente lhe dado as costas, para deixar a casa dela no dia seguinte, em paz e sossego. Mas creio que o senhor concordará comigo que há momentos na vida em que... sim, em que já não somos senhores de nós mesmos.

— E está decidida, então, a não voltar?

— Pensei ter-lhe dito isso em minha carta — respondeu, um pouco melindrada.

— É verdade; mas eu esperava... talvez você mudasse de ideia.

— Nunca! — disse ela, calma e deliberadamente, e ainda com certa altivez.

— Muito bem, então; se é esse o caso, não voltaremos ao assunto. Lamento que seja essa sua decisão, mas suponho que tenha ponderado tudo?

— Oh, sim — disse ela, e tossiu um pouco.

— Bem, então preciso propor outra coisa; ou melhor: o que pensa fazer quando se livrar dessa tosse miserável?

Eline o olhou com alguma ansiedade, e todo o seu orgulho desapareceu.

— Tenho pensado nisso. Realmente não sei. Talvez vá morar sozinha. Tenho muitas coisas minhas, e posso ser econômica. Talvez então também consiga alguém que fique comigo.

E, em sua fantasia, já se via instalada num conjunto de quatinhos curiosos, parecidos com os que ocupava agora, e seus olhos se encheram de lágrimas.

— É uma ideia sensata, ao menos. Aqui em Haia, você pensa?

— Bem, sim, talvez; mas realmente não tenho certeza. Talvez eu vá para um lugar menor.

— Bem, de todo modo isso é uma consideração posterior. O fato é que há algo que eu mesmo queria lhe propor.

Ele tomou-lhe a mão e lançou-lhe um olhar com seus olhos sem brilho. E ela pensou que talvez ele estivesse prestes a lhe pedir que fosse ficar com eles em Bruxelas; se fosse assim, deveria aceitar?

— Vou para o exterior com sua tia, Eline, passar o inverno. Não consigo deixar de rir quando falo de sua “tia”, pois, como você sabe, ela mal é cinco anos mais velha que você. Primeiro iremos a Paris, e depois talvez à Espanha. E agora eu queria sugerir que você nos acompanhasse. Você precisa de um pouco de mudança depois do que aconteceu; talvez passemos o inverno inteiro no exterior. Quando se cansar, poderá partir, e então haverá tempo de sobra para ir morar sozinha. Com minha mulher, creio que você se dará muito bem; ela é excelente companhia, uma verdadeira Française. O que acha desse plano?

Eline o olhou confusamente, com os olhos marejados. Sim, era muito verdade, precisava de mudança, e viajaria talvez por todo o inverno! E, a esse pensamento, foi como se uma inundação de sol iluminasse de repente a escuridão sombria de sua alma. Não há vida sem mudança, dissera Vincent.

— Realmente não sei o que dizer, tio — disse, com alguma emoção. — Não estou muito alegre agora, e temo que vocês não me achem uma companhia agradável.

— Isso não tem importância alguma, minha menina; quando se vir em outros ambientes e vir outros rostos, suas ideias também mudarão. Não há nada tão necessário nesta vida quanto a mudança; não podemos viver sem ela!

Ela estremeceu e o olhou com um sorriso. Era como se Vincent tivesse falado! E sentiu-se grata, muito grata, pela bondosa oferta, pela voz bondosa dele. Sim, consentiu, consentiu com gratidão.

— Veja, você pode vir ficar conosco em Bruxelas por alguns dias primeiro, e depois podemos partir; viajamos bastante, e viajamos economicamente, mas sem nos privar de nenhum prazer. Veja, conhecemos a arte; e, quanto a você... você tem dinheiro suficiente, é um bom partido para qualquer um, não é, hein? — concluiu, sorrindo.

— Eu, um bom partido? Minha fortuna não é tão grande, posso lhe dizer, e já não estou mais no mercado — disse ela com um pequeno sorriso triste. — Veja, estou ficando velha aos poucos; já cumpri meu tempo.

Ele lhe falou da maneira mais animadora que pôde. A viagem a curaria de todas aquelas ideias sombrias. Depois que Jeanne, a quem Eline chamara para o

quarto, foi informada do plano, ele se foi; ainda precisava fazer uma visita à Nassauplein, aos Van Raat.

Eline permaneceu sozinha enquanto Jeanne o conduzia até a porta. Uma multidão de pensamentos lhe atravessou o cérebro, como pétalas de rosa em chuva, como centelhas de sol, como bolhas de sabão cintilantes. Olhou pela janela para as grandes nuvens de poeira que o vento levantava dos caminhos e das ruas. E desviou-se com um estremeamento dos tons graves de outono que lhe feriram o olhar, quando, de repente, seus olhos caíram no calendário de Frans, pendurado na parede, com a data 15 de novembro claramente visível.

Grande Deus! Era precisamente o dia que, poucos meses antes, Otto e ela haviam fixado como... o dia de seu casamento! Seu olhar ficou preso naqueles algarismos negros. Uma dor selvagem, sem esperança, e o remorso, subitamente submergiram toda a sua nova felicidade luminosa; e, com violência, ela se atirou na poltrona grande e soluçou como se fosse arrancar a própria vida em soluços.

A notícia logo se espalhou; os Eekhof, os Hydrecht e os Van Laren a repetiam uns aos outros: Eline Vere ia para o exterior com seu tio, Daniel Vere, que morava em Bruxelas e só havia um ano se casara.

Capítulo XXVI

Com a cabeça languidamente apoiada nas almofadas de veludo vermelho, Eline estava sentada sozinha no coupé das senhoras. Escutava mecanicamente o matraquear das rodas sobre os trilhos, e parecia-lhe ouvir um tamborilar nervoso naquela melodia monótona e dura de aço e ferro. Uma ou duas vezes pegou o lenço e limpou o vidro para dar uma olhada lá fora, onde as sombras cinzentas da noite caíam, e uma névoa opaca se erguia sobre os prados. Dentro de poucos minutos estaria em Haia, em Haia, onde não estivera havia dezoito meses; e, depois de suas errâncias contínuas, o lugar agora lhe parecia caro, um lugar onde talvez ainda pudesse encontrar algo de lar.

Durante dezoito meses viajara, e em todo esse tempo vivera com estranhos, sem o menor recanto que pudesse chamar de seu. A vida mutável que levava fizera o tempo passar depressa; mudança, mudança incessante, fora o que tivera. Novas cidades, novas cenas, novas pessoas, para onde quer que fosse, até ficar cansada, mortalmente cansada de toda aquela variedade. Agora ansiava por repouso e calma, por um longo período apagado de repouso sonolento, livre de sonhos e livre de dores.

Algo de lar! Será que de fato encontraria isso junto daquela mulher triste e envelhecida, que a amava, mas que não a compreendia como era agora: quieta, tristemente quieta, e cansada, inteiramente cansada de sua vida jovem? Pois dali em diante seria triste, quieta e cansada de tudo; não se excitaria de novo até um brilho artificial de alegria, como fora obrigada a fazer entre os estranhos com quem estivera.

Ouviu o apito agudo da locomotiva, e as luzes que tremeluziam através da névoa se multiplicavam a cada instante. Aproximava-se lentamente de Haia. Levantou-se, ajeitou o chapéu e o véu, colocou o livro e o frasco de perfume na bolsa de couro e ficou à espera, parecendo um tanto magra e gasta, o rosto amarelado e descarnado, os olhos apagados e fundos nas órbitas. Ficou esperando até que o trem deslizou para dentro da estação e parou.

Seu coração batia, e lágrimas brilhavam nos cílios. Através do vidro coberto de vapor, no brilho baço dos lampiões de gás, podia ver o tumulto agitado da estação, e ouviu as vozes altas dos guardas gritando:

— Haia, Haia!

A porta do vagão se abriu; ela se levantou, trazendo na mão a maleta, a manta de viagem e as sombrinhas. Em meio ao vaivém apressado dos passageiros, seus olhos procuraram Paul; sabia que ele viria buscá-la, e teve um sobressalto repentino quando viu uma forma robusta e familiar abrir caminho pela multidão e aproximar-se dela.

— Henk! — gritou.

Ele a ajudou a descer, e ela quase caiu em seus braços, enquanto Paul, que vinha atrás, aliviava-a da bagagem.

— Elly... minha filha! Elly, querida! — disse Henk com voz sufocada, e beijou-a suavemente, enquanto ela deixava a cabeça soluçante repousar em seu ombro. Mal ouviu a saudação de Paul, e estendeu-lhe a mão de modo inteiramente mecânico. Um soluço selvagem lhe escapou. Mas Henk continuava a falar; tomou-lhe o braço e a conduziu à frente da estação, onde sua carruagem esperava. Ela se deixou conduzir, cheia de pensamentos indefinidos, cheia de uma vaga tristeza, e apoiou-se na mão dele para entrar na carruagem.

— Vamos esperar Paul um momento — disse Henk, sentando-se ao lado dela.

Ela não respondeu, mas recostou-se nas almofadas e cobriu a cabeça com a mão.

— Eu não esperava vê-lo, Henk; é muita bondade sua, muita bondade mesmo — consegui enfim dizer. Ele apertou-lhe a mão suavemente e inclinou a cabeça para fora da janela. Paul se aproximava.

— A bagagem está toda certa — disse ele, saltando para dentro da carruagem. — Bem, querida Elly, fico contente em vê-la de novo.

O lacaio fechou a porta, e a carruagem partiu. Paul nada mais disse, nem Eline ou Henk. À luz de cada lampião por que passavam, Paul via Eline recostada imóvel nas almofadas, as mãos cobrindo o rosto, o peito arfando em soluços, e todos permaneceram em silêncio.

Passava das dez quando a carruagem parou diante da casa na Laan van Meerdervoort. O lacaio tocou a campainha, a porta se abriu, eles desceram. No vestibulo estava Madame van Raat, trêmula de emoção, e Eline correu até ela e lhe lançou os braços em volta do pescoço.

— Querida, querida senhorinha! querida mãezinha! — soluçou. — A senhora me deixará ficar com a senhora, não deixará?

A velha senhora chorava como uma criança, tomou o braço de Eline e a conduziu à sala de jantar; a mesa estava posta, e a ceia as esperava.

— Oh, que velhinha querida a senhora é! — gritou Eline. — Estou tão contente, tão contente por poder vir ficar com a senhora. — Apertou nos braços a velha senhora chorosa, e Madame van Raat a fez sentar-se no sofá e sentou-se a seu lado, com o braço em volta de sua cintura. Havia quanto tempo não via Eline, e como ela estava agora? Bem? — Oh, sim, sim, estou muito bem — gritou Eline, beijando-a uma vez, outra vez.

Mas a velha senhora desfez o véu de Eline e a ajudou a tirar o chapéu e a capa. E, oh, logo viu: aquela figura emagrecida, aquelas faces encovadas, aqueles olhos apagados.

— Minha filha — gritou, incapaz de conter-se —, minha filha, oh, como você mudou, como está com má aparência!

Eline abraçou-a apaixonadamente e escondeu a cabecinha ardente no peito da velha senhora.

— Oh, não repare nisso; estou um pouco cansada da viagem... talvez pareça um pouco pálida, não é? De verdade, a senhora verá: quando eu estiver com a senhora algum tempo outra vez, ficarei fresca como uma flor. — Sorriu para a velha através das lágrimas e beijou-a repetidamente, ora as faces, ora a velha mão enrugada.

Henk e Paul entraram, e também eles se comoveram com a aparência alterada de Eline; mas, embora aquilo os alarmasse, nada disseram. A velha senhora não conseguia tirar os olhos de Eline; enxugou os olhos e perguntou se Eline não gostaria de lavar as mãos.

— Não, não importa — gritou Eline —; sinto-me um pouco empoeirada, mas não faz mal. Oh, Henk, meu querido velho Henk.

Chamou Henk para junto de si, fez com que se sentasse ao lado dela e tomou-lhe a cabeça grande entre as mãos pequenas.

— Você não está... não está mais zangado comigo, Henk? — murmurou bem perto de seu ouvido.

Ele mordeu os lábios de emoção.

— Eu nunca estive... zangado com você — balbuciou com voz sufocada. Ela o beijou, depois o soltou, suspirou aliviada e lançou um longo olhar ao redor. Sim, encontrara algo de lar.

Sentaram-se à mesa, mas Eline não tinha apetite; apenas tocou na sopa, mas comer não conseguiu. Pediu, porém, que Paul lhe enchesse e tornasse a encher o copo, pois tinha sede. O vinho e a emoção trouxeram um rubor às suas faces amareladas, e, quando a velha senhora lhe perguntou por que tio Daniel não a trouxera de volta, ela riu, uma risada alta e nervosa. Oh, podia muito bem viajar de Bruxelas a Haia sozinha; o tio quisera acompanhá-la, mas ela recusara sua escolta; estava tão acostumada a viajar agora. Nada era mais fácil que viajar: bastava arrumar os baús, fazer algumas perguntas aqui e ali e tomar assento no vagão. Ora, não era nada.

Rápida e nervosamente, continuou a falar, segurando nas mãos o copo que levava repetidamente aos lábios. Falou de sua vida em Paris, em Bordeaux e na Espanha. Ah! Espanha, ali ela revivia. Espanha! a terra do romance, a terra da antiga cavalaria mourisca e da elegância. Quanto a Granada e à Alhambra, era grandioso, magnífico; às touradas nunca quisera ir, embora Elise risse dela, mas ela não suportava aquilo, uma coisa tão suja ver aqueles animais mortos, mutilados, sangrando.

Paul riu, e ela também riu, e teve pena dos pobres touros; e ainda continuou a falar. A velha senhora a incitava continuamente a comer alguma coisa, mas ela recusava.

— De verdade, não, senhorinha, de verdade, não, obrigada. Só consigo beber um pouco, estou com tanta sede. Posso tomar outro copo?

— Você pode beber tanto vinho assim, minha filha?

— Oh, sim, faz-me dormir lindamente. Se não tomo vinho, fico acordada a noite inteira, e isso é tão miserável. Córdoba também é uma cidade belíssima; há lá uma mesquita tão grandiosa.

E deixou-se levar pela corrente nervosa de suas impressões de viagem. Por que Paul não viajava mais? Se ela fosse um rapaz e tivesse dinheiro, viajaria sempre, sempre. Faria longas viagens, de Nova York a São Francisco, e depois por mar até o Japão, por todo o mundo. Que beleza! Era esplêndido, esplêndido estar num vagão de trem; poderia passar a vida inteira num trem! A velha senhora sacudiu a cabeça, sorrindo suavemente diante de seu entusiasmo.

— Mas melhor ainda que tudo isso é vir morar aqui com a senhora, minha querida senhorinha, minha pequena joia — gritou; e, com súbita impetuosidade, abraçou a velha senhora de cabelos grisalhos.

Depois da ceia, Madame van Raat sugeriu que Eline subisse para descansar um pouco no quarto. Eline concordou, mas a senhorinha devia ficar com ela — ficaria? Paul tinha um encontro com alguns amigos e se despediu; Henk também se levantou.

— Betsy pode vir vê-la amanhã? — sussurrou ele, um pouco ansioso. Ela sorriu, olhou-o interrogativamente e apertou-lhe a mão.

— Certamente — respondeu. — Dê-lhe um beijo por mim, sim? E como está Ben, cresceu muito?

— Oh, sim, é um menino enorme. Você o verá amanhã. Bem, adeus, Elly, boa noite.

— Adeus, Henk, até amanhã.

Henk saiu, e Madame levou Eline escada acima até seu quarto.

— Por ora, não posso lhe dar uma sala de estar, Elly — disse na escada —, ao menos enquanto Paul estiver comigo.

— Para onde ele pensa ir, então?

— Quer morar sozinho; isso também é melhor para um rapaz, não é? Mas seu quarto de dormir é muito grande, você conhece aquele ao lado do meu?

— Oh, sim, lembro-me; é um quarto esplêndido.

No quarto, o gás estava aceso, e as portas-janelas estavam abertas, de modo que o ar fresco da noite soprava para dentro. Eline tossiu um pouco ao entrar.

— Está um pouco frio; vou fechar a janela — disse a velha senhora.

Eline olhou ao redor, maravilhada, e seus olhos se umedeceram.

— Mas, senhorinha, senhorinha, o que a senhora fez? — exclamou, emocionada.

Pois, para onde quer que olhasse, via alguma lembrança de seus quartos na Nassauplein. Ali estava sua Psique, seus utensílios de toalete; naquele canto, sua escrivãzinha, seu porta-cartas; ali pendia seu espelho veneziano; ao seu redor, em profusão de bom gosto, estavam dispostas suas estatuetas; e quase a única coisa

nova no quarto era a grande cama, sobre a qual as cortinas azul-escuras pendiam da parede como um baldaquino.

— Agrada-lhe? — perguntou Madame van Raat. — Pensei que você gostaria mais de suas próprias coisas; mas, minha filha, o que há agora, por que está chorando?

Deixou que os braços de Eline a envolvessem, e Eline chorou em seu ombro, beijando-a repetidamente. A velha senhora a fez sentar-se no sofá e sentou-se ao lado dela; e Eline continuou encostada nela, como uma criança chorosa se encosta à mãe.

— Oh, agora, agora enfim começo a sentir o luxo do repouso — disse, fatigada —, pois estou tão cansada, tão cansada.

— Quer que eu a deixe sozinha, então, se deseja dormir?

— Não, não, fique, fique aqui; não foram as cinco horas no trem que me cansaram. Estou cansada, cansada de tudo, e isso o sono não cura; mas ainda assim agora sinto que descanso, não porque estou sentada, mas porque é na senhora que me apoio, e porque sei que a senhora gosta de mim. Veja, eu precisava tanto disso... em todas essas viagens, entre todas aquelas pessoas estranhas... precisava de alguém em quem pudesse me apoiar, alguém que me desse um pouco, um pouquinho de amor e afeição; mas era tudo tão frio, tão mortalmente frio ao meu redor, com toda a amabilidade e cortesia. Tio Daniel também é exatamente como todos os outros: muito amistoso, muito bom, muito cortês, mas tão frio. Com Elise, eu estava sempre brincando sobre uma coisa ou outra; tudo nela é leve e aéreo como espuma, mas ela também é fria, fria e cínica; e com todos aqueles estranhos eu era sempre obrigada a me comportar do modo mais amável, e a sorrir sempre, pois quem se importaria em ser incomodado por uma hóspede que não fosse alegre? E para onde eu iria, se não me hospedasse em algum lugar ou se não estivesse em viagem?

— Mas, minha filha, você sempre poderia ter vindo a mim, e eu lhe teria escrito antes se tivesse imaginado que você era tão infeliz; mas sempre pensei que estivesse muito feliz.

— Feliz! — gemeu Eline. — Sim, feliz como um cavalo que não consegue mais avançar e é levado adiante a golpes e pontapés — e riu, uma risada de amarga tristeza.

A risada cortou a alma de Madame van Raat como uma faca. As lágrimas cintilaram em seus olhos apagados, e ela não conseguiu falar; só pôde apertar Eline mais junto ao peito.

— Sim, assim está bem, segure-me bem junto à senhora — murmurou Eline suavemente. — Isto é repouso, repouso de verdade, minha querida, querida velhinha.

Assim permaneceram sentadas por muito tempo, e nenhuma das duas disse mais uma palavra, até que a velha senhora insistiu para que Eline tentasse dormir. Ficaria perto dela; Eline só precisava abrir uma porta, e ela viria.

— Se quiser alguma coisa, diga, ou tocará a campainha, não é, minha filha? Faça exatamente como se estivesse em casa. Peça o que desejar.

Eline prometeu que sim, e a velha senhora a deixou. Mas o coração de Eline ainda estava cheio demais para que se recolhesse de imediato. Olhou ao redor, e em cada recanto, em cada canto, reconhecia seus próprios vasos, seus pratos, suas fotografias. Então seu olhar caiu sobre uma caixa japonesa em cima da mesa. Seu pequeno molho de chaves estava ao lado; tomou-o, encontrou a chave certa e abriu a caixa. Dentro dela havia várias cartas descoloridas pelo tempo: cartas de antigas colegas de escola, cartas de tia Vere, escritas na época em que Eline estava no internato. As primeiras, ela as rasgaria, pois já não sentia apego pelas efusões sentimentais de moças que nunca via, e que esquecera como elas a haviam esquecido. Encontrou também uma ou duas cartas do pai — seu pai, que lhe fora tão querido — e beijou o papel com veneração, como se fosse sagrado. Mas de repente, enquanto arrumava os papéis, caiu daquelas páginas descoloridas um pequeno pedaço de cartão. Ela se inclinou, apanhou-o do chão — e ficou branca como um lençol, enquanto os olhos fitavam selvagememente à frente.

— Oh! — gemeu, como se uma velha ferida tivesse sido subitamente aberta. — Oh, oh, céus!

Era um pequeno retrato de Otto. Como fora parar ali, entre todas aquelas cartas antigas? Ah, sim, ela se lembrava: era a prova de uma fotografia que ele mandara tirar para ela certa vez. O retrato propriamente dito, que durante o noivado ela levava sempre consigo, ela lhe devolvera, junto com os outros presentes, com o leque de Bucchi. Aquela pequena prova se perdera entre suas cartas, e ela nunca mais pensara nela.

— Oh! — gemeu de novo. — Oh!

Chorou, soluçou, apertou o retrato contra os lábios. Aquela pequena prova era agora seu maior tesouro, e para sempre — sim, para sempre — ela a levaria consigo; era a única coisa que lhe restava de sua grande felicidade, aquela felicidade que lhe escapara por entre os dedos como um pássaro precioso. E aquela era a única peninha que ele deixara para trás.

— Otto... Otto — murmurou. E suas lágrimas e seus beijos cobriram o pequeno pedaço de cartão.

Em seu próprio quarto, Madame van Raat ainda estava sentada, meditando. Tristemente, os olhos cheios de lágrimas, sacudia a cabeça. Como era possível que, enquanto ela fora por tanto tempo feliz com o marido, sua querida pequena Elly tivesse conhecido tão pouco a verdadeira alegria? E, em sua piedade — a piedade e a fé infantil de um coração simples, coração cheio de gratidão por aquilo que um dia lhe fora concedido —, juntou as mãos enrugadas e rezou, rezou por sua querida pequena Elly, rezou para que ela pudesse ser feliz.

Na manhã seguinte, à mesa do desjejum, um súbito impulso moveu Eline.

— Senhorinha — começou em tons suaves e trêmulos, pousando as mãos sobre a mão da velha senhora. — Senhorinha, eu queria lhe perguntar uma coisa. A senhora vê Erlevoort às vezes?

A velha senhora olhou-a como se quisesse adivinhar seus pensamentos, mas nada conseguiu recolher daqueles olhos febris, daqueles dedos que se moviam nervosamente.

— O que a faz perguntar isso, Elly?

Era a primeira vez que falava a Eline sobre Otto desde o rompimento do noivado.

— Oh, eu gostaria tanto de saber se ele sofreu muito, e se está feliz agora. A senhora nunca o encontra?

— Encontrei-o uma ou duas vezes na casa de meu cunhado, na Princessegracht.

— Como ele está?

— Não mudou muito; talvez tenha envelhecido um pouco, mas não é muito perceptível. Está certamente um pouco quieto e bastante sombrio, mas nunca foi muito expansivo, não é?

— Não — murmurou Eline, transbordando de recordações passadas.

— Ele não está em Haia agora; creio que está no Horze.

“Será que fui eu que o afastei?”, pensou Eline; e, num esforço para parecer que o interesse que tinha por ele era por causa dele, não por causa dela, disse suavemente:

— Então suponho que tenha superado; não há nada que eu desejasse mais do que saber que ele é feliz, ele merece. É um homem muito bom.

A velha senhora nada disse, e Eline mal conseguiu impedir-se de chorar. Oh, não era terrível que, até diante de sua querida velhinha, fosse obrigada a violentar-se e a ser hipócrita? Oh, que simulacro oco era tudo aquilo! Ela, ela sempre fingira, para si mesma e para os outros, e ainda fingia agora. Tão habituada se tornara à simulação e à hipocrisia que agora já não conseguia agir de outra forma.

— E agora há uma coisa que quero lhe mostrar, que espero que lhe agrade — disse a velha senhora, que adivinhava algo da tristeza de Eline. — Venha comigo.

Conduziu-a escada abaixo e abriu a porta da sala de visitas.

— Você sabe que eu costumava ter um piano velho, aleijado, porque, veja, era só para Paul, que dedilhava um pouco nele para estudar canto; mas agora olhe aqui.

Entraram, e no lugar do velho aleijado encontraram um Bechstein novíssimo; seus livros de música, em encadernações vermelhas e douradas, repousavam em cima.

— Combinará esplendidamente com sua voz; o timbre é tão claro.

Os lábios de Eline tremeram e repuxaram nervosamente.

— Mas, senhora — balbuciou —, por que fez isso? Oh, por quê, por que fez isso? Eu... eu não canto mais.

— Ora, por que não? — perguntou a velha senhora, muito alarmada.

Eline, com um suspiro, deixou-se cair numa cadeira.

— Não posso mais cantar — exclamou quase amargamente, pois o piano novo despertava de modo cruel a lembrança de sua esplêndida voz de outros tempos. — Os médicos que consultei em Paris me proibiram; veja, tenho tossido durante todo o inverno, e só recentemente a tosse diminuiu. Durante os dois últimos invernos, tossi continuamente e tive uma dor tão forte aqui no peito. No verão fico muito bem.

— Mas, minha filha — disse a velha senhora, ansiosa —, você não cuidou bem de si, então, enquanto estava fora?

— Oh, sim; os Des Luynes me recomendaram alguns especialistas em Paris, e eles me auscultaram, percutiram e bateram em mim até que me cansei; além disso, estive constantemente sob tratamento de dois médicos regulares, mas no fim tive o bastante disso. Não me curaram, e ainda me disseram que eu teria sempre de residir em clima quente. Mas eu não podia ficar vegetando sozinha em Argel, ou Deus sabe onde, e tio Daniel precisava voltar a Bruxelas; portanto, veja — concluiu com uma pequena risada nervosa —, sou uma ruína sem esperança em todos os sentidos.

A velha senhora apertou a cabeça de Eline contra o peito, com lágrimas brilhando nos olhos.

— É uma pena, por causa do piano bonito — disse Eline, soltando-se do abraço da velha senhora e sentando-se nervosamente ao piano. — Que som cheio e claro, que riqueza, que beleza!

Seus dedos deslizaram rapidamente pelas teclas; os sons pareciam soluçar de dor por aquela voz perdida. A velha senhora observava com tristeza; acalentara a crença e a esperança de que Eline cantaria com Paul; que Paul, atraído e encantado pela música, ficaria muito em casa à noite; que uma doce sociabilidade melodiosa tornaria a encher suas salas solitárias e silenciosas. Mas tudo o que ouvia eram as notas altas, semelhantes a soluços, saindo de sob os dedos de Eline, o orvalho choroso de uma bravura cromática, e as grandes lágrimas corridas de staccatos dolorosos.

— Sim, praticarei piano. Nunca fui grande pianista, mas farei o que puder; a senhora ouvirá alguma música, querida. Que timbre, que belo timbre claro!

E as notas claras, líquidas, seguiram-se umas às outras como numa torrente fluida de tristeza.

Em homenagem a Eline, Paul tratou de estar em casa para o café. À tarde, Madame Verstraeten veio com Marie, e foram seguidas por Emilie de Woude. Eline as recebeu cordialmente e mostrou-se satisfeita em vê-las. Uma sensação estranha tomou Marie agora que ouvia e via Eline outra vez; era algo como medo, uma apreensão, se Eline também descobriria alguma mudança nela; mas Eline não pareceu notar nada e continuou falando; falou de suas viagens, das cidades que visitara, das pessoas que vira; falou continuamente, com rapidez nervosa, os

pensamentos correndo colados uns aos outros. Não podia evitar; era o estado nervoso em que agora existia, uma nervosidade que a dominava onde quer que estivesse e mantinha sempre seus dedos em movimento, ora amarrotando o lenço, ora puxando a franja da toalha da mesa, ora balançando para a frente e para trás as borlas da poltrona. Sua languidez elegante, sua calma graciosa de outros tempos, desaparecera por completo.

Por volta das quatro horas, a porta da sala de visitas se abriu, e Betsy entrou, conduzindo Ben pela mão. Eline levantou-se e apressou-se em direção a ela, para esconder a confusão sob uma aparência de cordialidade. Abraçou a irmã impetuosamente, e felizmente Betsy encontrou algumas palavras apropriadas para dizer. Então Eline cobriu Ben de beijos. Era um menino grande para seus cinco anos, mas havia em seus olhos aquela expressão indefinível e sonolenta comum a uma criança atrasada. Ainda assim, uma lembrança feliz pareceu insinuar-se nele, pois seus labozinhos se abriram num sorriso alegre, e em torno do pescoço de Eline ele lançou os bracinhos rechonchudos e a beijou. Depois disso, nenhuma das irmãs pareceu desejar uma conversa muito confidencial, e Betsy partiu, junto com os Verstraeten e Emilie, e Eline não insistiu para que ficasse. Ambas sentiam que nenhum laço mais estreito que o da mera convenção as unia. Durante os últimos dezoito meses, não se haviam visto, e agora que se encontravam, parecia-lhes que eram estranhas, que faziam uma demonstração de polidez e cordialidade, dizendo toda espécie de coisas agradáveis, enquanto uma indiferença fria lhes enchia os corações.

Capítulo XXVII

Algumas semanas se haviam passado, e Madame van Raat começava a sentir-se muito inquieta com a saúde de Eline. Escreveu ao doutor Reyer, e ele veio visitar Eline. Madame van Raat, que esteve presente à visita, não formou opinião muito elevada da competência do médico pequeno e aprumado, que não falava de outra coisa senão de Paris e da Espanha, e parecia ter vindo apenas para uma conversinha. Quando, dois dias depois, Reyer repetiu a visita, ela o recebeu com certa frieza. Deixou por um momento o médico e a paciente a sós. Reyer subiu um pouco em sua estima quando, depois que ele se foi, Eline lhe contou com que cuidado Reyer a examinara. Então, afinal, ele tinha de fato uma ideia inteligente do estado de Eline, pensou a velha senhora; e, sob aquela elegância graciosa, descobriu a firmeza de vontade e a força de caráter de Reyer, e com isso também a crença em sua habilidade se fixou em seu espírito. Na terceira visita, depois de deixar Eline, ela o chamou de lado.

Ele lhe disse francamente que não a enganaria, que lhe contaria toda a verdade. Eline trazia os germes da tísica pulmonar, consequência de um forte resfriado que fora negligenciado. Ele empregaria ao máximo sua ciência nos esforços para destruir aquele germe, mas, além de tudo isso, descobrira em Eline alguma coisa, algo que poderia chamar de a mancha fatal de sua família. O pai de Eline sofrera dela, assim como Vincent. Era uma inquietação dos nervos que perturbava a alma; nervos como cordas enredadas de um instrumento quebrado. Ele não presumiria possuir mais ciência do que realmente possuía; não estava em seu poder renovar aquelas cordas, nem afiná-las de modo que tornassem a produzir um som harmonioso. As fibras delicadas de uma flor, que um manuseio rude demais machucara, não cabia a ele infundi-las de seiva nova e vigor renovado. Essa era uma tarefa que Madame compreendia melhor do que ele. Ela poderia cuidar dessa flor e nutri-la; poderia tratar Eline com tal delicadeza, com tal suavidade, que, corda por corda, talvez ainda chamasse de volta àquela forma prematuramente consumida o antigo vigor de sua juventude. Calma, cuidados afetuosos: eram esses os remédios de que Eline necessitava; e, com a aproximação do inverno, um clima mais brando que o da Holanda.

As lágrimas vieram aos olhos de Madame van Raat enquanto o escutava; quando ele partiu, apertou-lhe cordialmente a mão, cheia de gratidão comovida, mas a tarefa que ele lhe dera pesava-lhe muito sobre os ombros. Temia que Reyer tivesse superestimado o poder de sua afeição pela pobre criança; suspeitava

intimamente que era necessário um amor diferente do seu para arrancar uma doce melodia daquela alma agora tão tristemente desafinada.

Na visita seguinte, o doutor Reyer insistiu para que Eline procurasse alguma ocupação que trouxesse um pouco de vida àquela melancolia lânguida a que ela se entregara da manhã à noite. Eline encontrou uma desculpa para a ociosidade no calor do verão; mas agora que as folhas caíam, agora que os ventos frescos do início do outono começavam a soprar revigorantes em seu rosto, parecia-lhe que respirava de novo, e sentia-se muito mais animada, e declarou sua resolução de procurar alguma ocupação. Madame van Raat continuava a olhá-la com grande ansiedade, pois, com a vivacidade renovada de Eline, também voltara a tosse: uma tosse surda, seca, que soava como se fosse sufocá-la. Entretanto, ela agora se vestia com um pouco mais de cuidado e gosto do que fizera durante o verão passado, e praticava diligentemente no novo Bechstein; mas a música sozinha não a satisfazia, precisava de outra ocupação, e essa procurou em outro lugar.

Embora negligenciasse um pouco as antigas relações, ainda as encontrava de vez em quando na sala de Betsy. Certa noite, ali, por puro tédio, combinou com uma senhora idosa, a senhorita Eekhof, tia de Ange e Léonie, acompanhá-la no domingo seguinte à Igreja Francesa. Eline foi. Um novo pastor, de grandes olhos negros sonhadores e mãos brancas aristocráticas, pregou naquele dia. Ela voltou para casa em êxtase e contou a Madame van Raat, excitada, sobre o sermão eloquente que ouvira. No íntimo, lamentava que uma igreja protestante fosse tão fria, tão vazia, tão nua, que o canto fosse tão ruim; de bom grado teria sido católica. Com uma Ave Maria ou um Gloria in Excelsis, sua alma se elevaria às alturas como nas asas da melodia; na santa transfiguração, no fulgor místico do altar, teria tremido de fervor glorioso, enquanto o incenso impregnaria todo o seu ser de um sabor de piedade teatral. Mas não era católica, e consolou-se com a Igreja Francesa; passou a ir lá com frequência com a senhorita Eekhof, até que isso se tornou para ela um hábito regular, e ela ocupava um lugar fixo.

As conhecidas que encontrava ali ela cumprimentava com um rostinho sério, olhos suaves e sonhadores e uma queda melancólica nos lábios pequenos; e todos começaram a se admirar da nova piedade de Eline. A senhorita Eekhof fazia parte da comissão de várias instituições de caridade, e pouca persuasão lhe foi necessária para induzir Eline a inscrever-se como membro de algumas delas; muitas vezes, a senhorita Eekhof a persuadiu a acompanhá-la em suas visitas aos pobres.

Durante um mês, mais ou menos, ela encontrou prazer nessa nova piedade; depois, a monotonia das palavras untuosas do pastor começou a cansá-la, e ela já podia prever como ele ergueria os olhos durante o canto, ou que movimento faria com a mão branca quando pronunciasse a bênção. O canto a enervava por completo, ao ouvi-lo subir, como subia, de tantas gargantas roucas e incultas. As paredes brancas e lisas, o púlpito de construção simples e os bancos de madeira começaram a irritá-la cada vez mais; começou a suspeitar que todas aquelas pessoas que ali vinham edificar-se eram, na verdade, um bando de hipócritas. O fervor piedoso do pastor era uma farsa; o porte digno dos anciãos era uma farsa. A senhorita Eekhof, ao seu lado, também fingia; e ela própria, com os olhos suaves e comovidos e a expressão séria, o que era senão uma farsa?

Por intermédio da senhorita Eekhof, soube de muita rusga, de muita disputa mesquinha entre as diretoras das diferentes sociedades, e das boas intenções delas agora também começava a duvidar. Oh, odiava aquela filantropia, que era capa para tanto ciúme e tanta inveja, e já não podia acreditar na sinceridade daquelas senhoras, nem mesmo daquelas que a haviam comovido. Todas fingiam e tinham algum motivo próprio; todas eram egoístas e pensavam apenas em si mesmas, sob a capa de trabalhar pelos outros.

E, depois daquele primeiro mês, sentiu profundo desgosto pelos pobres que visitara com a velha senhora. O abafamento dos quatinhos sujos, a miséria e a infelicidade deles, pareciam sufocá-la. De fato, teria morrido asfíxiada se fosse obrigada, por um único dia, a respirar tal atmosfera; e, assim como desconfiava das senhoras administradoras, desconfiava também dos pobres. Histórias de mendigos ricos lhe vinham à mente; lera sobre mendigos que viviam em Londres e eram tão ricos quanto banqueiros, e que passavam as noites em banquetes e prazeres. E, embora continuasse membro das diferentes sociedades, e muitas vezes desse à senhorita Eekhof algum dinheiro para uma viúva enferma ou para um velho tocador de realejo cego, não voltou mais à igreja nem àquelas pessoas imundas.

O inverno se aproximava, e, por causa da tosse, Eline ficava muito em casa com Madame van Raat. Em apática indolência, os dias se arrastavam, um depois do outro, sem mudança, sem uma interrupção na monotonia; pela centésima vez Eline perguntava a si mesma com que fim vivia, por que, afinal, deveria viver se não podia ser feliz. Depois daquela decepção com sua própria filantropia e sua própria piedade, não confiaria em ninguém. Olhava em volta e não acreditava que Georges e Lili se amassem agora que estavam casados, nem que fossem felizes;

sem dúvida haviam-se enganado um com o outro, e agora fingiam para esconder isso. Não acreditava que Betsy fosse feliz, embora fosse rica, pois como seria possível que ela se importasse com Henk e não ansiasse por um amor mais apaixonado? E agora também não acreditava que Otto algum dia a tivesse amado; como poderia, visto que seu caráter era tão inteiramente diferente do dela?

Por um momento, sua suspeita cresceu tão intensa e absorvente que ela já não acreditava nem na afeição desinteressada de Madame van Raat por ela. Madame van Raat esperara encontrar nela uma companheira agradável, e agora, sem dúvida, estava decepcionada. Sim, Madame van Raat fingia, como todos os outros fingiam. Em outros tempos, sentimentos amargos como esses teriam levado Eline ao desespero; mas agora tanta amargura já entrara em sua alma que nem mesmo esses sentimentos conseguiam irritá-la. Permanecia inteiramente indiferente sob eles. Que lhe importava que a vida fosse uma grande mentira? Era assim, e nada havia a fazer; ela não podia mudá-la. Tinha de representar seu papel e mentir como todos os outros.

Ao menos quando não pudesse agir de outra forma, quando a excitassem à emoção, à "vida"; pois, enquanto não o fizessem, ela se deitaria, deitaria em sua indiferença vazia como num repouso entorpecente. Assim pensava, e obrigava sua juventude a curvar-se sob o jugo daquela apatia. A ela se entregou por completo; perdeu até o encanto das maneiras. Entre os conhecidos, já não despertava piedade alguma, e pouco a pouco tornou-se bastante rude e desdenhosa; adquiriu o hábito de ficar na cama a maior parte da manhã e, embora Madame van Raat desaprovasse isso, ainda assim mandava levar o desjejum de Eline ao quarto, porque de outro modo ela não comeria nada.

Eline sentia muito bem que não podia continuar levando essa vida; algo que não saberia descrever irritava-a continuamente em Madame van Raat e em sua casa. Involuntariamente, Eline deixava que seus acessos de mau humor a dominassem, de modo que dirigia à velha senhora palavras de irritação apaixonada. Então a velha senhora apenas a olhava com uma expressão triste, e Eline sentia imediatamente como estava errada. Às vezes era orgulhosa demais para reconhecê-lo, e então tinha uma crise de amuo que talvez durasse um ou dois dias, durante os quais mal dizia uma palavra. Outras vezes, pelo contrário, ficava tão transbordante de remorso que se lançava aos soluços de joelhos, pousava a cabeça no colo da velha senhora e lhe implorava perdão. Não, a senhorinha não devia ligar para seus miseráveis acessos de temperamento. Ela mesma não os compreendia, e não conseguia dominá-los. Oh, eram como tantos demônios, que

a arrastavam contra a própria vontade para onde queriam. A velha senhora também chorava, beijava-a, e no dia seguinte os mesmos demônios tornavam a arrastar Eline consigo.

Não, aquilo não podia continuar, pensou Eline. Escreveu uma longa carta ao tio Daniel e a Elise. Escreveu que, por mais amorosa e afetuosa que Madame van Raat fosse, sentia-se muito infeliz, e morreria de melancolia se permanecesse ali; ansiava por outros ambientes.

Tio Daniel veio a Haia e perguntou a Eline, na presença da velha senhora, se ela se esquecera por completo da família em Bruxelas, e se não gostaria de fazer-lhes uma visita.

Eline não sabia o que decidir, mas a própria velha senhora insistiu para que Eline não recusasse o convite do tio e fosse a Bruxelas. Quando Daniel Vere partiu, Madame van Raat, como que esmagada por uma grande decepção, permaneceu sentada, imóvel, na cadeira; e sua cabeça grisalha, com os olhos baços e parados, pendia-lhe sobre o peito com languidez ainda maior do que de costume. Dentro de dois dias Eline a deixaria; ali estava, então, o fim de todas as suas expectativas. Esperara, velha e fraca como era, poder ser de alguma utilidade àquela vida jovem, e infundir um vigor novo àquela juventude amortecida; e... e ela adivinhava... Eline se tornava cada vez mais indolente; Eline ansiava por mudança. Como pudera ela, velha mulher que era, ter tamanha presunção?

Eline não deixou de notar aquela dor silenciosa, e um grande desespero a dominou, um desespero diante do próprio egoísmo. Não pensara na velha senhora ao escrever ao tio Daniel; pensara apenas em si mesma. E agora causava dor à velha senhora com sua partida, ao passo que se sentia convencida de que, depois da mudança de residência, continuaria a mesma que era agora, desbotada no corpo e na alma, como vinha sendo nos últimos dois anos; e, entre soluços nervosos, caiu para trás no sofá, para erguer-se de novo imediatamente, tomada de um terror selvagem, indefinido. Seus olhos brilhavam de modo desvairado, e seus dedos se moviam sem cessar, tocando aqui um vaso, emaranhando ali a franja das cortinas, ou riscando figuras fantásticas nos vidros embaçados das janelas. De repente, parecia-lhe como se acabasse de despertar de um sonho, e a memória do que se passara antes a abandonasse por completo.

— Suponho que a senhora não me tenha compreendido? — perguntou, duvidosa, à velha senhora, cujo olhar triste a acompanhara constantemente.

— Eu... eu penso... que compreendi! — gaguejou ela, intimamente chocada diante daquele quadro de felicidade perdida que Eline apresentava.

Eline olhou para ela com um olhar vazio; por um momento, sentiu grande arrependimento daquela confissão, cujas palavras mal recordava. Mas a simpatia que irradiava dos olhos da velha senhora a tranquilizou.

— A senhora me compreendeu? Compreende por que não posso mais ser feliz? — perguntou, numa voz de amarga tristeza, enquanto tornava a afundar-se no escabelo.

A velha senhora não respondeu, mas, com os olhos cheios de lágrimas, lançou os braços em volta do pescoço de Eline e a beijou. Ambas permaneceram assim por um momento, em silêncio.

— E agora pode me perdoar por deixá-la?

— Oh, por que você não fica comigo?

— Sou um peso e uma tristeza para a senhora. Não lhe dou o menor prazer. Não posso fazer nada pela senhora, e a senhora não pode fazer nada por mim.

Sim, de fato, era verdadeiro demais. A velha senhora nada podia fazer por ela; ninguém podia.

Nada mais encontraram para dizer uma à outra. Ambas compreendiam bem que não podiam prestar auxílio uma à outra para suportar os fardos da vida, que nenhuma podia servir de consolo à outra. Mas agora a velha senhora começava a duvidar também se mesmo o tio Daniel ou Elise poderiam ser algum consolo para Eline. E, embora não dissessem mais uma palavra, a velha senhora permaneceu ali sentada, com Eline apertada contra o peito.

Escurecia, e um frio desolado começava a encher as salas. Sombras sombrias desciam em todos os cantos atrás das cortinas e ao longo das paredes. A velha senhora estremeceu com a atmosfera fria, mas não se levantou para tocar a campainha e chamar a criada para cuidar do fogo moribundo, pois Eline adormecera com a cabeça apoiada em seu ombro. Não fosse a respiração pesada de Eline, Madame van Raat teria pensado que a morte a alcançara. A palidez cerosa daqueles traços emagrecidos era semelhante ao orvalho da morte.

Eline continuou dormindo, e o frio aumentava cada vez mais. A velha senhora lançou os olhos ao fogo; não se via uma centelha de fogo. Lentamente, retirou

dos ombros a pelerine de lã e a estendeu suavemente sobre o corpo adormecido de Eline.

Capítulo XXVIII

Passara-se um mês, durante o qual Eline vinha levando uma vida de semiletargia, de indiferença lânguida, na casa do tio, na Avenue Louise, em Bruxelas. A tosse ainda a incomodava muito, mas ela se sentia relativamente à vontade naquele ambiente. Elise, embora tagarelasse um pouco, parecia gostar bastante dela; e tio Daniel, embora um tanto frio em sua polidez estudada, era também muito amável. Às vezes, é verdade, surgia-lhe no espírito a suspeita de que eles fingiam, como todos em Haia haviam fingido, mas ela não se detinha a analisar essa dúvida; satisfazia-se em permitir que seu cérebro fosse aos poucos envolvido pela indiferença letárgica que se tornava cada vez mais parte de seu próprio ser.

De modo inteiramente inesperado, um dia tio Daniel recebeu uma carta de Vincent Vere, de Nova York. Eles não tinham o hábito de se corresponder, e o tio ficou um tanto surpreso. Eline, cuja correspondência com o primo não fora de duração muito longa, agora que o nome dele soava de modo tão inesperado aos seus ouvidos, sentiu reviver o interesse por ele; ficou muito ansiosa para saber qual seria o conteúdo da carta. Talvez ele pedisse dinheiro.

Mas nisso Eline se enganava. Vincent não pedia dinheiro, nem sequer uma recomendação ou qualquer ajuda. Escrevia simplesmente que pretendia fazer uma viagem à Europa com seu amigo Lawrence St. Clare, e que visitariam Bruxelas. Essa carta despertou um pouco Eline de sua letargia mental. Lembrou-se de como Vincent, lânguido e fraco, se reclinara em seu sofá, com o roupão turco, e de como ela cuidara dele. A essa lembrança misturou-se o pensamento de Otto, e, com agitação nervosa, seus dedos brincaram em torno do medalhão de esmalte negro preso à corrente. Não imaginara que Vincent a amava e que ela o amava? Restava agora algum daqueles sentimentos em seu coração? Não, esses sentimentos haviam passado, desaparecido como pássaros que voaram para longe. O tio e Elise falaram um pouco de Vincent, depois se calaram; mas Eline, embora nada dissesse, pensou muito nele e em seu amigo americano.

Depois de uma ou duas semanas, tio Daniel recebeu uma segunda carta de Vincent, desta vez datada de Paris. Em poucos dias, os dois rapazes chegaram e ficaram para jantar. O tio e Elise, por polidez, convidaram-nos a hospedar-se na casa, mas St. Clare recusou: já haviam tomado quartos no Hôtel des Flandres.

Vincent não mudara em nada na aparência e nos movimentos, e Eline, de repente, notou, quando ambos estavam um ao lado do outro e ela viu o próprio

rosto refletido no espelho, o quanto envelhecera. Ele, em seu traje elegante e distinto, era o mesmo de dois anos antes. Seu rosto, mesmo ao lado dos traços amarelos e emagrecidos dela, parecia-lhe mais saudável do que jamais o vira. Ela, em sua renda preta, tecido que agora usava constantemente, com os ombros caídos e os olhos sombrios, sem brilho, parecia uma simples ruína de sua antiga juventude cintilante.

Lawrence St. Clare causou impressão muito agradável tanto em Eline quanto em Elise. Com suas ideias sobre um ianque, Eline o imaginara um tanto rude e grosseiro, talvez mascando fumo, praguejando e bebendo uísque eternamente; e ficou muito agradavelmente surpreendida com suas maneiras cativantes e fáceis. Alto, de compleição poderosa, com a barba crescida que lhe caía sobre o peito, um certo orgulho brilhando nos olhos; não o orgulho da vaidade, mas aquele que denotava poder e força de vontade. Embora antes Eline só tivesse ouvido Vincent deixar cair, aqui e ali, uma palavra sobre St. Clare, agora lhe parecia que o conhecia havia muito tempo. Seu sorriso franco, seus olhos suaves mas penetrantes, encantaram-na e a despertaram da letargia; e de súbito lhe ocorreu, quando seu olhar percorreu a mesa, que verdade pacífica, calma e saudável irradiava dele, ao lado da qual a polidez estudada do tio, a efervescência aérea de Elise, a melancolia nebulosa de Vincent e dela própria pareciam apenas vã e oca hipocrisia, uma simulação doentia.

Depois do jantar, tomaram café no grande salão, e Eline sentiu-se satisfeita na companhia de St. Clare, esperando intimamente que nenhum de seus outros conhecidos viesse perturbar a harmonia. No entanto, não conversou muito com St. Clare. Elise o tomou inteiramente para si, fazendo-lhe centenas de perguntas sobre Nova York, Filadélfia e outros lugares. Ele respondia em francês, falando devagar, com um sotaque estrangeiro que encantava Eline. Vincent tomou-lhe ambas as mãos e olhou-a atentamente. Era-lhe grato pelo que ela um dia fizera por ele, e algo como piedade agora o enchia.

— Estou bastante decepcionado com você, Elly — disse ele, quando se sentaram na varanda. — Você precisa tentar engordar um pouco; ouviu?

Ela riu um pouco, e a ponta de seu sapatinho movia-se nervosamente entre os tapetes brancos e macios.

— Não é nada — disse ela. — Ultimamente não tenho me sentido tão mal. Já estive muito pior do que isto, e estou muito contente em vê-lo outra vez, muito contente mesmo. Sabe que sempre gostei bastante de você.

Deu-lhe a mão, e ele a apertou, puxando a poltrona um pouco mais para perto dela.

— E o que você acha de Lawrence? — perguntou. — Gosta dele?

— Sim, creio que é um homem muito bom, não é?

— É o único homem que já conheci em quem se pode confiar. Não há ninguém no mundo em quem eu tenha confiança, ninguém, ninguém mesmo, nem em você, nem em mim; mas nele, nele eu confio. Que francês engraçado ele fala, hein?

— Ele fala muito bem — respondeu Eline.

— Você não imagina o que ele faria por alguém de quem gostasse — continuou Vincent. — Se eu lhe contasse o que ele fez por mim, você não acreditaria. Não é a qualquer pessoa que eu gostaria de contar o que ele me obrigou a aceitar, e mesmo quando lhe conto, certamente me sinto um pouco envergonhado. Você precisa saber que em Nova York estive muito doente, de fato, quase morrendo. Naquela época eu tinha uma colocação numa casa comercial à qual ele está ligado financeiramente. Pois bem, ele me levou para a própria casa e cuidou de mim quase com tanto zelo quanto você. Realmente não compreendo como mereci sua amizade, e não sei como retribuir. Ainda assim, eu faria qualquer coisa por ele. Se agora há em mim um grão de bondade, é a influência dele que o produziu. Foi ele quem manteve meu lugar aberto enquanto eu estava doente; mas há pouco tempo decidi viajar um pouco. Não conhecia muito a Europa, e declarou que minha colocação era dura demais para mim. Em uma palavra, convidou-me a acompanhá-lo. A princípio recusei, porque já estava sob tantas obrigações para com ele, mas ele me forçou, e por fim cedi. Com a chegada do inverno, pretende ir a São Petersburgo e Moscou, e no próximo verão vagará pelo sul da Europa. Você sabe que sempre gostei de mudança, e que eu mesmo andei rodando bastante por aí; por isso, sem dúvida, serei de alguma utilidade para ele como guia, mas nunca viajei antes num estilo como este. Para onde quer que vamos, temos o melhor de tudo.

Calou-se, um tanto cansado de seu longo sussurro.

— Ele tem tanta simpatia por você? — disse Eline suavemente. — Que curioso! Naturalmente, não o conheço; mas eu diria que o caráter dele contrasta por completo com o seu.

— E contrasta. Você tem razão. Talvez seja justamente por isso que ele gosta de mim; de todo modo, está sempre declarando que sou muito melhor do que os outros pensam, e do que eu mesmo penso.

— Talvez ele o ache interessante, como Elise me acha — disse Eline, com uma risadinha astuta e involuntária. Mas agora que viu St. Clare se aproximar, sentiu certo remorso, como se o houvesse ofendido. Como podia comparar a verdade orgulhosa e viril que irradiava dele com a frieza aérea de Elise?

Elise estava muito ocupada servindo os licores, e perguntou a Vincent se tomava Kirsch ou Curaçao, ou se talvez preferisse conhaque. Vincent sentou-se junto ao fogo, ao lado dela e do tio Daniel, enquanto St. Clare se sentava perto da janela, junto de Eline.

— Então a senhora é a priminha gentil de quem Vincent me falou tanto? A priminha que cuidou tão bem dele? — perguntou ele com um sorriso, enfiando as mãos nos bolsos e olhando penetrantemente para Eline com seus olhos claros e francos.

— Sim, sou a prima que cuidou dele — respondeu ela em francês. Falava inglês muito bem, mas o francês dele lhe agradava, de modo que não perguntou se preferia falar inglês.

— Foi em Haia, não foi?

— Sim, em Haia. Ele estava então hospedado na casa de meu cunhado.

— E a senhora também morava com seu cunhado, não?

Parecia que ele tentava sondá-la um pouco; mas o modo como o fazia tinha tão pouco de indiscrição e tanto de interesse que ela não se sentiu ferida.

— Sim — respondeu. — Vincent lhe contou isso?

— Sim, Vincent me falou muitas vezes da senhora.

Suas palavras lhe deram a impressão de que ele sabia muito sobre sua vida. Depois da fuga da casa de Betsy, ela escrevera a Vincent, e sem dúvida St. Clare sabia disso.

— E a senhora viajou bastante, não? — continuou ele.

— Sim, com meu tio e minha tia. O senhor também pensa em viajar, não?

— Sim, até a Rússia, no próximo inverno.

Ambos permaneceram em silêncio por um momento. Parecia a Eline que tinham muito a dizer um ao outro e não sabiam por onde começar. Para ela, era como se o conhecesse havia muito tempo, e agora parecia também que ele a conhecia. Já não eram estranhos um para o outro.

— O senhor gosta muito de Vincent? — perguntou.

— Gosto muito dele. Sinto por ele muita simpatia e piedade. Se sua saúde fosse mais robusta, ele teria feito seu caminho. Há nele muita energia e elasticidade, e suas ideias são muito amplas, mas a fraqueza física o impede de dedicar o espírito a uma coisa só e levá-la até o fim. A maioria das pessoas compreende Vincent mal. Achem-no indolente, caprichoso, egoísta; e não querem reconhecer que a explicação de tudo isso se encontra no fato de que ele é fraco e doente. Desafio o maior e o melhor de nós a ser ativo e resoluto, a fazer bom uso de seus dons e talentos, se estiver meio morto de fraqueza.

Era uma luz sob a qual ela nunca vira Vincent. A única coisa que pôde dizer foi que sentira por ele uma simpatia inexplicável.

— Sim, creio que o senhor tem razão — disse ela, após uma breve pausa. — Mas não acha que uma viagem tão longa o fatigará demais? Rússia, no inverno?

— Oh, não, de modo algum; o clima frio é bom para o temperamento dele, e ele não precisa se cansar. Não há trabalho a fazer; quanto a simples viagens de trem, está acostumado a elas. Só precisa envolver-se em suas peles e recostar-se na carruagem. É tudo.

Por suas palavras, ela suspeitou, como já suspeitara pela conversa com Vincent, que St. Clare tinha o hábito de cercá-lo de todo conforto e luxo possíveis.

— Devo dizer que o considero bastante bom de coração — não pôde deixar de observar.

Ele a olhou por um momento, um tanto surpreso.

— O que a faz pensar nisso de repente? — perguntou, rindo.

— Não sei — respondeu ela, corando e rindo um pouco. — Não se pode evitar formar certas impressões sobre as pessoas. Talvez eu esteja enganada.

Ele ergueu as mãos num gesto de protesto. Ela sentiu que em suas últimas palavras havia apenas uma sombra de coqueteria, e agora que as dissera aquilo a irritava.

— O senhor falou há pouco de energia e atividade — retomou ela —, e acredita que, quando alguém está doente, deve ser desculpado por não mostrar tal energia e atividade?

— Naturalmente. O que quer dizer?

Havia em seus modos algo penetrante, algo que ia sempre direto ao objetivo, e isso a confundiu um pouco. Se fosse Vincent, ela logo teria mergulhado em alguma discussão filosófica mais ou menos nebulosa, e se perdido num labirinto de frases finas e vaporosas como nuvenzinhas de vapor, discussões em que nenhum dos dois saberia realmente aonde queria chegar. Mas St. Clare a tirou por completo de seu estado de alerta com aquele "O que quer dizer?".

— Quero dizer — respondeu ela com muita indecisão — se o senhor não estaria ainda mais disposto a perdoar, em alguém que passou por uma grande dor, essa falta de energia e atividade, do que perdoaria em Vincent, que apenas esteve doente.

Ele a olhou fixamente por um momento.

— Sim, estaria; isto é, se essa pessoa tivesse tentado ser enérgica e tivesse fracassado na tentativa. Não de outro modo; não se tivesse deixado arrastar sem esforço pela força das circunstâncias, com a simples reflexão de que não se pode lutar contra o destino. Vincent tem algo desse fatalismo, e nada é tão debilitante quanto isso. A vida degeneraria numa letargia moral se todos agissem assim, se simplesmente se sentassem de braços cruzados e pensassem: "Não posso evitar, venha o que vier."

Os pensamentos dela se extraviaram um pouco. Na verdade, não sabia o que pensava. E ela, tivera alguma energia? Permitira que a força das circunstâncias a arrastasse? Não sabia. A força de vontade dele, sua determinação, oprimiam-na e a esmagavam, e interrompiam o fluxo de seus pensamentos.

— Mas se essa pessoa tivesse passado por muito sofrimento, se tivesse sofrido, sobretudo com remorso, pelo que um dia fizera? — sussurrou quase implorando, com um brilho úmido nos olhos, enquanto o pezinho vagava nervosamente pelo tapete, e os dedos agarravam o medalhão negro. O olhar dele se suavizou,

enchendo-se de ternura e piedade.

— Nesse caso, sim, então eu lhe perdoaria tudo — sussurrou ele, com misericordiosa certeza.

Mas suas últimas palavras a enervaram e a abateram por completo. De súbito, pareceu-lhe que se expusera inteiramente, que dissera coisas que não deveria ter dito; e, no entanto, parecia-lhe que lhe faltavam forças para recuar agora que dissera tanto.

Depois daquele dia, St. Clare e Vincent ficaram ausentes cerca de uma semana, e Eline começou a ansiar pelo retorno deles. Quando voltaram, era véspera do Ano-Novo, e Elise convidou ambos para o dia seguinte, quando daria uma grande soirée.

Na noite seguinte, por volta das nove e meia, os convidados chegaram. Tio Daniel e Elise acolhiam com cortesia seus conhecidos um tanto frouxamente recolhidos. Os rapazes do clube, o conde, o ator, o duelista e sua esposa loira foram os primeiros a aparecer; e depois Eline os viu desfilar diante do anfitrião e da anfitriã, e era um desfile estranho. Os cavalheiros tinham algo de artificial ou boêmio; as senhoras traziam diamantes muito grandes e caudas de seda desbotadas. Ela não se sentia em casa naquele círculo, de modo algum, e ainda assim se divertia com aquela gente estranha, que vagava pelos salões cheios, enquanto a luz das velas do lustre veneziano faiscava de modo singular sobre todo aquele bronze antigo, aquela porcelana antiga, aqueles móveis antigos. E havia entre os convidados uma variedade que a encantava.

Eline se retirou um pouco quando viu St. Clare e Vincent se aproximarem. Estavam de casaca, e chamou-lhe a atenção que houvesse algo de distingué em ambos. Mas, depois de saudarem o tio e Elise, não pareceram notá-la entre os grupos ruidosos que os cercavam, e Eline sentiu-se inteiramente abandonada, embora uma velhinha enrugada e morena como uma noz, com pequenas plumas vermelhas no cabelo, conversasse avidamente com ela sobre pintores e escultores. A velha senhora fazia questão de passar por grande protetora de artistas em dificuldade.

— Suponho que seja uma soirée artística esta noite? — perguntou, piscando os olhos.

— Creio que sim — respondeu Eline, com crescente irritação.

— A senhora canta, não?

— Oh, não! Não canto mais. O médico me proibiu de cantar.

— Suponho que pretendesse seguir o palco?

— Oh, não. De modo algum.

Alguns cavalheiros se aproximaram e fizeram reverência à velha senhora, e ela os apresentou a Eline. Eram artistas muito talentosos. Músicos, atores, pintores, todos gênios incompreendidos. A velhinha soterrava Eline com óperas, poemas, panoramas que eles haviam escrito, criado e pintado; a fama deles em breve ressoaria pelo mundo, pois ela os protegeria.

Eline sentia como se todos aqueles gênios incompreendidos a cercassem. As coisas começaram a cintilar e dançar diante de seus olhos, e foi um alívio quando viu St. Clare aproximar-se de novo.

— A senhora está tão cercada — riu ele suavemente — que mal se consegue penetrar.

Eline franziu a boquinha com desprezo.

— Vamos nos afastar um pouco. Ali há mais espaço — murmurou.

Escapou habilmente do círculo dos gênios e, com um suspiro, afundou-se num canapé. Nervosamente, seus dedos brincavam com as contas de ouro baço que cobriam o corpete decotado de cetim preto como um raio cintilante.

— Oh, como essa gente me entedia — disse, com leve desdém. — Como foi o tempo que passaram em Gand e Bruges? Vamos, conte-me alguma coisa.

Ele permaneceu de pé ao lado dela e contou-lhe um pouco da viagem. Aqui e ali formavam-se pequenos grupos. O criado servia vinho e refrescos.

— Mas o que vai acontecer esta noite, pergunto-me? — disse St. Clare, curioso, interrompendo de repente a conversa.

Elise estava de pé, toda amabilidade, torcendo-se em todo tipo de reverências e mesuras diante do conde, e as pessoas olhavam para eles e cochichavam. O conde parecia tímido e apresentava algumas desculpas.

— Não me decepcione, por favor — ouviu-se Elise dizer em tom suplicante.

— Suponho que ela esteja pedindo que ele recite alguma coisa, e ele está acanhado — riu Eline.

Eline tinha razão. Elise lançou um olhar de triunfo na direção de algumas senhoras, e o conde, com um movimento como se não pudesse evitá-lo, assumiu uma pose e tossiu. Recitaria um poema épico, o relato de Pizarro sobre a conquista do México, sobre Montezuma e os astecas.

Fez-se silêncio, temperado por um murmúrio baixo. As estrofes rolaram em tons trovejantes sobre a cabeça dos convidados, com um rouco ribombar de erres.

Vincent, de outro canto da sala, fez um aceno malicioso para Eline. O conde começou a gritar cada vez mais alto.

— Magnífico! Não acha? — perguntou a velhinha das plumas vermelhas, que tornara a se aproximar de Eline.

Eline assentiu com aprovação, mas aqui e ali ouvia-se uma tosse, e rostos desesperados podiam ser vistos por toda a sala. O cochicho também se tornava um pouco mais alto.

— Paciência e resignação — disse Eline a St. Clare, com um sorriso.

Ele sorriu de volta, e ela já não achou o imenso poema tão insuportavelmente tedioso, agora que ele estava a seu lado. Quando a última estrofe do conde se extinguiu, uma espécie de movimento elétrico começou a manifestar-se entre os grupos até então imóveis. Riam, falavam, empurravam-se. Algumas senhoras exprimiam seus agradecimentos ao conde com grande demonstração de arrebatamento.

— Não poderíamos inventar alguma proteção contra o próximo ataque dele? — perguntou St. Clare, rindo.

— Estaremos mais livres no jardim de inverno — disse Eline.

Com alguma dificuldade, abriram caminho até o pequeno jardim de inverno. Havia ali apenas dois pequenos grupos: dois velhos cavalheiros sentados à mesa coberta de taças vazias e uma mulherzinha em conversa animada com um rapaz. Reinava ali um aroma balsâmico e suave, que impregnava, como um sopro dos trópicos, as palmeiras, as baunilhas e as orquídeas reunidas em rica profusão. Lá fora, uma tempestade de neve fazia cair em redor seus flocos de branco macio. Mal se haviam sentado, ouviram alguns acordes feridos no piano da sala ao lado.

O ator, um baixo, ia cantar um dueto com a esposa loira do joalheiro. St. Clare e Eline podiam vê-los de pé junto ao piano, as figuras refletidas nos espelhos do jardim de inverno, enquanto um dos compositores incompreendidos os acompanharia.

— Eu não fazia ideia de que ela cantava — exclamou Eline, surpresa. — La bonne surprise! Está ficando realmente divertido, mas não pare de falar.

Um rubor subiu-lhe às faces, e algo de seu antigo fascínio cintilante voltou a ela. De vez em quando levava aos lábios a taça de champanhe. Escutava atentamente as histórias dele. Ele falava tão bem. Ali adiante, os gritos agudos da soprano e o rosnar grave do baixo se misturavam com efeito poderoso, embora um tanto ridículo. O jardim de inverno enchia-se pouco a pouco de grupinhos que escapavam da sala de visitas. Vincent veio juntar-se a St. Clare e Eline.

— Je ne dérange pas? — perguntou.

— Par exemple! — gritou Eline.

Parecia que os três se encontravam em alguma festa pública. Mal conheciam alguém entre toda aquela gente curiosa, e se divertiam rindo um pouco deles. A coleção de taças vazias dos dois velhos cavalheiros parecia ter crescido cada vez mais; e, sob as folhas sombrias de uma bananeira, via-se o rapaz com o braço furtivamente em volta da cintura da mulherzinha. No outro canto, onde algumas taças acabavam de ser quebradas, Vincent reconheceu alguém que posava de príncipe russo, entretido numa conversa turbulenta com duas amazonas de circo; e não conseguia compreender como haviam sido admitidos sequer à sala de tio Daniel.

— Oh, devem ter entrado por uma porta dos fundos. Tenho certeza de que Elise não sabe que estão aqui — riu Eline.

No salão, o programa prosseguia. Cantavam, recitavam peças sérias e cômicas, mas o silêncio de admiração diminuía cada vez mais. No jardim de inverno, o príncipe russo corria atrás das amazonas de circo e tentava abraçá-las; e os dois velhos cavalheiros, de repente, romperam numa disputa terrivelmente furiosa. O jovem casal desaparecera.

— Eu aconselharia a senhora a voltar um pouco para mais perto de seu tio e de sua tia. A companhia aqui está certamente ficando bastante misturada — disse St. Clare a Eline.

Vincent os deixara. Eline ergueu-se um pouco ansiosa, e St. Clare a seguiu. Mas, no salão, Elise estava cercada por um grupo muito ruidoso, cujas senhoras fumavam cigarros e derramavam mais champanhe nos vestidos do que bebiam. St. Clare conduziu Eline ao terraço. Seus olhos faiscavam e seus lábios estremeciam nervosamente quando o olhar caiu sobre o grupo que cercava Elise.

— Como a senhora veio parar aqui, afinal? — perguntou de súbito a Eline, num tom de desagrado que não conseguiu esconder. — Como é possível que eu a tenha encontrado aqui?

Ela o olhou, espantada.

— Pergunto como é possível que eu a tenha encontrado aqui. A senhora certamente não está em companhia adequada.

Ela começou a entender o que ele queria dizer e estremeceu diante da ousadia da pergunta.

— Não estou em companhia adequada — repetiu lentamente. — Posso lembrar-lhe que estou na casa de meu tio e de minha tia?

— Sei disso. Mas seu tio e sua tia, parece-me, têm o hábito de receber pessoas que não são companhia apropriada para a senhora. A senhora está aqui com o consentimento de seus parentes, suponho?

Ela começou a tremer por inteiro, e seus olhos se fixaram nele com toda a altivez que, naquele momento, conseguiu reunir.

— Posso perguntar-lhe, senhor St. Clare, com que direito me submete a interrogatório? Pensei que eu fosse livre para fazer o que bem entendesse, e velha o bastante para escolher meus amigos sem o consentimento de ninguém, fosse de meus parentes ou do senhor.

Seu tom era agudo e cortante. Estava prestes a afastar-se. Ele tomou-lhe a mão; ela a retirou rapidamente.

— Fique um momento, por favor. Perdoe-me se a magoei. Mas tenho interesse pela senhora, ouvi falar tanto de si por Vincent. Na verdade, eu a conhecia antes de vê-la. Eu a considerava um pouco, um pouco, se me permite dizê-lo, como uma irmãzinha, assim como pensava em Vincent como meu irmão; e agora a encontro aqui, misturada com pessoas...

— Muito obrigada por suas boas intenções — retomou ela com frieza glacial —, mas no futuro faça o favor de exprimir seu interesse fraternal de maneira mais conveniente. O senhor me conhecia antes de me ver, é possível. Eu o conheço há uma semana, e não compreendo como ousa falar comigo como se fosse chamado a ser meu tutor. Sou-lhe muito grata por sua solicitude, mas não preciso dela.

Ele fez um movimento de impaciência e mais uma vez a impediu de ir embora. Ela ainda tremia de raiva, mas ficou.

— Agora não se irrite, por favor — recomeçou ele, apaziguador. — Talvez eu tenha falado com ousadia demais; mas a senhora mesma não acha que a companhia aqui não lhe convém?

— Os conhecidos de meu tio e de minha tia podem ser também os meus, imagino. Em todo caso, é assunto que não lhe diz respeito absolutamente.

— Por que me proíbe de ter interesse pela senhora?

— Porque o senhor se aproveita dele.

— E não há perdão para isso quando é causado apenas por um sentimento de amizade sincera? — perguntou ele, estendendo-lhe a mão.

— Oh, certamente — respondeu ela friamente, aparentemente sem notar a mão dele. — Mas, no futuro, poupe-me, por favor, de seus sentimentos de amizade. Interesse demais por alguém às vezes é importuno.

Profundamente ferida, afastou-se.

Ele permaneceu sozinho no terraço e a viu desaparecer entre as amazonas de circo e o príncipe russo, a senhora loira, os dois cavalheiros embriagados e o conde poético.

Capítulo XXIX

Agora que a festa terminara, ela começou a repassar tudo na solidão do quarto. Eram cinco horas, e sentia-se quase cansada demais para despir-se. Não se sentia tão ferida pela presunção dele. Mas, naquela noite, pela primeira vez depois de tão longo período de letargia, esquecera um pouco suas tristezas. Encontrara algum divertimento, fora de novo um pouco o que tinha sido antes, e ele amargara aquele prazer inocente ao lembrá-la de que estava num círculo ao qual não convinha. Ela não sabia disso tão bem quanto ele? E era justamente porque o sabia, porque sentia que ele tinha razão, porque ele sentia como ela própria sentia, que se sentia ferida.

Por que ele não a deixara passar em paz um breve momento de felicidade? Por que falara a ela de seus parentes? Que importava a Henk e Betsy se ela se jogasse fora entre os curiosos conhecidos do tio e de Elise? Mas ela não fazia isso; mal falara com alguém além de Vincent e dele. Apenas se divertira à custa de um círculo que a cercava. Atirou-se, em seu vestido de cetim preto, numa cadeira, e, enquanto pensava naquilo que a ofendera, sentiu a ofensa evaporar-se pouco a pouco como uma nuvem de névoa. Mas ainda queria sentir-se ferida; sim, sentia-se ferida, muito ferida mesmo. E, no entanto, afinal, não era tão grave assim. Fora por causa dela que ele se irritara tanto com a estranho círculo social em que ela se encontrava. Mostrara-lhe sua contrariedade com tanta franqueza, e ela ainda podia ouvi-lo dizer, naquela voz descontente:

— Como veio parar aqui? Está aqui com o consentimento de seus parentes?

Ele tinha interesse por ela, interesse genuíno, com todo o orgulho altivo de seu temperamento solar e verdadeiro; e um grande desejo a dominou de repente: ir até ele e pedir-lhe perdão, pedir-lhe conselho. Seria delicioso conformar-se inteiramente à vontade dele; significaria paz, aquela paz e aquela calma há tanto desejadas.

Por volta do meio-dia, depois de um sono breve, ela entrou na sala com o rosto pálido e olheiras azul-escuras sob os olhos, e encontrou Elise, com duas criadas, ocupada em reorganizar a desordem que as orgias da noite anterior haviam deixado. Elise estava muito satisfeita com sua soirée e desejou a Eline um feliz ano-novo. Tio Daniel estava fora.

— Quantas taças quebraram! Se quiser tomar o desjejum, Eline, terá de ir à sala de jantar. Aqui você só me atrapalha. Perdoe-me por dizer isso. Mas ontem foi muito divertido, não foi?

Eline foi à sala de jantar. Comeu alguma coisa e ficou ali um pouco, sem fazer nada. Esperava alguém, esperava St. Clare; mas nem Vincent nem ele vieram, nem no dia seguinte, nem no outro. Se Eline ousasse, teria escrito a ele.

Enquanto esperava sua chegada, sonhadora, recebeu uma carta de Madame van Raat, que lhe escrevia que, embora ele morasse agora em Bodegraven, ela via Paul ocasionalmente, e que ele parecia carregar alguma dor secreta que ela não conseguia adivinhar. Lamentava muito que uma espécie de afastamento tivesse surgido entre ela e o filho, e duvidava se sempre lhe mostrara ternura suficiente.

“Ela, ternura insuficiente!”, pensou Eline. “Ora, ela era toda ternura, ao menos comigo.”

Quando chegou ao fim da carta, sobressaltou-se violentamente. Jeanne Ferelyn morreria em Bangil. Os olhos de Eline se encheram de lágrimas.

— Meu Deus! Meu Deus! — repetiu devagar, e um soluço nervoso sacudiu-lhe o corpo. Sua pobre amiga estava morta! Oh, com que ternura Jeanne cuidara dela quando jazia prostrada pela bronquite naquele pequeno lar delas! Como Jeanne fora sempre suave e amorosa! Como fora afetuosa com ela própria e com os filhos. E agora estava morta! Que felicidade lhe trouxera a vida? Nenhuma, nenhuma! E Madame van Raat tinha suas tristezas. Paul tinha as dele. Que era a vida senão uma grande tristeza?

Soluçou violentamente sobre a carta e não conseguia reconciliar-se com a ideia de que Jeanne estivesse morta. Jeanne está morta! Jeanne está morta! Aquilo sibilava em seus ouvidos e em seu cérebro. Tinha tanto a agradecer a Jeanne, e nunca mais a veria, pois Jeanne estava morta. Oh, meu Deus, ela estava morta!

Atirou-se para trás na cadeira e cobriu o rosto com as mãos. Mas, de repente, ouviu passos na sala contígua. Ergueu os olhos e, antes que pudesse recompor-se, viu St. Clare aparecer à porta. Meio enlouquecida pela dor, olhou para ele com os olhos chorosos.

— Espero que me perdoe se a incomodo.

Ele falava suavemente, pois via que ela chorava.

— O criado disse que a senhora estava em casa. Talvez seja melhor eu voltar amanhã.

Ela se levantou, enxugou os olhos e lhe deu um sorriso amistoso.

— Quer ir embora tão cedo? — disse tristemente. — O senhor não me incomoda nem um pouco. Pelo contrário, acho muito bom que tenha vindo. Sente-se. Vincent está bem?

— Muito bem, obrigado — respondeu ele, num tom em que ela pôde perceber toda a amizade que sentia por Vincent. — Estivemos em Liège e Verviers.

— Então é essa a única razão por que não o vi antes, depois da soirée?

Ele a olhou por um momento.

— Sim — respondeu —, a única razão.

— Não estava zangado?

— Não, de modo algum. Eu estava errado. Não devia ter falado daquele modo. A senhora tinha toda razão.

— Não tenho certeza — disse ela. — Sei que devo tê-lo ofendido com minha falta de maneiras. Perdoa-me, ou recusa minha mão como eu recusei a sua?

Ela lhe deu a mão. Ele a apertou com força.

— Perdoo de bom grado — respondeu —, e acho muito bonito que confesse ter estado um pouco errada.

— E, no futuro, fará o favor de tomar por mim aquele interesse que disse sentir da última vez em que o vi? Acreditará em mim se eu disser que seu interesse por mim e sua amizade não me aborrecerão, como eu disse então? Posso contar com isso?

— Certamente.

— Obrigada. Muito obrigada. Eu não me enganei quando lhe disse que o senhor tinha bom coração. O senhor é mais que bondoso, é nobre.

Ele riu um pouco.

— Que palavras grandes a senhora usa — disse, em tom de brincadeira. — Está ficando tão solene.

— Não — disse ela, decidida. — Não estou solene, e não uso palavras grandes. Quero dizer o que digo. O senhor não sabe que prazer me dá vê-lo e ouvir de sua boca que não está zangado comigo, especialmente neste momento. Eu estava me sentindo terrivelmente infeliz.

— Creio que estava chorando.

As lágrimas lhe caíram dos cílios.

— Acabo de saber da morte de uma amiga muito querida, uma pobre coisinha fraca, mas tão útil. Fará uma falta terrível ao marido e aos filhos. É sempre assim no mundo, não é? As pessoas que são úteis morrem, e as que, como eu, são um peso para todos e uma miséria para si mesmas continuam vivendo.

— Por que fala com tanta tristeza? Então não é útil a ninguém? Não se importa com ninguém, e não há ninguém que se importe com a senhora?

Ela riu amargamente.

— Mas certamente há pessoas que se interessam pela senhora — continuou ele.

— Que devo responder? Não tenho pais. Sobre minha irmã, imagino que o senhor tenha ouvido alguma coisa por Vincent. Sabe que eu... fugi da casa de meu cunhado?

— Sim.

— Desde esse tempo, não fiz outra coisa senão vagar. Estive sempre com pessoas estranhas. Tio e tia me acolheram sob seu teto, mas ainda assim são estranhos. Em Haia, vivi com uma velha senhora, mãe de meu cunhado; ela foi muito boa para mim, e eu gostava muito dela, mas não fui boa para ela.

— Tenho muita pena da senhora — disse ele. — Gostaria de poder fazer alguma coisa. Mas suponha que procurasse uma ocupação? Não será por não ter nada que fazer que se sente infeliz?

— Procurei uma ocupação em Haia. Viajei muito, e ainda assim me senti infeliz. É tudo culpa minha, veja; eu mesma joguei fora minha felicidade.

Começou a chorar, a cabeça apoiada nas mãos.

— Diga-me, não posso fazer alguma coisa pela senhora? — insistiu ele.

— Nada, obrigada. Ninguém pode fazer nada por mim.

— Mas realmente não está certo enterrar-se na própria dor e não pensar em outra coisa. A senhora não deve fazer isso. Precisa despertar de suas tristezas. Todos têm seus sofrimentos. Vamos, prometa-me que no futuro pensará de outro modo.

— Não posso — soluçou ela. — Sou tão fraca. Estou quebrada, inteiramente quebrada.

Em suas palavras soava tamanha desesperança que ele não soube o que dizer; mas transbordava de piedade, uma piedade misturada ao desespero de pensar que nada podia fazer por ela; e queria consolá-la e confortá-la, custasse o que custasse.

— Não — disse ele com determinação —, a senhora não está quebrada. Isso é apenas uma ideia! É jovem e tem uma vida diante de si. Rompa com o passado, esqueça-o completamente.

— Oh, como posso fazer isso? — soluçou. — Como é possível?

Ele próprio sabia que estava errado. Sabia que as lembranças dolorosas do passado eram quase indeléveis.

— Sinto tanta pena da senhora — repetiu —, uma pena como nunca senti por ninguém antes.

— É a única coisa que lhe resta fazer por mim: ter pena de mim — exclamou ela apaixonadamente. — Tenha pena de mim, isso me faz bem. Pois não me disse que já me conhecia antes de me ver, que eu era para o senhor como uma irmãzinha desconhecida?

Ele se levantara; pousou as mãos nos ombros dela e a olhou.

— Certamente — respondeu cordialmente.

E ela teria morrido por ele, tão intensamente grata se sentia.

— E agora a senhora já não me é desconhecida, e tudo o que eu puder fazer por si, farei. Deve me contar tudo sobre si, e, se confiar em mim, farei com que esqueça suas misérias.

Ele lhe deu de leve uma palmada no ombro, como um velho amigo. No coração dela surgiu um grande pesar por não se terem conhecido antes. Que felicidade fora, pouco antes, humilhar-se diante dele, pedir-lhe perdão.

Passou-se uma semana, durante a qual os Vere não viram nem Vincent nem St. Clare, pois ambos estavam alguns dias na Holanda. Falava-se de um baile de máscaras que seria dado pelo conde. Tio Daniel não iria fantasiado, mas Elise iria em trajes orientais; e Eline, cuja imaginação não se elevava muito naquele momento, a acompanharia, também em trajes orientais.

Na véspera do baile, os dois rapazes voltaram. Eline julgou ver uma sombra de contrariedade passar pelas feições de St. Clare quando ele soube que elas iriam ao baile. Ele nada disse, porém; mas, na noite seguinte, por volta das oito e meia, entrou com Vincent. Eles também haviam sido convidados. Vincent aceitara o convite. St. Clare, não. Pediu para ver Eline por um momento, mas ela acabara de começar a toilette; St. Clare, contudo, insistiu, e Eline mandou a criada descer para pedir que ele esperasse.

No grande salão não havia ninguém. Vincent, de casaca, estava deitado no sofá e apanhara o L'Indépendance. St. Clare permanecia na varanda, pensativo, olhando a neve que cintilava à luz da noite. Um criado entrou para perguntar se queriam chá.

— Devo dizer que admiro sua coragem, Lawrence — disse Vincent em inglês, enquanto mexia lentamente a xícara de chá. — Mas tem certeza de que tudo correrá bem?

— Bem, não posso evitar. Quero que seja assim — respondeu St. Clare, decidido.

O criado saiu, e ambos ficaram em silêncio quando Eline entrou. Um rubor rosado de veloutine ocultava o tom amarelado de sua tez. O cabelo já estava arranjado, e fileiras e fileiras de lantejoulas brilhantes pendiam-lhe sobre a testa. Mas não avançara mais que isso na fantasia, e estava simplesmente envolta num peignoir de flanela branca. Vincent levantou-se, e ela pediu desculpas pela toilette. Mas estava muito encantadora.

— O senhor queria falar comigo com tanta urgência — disse suavemente a St. Clare, estendendo-lhe a mão. — Não se importará que eu tenha vindo assim; e, por favor, continue sentado.

Sentaram-se, enquanto Vincent se retirava com o jornal para o jardim de inverno. St. Clare olhou Eline de modo perscrutador.

— O que deseja me pedir? — disse ela.

— Em primeiro lugar, devo pedir perdão por minha ousadia em tê-la chamado no meio da toilette.

— Oh, isso não é nada. Tenho tempo de sobra.

— Sinto-me muito lisonjeado por ter vindo imediatamente. Pode imaginar que eu não teria me intrometido se não houvesse uma razão muito forte. Tenho um pedido a lhe fazer.

— Que não admite demora?

— Sim, que não admite demora; e corro o risco de que a senhora fique muito zangada quando eu fizer esse pedido, de que se sinta ferida e me diga que estou interferindo em assuntos que não me dizem respeito.

Ela tinha uma vaga suspeita da pergunta que ele estava prestes a formular.

— Não importa. Fale francamente — respondeu simplesmente.

— A senhora me pediu que demonstrasse por si tanto interesse quanto um irmão demonstraria por uma irmã. Está certo, ou estou enganado?

— Não, está perfeitamente certo.

— Pois bem, se a senhora fosse minha irmã, eu lhe pediria um grande favor, e lhe suplicaria que não fosse a esse baile esta noite.

Ela não respondeu, mas olhou-o diretamente no rosto.

— Se a senhora fosse minha irmã, eu lhe diria que Vincent e eu fizemos algumas investigações sobre as pessoas que virão ao baile esta noite; eu lhe diria que sei com certeza que grande número dos convidados é ainda menos adequado ao seu círculo do que alguns dos conhecidos de seu tio e sua tia. Se a senhora fosse minha irmã, dificilmente eu poderia me exprimir em termos mais claros do que fiz, e não tenho uma palavra a acrescentar ao que disse; mas espero que não me compreenda mal e que agora tenha alguma ideia do tipo de convidados que veria ali esta noite.

Ela baixou os olhos e permaneceu em silêncio.

— E, portanto, correndo o risco de interferir num assunto que não me diz respeito, correndo o risco de que seu tio e sua tia se ofendam com minha intromissão em seus assuntos, correndo o risco de que a senhora própria, depois de já me ter perdoado uma indiscrição, fique muito zangada comigo, peço-lhe

mais uma vez: não vá a esse baile. A senhora está deslocada ali.

Ela continuou em silêncio, e seus dedos apertavam nervosamente o cinto do peignoir.

— Está muito zangada? — perguntou ele.

— Não — respondeu ela depois de uma pausa, muito suavemente. — Não, não estou zangada, e farei o que me pede. Não irei.

— Fala sério? — gritou ele, encantado.

— Falo sério. Não irei. Sou-lhe muito grata por ter investigado quem viria. Eu já temia que o senhor não aprovasse minha ida, mas não suportava a ideia de ficar sozinha em casa uma noite inteira; isso sempre me deixa tão melancólica.

— Temia minha desaprovação? — perguntou ele, sorrindo.

— Sim — respondeu ela. — O senhor é um amigo tão bom para mim que eu não gostaria de fazer nada que desaprovasse. E esta noite farei exatamente como exige.

— Obrigado — disse ele, comovido, e apertou-lhe a mão.

— Sim, o senhor pode muito bem apreciar isso — exclamou ela, com uma leveza forçada, sentindo-se um pouco deprimida pela própria humildade. — Sabe que, durante os últimos três quartos de hora, estive ocupada arrumando as lantejoulas no cabelo, e tudo por nada?

— Certamente, aprecio o que fez. Asseguro-lhe que aprecio — declarou ele com muita seriedade.

Tio Daniel entrou na sala.

— Bon soir, St. Clare. O senhor não vem, não é? Mas, Eline! Você não vai se vestir?

Eline gaguejou alguma coisa e não conseguiu encontrar as palavras, quando ouviu a voz de Elise, que resmungava com a criada. Elise entrou, cintilando de lantejoulas e drapeados mouriscos, os pés calçados em dois sapatinhos.

— Bon soir, St. Clare. Que pena que o senhor não vai. Será muito agradável... Ciel! Eline!

Vincent veio do jardim de inverno.

— Já são quase nove e meia, e até agora você só arrumou o cabelo — continuou Elise, em completo espanto. — Em que esteve pensando?

— Creio que sua prima não vai, madame — disse St. Clare, pois Eline estava confusa demais para falar. — Vincent e eu ouvimos dizer que a companhia no baile será um tanto misturada, e aconselhei a senhorita Vere a não ir, em vez de se arriscar a encontros desagradáveis. Espero que me perdoe por dar esse conselho. Naturalmente, sei que ela estaria sob sua proteção e a de seu tio, mas pensei que tais círculos devem ser ainda mais evitados por uma moça do que por uma senhora casada, mesmo que esta seja tão encantadora quanto a senhora. Eu estava muito errado?

Elise hesitou se devia ou não ficar zangada; mas havia na voz dele tanta determinação e, ao mesmo tempo, tanto encanto, que se sentiu completamente desarmada. Daniel Vere apenas deu de ombros.

— Se estava errado? — repetiu Elise, ainda hesitante. — Bem, talvez não. Naturalmente, Eline pode fazer o que quiser. Se prefere não ir, eh bien, soit! então fingiremos que está com dor de cabeça. É bastante simples. Mas você terá um ennuí terrível, Eline.

— Não, de verdade, prefiro muito mais ficar em casa — disse Eline —; ao menos, se vocês não ficarem ofendidos.

— De modo algum. Liberté chérie, minha filha.

O criado entrou para dizer que a carruagem estava à porta, e trouxe as peles do tio e de Vincent. A criada ajudou Elise a vestir a capa de pele.

— Se seu tio e sua tia não se opõem, eu gostaria de lhe fazer companhia por algum tempo — disse St. Clare.

O tio e a tia acharam excelente. Eline ainda estava bastante confusa.

— Adieu! Divirtam-se — disse ela, com um sorrisinho furtivo para Elise, o tio e Vincent.

— Ridículo — murmurou tio Daniel, quando estavam na carruagem. — Ridículo! Ele não permite que ela vá ao baile, mas não se importa em lhe fazer companhia. Deve ser moda americana, suponho. Eu, ao menos, gostaria de saber o que é mais impróprio: ir conosco ao baile ou passar uma noite sozinha com um rapaz? Ridículo!

Vincent nada disse. Achava indigno defender o amigo, mas Elise apressou-se a pedir ao marido que se calasse. Não permitiria que falasse mal de uma prima que estava sob seu teto, nem de um amigo que viam com tanta frequência.

— Falar mal dele? Oh, céus, não! — retomou tio Daniel, ainda ferido. — É apenas moda americana, suponho.

Eline ainda sentia a própria confusão.

— Creio que tio não achou certo que eu seguisse seu conselho — disse, quando ficaram a sós. — Talvez também tenha pensado que o senhor... deveria ter ido com eles.

St. Clare olhou-a com tranquila surpresa.

— Então por que ele não disse? Eu perguntei, não? Mas preferiria que eu fosse?

— Não, eu acharia muita bondade sua se ficasse um pouco mais.

— Com prazer! Pois há ainda outra coisa que eu gostaria de lhe pedir, mas desta vez não é tão importante.

— O que é, então?

— Gostaria de uma dessas lantejoulas que arranjou no cabelo.

Eline sorriu e, cuidadosamente, tirou do cabelo a fileira de lantejoulas e despreendeu uma das pequenas moedas, que lhe ofereceu.

— Obrigado — disse ele, prendendo a moeda à corrente do relógio.

Uma sensação estranha tomou Eline. Sentia-se muito contente, muito feliz, e ainda assim um pouco confusa; e perguntou a si mesma o que Betsy teria considerado menos adequado: ir com o tio e a tia àquele baile, ou passar a noite sozinha, e em négligé, ainda que com St. Clare? Certamente o segundo, pensou. Mas ele parecia achar tudo tão simples e natural que ela nem se atreveu a perguntar se podia ir trocar de roupa.

— E agora vamos conversar um pouco, tranquilamente — disse ele, sentando-se numa poltrona, enquanto ela continuava sentada no sofá, ainda um pouco tímida, brincando com a fileira de lantejoulas. — Conte-me alguma coisa, sim? De sua infância, ou de suas viagens.

Ela disse que não sabia o que lhe contar, mas ele pediu de novo. Ela respondeu, e pouco a pouco a confiança em si mesma voltou, e contou-lhe sobre tia Vere, sobre sua literatura à Ouida, e sobretudo sobre o pai e as grandes telas que ele nunca completava. Falou também de seu canto, de Betsy e Henk, e acrescentou que antes pensava de modo muito diferente do que pensava agora, e que também tinha outra aparência.

— O que chama de antes?

— Quero dizer antes de minha doença, e antes de viajar com tio e tia... antes de meu noivado.

— E como era sua aparência então?

— Muito mais saudável e... e mais fresca.

— Mais bonita, quer dizer?

Ela não pôde deixar de rir ao ver que ele lia seus pensamentos e não se dava o menor trabalho de ser galante. Então perguntou se ele gostaria de ver seus retratos daquele tempo; e, enquanto tirava um álbum da mesa, pensou que poderia muito bem permitir que ele a chamasse pelo nome. Mas não conseguiu chegar a isso.

Ele virou as páginas do álbum, que continha muitos retratos dela: pequenas cabeças delicadas, com uma fita ou um fio de pérolas em volta do pescoço. Em alguns, ela estava décolletée.

— Bem, o que acha? — perguntou, pois ele permanecia calado.

— Rostinhos muito encantadores, todos eles, mas em toda parte um sorrisinho coquete intolerável. Uma beleza artificial demais. A senhora costumava posar sempre assim, ou fazia isso apenas diante do fotógrafo?

Ela se sentiu um pouco picada.

— Que vergonha! Como o senhor é rude! — disse, em tom de censura.

— Fui rude? — perguntou ele. — Peço perdão. Sim, é verdade, são seus retratos. Fiquei um pouco confuso no momento, pois, veja, é bastante difícil reconhecê-la neles. Mas acredite: eu a teria achado insuportável se algum dia a tivesse visto assim. Bonita, sim, mas insuportável. Agora está um pouco mais magra, é verdade, traz os sinais do sofrimento, mas há algo de cativante em seu rosto;

enquanto nesses rostinhos aqui não há nada senão coqueteria. Prefiro vê-la como é agora.

Fechou o álbum e o pôs de lado.

— E a senhora — retomou —, preferiria ser como era então? Sente saudade daqueles dias?

— Oh, não — suspirou ela —, então eu também não era feliz.

— Mas agora fará o possível para ser feliz, não fará?

Ela deu uma pequena risada e encolheu os ombros.

— One cannot force one's happiness — murmurou, sonhadora, e involuntariamente disse-o em inglês.

Ele a olhou, admirado.

— A senhora fala inglês? — perguntou.

— Eu? — exclamou ela em francês, despertando do devaneio.

— Sim, a senhora!

— Estou falando inglês?

— Agora não. Mas há pouco estava.

— Eu estava falando inglês? Não sabia...

— Por que nunca falou inglês comigo?

— Não sei.

— Oh, sim, sabe.

— Não, realmente não.

— Asseguro que sabe. Agora diga por quê, vamos!

Ela riu uma risadinha divertida.

— Porque o senhor fala um francês tão agradável. Tem um sotaque tão bonito.

— Então sempre riu de mim em segredo?

— Não, asseguro-lhe, de verdade, não ri.

— O que falará no futuro, inglês ou francês?

— Francês, ou o senhor ainda pensará que eu estava rindo de si.

— Não há lógica nenhuma no que diz.

— Possivelmente, mas ainda assim falarei francês.

— Muito bem. Sabe, a senhora já não está tão fraca como estava. Está melhorando, ficando mais forte.

— Por quê?

— Pela primeira vez desde que a conheço, ouvi-a dizer “quero”. Agora preste atenção ao que digo. A senhora começa criando uma pequena vontade própria, e no fim ficará bastante firme; e, quando sua vontade for firme e forte, também ficará forte. Agora prometa que cultivará uma pequena vontade, como uma frágil planta de estufa que exige muito cuidado e atenção.

Mais uma vez ela riu, com seu modo suave e cativante.

— O senhor verá. Ficarei espantosamente obstinada sob sua influência.

— Não. Espero que não. Mas eu seria muito feliz se a senhora ficasse um pouco mais forte sob minha influência.

— Farei o possível.

— E eu a farei cumprir sua palavra. São quase onze.

Ela ficou em silêncio. A palavra “já” estava em seus lábios, mas conteve-se a tempo.

— E diga-me francamente: não acha agora que agirá com muito mais sensatez indo cedo para a cama esta noite e tentando dormir um pouco do que teria agido se fosse dançar até as seis da manhã com parceiros muito estranhos, e na companhia de senhoras ainda mais estranhas?

— O senhor tem toda razão. Sou-lhe sinceramente grata.

— E eu também sou grato pela moeda que me deu.

Ela sentiu que não era apenas pela moeda que ele estava grato.

— E agora, boa noite. Boa noite, Eline.

Ela olhou para ele, e seus olhos se suavizaram ao ouvi-lo pronunciar assim seu nome, sem sua permissão.

— Boa noite, Lawrence — sussurrou ela.

Estendeu-lhe a mão. Por um momento ele a manteve na sua, os olhos fitando os dela. Depois soltou aqueles dedinhos magros.

— Adieu — disse ele, com um último aceno cordial, e saiu.

Por algum tempo ela permaneceu imóvel, sonhando. Depois mandou o criado apagar o gás no salão e retirou-se para o quarto. Tirou as lantejoulas do cabelo e as colocou sobre a mesa de toailete. Numa cadeira estavam os drapeados cintilantes de sua toilette de baile, e os pequenos chinelos mouriscos jaziam no chão ao lado. Enquanto se despia, ainda ouvia a voz dele com seu leve sotaque. Lentamente, arrumou os ornamentos. Seus olhos caíram sobre o relógio, cuja corrente trazia preso um medalhão negro. Abriu-o e ficou olhando para dentro dele por muito tempo, e seus olhos se umedeceram. Depois pousou um beijo suave no retrato que ele continha. Por um instante pensou em destacá-lo da corrente e colocá-lo numa das gavetinhas do porta-joias; mas não o fez.

Deitou-se. Não dormiu, nem tomou a poção para dormir. Às cinco e meia ouviu Elise, suspirando de cansaço, voltar com tio Daniel. Mas sua insônia não fora perturbada por pesadelos sinistros, e parecia-lhe que um calmo brilho rosado se difundia ao seu redor. Mais tarde dormiu um pouco, e, quando despertou, não se sentiu tão lânguida como de costume ao acordar.

Eline não viu Elise no dia seguinte antes do almoço. Tio Daniel já saíra; estava sempre muito ocupado, mas ninguém sabia exatamente quais eram suas ocupações. Eline perguntou a Elise se se divertira.

— Oh, sim — disse Elise, em tom amável. — Foi um tanto barulhento, e talvez tenha sido melhor mesmo você não ter ido. Poderia tê-la perturbado. St. Clare ficou muito tempo?

— Até as onze.

— Veja, não me importa que ele a tenha persuadido a ficar em casa, mas Daniel achou um pouco tolo de sua parte você ser tão obediente. Ainda assim, ele também não se importa, sabe. Você é livre para fazer exatamente o que quiser conosco, sabe disso.

Eline ficou calada.

— Mas deve admitir — prosseguiu Elise, rindo — que é um caso estranho. Sim, certamente, Eline, é um caso estranho, e faz pensar.

Eline olhou-a com atenção.

— O que você pensa, então?

— Minha querida, isso guardo para mim, não lhe direi. Mas eu, que, como sabe, nunca penso, certamente começo a pensar um pouco agora. Mas não quero intimidá-la, entende. Acho que é uma coisa muito boa, se o que penso for verdade.

Eline sabia que ela se referia a algo que, em seu próprio espírito, apenas começava a erguer-se de modo muito vago. Permaneceu calada; e, enquanto Elise, ainda bastante cansada do baile, se atirava no sofá com um livro e logo adormecia, ela se sentou junto à janela e reuniu os pensamentos. Nos últimos dias pensara pouco; apenas se deixara arrastar por uma doce ternura que a dominara. Mas agora as palavras veladas de Elise a traziam de volta a si mesma. Sim, o caso dava o que pensar. St. Clare ousara pedir-lhe que ficasse em casa, e ela cedera à vontade dele; e o pensamento que isso despertava em seu espírito ela não ousava formular. Por mais que desejasse entregar-se a esse pensamento, sabia que jamais poderia ser, jamais. Oh, por que não o encontrara antes? O destino era de fato cruel. Começou a temer que devesse tê-lo tratado de outro modo; talvez devesse tê-lo repellido com fria altivez, com indignação diante de sua interferência em seus assuntos; também não deveria ter-lhe pedido perdão depois de uma vez ter sido fria com ele. Mas fora tão doce curvar-se à vontade dele; ele era tão forte, e ela encontrava tanto apoio naquela força. Nunca imaginara que ele pudesse sentir algum amor por ela, criatura enferma, fraca e arruinada que era; não era certo, ele não devia ter começado a gostar dela, mas agora talvez fosse tarde demais.

Quando, alguns dias depois, tornou a vê-lo, ele a encontrou sozinha no grande salão. Eline estava sentada numa poltrona junto ao fogo, enquanto um vento furioso lançava flocos de neve contra a vidraça.

— Eu sabia que a encontraria em casa. Por isso vim — disse ele, sentando-se. — Seu tio e sua tia saíram?

— Sim; não sei aonde foram. Creio que a um leilão.

Ela resolvera portar-se de modo um pouco distante, mas a companhia dele lhe era tão bem-vinda que não conseguiu. Disse:

— Estou muito contente em vê-lo de novo.

Ele sorriu um pouco e fez alguns comentários sobre a porcelana antiga espalhada pela sala. Depois continuou:

— Em breve vou deixá-la por muito tempo; seguimos para o norte, via Colônia e Berlim.

Foi como se a respiração se lhe sufocasse no peito.

— Quando parte? — perguntou mecanicamente.

— Dentro de alguns dias.

— Vai até São Petersburgo, até Moscou, não é?

— Sim.

— A Rússia o atrai?

Ele respondeu um pouco distraído, em frases curtas e hesitantes. Enquanto o escutava, ela sentia que poderia chorar; e as palavras dele lhe soavam como se fossem ditas através de uma névoa, e o ouviu dizer, como se interrompesse a si mesmo:

— Mas eu queria lhe pedir uma coisa. Queria perguntar se, durante o tempo em que eu estiver ausente, pensará em mim de vez em quando.

— Certamente pensarei no senhor — disse ela, com os lábios trêmulos. — Foi tão bom e tão bondoso comigo, e... eu sempre guardarei sua lembrança com carinho.

— Obrigado — disse ele suavemente. — Não acha triste quando as pessoas se conhecem, sentem simpatia uma pela outra, e precisam se separar?

— Sim. Mas há tanta coisa triste no mundo.

— Talvez diga — continuou ele, seguindo o próprio fio de pensamento — que posso ficar em Bruxelas quanto quiser, pois viajo por prazer. Talvez, até, eu preferisse permanecer em Bruxelas.

Ela começou a tremer por inteiro, mas fez um esforço e se conteve.

— Por que não deveria seguir viagem? — murmurou. — Por que não deveria ver o que puder do mundo?

— Porque gosto de você — respondeu ele calmamente.

Seus olhos penetrantes a fitavam.

— E porque não suporto deixá-la. Eu ficaria de bom grado com você, ficaria sempre com você para protegê-la. Estremeço ao ter de deixá-la. Quando penso em minha partida, tenho a sensação de que alguma desgraça lhe acontecerá.

Ela quis responder alguma coisa, mas não pôde, pois quase se sufocava reprimindo as lágrimas que lhe subiam aos olhos.

— Mas isso é impossível — disse com dor, quase em desespero.

— E por que é impossível? — perguntou ele. — Por que é impossível que eu fique sempre com você, ou melhor, que você fique sempre comigo? Diga-me, Eline.

— Porque não pode ser — respondeu brevemente.

— Oh, sim, pode; se gostasse de mim, não diria isso. Eu a levaria comigo. Cuidaria de você. Você seria minha esposa.

— E eu... eu o faria infeliz.

— Não, não; eu faria o máximo para fazê-la feliz, e tenho certeza de que conseguiria. Escute-me. Mesmo antes de vê-la, as palavras de Vincent me fizeram interessar-me por você. Na primeira vez que a encontrei, tive pena, pois vi em todo o seu ser que sofrera uma grande dor, que ainda sofria e que era infeliz. Comecei a pensar no que poderia fazer para torná-la feliz, mas não encontrei nada; só que, enquanto falava com você, e enquanto meu espírito se enchia de pensamentos, parecia-me que havia um pouco mais de animação em seu rosto e mais contentamento em suas palavras. Talvez fosse apenas fantasia minha, mas assim me pareceu. Imaginei também, talvez por vaidade, que eu mesmo influenciava um pouco essa mudança. Eu a observava, mesmo quando falava com outras pessoas; mas nessas ocasiões você era quieta, fria e reservada. Comigo, porém, era muito diferente; até se tornava confidente. Então veio sobre mim um grande desejo de ser tudo para você, pois pensei que talvez assim você fosse feliz e já não olhasse a vida de modo tão sombrio. Elly, querida, você ainda é tão jovem, e imagina que tudo acabou para você. Não pense mais assim, entregue-se a mim, e vejamos juntos se a vida é realmente uma coisa tão melancólica como imaginou.

Diga-me, Elly, fará isso? Verá comigo se uma vida inteiramente nova não pode ser sua?

Ela soluçou suavemente, ergueu os olhos chorosos e juntou as mãos quase em súplica.

— Oh, por que me pede isso? — exclamou. — Por que precisa me pedir isso? Por que preciso lhe causar dor? Já não causei dor a pessoas suficientes? E agora devo ser uma miséria também para o senhor? Mas não pode ser, não pode ser, nunca!

— Por que não?

— Por que não? — repetiu ela, meditativa. — Porque, embora ainda seja jovem, estou inteiramente quebrada. Não vê isso? Porque tudo em mim está despedaçado, porque sou uma completa ruína.

— Eline, não use palavras tão grandes; fale com calma.

— Não uso palavras grandes. Falo com calma. Falo com deliberação, com a deliberação do desespero — exclamou, erguendo-se, e permaneceu de pé diante dele enquanto ele lhe tomava a mão. — Falo com tanta deliberação que isso me faz estremecer. Escute, Lawrence, o senhor sabe que estive noiva.

— Sim. E que lhe devolveu a palavra.

— Sim. Devolvi-lhe a palavra, e ainda assim gostava dele. Mesmo enquanto lhe escrevia libertando-o do compromisso, eu gostava dele. Isso não é terrível?

Ele não respondeu, e a olhou como se não compreendesse.

— O senhor não consegue compreender isso, não é? — perguntou ela, e suas mãos tremiam nas dele. — Não consegue compreender que dúvidas tão terríveis possam encher o coração de uma mulher? Não consegue compreender que às vezes eu não saiba o que sinto, nem o que penso, nem o que faria. Veja, há algo em mim, algo incompleto. Estou sempre em dúvida. Estou sempre procurando alguma coisa, e nunca sinto certeza de nada. Eu gostava dele. Perdoe-me por lhe dizer isso agora. Eu gostava tanto dele; ele era tão bom, e teria sacrificado a vida por mim. E veio um momento em que eu já não sabia se gostava dele ou não, em que até pensei que me importava com outra pessoa, enquanto o tempo todo não me importava com ninguém senão com ele. E agora sei, agora que é tarde demais, e agora que talvez eu o tenha feito infeliz.

— Sabe que o fez infeliz, Eline?

— Não. Não sei, mas suspeito. Em Haia, ouvi alguma coisa sobre ele ter superado a dor, mas nunca pude acreditar. Agora que é tarde demais, sei tudo, e só agora sei quanto ele gostava de mim. Mesmo se ouvisse dizer que se casou, não poderia acreditar que me esqueceu por completo. Não pode ser! Ele deve pensar em mim como muitas vezes penso nele.

— Ainda gosta dele? — perguntou ele, com voz apagada.

— Não como gostei, não agora, Lawrence. Creio que agora é apenas piedade que sinto por ele, mas penso nele muitas vezes. Aqui está o retrato.

Ela abriu o medalhão e mostrou-lhe a imagem de Otto. Sem dizer uma palavra, ele a contemplou.

— Leva isso sempre consigo? — perguntou suavemente.

— Sim — sussurrou ela, quase inaudível —, sempre. Para mim isto é sagrado, e por isso, Lawrence, por isso nunca poderá ser. O pensamento dele sempre se ergueria entre nós. Com o senhor eu poderia ser feliz se essa lembrança não me perseguisse sempre. Mas eu ser feliz enquanto me lembrasse continuamente de que a vida dele é tão miserável... oh, seria impossível.

Ele não respondeu, e ela começou a soluçar violentamente. Afundou-se no chão e pousou a cabeça sobre o joelho dele.

— Oh, perdoe-me, Lawrence, perdoe-me. Nunca pensei que o senhor pudesse gostar de mim. Eu estava tão doente, tossia sempre, sentia-me tão fraca. Pensei que tivesse passado disso, que até repeliria um homem. Se não tivesse pensado assim, nunca lhe teria permitido ver que eu me importava com o senhor. No começo, falava como se fôssemos irmão e irmã. Por que não continuou a falar assim? Agora fui obrigada a lhe causar dor; não pude evitar. Eu teria sido má se pudesse tornar-me sua esposa sem um sentimento de remorso.

Ele a levantou delicadamente e a puxou um pouco para si.

— Eline — disse —, um dia você me contou que jogara fora sua felicidade. Naquele momento não lhe perguntei o que queria dizer, mas agora pergunto: quis dizer com isso a carta que enviou a Otto?

— Sim — soluçou ela.

— Com essa carta jogou fora sua felicidade, diz você. Tem certeza agora de que não está jogando fora sua felicidade pela segunda vez? Ou eu jamais poderia

fazê-la feliz? Só Otto pode fazer isso?

Ela o olhou com uma expressão derretida nos olhos.

— Oh, Lawrence — murmurou apaixonadamente, a cabeça quase no peito dele —, se eu o tivesse encontrado antes, antes de tudo aquilo acontecer, eu não poderia ter amado ninguém senão o senhor. Mas não pôde ser. Foi meu destino.

— Oh, não fale de destino. Destino é apenas uma frase. Cada um faz o próprio destino. Você... você é fraca demais para fazer um para si. Deixe-me fazer seu destino por você.

— Não pode ser — soluçou ela, e sacudiu de um lado para outro a cabeça aninhada junto dele. — Nunca poderá ser.

— Sim, Eline, pode ser — respondeu. — Você diz que não poderia ter amado ninguém senão a mim se me tivesse visto antes. Talvez, nesse caso, eu não tivesse gostado de você; mas essas são suposições que não lhe dizem respeito. Tudo o que sei agora é que gosto de você como é. Diz que está doente, mas sei que ficará boa outra vez, eu sinto.

— Isso não é certeza — chorou ela.

— É verdade; mas também não é certeza que você tenha feito Otto infeliz. Sente isso também, não sente? Não tem certeza.

— Não, não, creio que tenho certeza.

— Não, não tem — continuou ele. — E me diz, agora que lhe peço que seja minha esposa, que não pode ser, que nunca poderá ser. Isso não é cruel de sua parte?

— Oh, por que me censura por isso? — soluçou.

— Há pouco, você mesma disse que está sempre em dúvida, que está sempre procurando alguma coisa, mas que nunca sabe nada com certeza. Como é, então, que agora diz saber sem dúvida que nunca poderia ser? Tem tanta certeza disso? Não sentirá arrependimento quando eu tiver partido, quando for tarde demais?

— Oh — gemeu ela —, como pode me fazer sofrer assim? O senhor me tortura.

Ele ficou em silêncio por um momento e ergueu suavemente a cabeça dela de seu peito.

— Não vou mais torturá-la, Eline. Só isto quero lhe dizer: não recuse agora o que lhe pedi. Pode chegar um dia em que deseje ter falado de outro modo. Deixe-me esperar ao menos isso. Depois de amanhã parto daqui com Vincent. Dentro de cinco meses, eu a verei outra vez. Pedirei a Vincent que lhe escreva de vez em quando. Saberá sempre onde estamos, e bastará dizer uma palavra para que eu volte imediatamente. Não lhe peço agora que me prometa coisa alguma, mas também lhe peço que não me recuse nada. Permita-me esperar, e procure você também esperar. Fará isso, ou é demais o que lhe peço?

— Não — sussurrou ela. — Oh, não, não é demais. Eu lhe darei minha resposta dentro de cinco meses.

— Muito bem — disse ele. — Não lhe pedirei mais nada, e agora esperarei até que seu tio e sua tia voltem para me despedir deles. Vincent virá amanhã. Mas agora que estamos sós, posso me despedir de você?

Ela não respondeu, mas olhou para ele. Ele a apertou nos braços e a beijou.

— Dentro de cinco meses, então? — sussurrou com um sorriso.

Ela ergueu-se, olhou-o fixamente e depois lançou os braços em volta do pescoço dele. E beijou-lhe a testa com um longo beijo apaixonado.

— Dentro... dentro de cinco meses — murmurou em resposta.

Capítulo XXX

Tio Daniel e tia Elise não ficaram nem um pouco surpresos quando Eline, poucos dias depois da partida de St. Clare e Vincent, lhes disse que pretendia voltar para Haia. Sabiam como Eline era caprichosa, como ansiava ora por isto, ora por aquilo, e nunca estava satisfeita. Mas, dessa vez, não era por capricho que Eline ansiava por outro lugar para morar. Depois da soirée em que St. Clare lhe perguntara, um tanto bruscamente, como ela fora parar ali, pareceu-lhe que um véu se erguera diante de seus olhos, como se de súbito se tornasse claro para ela que não estava em seu lugar junto ao tio e à tia, e especialmente no círculo deles; e foi por respeito, por amizade, talvez por amor a St. Clare, que decidiu deixar os conhecidos de Bruxelas.

Escreveu a Henk e pediu-lhe que tomasse para ela dois quartos numa pensão para senhoras ou em um dos novos hotéis imponentes. Em resposta, recebeu cartas de Henk, de Betsy e da velha Madame van Raat, todos lhe pedindo que não fosse morar em aposentos, mas que fizesse sua casa com eles. Betsy escreveu que perdoava e esquecia tudo o que acontecera, se Eline, por sua parte, também perdoasse e esquecesse, e implorava a Eline que não fosse tão excêntrica a ponto de viver sozinha quando havia lugar para ela na casa da irmã. A velha Madame van Raat também escreveu de modo muito insistente e muito afetuoso, mas Eline recusou com repetidas expressões de gratidão; estava decidida a não deixar que ninguém a fizesse mudar de ideia.

Henk, portanto, com o rosto abatido, deu de ombros e, com Betsy, escolheu dois belos aposentos numa grande pensão no Bezuidenhout. Então Eline veio para Haia.

Ela se recordou de como, no verão anterior, exausta de suas errâncias, viera a Haia para ficar com Madame van Raat. Comparou a languidez daqueles dias com o esgotamento que agora, por assim dizer, a minava com segurança, e nem sequer sentiu forças para chorar por isso. Por causa da consideração que tinha por St. Clare, concentrara os últimos restos vacilantes de força para voltar a ser como fora antes: cativante, amável, se não brilhante; e agora que St. Clare partira, descobria como, por mais franca e natural que tivesse sido com ele, ainda assim se excitara involuntariamente, como se não quisesse lhe parecer por completo aquele ser absolutamente gasto, o cadáver vivo que era. Agora que aquela excitação já não era necessária, desabou, inteiramente quebrada. A emoção

causada por sua última confissão também a enervara muito, e tornou-se para ela uma certeza que nunca mais conseguiria despertar de seu esgotamento físico e de sua inanição moral.

A tosse era muito violenta, e Reyer voltou a tratá-la, mas ela nunca lhe falou do médico de Bruxelas, que lhe receitara as gotas de morfina, pois se lembrava de que Reyer jamais lhe permitiria tomar um opiáceo. Era fevereiro, o frio era intenso, e ela não saía de casa. Quando se levantava pela manhã, sentia-se como antes se sentira na casa de Madame van Raat: cansada e lânguida demais para vestir-se. Envolvia-se no peignoir e afundava num sofá. Então vinha sobre ela uma sensação deliciosa de não precisar se incomodar com ninguém, de não haver necessidade de se vestir, e de poder permanecer como estava, de chinelos, enquanto quisesse.

Muitas vezes Madame van Raat ou Betsy, Madame Verstraeten ou Marie e Lili a encontravam assim, sem se vestir, desgrenhada, olhando fixamente pela janela. Ela não lia, não fazia nada, e hora após hora passava sem que sequer pensasse. Às vezes, de repente, atirava-se no chão, o rosto apertado contra o tapete, e então tudo ficava escuro, oh, tão escuro ao redor dela, até que uma batida na porta, a criada trazendo o jantar, a fazia erguer-se com um susto repentino. Então se sentava e comia muito pouco, e depois um sorrisinho pálido pairava em torno de seus lábios, no qual se misturavam ao mesmo tempo algo de satírico e algo de idiota.

As noites que se seguiam a esses dias eram, para Eline, verdadeiras horas de terror. Tudo dentro dela começava a viver, e ela se sentia como se estivesse eletrizada pelo horror, de modo que não conseguia dormir. Seu cérebro girava loucamente. Sons agudos e misteriosos lhe corriam pelos ouvidos. Um verdadeiro turbilhão de lembranças rodopiava sem cessar em sua mente. Visões de todas as formas e figuras erguiam-se ao redor dela. Assustava-se com tudo: com uma sombra que caía ao longo da parede, com um alfinete que cintilava no chão; então tomava as gotas, e por fim um sono pesado caía sobre ela como um manto de chumbo.

Por minutos inteiros ficava parada diante do espelho, fitando os traços desbotados. As lágrimas então lhe subiam aos olhos, cujo brilho estava apagado para sempre, e pensava nos dias antigos, ansiava de novo por aquele passado, sem se perguntar de fato o que fora aquele passado. Pois, ultimamente, já não era capaz de pensamento contínuo. Era como se diante de seus pensamentos tivesse sido colocada uma barreira que ela não conseguia atravessar. Mas era justamente

aquele embotamento que agora a tomava que, em certa medida, diminuía sua melancolia, a qual, se seu cérebro estivesse em sua clareza normal, certamente teria subido a uma crise insuportável.

Em vez dessa melancolia, porém, ela atravessava horas de dúvida, nas quais não sabia o que fazer com seu eu inútil, sua existência inútil, que se arrastava entre aquelas quatro paredes, tendo apenas os acessos violentos de tosse para romper a monotonia exaustiva. Então caía em pranto amargo por seus desejos não realizados, e se contorcia no chão, estendendo os braços para uma imagem que vagamente tomava forma diante de seus olhos; pois, tanto em seus sonhos quanto em seus pensamentos de vigília, as formas de Otto e St. Clare começavam a confundir-se em sua mente. As observações e frases, as ideias de um, ela atribuía ao outro, e já não podia dizer qual dos dois amara de verdade, ou qual deles ainda amava.

Quando, nessas dúvidas, tentava continuar o fio do pensamento, aquela barreira intransponível a detinha, e sua impotência a enfurecia; com o punho cerrado batia na própria testa, como se ali dentro houvesse algo quebrado que ela quisesse reparar.

— O que será? — perguntava então a si mesma, em desespero. — Por que esqueço tantas coisas que aconteceram, e das quais só consigo lembrar que aconteceram? Todo esse embotamento aqui na minha cabeça! Antes a dor mais horrível do que esse embotamento! É como se eu estivesse enlouquecendo!

Um arrepio lhe subia pelas costas como uma serpente fria diante desse pensamento. Supondo que enlouquecesse, que fariam então com ela? Mas não queria prosseguir com hipóteses tão terríveis, embora lhe parecesse que, se apenas conseguisse pensar até o fim aquele espectro de loucura nascente, atravessaria de súbito a barreira colocada diante de seus pensamentos. Mas, uma vez atravessada essa barreira, então, então de fato estaria louca.

Nesses momentos, cobria o rosto com as mãos e apertava os dedos nos ouvidos, como se não quisesse ouvir, não quisesse ver; como se a primeira impressão que recebesse agora fosse fazê-la enlouquecer. E essa ideia a aterrorizava tanto que nada dizia a Reyer sobre aquele embotamento.

Sua ociosidade ininterrupta e apática fazia com que se entregasse por completo, como uma escrava, às estranhas fantasias e ideias que frequentemente se elevavam aos êxtases mais insensatos, dos quais despertava de repente em pavor. Reclinada no sofá, os dedos arrancando nervosamente as borlas das almofadas,

brincando com os cabelos soltos que lhe pendiam desgrenhados em torno da cabeça, seus pensamentos voltavam às ilusões teatrais dos dias em que cantava duetos com Paul e pensava amar Fabrice. Então se tornava atriz; via o palco, o público, sorria e fazia reverências, flores choviam sobre ela. Inteiramente inconsciente de si mesma, levantava-se do sofá e, com a voz quebrada, cantarolava suavemente um recitativo, uma frase de alguma ária italiana; e movia-se pelo quarto como se representasse um papel. Representava, estendia os braços em movimentos de desespero ou erguia-os com anseio em direção ao amante fugitivo; caía de joelhos e imaginava que era arrastada para a frente, embora rezasse e implorasse misericórdia.

Diversos papéis se erguiam confusamente em seu cérebro: Marguerite, Juliette, Lucia, Isabelle, Mireille. De todos esses, no espaço de poucos minutos, atravessava as cenas mais trágicas; e de repente, rudemente desperta daquela loucura, via-se de novo sozinha no quarto, fazendo os movimentos mais estranhos. Então recuava aterrorizada de si mesma e pensava, trêmula:

— Céus! Será que isso está vindo sobre mim?

Depois desses momentos, permanecia deitada, olhando ao redor com olhos assustados, como se esperasse que alguma catástrofe esmagadora acontecesse, como se as feições das estatuetas, as figuras nos quadros e nos pratos ao redor dela fossem de repente ganhar vida e rir dela, uma risada dura, escarninha, cruel como a dos demônios.

Depois de um dia assim, fazia o possível, em seu terror silencioso, para voltar a ser ela mesma. De manhã, ao despertar do sono artificial e pesado, levantava-se depressa, vestia-se com muito cuidado e saía para fazer compras; depois ia tomar café com Henk e Betsy, com os Verstraeten ou com Madame van Raat. Queixava-se de sua solidão e, como nesses momentos se mostrava bastante amável, convidavam-na aqui e ali, por piedade, para ficar para o jantar. Então a noite passava de modo suficientemente alegre, e ela voltava para casa contente por mais um dia ter acabado, mas quase desfalecendo de cansaço por causa das emoções incomuns, por sua alegria artificialmente excitada, antinatural e cheia de risadas estridentes, misturadas a tosses. E por um dia assim ela tinha de pagar caro à noite; as gotas não lhe traziam alívio, permanecia a noite inteira desesperadamente desperta, lutando com horríveis pesadelos, assombrada por espectros de seu cérebro doente.

Os conhecidos falavam muito de Eline, e Betsy comentava frequentemente, com rosto sério, que temia que ela não estivesse nada bem. Eline estava tão estranha agora, e Reyer também não estava satisfeito; e os conhecidos tinham pena dela. Pobre Eline! Antes era tão bonita, tão elegante, tão alegre; agora era como uma sombra do que fora. Sim, de fato, estava muito doente. Isso se via facilmente.

Chovia — uma chuva de março fria, penetrante — e Betsy estava em casa, sentada no pequeno boudoir violeta que se abria para a estufa. Estava um tanto escuro, mas Betsy puxara a poltrona para a luz e lia *Les Pêcheurs d'Islande*, de Pierre Loti. O livro, porém, a entediava; como podiam pescadores ser tão sentimentais? De vez em quando, seu olhar deslizava pelas palmeiras da estufa e pelo jardim despido, onde os galhos nus gotejavam de chuva. Ben estava sentado no chão, junto à poltrona. De repente soltou um suspiro.

— Que foi, Ben? Aconteceu alguma coisa? — perguntou Betsy.

— Não, mamãe — respondeu ele, olhando para cima, surpreso, com sua vozinha penosa.

— Então por que suspira, criança?

— Não sei, mamãe.

Ela o fitou por um momento, perscrutadora, depois pousou o livro.

— Venha cá, Ben.

— Aonde, mamãe querida?

— Aqui, no meu colo.

Ele subiu devagar para o colo dela e sorriu. Ultimamente, a voz brusca de Betsy muitas vezes tinha algo de suave quando ela se dirigia ao único filho.

— Você gosta da sua mamãe? — perguntou ela, acariciando-o.

— Gosto.

— Então me dê um beijo.

Ele atirou os bracinhos em volta do pescoço dela.

— Vamos, me dê um beijo!

Ainda com o mesmo sorrisinho apático, ele a beijou.

— Mamãe nunca é má com você, é? — perguntou Betsy.

— Não.

— Você vai ficar assim com mamãe?

— Vou.

Ele se aconchegou, aquele menino grande de sete anos, contra o peito dela.

— Diga, Ben, não há nada que você queira? Não gostaria de ganhar alguma coisa bonita da mamãe?

— Não.

— Por exemplo, um cavalinho com carruagem — um cavalo de verdade, um pônei? Então Herman poderia ensinar você a dirigir.

— Ah, não, obrigado — disse ele, num tom como se ela o aborresse um pouco.

Ela quase se impacientou, e esteve a ponto de repreendê-lo, de dizer-lhe que era um menino miserável, mas a paciência durou apenas um segundo. Apertou-o mais contra si e o beijou.

— Mas, se houver alguma coisa que você queira, precisa me dizer — falou ela, quase chorando. — Vai me dizer, Ben? Diga, criança, vai mesmo dizer à mamãe?

— Vou — respondeu ele, num tom de grande satisfação.

E ela fechou os olhos, estremecendo ao pensar que seu filho era um idiota. Era como uma maldição que caíra sobre ela. Mas por quê? Como ela merecera isso? O que fizera?

Não leu mais, e manteve-o no colo, onde ele ficou quieto, com a cabeça apoiada em seu ombro, quando ela ouviu alguém se aproximar pelo salon. Era Eline.

— Bom dia, Eline.

— Bom dia, Betsy. Bom dia, Ben.

— Imagine você saindo com esta chuva!

— Vim de cabriolé. Não conseguia mais ficar em casa. O tempo me deixava tão melancólica, e eu pensei que ia enlouquecer de ennuí. Oh, meu Deus!

Ela se abandonou e, com um grito de desespero, deixou-se cair numa cadeira, retirando o pequeno véu.

— Imagine ficar sempre encerrada entre as quatro paredes do quarto, sem ver ninguém, sem nada que desperte qualquer interesse. Isso não basta para enlouquecer uma pessoa? De todo modo, eu não aguento mais; com certeza vou ficar doida.

— Eline, prends garde, l'enfant t'écoute.

— Ele... ele não entende isso, e provavelmente nunca entenderá — continuou ela, com voz rouca. — Ben, venha cá; venha cá um instante. Sabe o que você deve fazer quando crescer? Nunca pensar em nada, homenzinho, faça o que fizer. Não pense de jeito nenhum. Coma, beba, divirta-se enquanto puder, e depois... depois... você deve se casar! Mas não deve pensar, está ouvindo?

— Eline, vraiment tu es folle — gritou Betsy depressa, temendo mais pelo filho do que pela irmã.

Eline riu alto, e seu riso e as palavras estridentes de sua voz excitada assustaram Ben. Com os olhos grandes e a boca aberta, ele a fitava. Mas ela continuou a rir.

— Ah, ele não entende nada disso, o homenzinho. Hein, você não sabe do que a tia está delirando, sabe? Mas é delicioso delirar assim. Eu queria poder fazer alguma coisa muito desesperada, alguma loucura terrível, algo absolutamente ridículo, mas não consigo pensar em nada. Minha mente está tão embotada agora que não consigo pensar. Se Elise estivesse aqui, ela saberia alguma coisa. Sabe o que fizemos um dia, Elise e eu, na primeira vez em que fiquei em Bruxelas? Nunca tive coragem de contar a ninguém, mas agora ousou dizer qualquer coisa. Nada mais me incomoda. Imagine só: uma noite saímos juntas para passear, sozinhas, entende, só por uma pequena aventura. Não diga uma palavra disso a ninguém, ouviu? Então encontramos dois cavalheiros, dois cavalheiros muito simpáticos, que não conhecíamos de modo algum. Fomos passear com eles — num landau aberto, e depois... depois fomos com eles a um café.

Sua história era interrompida continuamente por pequenas risadas nervosas e estridentes, e, com as últimas palavras, ela irrompeu num acesso incontrolável de riso histérico. Nem uma palavra de toda a história era verdadeira, mas naquele momento ela mesma acreditava nela.

— Imagine, num café... num café! E depois...

— Eline, por favor, pare com essa conversa de louca — disse Betsy, em voz baixa.

— Ah! Imagino que você ache isso terrivelmente chocante, hein? Mas fique tranquila: não foi tão ruim assim.

Ela ainda ria, meio chorando, e afinal rompeu em soluços histéricos.

— Oh, aquele miserável Reyer! Tenho sempre uma dor terrível aqui na cabeça, e ele não se importa. Está sempre me aborrecendo com minha tosse. Eu sei que tusso; isso não é novidade. E, oh, meu Deus, é tão horrivelmente monótono naquela pensão.

— Por que então você não vem ficar conosco?

— Ah, isso jamais daria certo. Em três dias estaríamos nos agarrando pelos cabelos — riu Eline, ruidosamente. — Agora que nos vemos raramente, é muito melhor.

— De verdade, eu faria o possível para que você se sentisse confortável — implorou Betsy, terrivelmente alarmada com o estado de excitação de Eline. — Teríamos o maior cuidado com você, e eu me adaptaria a você em tudo.

— Mas eu não me adaptaria a você. Não, muito obrigada. Dou valor à minha liberdade acima de tudo. Como você consegue ser tão provocadora? Começaríamos a discutir imediatamente. Ora, já estamos discutindo agora.

— Por que diz isso? Eu não estou discutindo. Não haveria nada que eu quisesse mais do que você vir para cá esta noite, se quiser.

— Betsy, pare agora mesmo com isso, ou você nunca mais me verá. Não quero morar com você outra vez. Não quero, pronto! Já tive o bastante.

E cantarolou uma melodia.

— Então você fica para jantar esta tarde? — perguntou Betsy.

— Claro! Mas estou cansada. Você não vai me achar muito animada. O que vão fazer esta noite?

— Vamos aos Oudendyken. Você não foi convidada?

— Não. Nunca os visito.

— Por que não?

— Por mim, os Oudendyken podem se fritar. Oh, minha cabeça... posso me deitar num sofá?

— Naturalmente.

— Então vou para o quarto de Henk. Lá há um sofá tão confortável.

— Não há fogo lá.

— Ah, isso não tem importância.

Subiu para o gabinete de Henk. Deitou-se no sofá, e pouco depois, exausta por sua excitação, o sono a venceu. Foi arrancada do sono por um passo pesado no patamar. Antes que estivesse bem desperta, Henk entrou.

— Ora, maninha, o que você está fazendo aqui no escuro? E como está frio aqui!

— Frio! — repetiu ela, com um olhar de sonâmbula. — Sim, agora também sinto. Estou tremendo... mas dormi.

— Venha para baixo. O jantar logo estará pronto. Betsy disse que você ficaria; não vai ficar?

— Vou. Oh, Henk, que terrível eu ter dormido aqui!

— Terrível! Por quê?

— Agora não vou dormir esta noite — gritou ela em desespero, e atirou a cabeça no ombro dele, soluçando.

— Por que você não vem antes ficar conosco outra vez? — perguntou ele, suavemente. — Ficaria tão confortável conosco.

— Não, isso não.

— Por que não?

— Não daria certo. Tenho certeza. É muito bondoso de sua parte, Henk, pedir isso, mas não daria certo. Às vezes sinto como se pudesse bater em Betsy, e sinto isso justo no momento em que ela fala comigo com delicadeza, como fez esta tarde, por exemplo. Tive de me conter com todas as forças para não bater nela.

Ele suspirou, com o rosto desesperado. Para ele, ela continuava sendo um enigma.

— Então vamos descer — disse ele.

E, enquanto desciam, ela se apoiou pesadamente no braço dele, tremendo com o frio que só agora começava a sentir.

O inverno passou, e Eline permaneceu no mesmo estado.

— Não lhe faria bem ir para o campo no verão? — perguntou Reyer. — Não quero dizer que viajasse de um lugar para outro; isso a cansaria demais. Mas poderia fazer uma pequena estada em algum lugar tranquilo e fresco, em meio a arredores agradáveis.

Seus pensamentos voltaram a Horze. Oh, se tivesse sido esposa de Otto, então o frescor grato, a sombra, o afeto teriam sido dela.

— Não conheço tal lugar — respondeu, lânguida.

— Talvez eu conheça alguma coisa para a senhorita. Conheço pessoas muito gentis em Gelderland. Têm uma pequena propriedade campestre cercada por magníficas florestas de pinheiros.

— Pelo amor de Deus — gritou Eline, apaixonadamente —, nada de florestas de pinheiros!

— Mas a vida no campo a fortaleceria.

— É impossível me fortalecer. Por favor, senhor Reyer, deixe-me ficar onde estou.

— A senhorita dorme melhor agora?

— Oh, sim, razoavelmente.

Não era verdade. Ela nunca dormia à noite, e de dia apenas cochilava um pouco, entorpecia-se um pouco. As gotas já não faziam efeito, e apenas a levavam a um êxtase contínuo e rodopiante, a um estado cheio de apatia e terror, no qual ora delirava como atriz, ora se arrastava gemendo pelo chão. Reyer a observou penetrantemente.

— Senhorita Vere, por favor, diga-me a verdade. Tem o hábito de tomar outros remédios além daqueles que prescrevo?

— O que o faz pensar isso?

— Responda-me a verdade, senhorita Vere.

— Claro que não. Como pode pensar uma coisa dessas? Eu não teria coragem. Não, não, pode ficar perfeitamente tranquilo quanto a isso.

Reyer saiu e, em sua carruagem, esqueceu por um momento o caderno de notas, mergulhado em pensamentos sobre a senhorita Vere. Depois soltou um suspiro sem esperança. Mal ele deixara o quarto, Eline se levantou. Vestia apenas um peignoir cinza, frouxo, que pendia em torno de sua figura emagrecida. Diante do espelho, mergulhou as mãos nos cabelos soltos. Eles tinham ficado muito ralos, e ela riu disso enquanto os fios soltos caíam entre seus dedos. Então se atirou ao chão.

— Não quero — balbuciou. — Não quero mais vê-lo, esse Reyer. Ele me faz pior do que sou. Não posso mais suportá-lo. Vou escrever para que não volte.

Mas não sentiu energia suficiente para isso, e permaneceu deitada no chão, enquanto seus dedos traçavam as figuras do tapete. Começou a cantarolar baixinho. Pela porta, o sol lançava sobre o assoalho um quadrado dourado, e milhares de pequenas partículas de poeira dançavam naquela luz de ouro. O brilho irritou Eline, e ela recuou.

— Oh, esse sol! — sussurrou, com olhos estranhos, grandes e opacos. — Odeio esse sol. Quero chuva e vento — chuva fria e vento frio — a chuva que penetra em meu peito, através do meu vestido preto de tule.

De súbito se ergueu e apertou as mãos contra o peito, como se quisesse impedir que o vento lhe abrisse o manto sobre os ombros.

— Jeanne! Jeanne! — começou, em seu delírio. — Por favor, por favor, receba-me. Fugi de Betsy, porque ela é insuportável. Esta noite, no jantar na casa dos Hovel, ela disse todo tipo de coisa desagradável sobre Vincent, e você sabe que amo Vincent; por causa dele rompi meu noivado, meu noivado com Otto. Oh, como ele me aborrecia com sua calma eterna, sempre calmo... sempre calmo! Eu... eu vou enlouquecer sob toda essa calma; mas, de verdade, Henk, vou procurar Lawrence e pedir-lhe perdão. Mas não me bata, Henk! Oh, Lawrence, Lawrence, eu te amo tanto! Não se zangue comigo, Lawrence; veja se eu não te amo! Aqui está o seu retrato, que sempre trago no peito.

Ela se ajoelhou junto ao sofá e erguera o rosto como se visse alguém. De repente, sobressaltou-se de terror e, apressada, com um arrepio, levantou-se.

— Meu Deus! Lá vem outra vez — pensou, tornando a ter consciência de si mesma.

Parecia haver uma luta em seu cérebro, uma luta entre seus sentidos impotentes e sua loucura cada vez maior. Com um movimento incerto, pegou um livro que estava sobre a mesa e o abriu, para obrigar-se a ser sensata e a ler. Era a partitura de *Le Tribut de Zamora*, que certa vez adquirira durante sua paixão por Fabrice. Não ousava erguer os olhos, temendo ver sua insanidade tomar alguma forma horrenda diante dela. Não ousava mover-se, por terror de si mesma, e teria salvado de bom grado os sentidos em fuga se pudesse, por assim dizer, desaparecer para fora de si própria. E o raio de sol mais uma vez encheu o quarto, inflamando o cetim das cortinas e refletindo-se na porcelana dos vasos japoneses e no latão polido e cintilante dos ornamentos. Baixinho, ela começou a cantar alguma coisa para si, de modo inteiramente inconsciente, com a voz rouca e áspera de tanto tossir. Então bateram à porta.

— Quem é? — perguntou, alarmada.

— Sou eu, senhorita — gritou uma voz. — Trouxe o almoço.

— Não, obrigada, Sophie, não tenho apetite.

— A senhorita não quer tomar nada?

— Não, obrigada.

— Então a senhorita toca a campainha quando quiser alguma coisa, não é?

— Sim, sim.

Ouviu a criada descer a escada, ouviu o tilintar dos pratos e copos na bandeja. Eline lançou outro olhar ao papel de Xaïma, ergueu a cabeça com orgulho e fez um gesto heroico com a mão, enquanto começava a cantar com voz fraca, interrompida pela tosse.

Às cinco e meia, Sophie trouxe o jantar e pôs a pequena mesa redonda com muito cuidado. Mas Eline mal tocou na comida, e ficou contente quando Sophie a levou de volta. Pegou alguns cartões que Sophie trouxera consigo, cartões de Madame Verstraeten e de Lili.

— A velha Madame van Raat também esteve aqui, mas foi embora.

Eline ficou sozinha. A noite caía, o sol afundava lentamente a oeste, mas a claridade demorava a desaparecer. Do armário, Eline tirou um pequeno frasco e contou cuidadosamente algumas gotas, que deixou cair num copo d'água. Bebeu devagar. Ah, se ao menos lhe trouxessem algum alívio! Tantas vezes ultimamente

tinham sido inúteis.

Estava cansada depois de seu longo dia de ociosidade e delírios meio insanos, e queria recolher-se cedo para descansar. Não, não acenderia o gás; ficaria mais um pouco no crepúsculo, e então... então tentaria dormir. Mas tudo começou a ferver, a borbulhar, a latejar em sua cabeça. Ofegou, e, sem se importar com o ar da noite que começava a soprar para dentro do quarto, deixou o peignoir cinza deslizar dos ombros. Seus braços eram finos, seu peito era cavado, e ela se olhou com um sorriso triste enquanto os dedos passavam pelos cabelos ralos. E porque escurecia, porque apesar das gotas não dormiria, porque estava muito pálida e branca entre as rendas e os bordados do vestido, porque se aterrorizava com a escuridão crescente, a loucura voltou mais uma vez:

“Ah, perfido! Spergiuro!”

começou a cantarolar, como em fúria, erguendo o braço. Era a cena de Beethoven na qual Vincent costumava sentir o aroma de verbena. Em seu canto, repreendia um amante infiel por sua promessa quebrada, e seu rosto exprimia a mais trágica dor, um amor ferido que se vingaria. Mandava o amante partir, mas os deuses, do alto, o esmagariam sob o castigo deles. De súbito arrancou um lençol da cama e envolveu-se no longo tecido branco, que, na fraca luz da noite, caía em torno dela como um manto de mármore.

“Oh no! Fermate, vindici Dei!”

cantou, roucamente, e sua voz se partiu em tosses; dessa vez com os olhos derretidos, pois em outro estado de espírito invocava agora a misericórdia dos deuses para o infiel; por mais que ele tivesse mudado, ela permanecia a mesma, não queria vingança, vivera e agora morreria por ele. E murmurou lentamente o Adagio, muito lentamente, enquanto as pregas brancas de sua draperia, com os movimentos suplicantes que fazia com os braços, subiam e desciam sem cessar. Assim continuou cantando, cantando, até que um lamento lhe subiu à garganta, e nesse lamento, de repente, começou a representar, como pela nobre arte de uma prima donna. Parecia-lhe que o amante já fugira, e que ela se voltava para o coro que a cercava com piedade:

“Se in tanto affa—a—a—anno!”

murmurou, quase chorando, em cadências aflitas, e sua agonia aumentou, o lamento se elevou, e ela gritou cada vez mais alto:

“Non son degna di pieta!”

Sobressaltou-se violentamente, aterrorizada pelas notas penetrantes e agudas de sua voz quebrada, e arrancou o lençol dos ombros, sentando-se a tremer. Teriam ouvido? perguntou-se. Olhou apenas de relance pela porta-janela aberta para a rua. Não; havia apenas algumas pessoas caminhando na escuridão crescente. Mas na casa? Bem, de todo modo, agora não podia evitar. Seria sensata outra vez. Soluçou, mas riu também. Riu de si mesma. Se se excitasse assim, nunca dormiria. De repente se atirou sobre a cama em desordem e fechou os olhos, mas o sono não veio.

— Oh, céus! Oh, meu Deus! — gemeu. — Oh, meu Deus, eu vos peço, deixai-me dormir.

E chorou amargamente, sem cessar. Então um pensamento lhe atravessou o cérebro. E se bebesse algumas gotas a mais do que o médico de Bruxelas prescrevera? Isso lhe faria mal? Achava que não, porque a dose que costumava tomar agora não lhe trazia alívio nenhum. Quantas gotas, perguntou-se, poderia acrescentar sem risco? Tantas quantas já tomara? Não, seria demais, é claro. Quem sabe o que poderia acontecer? Mas, por exemplo, metade a mais! Portanto, três gotas a mais? Não, não, não ousava. O médico a advertira com tanta insistência para ser cuidadosa. Ainda assim, aquelas poucas gotas eram muito tentadoras, e ela se levantou. Pegou o pequeno frasco para contar as três gotas. Uma... duas... três... quatro... cinco; as duas últimas caíram no copo antes que tivesse tempo de afastar o frasco. Cinco: seria demais? Hesitou um instante. Com aquelas cinco gotas teria certeza de dormir. Ainda hesitou, mas de repente tomou uma decisão, atraída pela perspectiva do repouso. E bebeu.

Deitou-se no chão, junto à porta-janela aberta. O suor frio lhe brotou por todo o corpo, e sentiu uma torpeza apoderar-se dela; mas era uma torpeza estranha, muito diferente da que costumava sentir.

— Oh, grande Deus! — pensou. — Será... será que tomei demais?

Não, não, isso seria terrível demais. A morte era tão negra, tão vazia, tão misteriosa; mas, ainda assim, se fosse isso? E de súbito seus temores se dissolveram numa calma sem medida. Bem, se fosse isso, já não se importaria. E começou a rir com risadinhas nervosas, inaudíveis, enquanto a torpeza descia sobre ela com um peso esmagador, como o punho pesado de um gigante. Com a mão, quis defender-se daqueles punhos gigantesco, e seus dedos se enredaram num cordão em torno do pescoço. Ah, aquilo era... aquilo era o retrato dele, o

retrato de Otto. Teria, de fato, tomado demais? Quando viesse a manhã, será que ela...? Estremeceu. Na manhã seguinte bateriam em vão à sua porta, e por fim a encontrariam ali deitada? Um pensamento terrível. Estava encharcada de suor, e seus dedos tornaram a buscar o medalhão. Não, aquele retrato não encontrariam em seu peito. Ergueu-se e arrancou o retrato do medalhão. Já não conseguia distingui-lo, pois escurecera em seu quarto, e em seus olhos a luz já falhava; apenas o clarão amarelo do lampião da rua caía com reflexo opaco dentro do aposento. Mas via a imagem com os olhos da mente; com os dedos tocava o pequeno pedaço de cartão, e o beijou, beijou-o repetidas vezes.

— Oh, Otto — balbuciou, com voz pesada e trabalhosa —, era você, você somente, meu Otto, não Vincent, não St. Clare, ninguém além de você. Você... oh, meu Otto... oh, Otto... oh, grande Deus!

E lutou desesperadamente entre a agonia da morte e uma resignação calma. Então, depois de cobrir o retrato de beijos apaixonados, colocou-o na boca, em desespero, sem lhe restar força para rasgá-lo ou destruí-lo de outro modo que não fosse engolindo-o. Assim, enquanto um sopro trêmulo lhe sacudia todo o corpo, mastigou, mastigou a prova descartada do retrato — do retrato de Otto.

Ainda chorava, não com soluços intermitentes, já não com amargura alguma, mas como uma criança, com pequenos sons suaves e infantis, gemendo de leve, o peito erguendo-se em movimentos fracos e ondulantes. Era um choro no qual ressoava algo como uma risadinha, uma risadinha de insanidade. Depois aquietou-se e aninhou a cabeça nos braços, ainda no chão, junto à janela aberta. Não se moveu mais, desesperada de terror diante do que a cercava, desesperada de terror diante do que viria. Parecia-lhe que por todo o seu corpo espumava e fervia um mar escuro e tempestuoso, que engolia todo pensamento em seu cérebro e no qual ela afundava gradualmente. E, com toda a última energia que ainda lhe restava, tentou lutar contra esse mar, mas a pressão era pesada demais, e ela caiu, caiu de volta, completamente exausta, completamente enervada, irremediavelmente entorpecida por um silvo tempestuoso nos ouvidos e no cérebro.

— Grande Deus! Grande Deus! — gemeu, com uma voz que se tornava mais fraca e mais rouca a cada momento, uma voz cheia de um desespero selvagem que já não tinha força de expressão. Então, gota a gota, lenta e suavemente, sua consciência escoou, e ela dormiu — o sono da Eternidade.

O lampião da rua se apagou, e o grande quarto ficou escuro como um túmulo. Um mausoléu de negrura impenetrável, no meio do qual, branco e indistinto, jazia um

cadáver. Depois, o frio da noite entrou no aposento, e lentamente a névoa cinza-pérola do amanhecer se ergueu para dissipar a pesada escuridão.